UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Eduardo Soma

Ulisses em tempos de estagnação: tradução e estudo de
***Moskvá – Petuchki*, de Venedíkt Eroféiev**

(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**Ulisses em tempos de estagnação: tradução e estudo de
Moskvá – Petuchki, de Venedíkt Eroféiev**

(VERSÃO CORRIGIDA)

Eduardo Soma

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura Russa.

Orientador: Prof. Dr. Homero Freitas de Andrade

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S693u Soma, Eduardo
Ulisses em tempos de estagnação: tradução e estudo de Moskvá-Petuchki, de Venedíkt Eroféiev / Eduardo Soma ; orientador Homero Andrade. - São Paulo, 2016. 196 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Literatura russa. 2. Venedíkt Eroféiev. 3. Prosa russo-soviética. 4. Tradução . 5. Literatura dissidente . I. Andrade, Homero, orient. II. Título.

Autor: SOMA, Eduardo

Título: Ulisses em tempos de estagnação: tradução e estudo de *Moskvá – Petuchki*, de Venedíkt Eroféiev

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Homero Freitas de Andrade, pela paciência, sabedoria e apoio constante. Pela generosidade com que me guiou ao longo de todas as etapas desta jornada e por todos os ensinamentos que levo para a vida.

Aos funcionários do Departamento de Letras Orientais, por todo o auxílio prestado.

Aos amigos Gabriel Philipson, Ana Novi, Phillipe Martins e Irina Tartyguina pela indispensável colaboração.

À família e amigos, por todo o apoio.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização deste trabalho.

Vivemos sem sentir a Rússia embaixo,
não se ouvem nossas vozes a dez passos.
Mas onde houver meia conversa – sempre
se há de lembrar o montanhês do Kremlin.
Seus grossos dedos são vermes obesos;
e as palavras – precisas como pesos.
Sorri – largos bigodes de barata;
e as longas botas brilham engraxadas.
Rodeiam-no cascudos mandachuvas;
seu jogo: os meio-homens que subjuga.
Um assobia, um rosna, um outro mia,
só ele é quem açoita, quem atiga.
E prega-lhes decretos-ferraduras
na testa ou no olho, na virilha ou nuca.
Degusta execuções como quem prova
uma framboesa, o osseta de amplo tórax.

Óssip Mandelstam

RESUMO

O presente trabalho apresenta o romance *Moskvá–Petuchki*, de Venedíkt Eroféiev, e propõe o seu estudo com base na investigação da sua composição temática. Através da tradução do texto integral e de considerações analíticas, a obra é confrontada ao contexto histórico e literário soviético. Desse modo, e por meio da utilização de recursos interpretativos apresentados por Mikhail Bakhtin, Boris Groys, Evgeny Dobrenko, Ann Komaromi e Aleksei Yurchak, entre outros, o romance é considerado enquanto uma parte fundamental da literatura dissidente soviética do período do Degelo e uma resposta à cultura hegemônica do período.

Palavras-chave: Literatura russa. Prosa russo-soviética. Literatura dissidente. Venedíkt Eroféiev.

ABSTRACT

The present work introduces Venedikt Erofeyev's novel, "Moskva – Petushki", and proposes a study by means of an investigation of its thematic composition. Based on its complete translation and analysis, the work is confronted with its soviet context, both historical and literary. Thus, and using concepts presented by Mikhail Bakhtin, Boris Groys, Evgeny Dobrenko, Ann Komaromi, Aleksei Yurchak, and others, the novel is thought of as a fundamental part of soviet dissident literature of the Thaw era, and as an answer to the hegemonic culture of the period.

Keywords: Russian literature. Russian-soviet prose. Dissident literature. Venedikt Eroféiev.

SUMÁRIO

Apresentação	9
1. Estagnação e dissidência.....	12
2. Ulisses em tempos de estagnação.....	22
3. Conclusão.....	60
4. Tradução.....	63
5. Glossário.....	181
Bibliografia.....	192

Apresentação

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo a realização de um estudo abrangente sobre o romance *Moskvá–Petuchki*, de Venedíkt Eroféiev. O volume incluirá uma tradução do livro – a primeira tentativa de tradução do autor no Brasil – além da apresentação de caminhos interpretativos para a obra.

O interesse pelo romance surgiu, inicialmente, a partir do contato com a literatura soviética dissidente, sob a forma da poesia de Iósif Brodski. A existência de uma literatura do tipo naquele contexto histórico em particular foi extremamente instigante, e levou à busca por obras semelhantes. Dentre essas, *Moskvá–Petuchki* se destacou pelo respeito que inspirou em leitores e autores contemporâneos, como o próprio Brodski, e por apresentar um ponto de vista bastante particular sobre o mundo soviético. Como destaca a poeta Olga Sedakova, “a posição peculiar, ou simplesmente bizarra [de Eroféiev] – como ele costumava dizer: ‘do meu ponto de vista do outro mundo’ – era profundamente consistente”.

De modo a fazer uma investigação de um romance amplamente desconhecido no país, composto em uma época ainda relativamente pouco estudada, optou-se por focar os esforços no trabalho de tradução e de contextualização da obra, a princípio. Isso não significa, evidentemente, que o trabalho de análise literária deva ser negligenciado, e as leituras aqui realizadas deverão ter toda a profundidade possível, considerando-se o escopo do trabalho.

O primeiro conjunto de indagações da pesquisa consiste na localização da criação da obra no contexto soviético. Com base em análises históricas da URSS feitas por autores como Robert Hornsby e Orlando Figes, tenciona-se investigar as particularidades do momento histórico que viu o surgimento do romance de Eroféiev. A época formativa do autor foi marcada, afinal, por eventos profundamente marcantes da história soviética, como a morte de Iósif Stálin, o trauma nacional decorrente da revelação dos crimes do ex-líder, a relativa liberalização ocorrida no período do Degelo de Khruchthov e o recrudescimento da repressão sob a liderança de Leonid Brejnev. Mais precisamente, pretende-se estudar a forma com que um campo literário dissidente foi organizado na União Soviética dos anos 1960 e as estratégias de publicação empregadas por escritores não alinhados à cultura oficial da época, como o *samizdat*.

O segundo conjunto de indagações da pesquisa abarca a análise do romance em si. De modo a investigar a relação entre *Moskvá–Petuchki* e a cultura soviética, será necessário primeiro examinar o funcionamento desta. Para tanto, dispomos dos trabalhos de estudiosos como Boris Groys, Evgeny Dobrenko e Alexei Yurchak. Todos eles, de diferentes modos, analisam a relação entre as lideranças soviéticas, as artes e a sociedade. Groys propõe que, inspirado pelo desejo de controle sobre a realidade dos artistas da vanguarda russa e soviética, Stálin passou a buscar controlar todas as formas expressivas produzidas no país, de modo a obter o controle estético total sobre a realidade, que poderia ser moldada por ele como o material artístico é trabalhado pelo artista. Dobrenko parte de um pressuposto semelhante, propondo que a realidade da URSS stalinista era uma hipóstase produzida esteticamente através do discurso oficial. Yurchak estuda um período posterior, focando a sua atenção nas gerações soviéticas que se desenvolveram após a morte de Stálin e investigando, entre outros temas, a evolução das formas discursivas oficiais soviéticas.

Em seguida, pretende-se examinar a forma com que Eroféiev se relaciona com a cultura soviética através do romance. Dado que esta relação é amplamente paródica, as teorias de Mikhail Bakhtin acerca do carnaval – um modo literário que subverte a cultura dominante através do humor – servirão de ponto de partida. Além disso, diversos estudos anteriores sobre *Moskvá–Petuchki* apontam que o romance é composto de uma rede de citações de elementos amplamente presentes na cultura soviética. Com base nas investigações realizadas nesse sentido por Svetlana Geisser-Schnittmann, Eduard Vlassov e Ann Komaromi, pretende-se mapear essa rede intertextual composta por Eroféiev, localizando a origem dos textos citados e analisando as implicações deste procedimento.

A partir das observações de Dmitri Bykov, será investigada a possibilidade de ler o romance como uma narrativa odisséica, na tradição gogoliana de *Almas Mortas*, romance com o qual *Moskvá–Petuchki* compartilha o subtítulo (*poema*) e outras características que potencialmente permitirão esta relação.

Ademais, as considerações feitas por Ann Komaromi acerca do potencial performativo do romance servirão de base para uma reflexão sobre as tensões criadas por Eroféiev na membrana entre autor e público. Pretende-se explorar a ideia de que o livro é empregado pelo autor para a realização de um convite à participação do leitor na esfera cultural alternativa.

Por fim, o terceiro conjunto de indagações da pesquisa consiste, evidentemente, na tentativa de tradução do romance, que deverá ilustrar os pontos supracitados. Pretende-se anexar a ela um glossário explicativo de termos pouco familiares ao leitor brasileiro, de modo a evitar a adição excessiva de notas de rodapé na tradução, e uma nota geral à tradução, na qual certos procedimentos adotados durante o processo de transposição do texto serão explicados.

1. Estagnação e dissidência

A ascensão de Nikita Khruchthov ao poder após a morte de Iósef Stálin suscitou vetores de transformação profunda na sociedade soviética. Subtraída de seu principal ponto de referência no regime e escandalizada pelas revelações feitas a respeito deste, a população se viu em uma trajetória de crescente alienação em relação ao Partido. O novo líder, em uma tentativa de se distanciar do legado stalinista e de consolidar a sua posição no poder, deu início a uma série de reformas que resultaram no relaxamento parcial da repressão estatal. Cerca de uma década mais tarde, já na era Brejnev, a alienação e o desencanto da população soviética em relação ao regime e o recrudescimento do rigor oficial culminaram na sistematização de um campo cultural dissidente e no amadurecimento de obras que questionavam a cultura hegemônica.

Em 5 de março de 1953, cinco dias após sofrer um derrame, Iósef Stálin morreu. Como aponta Orlando Figes¹, seguiu-se a isso uma disputa de poder no alto escalão do Partido. Lavrenti Beria, influente junto aos serviços de inteligência soviéticos, despontou como a figura dominante, mas Khruchthov mostrou-se um hábil oponente. O programa de Beria incluía o desmantelamento do sistema de *gulags* e o relaxamento das políticas soviéticas na Ucrânia, na região do Báltico e na Alemanha Oriental. Isso causava desconfiança na velha guarda do Partido e do exército, que acabaram por apoiar o golpe organizado por Khruchthov, levado a cabo em 26 de junho. Beria foi julgado secretamente e executado. Outros candidatos à liderança do regime foram afastados de seus cargos ou perderam a sua base de apoio no Partido. Com efeito, a liderança coletiva inicialmente instituída após a morte de Stálin foi progressivamente desmantelada, e Khruchthov surgiu como a nova figura central.

Outro resultado direto da morte de Stálin foi a concessão de uma anistia a cerca de um milhão de prisioneiros dos *gulags*. Esse primeiro grupo de ex-prisioneiros consistia de criminosos comuns e prisioneiros políticos que cumpriam penas inferiores a cinco anos. O processo de soltura de prisioneiros políticos condenados a penas mais longas foi caracterizado pela morosidade e pela intransigência da burocracia soviética, pouco disposta a reconhecer as injustiças às quais havia sujeitado milhões de cidadãos.

¹ FIGES, Orlando. *Revolutionary Russia, 1891–1991: A History*. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2014

Ainda assim, cerca de quatro milhões de presos políticos foram reinseridos na sociedade entre 1953 e 1960.

O retorno dos prisioneiros políticos representou um fato social traumatizante. No vaticínio de Anna Akhmátova, “agora aqueles que foram presos retornarão, e duas Rússias se verão frente a frente: aquela que enviou essas pessoas aos campos e aquela que retornou”². Ex-prisioneiros podiam agora relatar o que haviam vivido e confrontar aqueles que os haviam denunciado. Com isso, o regime se viu acuado: era simplesmente necessário explicar o que havia acontecido àquelas pessoas. Após divergências, o Politburo³ e Khruchtchov concordaram em revelar apenas parte das informações desveladas por uma comissão interna a respeito da extensão do terror stalinista.

No XX Congresso do PCUS, ocorrido em fevereiro de 1956, Khruchtchov apresentou aos partidários presentes informações acerca da perseguição política perpetrada por Stálin na segunda metade dos anos 1930, detalhando o escopo da forja de evidências e das condenações resultantes. Por conta do papel que desempenhara no cumprimento de políticas oficiais nos anos 1920 e na primeira metade da década de 1930, e ciente da crise de confiança que o discurso poderia causar mesmo entre os partidários mais fiéis, Khruchtchov apresentou o Partido como uma vítima dos abusos de Stálin, que teria divergido dos princípios leninistas e adotado o “culto de personalidade” como procedimento de controle político. Desse modo, o líder tencionava reconquistar a confiança de sua base política, denunciar o stalinismo como uma circunstância aberrante do percurso socialista e promover o retorno do regime às suas origens leninistas.

O pronunciamento de Khruchtchov ficou conhecido como Discurso Secreto, pois o seu conteúdo não deveria extrapolar os limites do círculo interno partidário, de modo a não ceder munição aos inimigos do regime. O segredo, no entanto, foi prontamente desfeito. A transcrição do discurso chegou às mãos de lideranças partidárias em toda a União Soviética e na Europa Oriental, e foram lidas a dezenas de milhões de partidários. O jornal *The New York Times* obteve uma cópia da transcrição e estampou-a em sua primeira página. O texto da publicação estadunidense, por sua vez, foi contrabandeado à URSS e a outros países do leste europeu, alcançando um público ainda maior.

² TCHUKOVSKAIA, Lidia Korneievna. *Записки об Анне Ахматовой* (Notas sobre Anna Akhmátova), Moscou: Время, 2013, p. 137.

³ O birô político do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

A população soviética, que há pouco menos de três anos havia perdido o seu arrimo⁴, foi novamente surpreendida pelas declarações de Khruchtchov. As bases do partido viram sua cosmovisão ruir instantaneamente. Muitos receberam com descrença a justificativa partidária de que as atuais lideranças desconheciam os crimes de Stálin. A *intelligentsia*, por sua vez, tomou o discurso como uma garantia implícita de que o derramamento de sangue havia chegado ao fim, e de que as críticas ao governo, ainda que fossem punidas com severidade, não resultariam em morte. Isto encorajou aqueles indivíduos inclinados ao engajamento em atividades não oficiais, e deu início ao cultivo de um acanhado campo cultural alternativo:

Jovens começaram a perder o medo de dividir opiniões, informações, crenças e questionamentos. Todas as noites nós nos reuníamos em apartamentos exíguos para recitar poesia, ler prosa “não oficial” e compartilhar histórias que, ao serem unidas, resultavam em um retrato realista daquilo que ocorria no nosso país.⁵

O Discurso Secreto representou, portanto, um momento de ruptura na história soviética, marcando o ponto em que o regime perdeu o seu caráter total perante o público. O sistema soviético, maculado pelo assassinato de inúmeros cidadãos, encontrava-se em meio a uma crise de credibilidade, e Khruchtchov buscou reabilitar o Partido através do processo de desestalinização.

Esta operação incluiu o chamado Degelo de Khruchtchov, isto é, o relaxamento temporário e parcial da censura. A existência do Degelo pode ser creditada a motivos diversos. Khruchtchov desejava restaurar a força criativa da arte soviética e alterar a percepção do país no exterior, afetada pela Guerra Fria. Ele também buscava desestabilizar a posição de seus opositores mais conservadores no Partido e recuperar o prestígio do regime junto à população.⁶ De todo modo, livres das constrações mais arbitrárias do stalinismo, as artes puderam desenvolver algum grau de experimentalismo temático e formal. Obras que retratavam com maior complexidade a experiência da vida soviética e rejeitavam parcialmente as formas fixas do realismo socialista receberam a aprovação tácita do regime. Escritores banidos na era stalinista, como Ivan Búnin, Isaac Bábel, Mikhail Zóchtchenko e Anna Akhmátova tiveram algumas de suas obras

⁴ Figes descreve o luto geral e a desorientação que se lançaram até mesmo sobre as vítimas da repressão stalinista após a morte do líder (FIGES, 2014, op.cit.).

⁵ ALEXEYEVA, Ludmilla; Goldberg, Paul. *The Thaw Generation: Coming of Age in the Post-Stalin Era*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1990, p. 4.

⁶ PEACOCK, Margaret. *Innocent Weapons: The Soviet and American Politics of Childhood in the Cold War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.

reintroduzidas aos círculos públicos. Em 1962, Khruchtchov aprovou pessoalmente a publicação de *Um dia na vida de Ivan Deníssovitch*, de Aleksandr Soljenítsin, um retrato da vida nos *gulags*. No teatro, o surgimento de trupes formadas por jovens artistas resultou na encenação de diversas peças que se distanciavam do naturalismo. Escultores e pintores começaram a produzir obras cujo experimentalismo poderia tê-los levado à prisão anteriormente. Cineastas como Andrei Tarkovski e Mikhail Kalatózov filmaram, em *A Infância de Ivan* e *Quando Voam as Cegonhas*, respectivamente, histórias sobre o colossal custo humano da guerra.

A arte do período era particularmente benquista por Khruchtchov na medida em que mirava sua crítica à era stalinista. O relaxamento da censura, contudo, deu vazão a obras que tratavam de temas indesejados ou ainda proibidos, como as políticas oficiais em relação à agricultura e à educação, o envolvimento soviético na Guerra Fria e o antissemitismo ainda prevalente. Deste modo, o Degelo não se tornou, como Khruchtchov esperava, uma força aglutinadora, capaz de devolver ao regime o seu caráter total, e acabou por abrir algum espaço para a criação de posições não oficiais. Em 1961, por exemplo, Evgueni Evtuchenko publicou os poemas *Babi Iar*⁷ e *Os Herdeiros de Stálin*⁸, denunciando o antissemitismo soviético e a persistência do legado stalinista na cultura soviética. Apesar de manter relações cordiais com o regime, Evtuchenko teve que se desculpar oficialmente algumas vezes ao longo de sua carreira pela criação de obras consideradas inaceitáveis.

Os limites da tolerância do regime também são exemplificados pelos casos de Boris Pasternak e Iósif Brodski. Em 1958, Pasternak foi expulso da União dos Escritores após a publicação, no Ocidente, de *Doutor Jivago* – romance que poderia suscitar questionamentos em relação ao apoio da *intelligentsia* à Revolução de Outubro – e a indicação do escritor ao Prêmio Nobel. Cinco anos mais tarde, a poesia de Brodski foi denunciada como “pornográfica e anti-soviética”. O poeta foi acusado de parasitismo social e passou os próximos dezoito meses em um campo de trabalhos forçados.

O abandono do terror em massa e momentos pontuais de progresso – como a permissão para a visita de estrangeiros ao 6º Festival da Juventude e dos Estudantes, em 1957 – não foram, portanto, representantes de um vetor generalizado de liberalização. Robert Hornsby chega até mesmo a questionar a clássica caracterização da era

⁷ Бабий Яр, 1961.

⁸ Наследники Сталина, 1961.

Khrushchev como um período de “degelo”, argumentando que “aqueles que se mantinham calados não corriam mais o risco de serem reprimidos injustificadamente, e aqueles que iam de encontro às autoridades não estavam mais sujeitos a punições tão severas; mas, de todo modo, não havia concessões ou diálogo significativo com cidadãos considerados ‘anti-soviéticos’, mesmo com aqueles que se consideravam críticos leais”⁹.

As medidas paliativas de Khruchthov não foram capazes de reverter a crise de confiança causada pelo Discurso Secreto. O desencanto havia tomado conta de uma parcela significativa da população soviética. Estima-se que mais de 500.000 cidadãos soviéticos tenham participado de protestos, manifestações e greves entre 1953 e 1964¹⁰. Muitas dessas pessoas foram acusadas de participação em “atividades anti-soviéticas” e enviadas a campos de trabalho, prisões ou instituições psiquiátricas. Outras foram expulsas de universidades ou demitidas de seus empregos. Por sua vez, a juventude – cuja imaginação havia sido aguçada pelo contato com estrangeiros no Festival da Juventude e pela radiodifusão de ondas curtas, que transmitia o rock, o jazz e informações sobre o Ocidente –, para quem a Revolução e a Segunda Guerra eram fatos históricos distantes, já não considerava a cultura oficial conformista satisfatória.¹¹

No Partido, a velha guarda opunha-se ao programa de desestalinização. A situação de Khruchthov foi exacerbada pelo fracasso de algumas de suas políticas internas – como o plano de solucionar a crise agropecuária através do cultivo de grandes extensões de terra no Cazaquistão – e externas – como a humilhação soviética, em 1962, durante a Crise dos Mísseis. O líder perdeu a sua base de apoio e foi afastado do poder em outubro de 1964.

Leonid Brejnev, o líder do golpe que removeu Khruchthov, tornou-se a figura dominante do regime. A sua liderança era baseada em um sistema de alianças com figuras influentes em todas as esferas de poder. Como define Figes, o seu governo era uma “coalização de oligarcas do Politburo”¹², unidos pela bandeira da manutenção do *status quo*. Estes oligarcas representavam uma geração anterior àquela dos reformistas de Khruchthov, e viam Brejnev como um administrador estável que os manteria em

⁹ HORNSBY, Robert. *Protest, reform and repression in Khrushchev's Soviet Union*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 5.

¹⁰ ALEXEYeva, Ludmilla e Chalidze, Valery. *Mass Unrest in the USSR*. Washington, DC: Department of Defense Office of Net Assessments, 1985.

¹¹ FIGES, 2014, op. cit.

¹² Ibid., p. 261.

seus postos. De fato, a idade média dos membros do Politburo cresceu de sessenta em 1964 para mais de setenta em 1982.

Durante sua administração, Brejnev deu fim às reformas políticas e econômicas promovidas pelo antecessor, alegando que a URSS já havia alcançado sucesso na construção de uma sociedade socialista. Com efeito, teve início a chamada Era da Estagnação: na área econômica, a estagnação foi resultado do aprofundamento da crise agropecuária e da intensificação dos gastos militares; na esfera social, ela assumiu a forma da recrudescência da repressão política e da censura, ilustrada pela invasão, em 1968, da Tchecoslováquia por tanques soviéticos, que deu fim à Primavera de Praga, e pela prisão, em 1965, dos escritores Andrei Siniavski e Iuli Daniel; no campo político, como mencionado, a estagnação foi representada pela gerontocracia.

Liudimila Alekséieva notou:

A invasão soviética da Tchecoslováquia representou um duro golpe à atração moral do socialismo. Ela destruiu a esperança na possibilidade de que as lideranças soviéticas estivessem se movendo em direção à democratização. Simultaneamente à invasão da Tchecoslováquia, uma tendência dos líderes soviéticos em adotar a reestalinização tornou-se mais evidente¹³.

O amplo desencanto quanto ao sistema soviético entre os membros da geração que havia crescido em meio ao processo de desestalinização levou muitos a buscar alternativas à cultura oficialmente sancionada nas obras de artistas russos ainda capazes de expressar o seu descontentamento, como Vladímír Vyssótski, e na cultura ocidental obtida por meios ilícitos. Um vetor mais intenso de descontentamento, contudo, amadureceu sob a forma do movimento dissidente, que teve origem nos julgamentos de Brodski, em 1964, e de Siniavski e Daniel. De acordo com Komaromi¹⁴, o célebre julgamento destes dois últimos – escritores que satirizavam o regime em obras contrabandeadas para o exterior – levou muitos não conformistas à conclusão de que expectativas relativas a uma maior liberalização no campo cultural eram fúteis. As esposas dos dois escritores iniciaram uma campanha de conscientização e mobilização através da circulação de cartas abertas em uma incipiente rede de *samizdat*. Isso inspirou Aleksandr Ginzburg a escrever um relato independente do caso. Em 1968, Ginzburg e os seus colaboradores foram presos. Escritores não conformistas, portanto,

¹³ ALEXEYEV, Ludmilla. *Soviet Dissent: Contemporary Movements for National, Religious, and Human Rights*. Middletown: Wesleyan University Press, 1985, p. 323-324.

¹⁴ KOMAROMI, Ann. *Uncensored. Samizdat Novels and the Quest for Autonomy in Soviet Dissidence*. Evanston: Northwestern University Press, 2015

se viam em uma posição de alienação crescente em relação ao campo cultural oficial e sem acesso a uma plataforma de publicação adequada às suas obras.

O campo editorial soviético nunca havia sido, evidentemente, um espaço democrático. Vozes que não fossem ao encontro da perspectiva partidária eram suprimidas. O caráter monológico do setor editorial é ilustrado com precisão pelo relato de Gene Sosin a respeito da publicação da *Grande enciclopédia soviética* (1949-58): após a prisão de Lavrenti Beria, ex-chefe da NKVD, os assinantes da enciclopédia, já em posse do seu quinto volume, receberam pelo correio um verbete avulso a respeito do mar de Bering, acompanhado de instruções para que o verbete sobre Beria fosse cortado e substituído pelo novo¹⁵. O endurecimento da censura na era Brejnev apenas consolidou esse cenário.

Assim sendo, eram reduzidas as chances de que uma obra dissidente fosse publicada pelos meios oficiais, o que acabou por estimular o desenvolvimento de uma rede de *samizdat*. Como mencionado, *samizdat* era uma forma de atividade cultural não censurada. Publicações censuradas ou não autorizadas eram reproduzidas – através da cópia manual, ou do uso de máquinas de escrever ou fotográficas – e distribuídas de mão em mão. Essa prática foi sistematizada durante o período de desestalinização, e ganhou popularidade entre as décadas de 1960 e 1980. Anna Akhmátova referiu-se a este fenômeno como a cultura “pré-Gutenberg” do período soviético, no qual as pessoas recorriam à memória e à transmissão oral, ou à cópia manual e às máquinas de escrever, para reproduzir obras não aceitas pela cultura editorial oficial¹⁶.

O caráter geral dessas obras era radicalmente diferente das obras do Realismo Socialista:

A partir do fim dos anos 1950 até o fim dos anos 1970, os escritores não conformistas de *samizdat* geraram um corpo literário que desafiava o etos que servia de base à visão de mundo do Realismo Socialista de que a realidade era estável e compreensível. Ao invés de confiar as suas narrativas a narradores olímpicos que haviam dominado as leis da história – desse modo sublinhando a estabilidade e o ímpeto racional do mundo –, os escritores não conformistas de *samizdat* escolheram um procedimento que sugeria o oposto. Os seus narradores não aceitavam a visão oficial de que a “realidade do hoje” refletia um mundo melhor, capaz de combinar aquilo que Katerina Clark descreve como o incombinável: a verossimilhança e a mitificação.¹⁷

¹⁵ KOMAROMI, 2015, op. cit.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ RYAN-HAYES, Karen L. *Contemporary Russian Satire: A Genre Study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 53.

A circulação dessas obras dependia do envolvimento ativo do leitor, que aceitava receber, reproduzir e redistribuir uma publicação. Isso implicava em certo grau de risco, como podemos inferir com base no memorando escrito em 1970 por Iuri Andrópov, então líder da KGB, que aponta o perigo político representado pelo *samizdat*:

O chamado *samizdat* passou por uma transformação qualitativa nos últimos anos. Se cinco anos atrás essas publicações consistiam de trabalhos artísticos ideologicamente defeituosos passados geralmente de mão em mão, documentos de caráter político programático já superaram aqueles em disseminação.¹⁸

De fato, o serviço de inteligência e a sua ilusória onipresença dificultou a ampliação do campo cultural dissidente. De acordo com Figes¹⁹, no final dos anos 1960 a KGB havia designado 166.000 agentes para a espionagem de indivíduos suspeitos de envolvimento na dissidência. Este era um número pequeno em comparação ao empregado pela Stasi na Alemanha Oriental, mas suficiente para dissuadir parte da *intelligentsia* da participação ativa no movimento. Não obstante, a dissidência foi capaz de desenvolver um campo cultural alternativo – em maior consonância com o desencanto generalizado –, e o grau de maturidade alcançado por este é exemplificado pelo surgimento e sucesso de romances como *Moskvá–Petuchki*, de Venedíkt Eroféiev.

*

Muitos dos escritores que publicaram em *samizdat* iniciaram suas carreiras em publicações oficialmente sancionadas e, ao se verem cingidos por estas, passaram a buscar um meio que permitisse a construção de uma relação crítica com o regime e de novas posições além das já estabelecidas. Eroféiev, por outro lado, contornou completamente os meios oficiais, optando por publicar diretamente no sistema de *samizdat* e mantendo-se inteiramente à margem da cultura hegemônica.

É bastante provável que Venedíkt Eroféiev permaneça conhecido como o enigmático autor de um único livro. Ainda que tenha escrito uma peça (a segunda parte de uma planejada trilogia) e alguns textos curtos (dentre os quais se destaca *Minha*

¹⁸ Ibid., p. 132.

¹⁹ FIGES, 2014, op. cit.

*Pequena Leniniana*²⁰, em que o escritor dispõe estrategicamente uma série de citações de Vladimir Lenin, interpolando seus próprios comentários zombeteiros), a sua obra mais significativa é, certamente, o *poema*²¹ *Moskvá–Petuchki*.

Nascido em 1938, na região de Murmansk, Eroféiev teve sua vida marcada pelo autoritarismo stalinista desde os primeiros anos, quando seu pai foi detido sob a acusação de disseminar propaganda anti-soviética. Após completar a educação fundamental em Kirovsk, Venedíkt partiu para a capital, onde ingressou na Universidade Estatal de Moscou em 1955. Após três semestres, contudo, o jovem – descrito por alguns de seus contemporâneos como “excêntrico” – foi afastado da instituição por se recusar a participar do treinamento militar²². Nos anos seguintes – precisamente no período do Degelo de Khruchtchov –, Eroféiev se matricularia em diversos institutos, no intuito de permanecer em Moscou e seus arredores. No Instituto Pedagógico de Vladimir – do qual foi expulso sob a acusação de “degeneração moral” – ele se aproximou de um grupo de jovens artistas e escritores não conformistas, com o qual manteria contato pelo resto de sua vida. Ainda que sua educação formal não tenha sido completa, o escritor era conhecido entre seus pares como um homem extraordinariamente erudito²³.

O escritor, de fato, era uma figura contraditória: dono de grande talento, pouco escreveu; extremamente inteligente, bebia em excesso e era expulso de universidades e empregos; aclamado por aqueles que conheciam a sua obra, vivia na pobreza e perdia seus manuscritos; jovem de boa aparência, cercado de mulheres, terminou a vida definhando fisicamente. De acordo com o filólogo Vladimir Muraviev, um de seus amigos mais próximos, Eroféiev vivia uma existência dupla: “[ele] sentia que a vida cotidiana e cautelosa não passava de uma imitação da vida real”²⁴.

Nos anos 1960 e 70, Venedíkt serviu como trabalhador braçal em diversas regiões da União Soviética – na época, a rejeição a empregos em instituições estabelecidas tornou-se um expediente relativamente comum entre os membros da

²⁰ O termo *leniniana* refere-se à coleção de selos postais relacionados à vida de Lenin.

²¹ O termo russo *поэма* corresponde ao poema épico ou longo. Todavia, a palavra também pode se referir aos poemas em prosa compostos por autores russos a partir do Romantismo. O *poema* mais conhecido é *Almas Mortas*, de Nikolai Gógol.

²² Eroféiev não foi um caso isolado. Nos anos 1960, muitos jovens não terminavam o ensino superior por sua relutância em aquiescer às exigências ideológicas envolvidas. (BUKOVSKY, Vladimir. *To Build a Castle: My Life as a Dissenter*. Londres: André Deutsch, 1978.)

²³ RYAN-HAYES, 1995, op. cit.

²⁴ FROLOVA, Nina, et al., *Несколько монологов о Венедикте Ерофееве (Alguns monólogos sobre Venedíkt Eroféiev)*. Teamp 9. Leningrado: Akademii Nauk, 1991.

intelectualidade não conformista, dando origem ao que o músico Borís Grebentchikov chamou de “geração de zeladores e porteiros”²⁵. Em 1966 o escritor tornou-se pai, e visitava com frequência a colônia de Mychlino – próxima à cidade de Petuchki –, onde sua esposa lecionava. Nos anos 1980, Eroféiev contraiu câncer de laringe, sendo submetido a uma operação radical que lhe tirou a voz. Na mesma década, ele foi convidado a receber tratamento na França, mas não foi autorizado a viajar. O escritor morreu em maio de 1990, em Moscou.

De acordo com Eroféiev, *Moskvá–Petuchki* foi escrito ao longo de dois meses, no ano de 1970. O livro foi distribuído em *samizdat*, eventualmente chegando a Israel e então à França. Na União Soviética, o romance só ganharia edições oficiais no final dos anos 1980, e mesmo então – notou o crítico Andrei Zorin – o fato de o livro ter sido primeiramente publicado em um periódico sobre alcoolismo (*Трезвость и Культура*²⁶) e por uma pequena editora independente, mostrava que “a prosa de Eroféiev ainda queima as mãos”. O escritor e crítico Dmitri Bykov afirma que “o mundo das *elektríchkas*²⁷ de *Moskvá–Petuchki* é o mais preciso retrato do que é a Rússia desde os anos 1960”²⁸. Ann Komaromi aponta que o romance demonstra “a maturidade e a viabilidade de um campo cultural não oficial”²⁹.

Em *Moskvá–Petuchki*, Eroféiev desenha um retrato crítico da conjuntura soviética do período de estagnação, parodiando a cultura hegemônica e dando voz a uma geração que havia sido tomada pelo desencanto. O romance se insere no contexto soviético do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 tanto como fruto das atribulações do período – o livro, afinal, foi parte de um campo dissidente surgido por conta dos movimentos de relaxamento e recrudescimento da repressão estatal, e a desordem decorrente da ruptura social desencadeada pelo Discurso Secreto é retratada com precisão – quanto como comentário paródico. Com a criação de um microcosmo literário que descrevia fielmente a vida de muitos membros da geração de 1960, Eroféiev estabelece uma relação direta com o seu público leitor. A seguir, examinaremos os procedimentos através dos quais o autor vai além da paródia, em uma tentativa de renovação do campo cultural soviético.

²⁵ KOMAROMI, 2015, op. cit., p. 7.

²⁶ Em russo, “Sobriedade e cultura”.

²⁷ Trem elétrico suburbano, um dos mais importantes meios de transporte na Rússia.

²⁸ BYKOV, Dmitri. *Москва - Петушки: новая русская одиссея (Moskvá–Petuchki: a nova odisséia russa)* - palestra, 22 de outubro de 2015. (2015a).

²⁹ KOMAROMI, 2015, op. cit., p. 10.

2. Ulisses em tempos de estagnação

O sistema soviético foi construído em torno de um arcabouço estético e cultural. Desde os primeiros momentos do período pós-revolucionário, o engajamento popular foi estabelecido através da arte, que legitimava o regime e comunicava os seus preceitos. Ao longo dos anos seguintes, a escalada do domínio das autoridades sobre todas as esferas da vida veio a fomentar no Partido ambições de autoridade estética total, que lhe permitiriam transformar o mundo assim como um artista modela o seu material³⁰.

Desse modo, a criação do *homo sovieticus* e a construção do comunismo, cerne do projeto soviético, se dariam através da manipulação de todas as formas artísticas e discursivas produzidas no país³¹. A extrema arbitrariedade deste processo, contudo, suscitou reações adversas. O controle sobre a criação e circulação de obras artísticas e a hegemonização do discurso oficial causou o divórcio entre signos culturais e a realidade. Descontextualizados ou repetidos à exaustão, textos, símbolos e formulações perderam o sentido, e o que restou foi uma massa morta, sem pontos de ancoragem na realidade e repleta de detritos estéticos e discursivos³². Aliado ao recrudescimento da censura e da repressão política, este fenômeno levou o público dos anos 1960 a se ver amplamente alheio à cultura de seu próprio país e progressivamente mais cingido.

Neste desconcertante mundo em contração, uma cultura dissidente surgiu como alternativa à oficial. A maturidade desse novo campo foi exemplificada, no fim da década, por obras como *Moskvá–Petuchki*, de Venedíkt Eroféiev, um romance odisséico que carnaliza a cultura oficial. O livro é construído com base em um enleio de citações: a tradição literária russa e mundial serve de substrato, assim como o discurso soviético hegemônico. Lançando mão de dispositivos satíricos, o autor degrada e desloca elementos da cultura dominante – como os chavões midiáticos, a literatura russa clássica e a arte realista socialista –, ressignificando-os através do riso, de modo a construir uma narrativa intertextual de denúncia da mitologia soviética e elaborar um

³⁰ GROYS, Boris. *The Total Art of Stalinism: Avant-Garde, Aesthetic Dictatorship, and Beyond*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

³¹ YURCHAK, Alexei. *Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2005.

³² KOMAROMI, 2015, op. cit.

texto autônomo, em oposição à cultura oficial monológica. Argumentamos aqui que a paródia em Eroféiev não é um fim em si mesmo, tendo como finalidade engajar o leitor, invertendo o expediente oficial ao usar o discurso e a estética para expor a insubstância da cultura hegemônica. Ao sublinhar a brecha larga do desajuste entre o discurso oficial e a realidade, o autor buscou evidenciar ao leitor as camadas de ofuscação impostas pelo poder. Deste modo, este leitor seria capaz de vislumbrar a própria posição no limbo odisséico e reconectar-se a uma cultura que havia sido reduzida a um espectro ao ser refratada pelo prisma da oficialidade soviética.

*

O fundamento estético da cultura stalinista foi detectado por autores como Andrei Siniavski³³ e Boris Groys³⁴. Em sua famosa monografia a respeito da ligação entre a ambição da arte vanguardista russa e o controle totalitário exercido pelo stalinismo, Groys argumenta que a sociedade soviética foi reorganizada esteticamente, afirmando que, com toda a vida econômica e social do país subordinada à sua autoridade, o Partido poderia modelar a realidade soviética como uma obra de arte total. Groys explica ainda que “a Rússia estava muito mais bem preparada para a revolução” do que qualquer nação ocidental, pois “estava bem mais disposta a organizar toda a vida em formas novas e inéditas” e pronta a “ser sujeitada a um experimento artístico em uma escala sem precedentes”³⁵. Apontando a relação íntima entre estética e política, portanto, Groys vê no Realismo Socialista um meio de produção de realidade.

Esta reflexão foi aprofundada por Evgueni Dobrenko³⁶, cujo estudo sobre a cultura stalinista explora o papel do Realismo Socialista na produção de uma realidade substituta. Dobrenko apresenta a experiência histórica soviética como o “produto de um mecanismo de representação único – o Realismo Socialista”³⁷. O autor não trata o Realismo Socialista como um fenômeno estético limitado ao campo literário e artístico, mas como “uma das instituições sociais mais significativas do stalinismo”³⁸, que permeava todos os aspectos da realidade soviética, incluindo a economia e a sociedade.

³³ SINIAVSKI, Andrei. *Фантастический мир Абрама Терца (O Fantástico Mundo de Abram Tertz)*. Paris, 1967.

³⁴ GROYS, 1992, op. cit.

³⁵ Ibid., p. 5.

³⁶ DOBRENKO, Evgeny. *Political Economy of Socialist Realism*. New Haven: Yale University Press, 2007.

³⁷ Ibid., p. xi.

³⁸ Ibid., p. xii.

Dobrenko refuta a noção de que a sociedade soviética era socialista, identificando a sua fundação econômica no capitalismo de estado. De acordo com ele, o regime teria substituído o mundo objetivo, inteiramente carente de socialismo, pela realidade altamente estetizada afirmada pelo Realismo Socialista. Desse modo, o socialismo, que na cultura revolucionária havia sido “acima de tudo um projeto *político e econômico*”, teria se tornado, na cultura stalinista, um “projeto *representacional*”³⁹ por excelência⁴⁰.

A abordagem de Dobrenko não foca a construção ideológica da realidade, e sim “a própria realidade da ideologia”⁴¹, em acordo com a argumentação de Slavoj Žižek de que a ideologia não constitui uma mera ilusão, mas a realidade em si: “a ideologia não é simplesmente uma ‘consciência falsa’, uma representação ilusória da realidade, mas sim a própria realidade, que já deve ser concebida como ‘ideológica’”⁴². A função básica do Realismo Socialista não era, portanto, a criação propagandística de mentiras, mas a “produção de *imagens de socialismo* que a percepção transformaria em realidade”⁴³, ou seja, a produção da realidade através da sua estetização. O volume colossal de imagens criadas pela máquina cultural soviética passou a estruturar o inconsciente político e a esfera do imaginário no país, adquirindo o status de *verdade*. Desse modo, o principal produto do Realismo Socialista era o capital simbólico, isto é, o *socialismo*.

O caráter ativamente transformador do Realismo Socialista foi descrito pelo próprio Stálin em sua explicação da relação entre base e superestrutura:

A superestrutura é um produto da base, mas isso não significa, absolutamente, que ela seja um mero reflexo desta, ou que seja passiva, neutra ou indiferente ao destino de sua base, ao destino das classes e ao caráter do sistema. Pelo contrário, tendo passado a existir, ela se torna uma força extremamente ativa, auxiliando ativamente a sua base a tomar forma e a se consolidar, e fazendo o máximo para auxiliar o novo sistema a extinguir e eliminar a velha base e as classes antigas.

Não poderia ser diferente. A superestrutura é criada pela base precisamente para servi-la, para auxiliá-la ativamente a tomar forma e se consolidar, para lutar ativamente pela eliminação da velha e moribunda base, assim como da antiga superestrutura. Basta que a superestrutura renuncie a este papel de apoio – que passe de uma posição de defesa ativa da sua base a uma posição de indiferença em relação a ela, ou passe a adotar uma atitude igual perante

³⁹ Dobrenko aponta, por exemplo, que um indicador indireto do caráter puramente representacional do socialismo soviético é o fato de que “a economia nunca desempenhou um papel nele; decisões econômicas quase sempre resultavam de considerações políticas, não o contrário, e terríveis desastres econômicos não causaram mudanças na administração”. (Ibid., p. 9).

⁴⁰ Ibid., p. xi.

⁴¹ Ibid., p. 25.

⁴² ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. London: Verso, 1989.

⁴³ DOBRENKO, 2007, op. cit., p. 6.

todas as classes – e ela perde a sua virtude e deixa de ser uma superestrutura.⁴⁴

A posição de Stálin é adicionalmente evidenciada por uma nota redigida no fim dos anos 1930: durante a edição de uma resolução do Comitê Central, ele escreveu que “até recentemente estavam em circulação ‘teorias’ (...) que ignoravam a importância da influência reversa da ideologia sobre a existência material”⁴⁵.

Dobrenko detecta uma série de símbolos e signos amplamente presentes na produção cultural soviética que serviam de substrato para a articulação da realidade substituta e impediam o reconhecimento da realidade objetiva, que permanecia “desrealizada”. Isto é, em um mundo soviético inteiramente estetizado, onde os limites entre as esferas estética e extra-estética haviam sido apagados, o Realismo Socialista produzia, através da manipulação linguística, um espaço discursivo alternativo onde o socialismo era materializado: “o Realismo Socialista deve ser entendido como a produção não apenas de símbolos particulares, mas também de substitutos visuais e verbais para a realidade”⁴⁶; ele, portanto, “não é uma soma de textos, mas uma soma de práticas discursivas capazes de transformar a realidade”⁴⁷.

Desse modo, temos que sem a produção cultural do Realismo Socialista, que constituía a realidade substituta, o socialismo não poderia existir, pois este era efetivamente ausente na realidade objetiva:

Se nós removêssemos o Realismo Socialista – romances sobre o entusiasmo na indústria, poemas sobre as alegrias do trabalho, filmes sobre a felicidade da vida, canções e fotografias sobre a riqueza da terra dos soviets, e assim por diante – do que imaginamos como “socialismo”, não restaria nada que pudesse ser chamado propriamente de socialismo. Restaria apenas a monotonia dos expedientes, a rotina do trabalho diário, e uma vida de dificuldades e inconveniências – a mesma realidade que pode ser atribuída a qualquer outro sistema econômico.⁴⁸

A realidade objetiva era adicionalmente ofuscada pelo fato de que as fronteiras discursivas do Realismo Socialista encerravam um espaço no qual o cidadão soviético

⁴⁴ STÁLIN, Iósif. *Марксизм и вопросы языкознания (O Marxismo e os Problemas de Linguística)*. Moscou: Правда, 1952. (Apud *ibid.*, p. 15).

⁴⁵ MAKSIMENKOV, Leonid. *Сумбур вместо музыки: сталинская культурная революция 1936-1938 (Confusão ao invés de música: a revolução cultural de Stalin 1936-1938)*. Moscou: Юридическая книга, 1997. (Apud *ibid.*, p. 15).

⁴⁶ DOBRENKO, 2007, op. cit., p. 6.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 7.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 5.

vivia em um *futuro representado como presente*, e nunca de fato no presente, pois o contemporâneo não era articulado:

É evidente que a cultura sempre produz substituições, é sempre uma fábrica de sonhos; esta é uma das principais funções sociais da arte. Quase sem exceção, contudo, estas substituições são orientadas para o futuro ou direcionadas ao passado. A peculiaridade da cultura soviética é que o objeto de substituição era o aqui e o agora. Este era um tipo especial de modalidade – não substituir o presente pelo futuro, mas representar o futuro como o presente. (...) É por isso que uma empreitada estética radical (...) era necessária para que essa transformação do presente tivesse uma aparência convincente.⁴⁹

Desse modo, o discurso do Realismo Socialista “desrealizava” o presente, e, por conseguinte, qualquer representação da realidade objetiva: “o Realismo Socialista produzia os valores simbólicos do socialismo através da desrealização do cotidiano”. Este procedimento servia ainda como mecanismo para moldar a interpretação coletiva da natureza violenta do sistema soviético. Através da linguagem e da arte, as ideias de violência e pobreza eram deslocadas para o passado ou para o mundo do Ocidente, e assim o stalinismo garantia que elas permanecessem desarticuladas.

Em outras palavras, o Realismo Socialista constituía a *única existência real do socialismo*, criando uma realidade substituta que impedia a articulação da realidade objetiva. Esta prática se dava com particular clareza na mídia: na publicística, no cinema, na música, nas artes plásticas e na publicidade, o socialismo possuía um caráter *completo*, tornando-se comparativamente muito mais convincente do que a realidade “mal-acabada” do mundo objetivo. Através da mídia, criou-se “uma cultura pública estilizada, ritualística, e intencionalmente consistente que se tornou uma realidade em si e suplantou outras formas de reflexão pública”⁵⁰.

Como destaca Dobrenko, quase todas as resoluções relativas à censura adotadas pelas lideranças do Partido relacionavam-se à questão da representação e da percepção da realidade soviética. Essa relação é evidenciada, por exemplo, no seguinte relatório emitido em janeiro de 1950, após o Politburo ter promulgado uma resolução proibindo a exibição do documentário *Pescadores do Mar Cáspio*:

[O diretor, Iakov Bliokh,] deveria ter retratado fielmente neste filme as riquezas do Mar Cáspio, o mais substancial centro pesqueiro da União

⁴⁹ Ibid., loc. cit.

⁵⁰ BROOKS, Jeffrey. *Thank you, Comrade Stalin!: Soviet Public Culture from Revolution to Cold War*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

Soviética, de modo a mostrar o desenvolvimento das fazendas estatais e coletivas, do gerenciamento da piscicultura no Mar Cáspio, dos novos e avançados métodos de pesca e do uso da mecanização no setor pesqueiro.

O diretor Bliokh exibiu uma atitude irresponsável e inconsequente em relação ao trabalho confiado a ele, incluindo cenas flagrantemente forjadas – em violação das instruções enviadas mais de uma vez pelo Ministério de Cinematografia da URSS em relação à questão, que afirmavam a inadmissibilidade de cenas forjadas na cinematografia documental – e deturpando a vida real ao exibir episódios espúrios. Por exemplo, ao mostrar a pesca de esturjões e belugas, o diretor Bliokh usou um peixe capturado anteriormente e tentou artificialmente criar a impressão de que este estava sendo capturado naquele momento. Este falseamento levaria o espectador soviético, que deveria ver na cinematografia documental a vida em sua exatidão documental, a incorrer em um erro. A abordagem negligente manifestada pelo diretor Bliokh em relação ao retrato do trabalho dos pescadores do Mar Cáspio causou ainda outros erros sérios.

Ao invés de retratar verdadeiramente a organização de trabalho dos pescadores do Mar Cáspio e os métodos avançados de pesca e processamento dos peixes, o filme mostra a técnica pesqueira antiga e ultrapassada, baseada no trabalho manual. A moderna pesca mecanizada não é retratada no documentário, assim como as enormes centrais de processamento estatais – equipadas com equipamentos técnicos modernos de primeira classe – ou o alto grau de mecanização da tecnologia de processamento da pesca.

Como resultado dessa abordagem inconsequente e negligente em relação às tarefas pelas quais era responsável, o diretor Bliokh criou um documentário que não satisfaz as altas demandas políticas e culturais do espectador soviético.⁵¹

No trecho, ficam evidentes a exigência por *verossimilhança* (em detrimento da *verdade*) e a criação de imagens de socialismo, apresentadas como reproduções do mundo “em sua exatidão documental”.

Dobrenko compara o socialismo criado pelo Realismo Socialista a um *simulacro*⁵²: “o estágio do simulacro (a perda de qualquer relação com qualquer realidade) corresponde à síntese de símbolo e coisa no Realismo Socialista, onde um *símbolo de uma coisa* é apresentado no lugar da coisa em si”⁵³. De fato, Merab Marmadashvili, um dos principais filósofos soviéticos, acreditava que o poder do regime tinha como fundamento “a supremacia das *representações* que substituíam aquilo que representavam”⁵⁴, chamando o fenômeno de “logocracia”. De acordo com ele, todos os membros de um sistema logocrático desempenham um papel teatral:

⁵¹ *Власть и художественная интеллигенция (O poder e a intelligentsia artística)*. (Apud *ibid.*, p. 11).

⁵² Em seu tratado *Simulacros e simulação*, Jean Baudrillard argumenta que a realidade é vivenciada através de signos e símbolos, processo que transformou a experiência humana em uma simulação da realidade. Ele descreve quatro estágios de formação do simulacro, sendo que o último é aquele no qual este não possui qualquer relação com a realidade. (BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991).

⁵³ DOBRENKO, 2007, *op. cit.*, p. 22.

⁵⁴ MAMARDASHVILI, Merab. *Как я понимаю философию (Como eu entendo filosofia)*. Moscou: Культура, 1992. (Apud DOBRENKO, 2007, *op. cit.*, p. 16).

um ladrão russo (assim como, digamos, um ladrão georgiano) difere-se de um ladrão francês ou italiano pelo maior nível com que *interpreta* o ladrão (...) Na minha opinião é por isso que os atores de hoje muitas vezes atuam mal: eles ingenuamente tentam representar algo no palco que já é uma representação na vida real⁵⁵.

Marmadashvili argumenta ainda que a história soviética havia transformado, através de uma série de transformações linguísticas, a consciência das pessoas em “um antimundo de sombras e imagens que não projetavam sombras próprias”, “um mundo atrás do espelho, feito de imitações da vida real”⁵⁶. Com efeito, a realidade estaria ausente na Rússia: “Não há mundo real – a realidade foi simplesmente abolida, permitiu-se que ela evaporasse”, e até mesmo a linguagem era “permeada de um ressentimento universal e agressivo contra a realidade”⁵⁷.

Em seu estudo sobre as últimas gerações soviéticas, Alexei Yurchak⁵⁸ parte de uma argumentação semelhante à de Dobrenko, apontando que o Partido buscava alcançar a “liberalização completa da sociedade e do indivíduo (a construção do comunismo, a criação de um Novo Homem) através da submissão daquela sociedade e daquele indivíduo ao total controle do partido”, e via na intensificação do gerenciamento partidário sobre todas as esferas da vida cultural como a única forma de alcançar este objetivo. Isso implicava no controle sobre cada forma de discurso e conhecimento produzida na União Soviética.

Yurchak argumenta que, especialmente após a morte de Stalin – que assumia uma posição externa ao discurso ideológico, produzindo um “metadiscorso sobre todas as formas de expressão política, artística e científica”⁵⁹ e avaliando o valor destas em relação ao dogma marxista-leninista, em um procedimento que visava legitimar o discurso oficial, dando-lhe uma aparência mais convincente aos olhos do público⁶⁰ –, qualquer posição externa ao discurso partidário foi extinta da circulação pública, o que

⁵⁵ Ibid., loc. cit.

⁵⁶ Ibid., loc. cit.

⁵⁷ Ibid., loc. cit.

⁵⁸ YURCHAK, 2005, op. cit.

⁵⁹ Ibid., p. 13.

⁶⁰ Yurchak ilustra esse procedimento com o exemplo da revisão de *A História da Guerra Civil*, realizada por um conselho editorial liderado por Stálin. Mais de setecentas correções foram feitas ao primeiro volume da obra, e comentários sobre estas mudanças foram levados ao conhecimento público: “Em seus comentários, o conselho editorial explicava o que havia de errado com as descrições da realidade que haviam sido corrigidas e a forma com que as suas novas formulações melhoravam as descrições. O objetivo anunciado destas correções e comentários era fazer com que o discurso atingisse ‘clareza conceitual, precisão teórica e vigilância política’. O conselho assegurou-se de que esse metadiscorso fosse amplamente distribuído: as correções e comentários foram impressas em jornais soviéticos e em livros de referência e de autoeducação”. (Ibid., p. 41).

levou à intensificação dos processos de normalização das formas de representação oficiais, que se tornaram fixas e inalteradas entre diferentes contextos:

O desaparecimento do metadiscurso na ideologia afetou todas as esferas de produção cultural na União Soviética. Ele teve um impacto particularmente importante na natureza da língua e do ritual ideológicos. (...) Dado que já não havia nenhum cânone externo inquestionável e singularmente apresentado em relação ao qual os textos deveriam ser calibrados de modo a garantir a sua precisão ideológica, aquilo que constituía a “norma” daquela língua tornou-se progressivamente mais incognoscível, e qualquer texto tornou-se passível de ser lido como um “desvio”. Os secretários do Partido e os redatores de declarações do Comitê Central podiam recorrer apenas aos textos de seus pares para normalizar os seus próprios. Como resultado, entre o fim dos anos 1950 e o início dos anos 1960 este discurso tornou-se cada vez mais normalizado, e os textos escritos nele passaram a soar como trechos de um único texto. As declarações e os documentos do partido escritos pelo Comitê Central eram submetidos a um processo interminável de edição a portas fechadas, que tinha como objetivo produzir textos que minimizassem as marcas subjetivas de seu autor e que fossem preferivelmente idênticos em estilo e estrutura a textos anteriormente escritos por outros autores; isto levou ao progressivo estabelecimento do caráter uniforme, anônimo e previsível da língua autoritária.⁶¹

Além disso, a nova norma discursiva adquiriu um padrão linguístico particular:

(...) tornou-se mais importante reproduzir a forma precisa das representações ideológicas do que aderir aos seus significados constativos (isto é, como eles afirmavam fatos e descreviam o mundo e a veracidade destas afirmações e descrições). Em outras palavras, a dimensão performativa⁶² do discurso autoritário passou a desempenhar um papel muito maior do que a sua dimensão constativa.⁶³

Em conjunto com outros fatores supracitados, estes processos levaram à alienação do público soviético, que pode ser ilustrada pela forma com que os cidadãos comuns se relacionavam com rituais oficiais públicos:

(...) sabe-se que durante o período entre os anos 1960 e 1980, a esmagadora maioria da população soviética participava das paradas do Primeiro de maio e

⁶¹ Ibid., p. 47.

⁶² Os enunciados *constativos* e *performativos* são definidos por John Langshaw Austin do seguinte modo: “enunciados *constativos* são aqueles que descrevem ou relatam um estado de coisas, e que, por isso, se submetem ao critério de verificabilidade, isto é, podem ser rotulados de verdadeiros ou falsos. Na prática, são os enunciados comumente denominados de afirmações, descrições ou relatos; enunciados *performativos* são enunciados que não descrevem, não relatam, nem constatarem absolutamente nada, e, portanto, não se submetem ao critério de verificabilidade. Mais precisamente, são enunciados que, quando proferidos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na forma afirmativa e na voz ativa, realizam uma ação. Nesse sentido, dizer algo é fazer algo. Com efeito, dizer, por exemplo, ‘Declaro aberta a sessão’ não é informar sobre a abertura da sessão, é abrir a sessão”. (SILVA, Gustavo Adolfo da. *Teoria dos atos de fala*. 2005).

⁶³ YURCHAK, 2005, op. cit., p. 37.

do Dia da Revolução em suas cidades. A apoteose destas paradas era a caminhada pela praça central da cidade, ante os líderes locais do partido, que subiam em uma plataforma elevada e acenavam às massas em marcha. O povo aplaudia os slogans oficiais que eram declamados através de alto-falantes, e o estrondoso som produzido por esses milhares de pessoas soava impressionante e unânime. De acordo com os jornais soviéticos da época, estes eventos massivos "demonstra[va]m convincentemente a união indissolúvel entre o partido o povo..." (*Pravda*, 2 de maio de 1981). Na prática, contudo, a maior parte das pessoas presentes nas paradas dava pouca atenção aos slogans, e muitos não sabiam exatamente quem eram as figuras retratadas nos retratos de membros do *Politburo* que carregavam.

A pouca atenção dada pelas pessoas aos significados literais destes atos e pronunciamentos ritualizados indica a perda de autoridade por parte do discurso oficial como representação viável do mundo⁶⁴. Desse modo, as possibilidades expressivas tornaram-se progressivamente mais limitadas, o discurso entrou em colapso e o campo cultural oficial, padronizado ao extremo e repleto de detritos discursivos tornou-se incapaz de produzir uma realidade substituta convincente. É precisamente essa esfera cultural – aquilo que Dobrenko denomina Realismo Socialista – o alvo da sátira contida em *Moskvá–Petuchki*.

Cabe dizer que o romance de Eroféiev é, em seu nível mais fundamental, uma paródia de *Viagem de São Petersburgo a Moscou*, livro em que Aleksandr Radíchtchev denuncia as aflições sociais da Rússia de Catarina. No texto, publicado em 1790 e considerado o predecessor da literatura subversiva escrita na Rússia nos séculos XIX e XX, Radíchtchev descreve uma viagem imaginária entre as duas maiores cidades do país, observando, em cada parada, problemas relacionados à escravidão, à estrutura social, à liberdade e à governança. Em *Moskvá–Petuchki*, contudo, o olhar de Viénitchka é dirigido ao interior do trem, pois é lá que se encerram as representações da realidade artificial, do mundo da cultura hegemônica. Deve-se notar ainda que a crítica social em *Moskvá–Petuchki* é muito menos explícita do que aquela presente em *Viagem de São Petersburgo a Moscou*, e que as escalas são reduzidas no romance de Eroféiev. Se Radíchtchev viaja mais de seiscentos quilômetros entre as grandes capitais russas, Viénitchka planeja percorrer aproximadamente a sexta parte dessa distância para alcançar um local inteiramente irrelevante. A abreviação das distâncias relaciona-se com a contração e o “fim da perspectiva”⁶⁵ do mundo soviético. Como aponta Bykov,

⁶⁴ KOMAROMI, 2015, op. cit.

⁶⁵ Em seu poema *O fim de uma bela era* (*Конец прекрасной эпохи*), de 1969, Iósif Brodski escreveu sobre a contração dos horizontes soviéticos, o desencanto da sociedade e a impossibilidade de articular uma visão de mundo positiva na era da estagnação: “mas o mundo expandido deve se estreitar em algum lugar, e aqui – aqui temos o fim da perspectiva” (“но раздвинутый мир должен где-то сужаться, и тут

Eroféiev “entendeu a terrível contração das escalas, a horrível redução. O principal trem da literatura russa é aquele sob o qual se lança Anna Kariênina, e o principal trem da literatura soviética é a *elektrítkha* na qual viaja Viénitchka”.⁶⁶

*

Dmitri Bykov⁶⁷ argumenta que todas as narrativas odisséicas são marcadas por três características principais – a definição cartográfica do mundo, a impossibilidade de retorno e a mudança do estilo narrativo no momento do contato com um “outro mundo” – e duas menores: a presença de um Telêmaco (figura filial) e uma tentativa de construção de mundo.

Em *Almas Mortas*, Nikolai Gógol escreveu a primeira *Odisséia* russa, alguns anos antes do aparecimento da *Iliada* escrita por Liev Tolstói em *Guerra e Paz*. Além do subtítulo *poema*⁶⁸, *Moskvá–Petuchki* compartilha com o livro de Gógol outros dos requisitos definidos por Bykov para a constituição de um romance odisséico: a topografia soviética dos anos 1970 é claramente definida ao longo do percurso ferroviário e torna-se um dos elementos fundamentais do livro; o estilo narrativo é alterado no momento em que o protagonista Viénitchka entra em contato com *outro mundo*, ou seja, troca acidentalmente de trem; os protótipos de Telêmaco existem na figura do “petiz” e em Vadim Tíkhonov, o seu “primogênito”; Viénitchka não pode retornar ao seu lar, ou seja, um campo cultural vivo; e há uma tentativa de construção de um mundo alternativo àquele produzido pela cultura realista socialista. Focaremos nossa atenção nestes dois últimos elementos.

No romance, Viénitchka se vê preso em um “mundo atrás do espelho”: ele viaja em direção a Petuchki em uma *elektrítkha* – principal meio de transporte da Rússia soviética e um de seus símbolos mais destacados –, espaço estreito a partir do qual é incapaz de ver qualquer coisa além da chuva e de imagens vagas através das janelas. Neste espaço, carregado de imagens e fragmentos discursivos originários da cultura

- / тут конец перспективы”). (BRODSKI, Iósif. *Конец прекрасной эпохи: Стихотворения 1964—1971* (*O fim de uma bela era: Poemas 1964 – 1971*). Ann Arbor: Ardis, 1977).

⁶⁶ BYKOV, Dmitri. «*Москва-Петушки*»: новая русская одиссея? Дилетанты - Эхо Москвы (“*Moskvá–Petuchki*”: a nova odisseia russa?). Dilettantes – Rádio Eco de Moscou). 10 de dezembro de 2015. (2015b).

⁶⁷ BYKOV, 2015a, op. cit.

⁶⁸ O termo russo поэма corresponde ao poema épico ou longo. Todavia, a palavra também pode se referir aos poemas em prosa compostos por autores russos a partir do Romantismo. O *poema* mais conhecido é precisamente *Almas mortas*.

oficial, qualquer realidade alternativa não lhe é acessível. O impulso autônomo de Viénitchka o leva a carnavalizar o discurso hegemônico, em uma tentativa de se libertar deste reduzido espaço cinzento. A paródia expõe o caráter insubstancial da cultura oficial e, por consequência, a falsidade da hipóstase partidária. Para melhor compreender esse procedimento, devemos examinar a construção da paródia no romance.

*

A investigação dos procedimentos paródicos empregados por Eroféiev deve abranger algumas definições fundamentais dos conceitos de *dialogismo* e *carnaval*, que foram sistematizados por Mikhail Bakhtin. Ao longo de sua obra, Bakhtin demonstra grande interesse no *romance*, como um espaço de diferença. Lá, personagens de diferentes origens e castas sociais, donas de ideias, sensibilidades e motivações variadas, que se expressam através de registros linguísticos distintos, convivem e interagem. O romance não representa uma simplificação, homogeneização ou simples resolução dessas diferenças, mas um amálgama complexo, um retrato dinâmico da forma como esses elementos entram em contato.

Desde os anos 1920, quando publicou *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin focava na presença de múltiplas vozes em uma mesma obra. Na época, ele declarou Dostoiévski o criador do *romance polifônico* – no qual as diversas personagens não são meros canais para a expressão do ponto de vista do autor, mas possuem vozes distintas e igualmente relevantes, dialogando entre si. Em poucas palavras, o termo *dialogismo* descreve o conceito de que diferentes ideias e pessoas podem interagir sem que, necessariamente, uma delas sobrepuje a outra.

Nas décadas seguintes, o crítico desenvolveria estas ideias, concluindo que este diálogo estava presente em muitos romances anteriores a Dostoiévski, e que, de fato, culturas inteiras poderiam ser dialógicas. Apontando uma dicotomia, Bakhtin se posicionava claramente em defesa do dialógico, do popular e do grotesco, em oposição àquilo que era monológico, oficial e de tendência clássica. Uma cultura clássica seria estática e ordenada, e em sua perfeição não restaria qualquer espaço para mudança, dinamismo e evolução. Este questionamento (dialógico) do dogma (monológico) demonstrava o posicionamento político de Bakhtin.

De forma concomitante, o conceito de *heteroglossia* consiste na coexistência de diferentes línguas dentro de uma mesma língua, na interseção de diferentes registros e dialetos. De acordo com Bakhtin, uma das características diferenciadoras do romance como forma seria o embate entre os vários discursos (e tipos de discurso) em seu interior – algo que não seria possível, por exemplo, em um poema épico.

Já o conceito de *carnaval* ou *carnavalesco* refere-se a uma forma expressiva – não necessariamente artística, de acordo com Bakhtin, mas existente no limiar entre a vida e a arte – intimamente ligada ao *humor popular*, e que subverte as relações e normas sociais estabelecidas através do riso, da festa e da desordem. O pensador russo descreve tais fenômenos ao analisar a obra de Rabelais.

De acordo com Bakhtin, as formas cômicas teriam sido marginalizadas após o estabelecimento da sociedade de classes, deixando o palco “oficial” para irem se desenvolver na cultura popular. O humor popular, portanto, passou a ser uma forma de contestação ao sisudo mundo oficial – os rituais baseados no riso criavam uma alternativa (completamente oposta) à realidade dogmática e opressora do cotidiano, particularmente durante a Idade Média. Ao contrário dos rituais oficiais, que serviam apenas para reforçar o caráter conservador, moralista e hierarquizado da sociedade, os rituais de carnaval constituíam uma “segunda vida”, uma existência festiva, livre das regras clericais, e que suspendia temporariamente a rígida hierarquia social. Na formulação de Bakhtin:

O carnaval é uma grandiosa cosmovisão *universalmente popular* dos milênios passados. Essa cosmovisão, que liberta do medo, aproxima ao máximo o mundo do homem e o homem do homem (tudo é trazido para a zona do contato familiar livre), com o seu contentamento com as mudanças e sua alegre relatividade, opõe-se somente à seriedade oficial unilateral e sombria, gerada pelo medo, dogmática, hostil aos processos de formação e à mudança, tendente a absolutizar um dado estado da existência e do sistema social.⁶⁹

A anulação – ainda que temporária – da estratificação social era extremamente significativa. A oportunidade de estabelecer relações puramente humanas conferia ao carnaval um caráter de renovação e mudança. Do mesmo modo, os banquetes realizados durante estes rituais não eram simples comilanças, mas ganhavam contornos mais profundos, espirituais e filosóficos; eles estavam, além disso, ligados ao conceito de *tempo*, a momentos de crise, mudança e renovação:

⁶⁹ BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

[A] literatura carnavalesca ocupa-se do presente e não do passado mítico; não exalta a tradição, mas critica-a e opta pela experiência e pela livre intervenção; constrói uma pluralidade intencional de estilos e vozes (misturando o sublime e o vulgar; usa gêneros intercalares, como cartas, manuscritos encontrados, paródias de gêneros elevados, citações caricaturadas, etc.).⁷⁰

Os festivais populares, portanto, representavam uma utopia de abundância e eram símbolos de uma cultura dinâmica, que comportava pontos de vista diversos, na qual a oficialidade era questionada. Palhaços e bobos caminhavam na fronteira entre esses dois mundos – o real e o ideal –, representando o espírito carnavalesco no dia-a-dia.

A comunicação nestes espaços exigia uma nova linguagem, livre das normas de etiqueta habituais. Dessa forma, estabelecia-se um novo sistema linguístico, objetivo e móbil, marcado pela linguagem vulgar, pelos insultos e por todo tipo de paródia e farsa. As formas discursivas excluídas do trato oficial ganhavam espaço aqui. Ao contrário das formas de paródia modernas, contudo, a paródia carnavalesca não é negativa: ela é universal e ambivalente – todos podem rir e ser alvos do riso, até mesmo o divino – e busca a renovação, ao invés da simples destruição.

Bakhtin apontou ainda para os retratos grotescos do corpo humano traçados por Rabelais. Essas imagens extremamente exageradas, caóticas e desproporcionais – cercadas pela comilança, bebedeira, excreção e fornicção – teriam origem na cultura do humor popular. Elas seriam, ainda, positivas e universalizantes, estando associadas à ideia de um *corpo coletivo ancestral*; elas remetiam à totalidade humana – em eterno crescimento e renovação –, não possuindo o caráter fisiológico e individualizado a que seriam associadas na modernidade. O corpo grotesco não era cindido do mundo exterior, e assim era capaz de ultrapassar os seus próprios limites. É por essa razão que os seus orifícios – aberturas ao mundo, que permitem o banquete, o ato sexual, o parto, etc – têm tamanho destaque.

O grotesco era centrado no princípio da *degradação*, a transferência daquilo que era elevado, espiritual e abstrato ao nível material, terreno e corpóreo. Ele também se relacionava ao *tempo*: inicialmente, as imagens grotescas remetem ao tempo cíclico (nascimento e morte); já durante o Renascimento, passam a retratar os processos históricos.

⁷⁰ FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 98.

O riso carnavalizante, portanto, “dessacraliza e relativiza os discursos de poder, mostrando-os como um entre muitos e, assim, demole o unilinguismo fechado e impermeável dos discursos que erigem como valores a seriedade e a imutabilidade, os discursos oficiais, da ordem e da hierarquia”.⁷¹

Boris Groys, no entanto, vê Bakhtin como um leitor do seu próprio tempo, argumentando que as teorias do pensador russo a respeito do dialogismo e da carnavalização devem ser lidas como uma busca por refletir a cultura stalinista, e que no embate entre as culturas monológica e carnavalesca não está em jogo a democracia:

(...) Se se encontra no “monologismo” de Bakhtin, igualmente e com razão, uma metáfora para a cultura stalinista oficial, o carnaval não é, contudo, nenhuma “alternativa democrática” àquela, conquanto seu lado irracional e destrutivo. A descrição de Bakhtin do carnaval lembra acima de tudo a atmosfera dos processos espetaculosos stalinistas com seus incríveis “coroamentos e destronamentos”.⁷²

O monologismo e o dialogismo seriam, portanto, “dois aspectos concomitantes presentes na cultura stalinista oficial, como se estes princípios descrevessem com precisão a realidade interior desta própria cultura”⁷³. Deste modo, o obverso carnavalesco da cultura monológica autoritária não constituiria um espaço democrático. Em *Moskvá–Petuchki*, como veremos adiante, ambos os aspectos da cultura soviética são rejeitados por Eroféiev no final do romance. Antes, vamos examinar alguns elementos da cultura oficial que são carnavalizados na primeira parte do livro.

*

Bykov aponta que a “cacofonia infinitamente triste”⁷⁴ composta por Eroféiev possui cinco camadas linguísticas: a primeira é constituída de citações bíblicas, a segunda de clássicos da literatura, a terceira da literatura soviética, a quarta do léxico jornalístico relativo à política, e a quinta de elementos folclóricos. De acordo com ele:

Ulisses não navega apenas pelo Mar Egeu, mas através de toda a mitologia grega; Don Quixote não transita apenas pela Espanha, mas por toda a

⁷¹ FIORIN, 2016, op. cit., p. 97.

⁷² GROYS, Boris. *Introduction to Antiphilosophy*. Verso, 2012.

⁷³ PHILIPSON, Gabriel Salvi. *O cômico do Fausto de Goethe em O Mestre e Margarida de Bulgákov*. São Carlos: Revista Ipseitas, 2015.

⁷⁴ BYKOV, Dmitri. *Один - Эхо Москвы* (*Odin – Rádio Eco de Moscou*), 3 de julho de 2015.

literatura de cavalaria. Viénitchka não viaja apenas pela Rússia, mas pela vodka e, naturalmente, pela (...) língua russa.⁷⁵

Para os nossos fins, as camadas linguísticas mais relevantes do romance são aquelas diretamente ligadas à cultura oficial soviética, ou seja, as relacionadas à literatura e à publicística. Alguns dos elementos fundamentais dessa cultura são apontados por Katerina Clark. A autora define, por exemplo, o “enredo mestre” – projetado sobre o romance realista socialista e a cultura soviética como um todo – como uma diretriz que modela a obra de arte como “uma espécie de parábola do desenvolvimento do marxismo-leninismo na história”, e a vida do herói positivo que a protagoniza como uma “recapitulação simbólica dos estágios do progresso histórico como descritos na teoria marxista-leninista”⁷⁶. Portanto, o modelo leninista de desenvolvimento histórico – marcado pela dicotomia entre *espontaneidade* e *consciência*, e pelo eventual triunfo deste sobre aquele – é refletido pela literatura realista socialista: o herói é uma figura modesta cujo apoio ao socialismo é inicialmente intuitivo, mas que adquire um nível mais elevado de consciência através da intervenção de um indivíduo mais experiente ou de uma interação epifânica com Stalin. Essa dinâmica, por sinal, exemplifica as relações fraternais e paternais estabelecidas na sociedade soviética: até a primeira metade da década de 1930, os cidadãos eram encorajados a buscar “irmãos” em seus conterrâneos; depois disso, o foco passou para a busca de “pais” em figuras de autoridade.

Clark menciona diversos outros elementos enaltecidos na cultura soviética. O positivismo carregado de fatos e estatísticas, central no período entre a Revolução e o início da década de 1930, e caracterizado pela preocupação com o progresso tecnológico e o caráter científico do socialismo; o misticismo que substituiu esse positivismo e apresentava o Kremlin como uma espécie de *escada de Jacó*, uma conexão entre o plano terreno e um mundo sobrenatural; os *stakhanovitas*, trabalhadores que, inspirados nos feitos de Aleksei Stakhánov – que supostamente minerou 102 toneladas de carvão em menos de seis horas –, passaram a romper todos os recordes de produção a partir de meados dos anos 1930; os aviadores e exploradores polares, descritos como figuras heroicas, capazes de alcançar os pontos mais altos do globo, cujo lema “mais e mais alto!” (всѣ выше!), imortalizado na *Marcha dos aviadores*, tornou-se

⁷⁵ Дилетант (Diletante), nº11, novembro de 2015.

⁷⁶ CLARK, Katerina. *The Soviet novel: history as ritual*. Bloomington: Indiana University Press, 1981, p. 10-11.

o mote da época; e também o ideal do ousado *bogatyř* (“ousadia” tornou-se uma palavra chave no léxico juvenil-romântico dos membros da *Komsomol*), personagem dono de capacidades sobre-humanas com origem nos contos populares da tradição oral e associado na cultura soviética a Stalin.

Todos esse elementos figuram no romance de Eroféiev. Por exemplo, a dicotomia entre *espontaneidade* e *consciência* se dá, evidentemente, em relação ao alcoolismo do protagonista – que se declara “mais sóbrio do que qualquer outro nesse mundo”⁷⁷ –, ao seu papel como “pequeno príncipe”⁷⁸ – cujo dever é esclarecer os seus colegas de trabalho –, e como figura paterna de Vadim Tíkhonov; as estatísticas surgem sob a forma dos gráficos de consumo alcoólico⁷⁹; o Kremlin parece exercer forças sobrenaturais de repulsão e atração sobre Viénitchka; Aleksei Stakhánov surge como um bêbado que não para de urinar e defecar⁸⁰; e as distâncias percorridas pelo explorador polar Ivan Papánin e pelo aviador Mikhail Vodopiánov são descritas em cuspidelas⁸¹.

No intuito de melhor situar a nossa análise, vamos mapear a origem textual de trechos do romance. Essas passagens intertextuais serão divididas em três categorias temáticas – os *clichês propagandísticos*, a *tradição literária* e o *poder soviético* – para fins de organização.

Clichês propagandísticos

Em seu exame da China da década de 1950, o psiquiatra Robert Jay Lifton explorou a forma com que clichês podem ser usados para inibir a dissidência em sociedades totalitárias:

A língua do ambiente totalitário é caracterizada pelo clichê que acaba com o pensamento. As mais amplas e complexas questões humanas são comprimidas em frases breves, altamente reducionistas, de aspecto definitivo, de fácil memorização e expressão. Elas tornam-se o início e o fim de quaisquer análises ideológicas. (...) A linguagem totalitária é, portanto, centrada de forma repetitiva em torno de jargões universais, prematuramente abstrata, altamente categórica, implacavelmente crítica e, para qualquer um que não seja um de seus partidários mais devotados, mortalmente enfadonha: na formulação de Lionel Trilling, é “a língua do não-pensamento”.⁸²

⁷⁷ Página 174.

⁷⁸ Página 84.

⁷⁹ Página 85.

⁸⁰ Página 160.

⁸¹ Página 160.

⁸² LIFTON, Robert J. *Thought Reform and the Psychology of Totalism: A Study of Brainwashing in China*. Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 1989., p. 429.

Em seu livro sobre o julgamento de Adolf Eichmann, Hannah Arendt descreve um homem de tal modo habituado a lançar mão de clichês e lugares-comuns para justificar o papel que havia desempenhado no genocídio judaico durante a Segunda Guerra Mundial que havia se tornado incapaz de articular a realidade:

(...) eles pensaram que o vazio era fingido, e que o acusado queria encobrir outros pensamentos que, embora hediondos, não seriam vazios. Essa idéia parece ter sido refutada pela incrível coerência com que Eichmann, apesar de sua má memória, repetia palavra por palavra as mesmas frases feitas e clichês semi-inventados (quando conseguia fazer uma frase própria, ele a repetia até transformá-la em clichê) toda vez que se referia a um incidente ou acontecimento que achava importante. Quer estivesse escrevendo suas memórias na Argentina ou em Jerusalém, quer falando com o interrogador policial ou com a corte, o que ele dizia era sempre a mesma coisa, expressa com as mesmas palavras. Quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar, ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa. Não era possível nenhuma comunicação com ele, não porque mentia, mas porque se cercava do mais confiável de todos os guarda-costas contra as palavras e a presença de outros, e portanto contra a realidade enquanto tal.⁸³

Em *A Vida do Espírito*, livro publicado postumamente, Arendt adicionou:

(...) quando confrontado com situações para as quais não havia procedimentos de rotina, [Eichmann] parecia indefeso e seus clichês produziam, na tribuna, como já haviam evidentemente produzido em sua vida funcional, uma espécie de comédia macabra. Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm a função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência de atenção do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência.⁸⁴

Na propaganda soviética, assim como nos casos supracitados, os clichês eram usados de modo a reduzir os horizontes linguísticos e, por conseguinte, limitar as possibilidades de articulação de ideias. Os chavões estabelecidos pelo discurso oficial e repetidos à exaustão pela publicística tornaram-se um dos alvos mais destacados da paródia de Eroféiev.

Muitos dos clichês amplamente presentes na cultura oficial soviética são citados diretamente, sendo apenas levemente modificados ou descontextualizados por Eroféiev. Ao descrever o seu momento de sucesso como chefe da equipe de instalação de cabos,

⁸³ ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 62.

⁸⁴ ARENDT, Hannah. *A Vida do Espírito*. Tradução de Antônio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991, p. 6.

por exemplo, Viénitchka exclama: “Oh, a liberdade e a igualdade! Oh, a fraternidade e o parasitismo social!”⁸⁵. Em outra cena, ele deseja fazer “com que se enlutassem todos os palácios e choupanas”⁸⁶. Trata-se, evidentemente, da deformação de lemas da Revolução Francesa – “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” e “Paz às choupanas, guerra aos palácios” – que haviam sido adotados pelo Partido. Já ao tentar justificar a sua incapacidade de urinar na presença dos seus vizinhos, Viénitchka menciona “os votos nas Colinas dos Pardais”⁸⁷ que, na mitologia soviética, representavam o espírito do revolucionário russo, capaz desde a infância de oferecer a própria vida na luta contra a autocracia⁸⁸.

Na cena do restaurante da Estação de Kursk, encontramos a melodramática lamentação de Viénitchka acerca do tratamento dispensado ao indivíduo com ressaca, na qual o protagonista idealiza um mundo desprovido de “entusiastas”⁸⁹. Encontramos exemplos da celebração propagandística à figura do “entusiasta” nas artes e na publicística: a *Marcha dos Entusiastas*, escrita por Anatoli D'Aktil em 1936, glorificava a URSS como o “país dos heróis, país dos visionários, país dos cientistas”; os jornais do fim dos anos 1960 traziam manchetes como: “Dezenas de milhares de entusiastas” (*Izvestia*, 24/12/1969); “Entusiastas da cultura” (*Pravda*, 05/09/1969); “Entusiastas da criação técnica” (*Pravda*, 24/09/1969); em um livro extremamente popular entre os membros do partido, temos: “O entusiasmo da classe trabalhadora teve um efeito moral na massa campesina trabalhadora que iniciava a construção dos *kolkhoz*. O entusiasmo era particularmente grande entre os jovens”⁹⁰. Viktor Nekrássov, integrante do meio literário oficial soviético até a morte de Stalin, e mais tarde um dissidente, escreveu: “A disciplina [soviética] é construída com base no medo... E quanto ao entusiasmo? Lembrem-se dos anos vinte. As pessoas abriram mão de tudo, deixaram as suas casas (...) Não há qualquer entusiasmo há muito tempo. Apenas nos artigos de jornal”.⁹¹

Ao tentar explicar a sua solidão, Viénitchka busca “alguma analogia para isso no mundo do *belo*”⁹², fazendo referência não apenas ao sublime universo alcoólico, mas também à nomenclatura convencional de colunas culturais de jornais e revistas. Nos anos 1960, o popular jornal *Юность* (*Juventude*) publicava uma coluna chamada “Uma

⁸⁵ Página 84.

⁸⁶ Página 165.

⁸⁷ Página 81.

⁸⁸ Ver nota sobre *Herzen, Aleksandr* no Glossário

⁸⁹ Página 71.

⁹⁰ *A história do PCUS*. Moscou: Editora estatal de literatura política, 1963.

⁹¹ NEKRÁSSOV, Viktor. *Взгляд и нечто*. Moscou: Вагриус, 2003.

⁹² Página 100.

janela ao mundo do belo”. De modo semelhante, ao controlar a ânsia de vômito, o protagonista exclama: “Eu respeito a natureza, seria indelicado devolver a ela as suas oferendas”. O nome “oferendas da natureza” era comumente associado a mercados soviéticos que vendiam frutas e verduras.

O léxico jornalístico é utilizado na composição humorística de diversas cenas: a expressão “ira e indignação”⁹³, usada pelo inspetor Semiónitch, era característica das críticas feitas às intervenções imperialistas do governo dos EUA em territórios estrangeiros, como nos seguintes exemplos de manchetes que encabeçavam artigos a respeito da destruição de vilas vietnamitas por forças militares norte-americanas: “Ira e indignação” (*Izvestiya*, 29/11/1969; *Pravda*, 10/12/1969), “A ira e a indignação da comunidade internacional” (*Pravda*, 02/12/1969). Já as “estrelas-guia” que “estão definhando”⁹⁴ fazem referência ao termo usado pela imprensa soviética para tratar do legado ideológico de Lenin às vésperas do centenário do seu nascimento: “A estrela-guia dos povos oprimidos” (*Pravda*, 06/10/1969), “Estrela-guia” (*Izvestiya*, 07/11/1969).

Na Estação de Kursk, o protagonista pede que lhe mostrem “um cantinho onde nem sempre há lugar para atos heroicos”⁹⁵ e acaba se vendo diante da “face brutal da existência”⁹⁶. Podemos detectar aqui a presença de duas frases padrão: “Na vida sempre há lugar para atos heróicos”, frase originalmente escrita por Maksim Górkí no conto *A velha Izerguñ*, e a “face brutal do capitalismo”, chavão usado no discurso oficial para descrever as mazelas das sociedades ocidentais. Além dos “atos heroicos”, a “ousadia” era constantemente encorajada na cultura soviética, fato que não passou despercebido por Eroféiev: “Desde a tenra infância, desde os meus primeiros anos, minha palavra favorita é ‘ousadia’, e – Deus seja testemunha – como eu ousei!”⁹⁷.

Após ser expulso do restaurante, Viénitchka lamenta o inexpressível percurso entre o restaurante e o trem, lembrando que tais eventos “não devem se repetir”⁹⁸ e apelando a “todas as pessoas de boa vontade”⁹⁹. Essas são referências a frases ligadas, no imaginário soviético, ao fim da Segunda Guerra Mundial: a primeira tem origem na tradução russa da inscrição no Memorial da Paz de Hiroshima: “Descansem em paz.

⁹³ Página 141.

⁹⁴ Página 175.

⁹⁵ Página 72.

⁹⁶ Página 72.

⁹⁷ Página 102.

⁹⁸ Página 72.

⁹⁹ Página 72.

Este erro não será repetido”, e é habitualmente pronunciada na Rússia em 9 de março, o Dia da Vitória, para trazer à lembrança os horrores do fascismo. A segunda faz referência ao “Apelo de Estocolmo”, um manifesto pacifista e contrário à proliferação de armas nucleares, lançado em março de 1950, contendo o pedido: “Nós apelamos a todos os homens de boa vontade em todo o mundo a assinar este apelo”. O documento foi supostamente assinado por mais de duzentos milhões de pessoas, incluindo toda a população adulta da URSS.

Na cena da descrição das receitas de coquetéis caseiros, mais um lema soviético é parodiado: “Não podemos esperar favores da natureza. Para obtê-los, é preciso, obviamente, conhecer as suas receitas exatas”¹⁰⁰. A expressão “favores da natureza” tem origem na famosa máxima do biólogo Ivan Mitchúrin, que obteve grande sucesso na seleção de novas variedades de vegetais, representando o cientificismo característico da primeira fase soviética: “Nós não podemos esperar favores da natureza! É preciso tomá-los dela, essa é a nossa tarefa!”.

O procedimento paródico de Eroféiev não consiste apenas na citação direta de frases feitas, mas também na alusão indireta a elas. No lado de fora da Estação de Kursk, por exemplo, Viénitchka imagina que os pedestres ao seu redor planejam esculpir uma escultura à sua imagem, “para a edificação dos povos antigos”¹⁰¹. Na frase, “povos antigos” substitui o clichê “gerações futuras”. Do mesmo modo, o posicionamento do poder soviético com relação às sociedades ocidentais é aludido na descrição feita por Viénitchka de um indivíduo capitalista: “Vocês podem imaginar como são os olhos do lado de lá, onde tudo se vende e de tudo se compra: olhos profundamente obscuros, sempre à espreita, predadores e aterrorizados... A inflação, o desemprego, a miséria... As pessoas olham com desconfiança, com incessante preocupação e sofrimento”¹⁰².

A hipótese soviética acerca das sociedades capitalistas continua a ser exposta na narrativa de Viénitchka sobre a sua viagem aos Estados Unidos. O relato – evidentemente imaginário e fantástico, dado que tal experiência não era acessível ao cidadão soviético médio – é inteiramente construído com base nos estereótipos relativos ao país norte-americano disseminados na cultura soviética. Quando Viénitchka afirma:

¹⁰⁰ Página 107.

¹⁰¹ Página 73.

¹⁰² Página 77.

“Estive nos Estados Unidos! E não vi nem sombra de negro”¹⁰³, constrói-se a paródia da intensa propaganda feita pelo Partido a respeito da ausência de direitos civis para negros nos EUA. Na época da escrita do romance, os jornais soviéticos noticiavam regularmente as atividades do Movimento Negro norte-americano: “Protestos em massa da população negra dos EUA” (*Pravda*, 04/09/1969). De fato, Eroféiev evidencia a fonte de inspiração deste relato ao imitar o estilo “epistolar” dos jornalistas soviéticos que trabalhavam no exterior¹⁰⁴. A qualificação do povo norte-americano como “ideólogos do monopólio” e “marionetes do complexo militar-industrial”¹⁰⁵ também tem origem em formulações típicas da mídia impressa: “A política do monopólio leva ao aumento do desemprego” (*Pravda*, 02/02/1969), “[Os comunistas dos EUA] apoiam ativamente a luta da classe operária e dos sindicatos, da população negra e da juventude pelos seus interesses e contra a opressão e a dominação do monopólio” (*Pravda*, 01/09/1969); “A farsa das marionetes” (*Izvestiya*, 05/05/1967), “A intoxicação militarista das marionetes de Seul” (*Pravda*, 12/11/1969).

Clichês otimistas, como os relativos ao aperfeiçoamento constante da sociedade soviética e ao surgimento de uma geração de jovens capazes de levar a cabo a construção do comunismo, também são questionados: “Que seja luminoso o seu dia de hoje. Que seja ainda mais luminoso o seu amanhã (...) Meu amanhã é luminoso. Sim. Nosso amanhã é mais luminoso do que nosso ontem e do que nosso hoje. Mas quem pode garantir que o nosso depois de amanhã não vai ser pior que o nosso antes de ontem?”¹⁰⁶; “eu desprezo a geração que se segue à minha. Ela desperta em mim nojo e horror. Maksim Górkí não tecerá loas em homenagem a ela, nem pensar”¹⁰⁷.

Tradição literária

A literatura russa parodiada em *Moskvá–Petuchki* pertencia quase inteiramente ao programa escolar soviético, e deste modo poderia ser facilmente reconhecida pelo cidadão soviético médio. Há diversas referências no romance à morte de Púchkin, o que

¹⁰³ Página 133.

¹⁰⁴ No final de 1969, o jornal *Pravda* publicou uma série de artigos contendo as notas de viagem de Borís Strélnikov e Iliá Chatunovski, jornalistas que repetiram o trajeto percorrido em 1935 pelos escritores satíricos Iliá Ilf e Evgueni Petrov nos EUA. De modo semelhante ao que Viénitchka relata a sua caminhada pelo Harlem, Strélnikov e Chatunovski fazem descrições pessoais e carregadas de reflexão das suas expedições por áreas pobres do país.

¹⁰⁵ Página 134.

¹⁰⁶ Página 90.

¹⁰⁷ Página 103.

pode sugerir que a literatura russa fundada por ele havia se tornado uma massa morta ao ser reimaginada como a literatura realista-socialista.

A obra de Púchkin, figura central da literatura russa – o “nosso tudo” –, é aludida por Eroféiev em diversas passagens. Na nota do autor¹⁰⁸ que precede o romance, podemos identificar elementos do comentário escrito por Púchkin em Evguêni Onêguin:

As estrofes faltantes deram motivo, mais de uma vez, à censura e ao escárnio (por sinal, de modo completamente justo e sagaz). O autor reconhece abertamente ter removido do romance todo um capítulo, no qual era descrita a viagem de Onêguin pela Rússia. Era dele a opção de indicar essa omissão através de pontos ou da numeração; mas de modo a evitar a tentação ele decidiu que seria melhor alterar a numeração do último capítulo de Evguêni Onêguin de nove para oito, e sacrificar uma das estrofes finais.

. As citações a Onêguin continuam nas falas dos interlocutores de Viénitchka: o sujeito do bigode preto diz: “Evguêni Onêguin, ao visitar os Lárin, não bebeu nada além de suco de mirtilo, e mesmo assim teve diarreia”, fazendo referência à cena do romance de Púchkin na qual Onêguin e Leskin almoçam na casa dos Lárin, e Evguêni sente-se indisposto:

Pires de doces são trazidos,
Sobre a mesinha, o manto oleado,
E em jarra sumo mirtilado
(...)
Temo que a água de mirtilo
Me deixe lá meio intranquilo.¹⁰⁹

Em outra cena de *Moskvá–Petuchki*, Dária, a mulher de triste destino, descreve o seu relacionamento com Evtiúchkin, e relata as palavras do ex-amante: “O meu maravilhoso olhar te faz languescer? (...) Na tua alma a minha voz ressoa?”¹¹⁰, fazendo eco à carta enviada por Tatiana Lárin a Onêguin:

Foste presente em sonho meu,
Sem ver-te, eu te dei valor,
Teu raro olhar me deu langor,
Tua voz soou, me estremeceu
Por tempos...¹¹¹

¹⁰⁸ Página 65.

¹⁰⁹ PUSHKIN, Alexandr. Eugênio Onegin. Tradução de Dário Moreira de Castro Alves. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 78-79.

¹¹⁰ Página 131.

¹¹¹ PUSHKIN, 2010, op. cit., p. 94.

No fim do romance, ao chegar à plataforma da Estação Petuchki, Viénitchka é acometido pela febre: “fogo e gelo – ora fogo, ora gelo – eu lhes responderia: pode ser que sim, pode ser que fosse gelo e fogo. Ou seja, primeiro o sangue esfria, mas assim que fica gelado, começa a ferver e, assim que ferve, começa a esfriar novamente”¹¹². Trata-se de uma imitação do léxico empregado por Púchkin em sua descrição do conturbado relacionamento entre Onêguin e Leskin:

E se achegaram; onda e rocha,
Poema e prosa, gelo e tocha,
Eis não diferem tanto ou mais.¹¹³

E na cena em que Tatiana rejeita Onêguin:

A vós não era novidade
Numa menina amor achar –
Sinto hoje o sangue em mim gelar
Ante o olhar frio então presente¹¹⁴

Há alusões a outras obras de Púchkin. Pouco antes de passar por Karatchárovo, quando está prestes a beber pela primeira vez em quatro horas e meia, Viénitchka exalta a própria alma, “ainda entreaberta às impressões da existência”¹¹⁵, apropriando-se das imagens sublimes presentes em dois poemas russos clássicos intitulados “O Demônio” – o primeiro foi escrito por Púchkin em 1823: “Naqueles dias, quando me eram novas / todas as impressões da existência”; o segundo foi escrito por Lérmontov entre 1829 e 1839: “E chega ele, pronto para amar, / Com a alma aberta para a bondade”.

Em um ponto posterior do livro, durante a pequena revolução separatista de Petuchki sonhada por Viénitchka, a senha utilizada pelos conspiradores é “Mas não há verdade também mais acima”¹¹⁶, referência à “pequena tragédia” *Mozart e Salieri*:

Todos dizem: não há justiça na terra.
Mas também não há justiça lá em cima.¹¹⁷

A passagem também possui semelhanças estruturais com as primeiras palavras do romance de Eroféiev: “Todos dizem: o Kremlin, o Kremlin”¹¹⁸.

¹¹² Página 171.

¹¹³ PUSHKIN, 2010, op. cit., p. 61.

¹¹⁴ Ibid., p. 229.

¹¹⁵ Página 76.

¹¹⁶ Página 146.

¹¹⁷ PÚCHKIN, A. S. *Pequenas tragédias*. Tradução de Irineu Franco Perpétuo. São Paulo: Globo, 2006.

Ivan Turguêniev, figura central na literatura russa do século XIX, enalteceu o “grandioso e poderoso” idioma russo em seu poema em prosa de 1882:

Nos dias de incerteza, nos dias de onerosas reflexões a respeito do destino da minha pátria, apenas tu és meu apoio e fundamento, oh, grandiosa, poderosa, verdadeira e livre língua russa! Sem ti, como não cair em desespero tendo em vista tudo o que acontece em nosso lar? Mas quem poderia acreditar que uma língua tal não seria dada a um povo grandioso?¹¹⁹

Viénitchka, ao se referir a momentos de crise nacional, usa o substrato lexical do poema: “Não importa o que aconteça com o meu país, nos dias de incerteza, nos dias de onerosa reflexão, nos tempos de provações e calamidades várias, esses olhos não vão piscar”¹²⁰; “como seria possível, a essa altura, não cair em desespero, como não escrever sobre o mujique, como não querer salvá-lo, como não começar a beber por conta do desespero?”¹²¹.

Outras obras de Turguêniev referenciadas são o seu ciclo de poemas em prosa (1878-1882)¹²², o seu conto *Um Ninho de Nobres* (1859)¹²³ – no qual a personagem Liza Kalitina ingressa em um convento ao receber a notícia de que a esposa do seu amado Fiódor Lavretski não está morta, como havia sido noticiado, e é vista à distância por ele –, e a novela *Primeiro Amor* (1860), cujo título e o nome de uma personagem são mencionados por um dos companheiros de viagem de Viénitchka (“Conte sobre o *Primeiro Amor*, sobre Zínotchka”¹²⁴), e onde, como no romance de Eroféiev¹²⁵, as personagens se reúnem para “discutir sobre o amor”: “Pois bem, está decidido (...) cada um de nós deve contar a história do seu primeiro amor”.

¹¹⁸ Página 66.

¹¹⁹ TURGUÊNIEV, Ivan. *Língua Russa*, 1882. Lara Ryazanova-Clarke aponta: “Turguêniev descreveu a língua russa como 'grandiosa, poderosa, verdadeira e livre'. Na cultura linguística russa contemporânea, referências às palavras de Turguêniev geralmente omitem o objeto descrito – ou seja, a língua russa. A variante encurtada da famosa frase aponta para o fato de que a expressão alcançou um nível de normalização e adquiriu o status de conhecimento inquestionável do senso comum” (RYAZANOVA-CLARKE, Lara. *The Russian Language Outside the Nation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014).

¹²⁰ Página 77.

¹²¹ Página 119.

¹²² “foram poemas em prosa, como os de Ivan Turguêniev”. Página 112.

¹²³ “Daí entro num convento e viro freira! Você virá implorando meu perdão, e eu aparecerei toda de preto, bem sedutora. E arranharei o teu focinho com a unha do dedo com que lhe faço figa! Saia de perto!”. Página 132.

¹²⁴ Página 127.

¹²⁵ “Estamos aqui como em um livro de Turguêniev: todos sentados discutindo sobre o amor (...) Vamos fazer como em Turguêniev, vamos todos contar algo”. Página 126.

Nas obras de Turguêniev, por sinal, o amor surge sempre em sua representação mais sublime e cândida, despida da lascívia característica de autores como Fiódor Tiútchev, cuja imagética inspira as descrições feitas por Viénitchka de sua amante, de “cílios ruivos e abaixados”:

Люблю глаза твои, мой друг,
С игрой их пламенно-чудесной,
Когда их приподынешь вдруг
И, словно молнией небесной,
Окинешь бегло целый круг...

Но есть сильнее очарованья:
Глаза, потупленные ниц
В минуты страстного лобзания,
И сквозь опущенных ресниц
Угрюмый, тусклый огонь желанья.
(1836)¹²⁶

Dostoiévski e Tolstói também são incluídos por Eroféiev em sua trama de citações. O primeiro – assim como Knut Hamsun¹²⁷ – informa a caracterização de Viénitchka, no início do romance, como uma figura “humilhada e ofendida”, esmagada por figuras de autoridade e que vagueia sem rumo em meio a profundas reflexões. Além disso, encontramos referências concretas a suas obras. Nos capítulos finais do romance, após perder sua maleta e ficar desorientado, Viénitchka indaga: “Prefere esclarecer uma questão ou faturar um milhão? É claro que antes é preciso esclarecer, e só então partir para o milhão”¹²⁸. Trata-se da paráfrase de uma passagem de *Os Irmãos Karamázov*:

Ivan está acima disso. Os milhares de rublos não o seduzem. Ivan não está atrás de dinheiro, nem de tranquilidade. Talvez esteja procurando um martírio (...) a alma dele é uma tempestade. A inteligência o prende. Há nele uma

¹²⁶ “Amo os seus olhos, minha amiga,
Com o seu jogo ardente e maravilhoso,
Quando você os ergue inesperadamente,
E, como um relâmpago celeste,
Vê de relance tudo ao redor...

Mas há um charme ainda maior:
Olhos caídos,
Nos momentos de osculação ardente,
E através de cílios abaixados,
A soturna e opaca chama do desejo”

(TIÚTCHEV, Fiódor. *Стихотворения*. Москва: Художественная литература, 1970. Tradução nossa.)

¹²⁷ Escritor conhecido na URSS como o “Dostoiévski noruguês”, recipiente do prêmio Nobel de 1920 e bastante popular na URSS.

¹²⁸ Página 164.

idéia grande e não resolvida. Ele é daqueles que não precisam de milhões, mas precisam resolver uma idéia.¹²⁹

Já a cena em que Viénitchka imagina qual seria a reação da aristocrata retratada no quadro de Kramskói em caso de interferência de um elemento externo¹³⁰ é análoga à seguinte passagem:

O pintor Kramskói tem um quadro magnífico chamado *O contemplador*. Representa um bosque no inverno e, numa trilha do bosque, um mujiquezinho embrenhado, metido num *caftan* esfarrapado e calçando *lapti*: está parado sozinho na mais profunda solidão, postado e como que mergulhado em meditação, só que não está pensando e sim "contemplando" algo. Se alguém o tocasse, ele estremeceria e o olharia como se tivesse despertado, mas sem compreender nada. É verdade que voltaria a si no mesmo instante, mas se alguém lhe perguntasse em que estava pensando ali postado, ele com certeza não se lembraria de nada, mas seguramente conservaria em si a impressão sob a qual se encontrava durante sua contemplação.¹³¹

Na plataforma da Estação Petuchki, um febril Viénitchka vê uma figura emergir do nevoeiro, e compara-a a Aquiles¹³². Em *Crime e Castigo*, encontramos o seguinte trecho na cena em que Svidrigáilov – acometido pela febre, por calafrios e por delírios – suicida-se:

Uma neblina láctea e densa cobria a cidade. Svidrigáilov tomou uma calçada de madeira suja, escorregadia (...) Agastado, começou a examinar as casas, tentando pensar em alguma outra coisa. Na avenida não cruzou com um único transeunte, com um só cocheiro. As casinhas de madeira em amarelo claro, com seus contraventos fechados, tinham um aspecto triste e sujo. O frio e a umidade lhe penetravam em todo o corpo, e ele começou a sentir calafrios (...) Ali ficava um prédio grande com a torre dos bombeiros. À entrada dos portões do prédio, grandes e fechados, um homem não muito alto apoiava o ombro neles, metido num casaco cinzento de soldado e com um capacete de cobre como o de Aquiles (...) Ambos, Svidrigáilov e Aquiles, ficaram algum tempo se examinando em silêncio. Por fim Aquiles achou uma violação da ordem um homem que não estivesse bêbado estar em pé a três passos dele, encarando-o e sem dizer uma palavra. (...) – Mas aqui non pode, aqui non é lugar! – Aquiles ficou agitado, arregalando cada vez mais e mais as grandes pupilas. Svidrigáilov apertou o gatilho.¹³³

¹²⁹ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Irmãos Karamázov*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.

¹³⁰ “você já viram o quadro *Sofrimento Inconsolável*, de Kramskói? Bem, é claro que já viram. Pois bem, caso um gato qualquer derrubasse naquele minuto algum – bem, algum frasco de porcelana de Sèvres – ou, suponhamos, rasgasse em pedaços um penhoar de valor incalculável, o que faria aquela princesa ou *boiárina* petrificada de dor? Ela começaria a fazer um escândalo, e a agitar as mãos?”. Página 91.

¹³¹ DOSTOIÉVSKI, 2008, op. cit.

¹³² “Do nevoeiro saiu alguém muito familiar. Não era lá um Aquiles, mas mesmo assim muito familiar”. Página 171.

¹³³ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.

Quanto a Tolstói, a famosa formulação que dá início ao seu romance *Anna Kariênina*, “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”¹³⁴ é rebaixada por Eroféiev na frase “Todas as vozes de todos os cantores são igualmente repugnantes, mas o são cada uma à sua maneira”. Outra referência ao romance de Tolstói se dá na cena em que Dária ameaça repetir o suicídio de Kariênina¹³⁵. Viénitchka, por sua vez, alega que a própria sensibilidade “arruinou a [sua] juventude, [sua] infância e adolescência”, em uma paráfrase da trilogia autobiográfica de Tolstói, *Infância* (1852), *Adolescência* (1854) e *Juventude* (1857).

Duas peças de Anton Tchékhov são citadas por Eroféiev. A primeira é *Tio Vânia*, em que Astrov diz à Sônia:

Знаете, мне кажется, что в вашем доме я не выжил бы месяца, задохнулся бы в этом воздухе... Ваш отец, который весь ушел в свою подагру и в книги, дядя Ваня со своею хандрой, ваша бабушка, наконец, ваша мачеха... (...) В человеке должно быть все прекрасно: и лицо, и одежда, и душа, и мысли. Она прекрасна, спора нет, но... ведь она только ест, спит, гуляет, чарует всех нас своею красотой - и больше ничего.¹³⁶

No Museu Britânico, Viénitchka afirma ter trocado suas meias, “pois no homem tudo deve ser belo: a alma, as ideias, a...”¹³⁷, e continua em *Petuchki*, dizendo que tudo nele treme, “a cara, as roupas, a alma e as ideias”¹³⁸.

A segunda peça de Tchékhov a ser parodiada é *As Três Irmãs*, onde encontramos o seguinte diálogo entre Macha, Irina e Olga, personagens que, incidentalmente, idealizam Moscou e se veem presas a uma vida provinciana (ao contrário do protagonista de *Moskvá–Petuchki*, que imagina a pequena *Petuchki* como um paraíso e não encontra a felicidade na capital):

¹³⁴ TOLSTÓI, Liev. *Anna Kariênina*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

¹³⁵ “Viro a bolsinha por um mês e depois me jogo embaixo do trem!”. Página 132.

¹³⁶ “Sabe, eu acho que não seria capaz de sobreviver sequer um mês na sua casa, essa atmosfera me sufocaria... O seu pai que agora só pensa em sua gota e em seus livros, o tio Vânia com a sua melancolia, a sua avó e, finalmente, a sua madrasta... (...) Tudo numa pessoa deve ser belo: o seu rosto, as suas roupas, a sua alma e as suas ideias. Ela é bela, sem dúvidas, mas... ela só come, dorme, passeia encanta a todos nós com a sua beleza e mais nada”. (TCHÉKHOV, Anton. *Пьесы*. Москва: Правда, 1978.

Tradução nossa).

¹³⁷ Página 139.

¹³⁸ Página 172.

MACHA: (...) E nós ficaremos sozinhas, e recomeçaremos a vida. É preciso viver... É preciso viver...

IRINA: (...) Chegará o dia em que todos saberemos o porquê de tudo isso, por que todo esse sofrimento, e então não haverá mais mistério... Porém, até então temos de viver e trabalhar. Trabalhar sempre! (...)

OLGA: (...) Oh, queridas irmãzinhas, a nossa vida ainda não chegou ao fim. Viveremos!

Viénitchka, por sua vez, diz que a vida “não tem nada de entediante, e exclama: “agora é preciso viver e viver!”¹³⁹.

Na cena onde são descritas receitas de coquetéis, uma passagem do romance socialista-realista *Assim foi temperado o aço*, de Nikolai Ostrovski, é citada:

O mais precioso que o homem possui é a vida. Ele a recebe uma só vez e deve vivê-la de forma que não sinta uma dor torturante pelos anos passados em vão, para que não o queime a vergonha pelo passado vil e mesquinho, e para que ao morrer possa exclamar: toda a minha vida e todas as minhas forças foram dedicadas à causa mais bela do mundo, à luta pela libertação da humanidade! É preciso apressar-se a viver. Pois uma enfermidade estúpida ou qualquer casualidade trágica podem cortar o fio da existência.¹⁴⁰

Em relação ao “Bálsamo de Canaã”, Viénitchka diz: “A vida é dada ao homem apenas uma vez, e é preciso vivê-la de modo a não cometer erros nas receitas”¹⁴¹, e quanto ao “Tripas de Cadela”: “O que há de mais belo no mundo? A luta pela libertação da humanidade”¹⁴². Ainda sobre este último coquetel, Viénitchka cita um poema de Aleksandr Blok¹⁴³:

Я их хранил в приделе Иоанна,
Недвижный страж, — хранил огонь лампад.
И вот — Она, и к Ней — моя Осанна -
Венец трудов — превыше всех наград
(1902)¹⁴⁴

Em sua historiografia do mundo, o sujeito do bigode preto afirma que o mujique “não pode se permitir um livrinho, pois no mercado não se encontra nem Gógol nem

¹³⁹ Página 101.

¹⁴⁰ OSTROVSKI, Nikolai. *Assim foi temperado o aço*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

¹⁴¹ Página 107.

¹⁴² Página 110.

¹⁴³ “O apogeu de um trabalho bem feito é a maior das recompensas”, como disse o poeta”. Página 110.

¹⁴⁴ “Guardei-as no altar de João

O guarda imóvel protegia a chama das lamparinas

E ei-La, e em sua direção, a minha Hosana

O apogeu de um trabalho bem feito é a maior das recompensas”

(BLOK, Aleksandr. *Собрание сочинений в 6 томах*. Москва: Правда, 1971. Tradução nossa).

Belínski, mas só vodka”¹⁴⁵. Trata-se de uma referência ao poema *Quem vive bem na Rússia?*, de Nikolai Nekrássov, autor extremamente popular entre a *intelligentsia* russa do século XIX por conta de seus poemas sobre o campesinato:

Эх! эх! придет ли времячко,
Когда (приди, желанное!..)
Дадут понять крестьянину,
Что рознь портрет портретику,
Что книга книге рознь?
Когда мужик не Блюхера,
И не милорда глупого
— Белинского и Гоголя
С базара понесет?
(1869-1877)¹⁴⁶

Encontramos referência a *Almas Mortas*, de Gógol, na busca de Viénitchka por “vivalma”¹⁴⁷ no trem e na plataforma da Estação Petuchki, e também no seu lamento “obrigam-nos a ocultar dos outros as nossas lágrimas e a expor risadas no lugar delas!”¹⁴⁸:

E por muito tempo ainda, por força de um maravilhoso poder superior, será meu destino caminhar ao lado dos meus estranhos heróis, vendo toda a imensa vida que passa, mostrando-a por meio do riso, visível para o mundo todo, e através das lágrimas, para ele invisíveis!¹⁴⁹

Destacamos ainda as seguintes citações de escritores russos:

As “treze cachimbadas”¹⁵⁰ fumadas por Viénitchka em sua água-furtada parisiense fazem referência à novela picaresca *Treze cachimbos*, escrita por Iliá Ehrenburg em 1922, na qual parte da ação se desenrola fora da URSS.

¹⁴⁵ Página 119.

¹⁴⁶ “Oh! Oh! Chegará o dia,
No qual (que chegue logo!..)
O camponês distinguirá,
Entre quadro e quadro,
Entre livro e livro?
Quando o mujique escolherá
Trazer do bazar
Não Bücher, e nem mesmo
O estúpido “milorde”
Mas Belínski e Gógol?”

(NEKRÁSSOV, Nikolai. *Собрание сочинений в 8 томах*. Москва: Художественная литература, 1965. Tradução nossa).

¹⁴⁷ Páginas 163, 168, 169, 173 e 174.

¹⁴⁸ Página 165.

¹⁴⁹ GÓGOL, Nikolai. *Almas Mortas*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Perspectiva, 2014.

¹⁵⁰ Página 137.

Ao se dar conta de que está se afastando de Petuchki, Viénitchka diz a si mesmo: “Acalme-se, coração estúpido”¹⁵¹. Trata-se do primeiro verso do seguinte poema de Serguei Essienin:

Глупое сердце, не бейся!
Все мы обмануты счастьем,
Нищий лишь просит участия...
Глупое сердце, не бейся (...)
(1925)¹⁵²

E, por fim, o trecho operístico “Não me reje-e-eite”¹⁵³, ouvido por Viénitchka no restaurante da Estação de Kursk é parte da ópera *Boris Godunov*, de Modest Mússorgski.

O substrato que sustenta a paródia de Eroféiev não se limita, contudo, à literatura russa. A literatura mundial é parodiada em *Moskvá–Petuchki* na medida em que ainda sobrevivia no imaginário soviético de modo residual, como artefatos de um mundo ao qual o acesso havia sido embargado.

Os outros fragmentos cantados por Ivan Kozlóvski (“Oh, cálice dos meus antepassa-a-ados”, “Oh, deixa-me admirar-te sob a luz das estre-e-elas noturnas”, e “Oh, por que estou tão encanta-a-ado por ti”)¹⁵⁴ tem origem, respectivamente, em *Lohengrin* (1848), de Richard Wagner, em *Fausto* (1859), de Charles Gounod, e em *Pagliacci* (1892), de Ruggero Leoncavallo, óperas que de fato faziam parte do repertório de Kozlóvski.

O texto supracitado de Wagner também é aludido na cena em que Viénitchka pergunta ao dezembroista se ele seria capaz de arrancar o dedo de seu amigo com uma mordida “em nome da mulher amada”¹⁵⁵; na continuação da conversa, o velho Mítrich descreve o presidente de sua seção administrativa, chamado Lohengrin, um “tipo severo” e “todo coberto de furúnculos”, que todas as noites “saía em um barco a motor”,

¹⁵¹ Página 163.

¹⁵² “Acalme-se, coração estúpido!

Somos todos enganados pela felicidade,

Apenas os indigentes pedem simpatia...

Acalme-se, coração estúpido (...)

(ESSIENIN, SERGUEI. *Стихотворения и поэмы*. Moscou: Советский писатель, 1960. Tradução nossa).

¹⁵³ Página 70.

¹⁵⁴ Página 70.

¹⁵⁵ Página 128.

onde “navegava e espremia os seus furúnculos”¹⁵⁶. Na ópera de Wagner, o conde Friedrich de Telramund é convencido por sua esposa Ortrud a acusar Elsa, herdeira do Ducado de Brabante, de fraticídio. Lohengrin defende Elsa em um duelo, derrotando Friedrich. Incapaz de compreender a origem da força sobre-humana de seu adversário, Friedrich tenta convencer Elsa a cortar a ponta do dedo de Lohengrin, de modo a mostrar a ligação deste com forças malignas. Lohengrin acaba por vencer e matar Friedrich, e parte em seu barco em direção ao castelo do Cálice Sagrado.

Há também diversas alusões à obra de William Shakespeare no romance de Eroféiev. No compartimento para fumantes, Viénitchka imagina a si mesmo interpretando o drama *Otelo, o Mouro de Veneza*¹⁵⁷. Sozinho, ele interpreta os papéis de Otelo, Iago e Desdêmona. O primeiro suspeita estar sendo traído por Desdêmona (“passei a suspeitar que eu mesmo traía a mim e às minhas convicções”), o segundo reforça essas suspeitas de Otelo (“sussurrei a meu próprio respeito ao pé do meu ouvido – oh, as coisas que sussurrei!”), já a terceira é descrita do seguinte modo por Otelo: “She lov’d me for the dangers I had pass’d, / And I lov’d her that she did pity them.”¹⁵⁸, e termina estrangulada por ele. Viénitchka segue o enredo: “ali estou, apaixonado por mim mesmo por conta dos meus tormentos, amando a mim como a mim mesmo, – e lá vou eu me estrangular”.

Após ser confundido com uma “adorável andarilha”, o protagonista de Eroféiev afirma que “há algo podre em todo o reino, e todo mundo está com o miolo mole”¹⁵⁹, repetindo as palavras de Hamlet, que afirma que “Something is rotten in the state of Denmark”.¹⁶⁰ Mais tarde, Viénitchka encontra o camareiro Piotr, que veste “amarelo da cabeça aos pés”, e explica: “Uma vez, de porre, recomendei que ele se vestisse todo de amarelo até o dia da sua morte. O imbecil me deu ouvidos, e até hoje anda por aí vestido desse jeito”¹⁶¹. Na comédia *Noite de Reis*, várias personagens conspiram para convencer Malvólio, administrador e responsável pelo bom desempenho dos empregados da casa de Lady Olivia, de que esta se apaixonou por ele. Em uma carta falsamente atribuída à patroa, os maquinadores pedem que Malvólio vista meias amarelas, maltrate os

¹⁵⁶ Página 128.

¹⁵⁷ Página 78.

¹⁵⁸ “Ela me amou por conta dos meus tormentos, / E eu amei-a por sua compaixão para com eles” (SHAKESPEARE, William. *The Oxford Shakespeare: The Complete Works*. Oxford University Press, 2005. Tradução nossa).

¹⁵⁹ Página 155.

¹⁶⁰ “Há algo de podre no reino da Dinamarca” (SHAKESPEARE, William. *The Oxford Shakespeare: The Complete Works*. Oxford University Press, 2005. Tradução nossa).

¹⁶¹ Página 167.

empregados e sorria constantemente. Deslumbrado, Malvólio segue as instruções e cai em desgraça.

O poder soviético

O quarteto que ataca Viénitchka no final do romance¹⁶² é possivelmente inspirado nos mentores do marxismo-leninismo, Marx, Engels, Lenin e Stalin, cujos rostos estampavam comumente os periódicos partidários até o fim dos anos 1950 – após o “discurso secreto” de Khrushchev, a figura de Stalin foi excluída deste tipo de imagem.

O léxico de Lenin, em particular, é parodiado por Eroféiev. Na Estação de Kursk, por exemplo, um emocionado Viénitchka exclama: “Eu me dirijo a todos os parentes e amigos, a todas as pessoas de boa vontade”, formulação que remete aos discursos de Lenin, como o proferido por ocasião do ataque nazista à URSS: “Companheiros! Cidadãos! Irmãos e irmãs! Soldados do exército e da marinha! Eu me dirijo a vocês, meus amigos!”.¹⁶³

Durante a pequena revolução liderada por Viénitchka, Vadim Tíkhonov diz:

É só beber um pouquinho e tenho impressão de que poderíamos agir ainda hoje, que ontem também não teria sido precipitado entrar em ação. Mas daí começa a passar o porre e penso que não, penso que ontem teria sido cedo e que depois de amanhã ainda não será tarde.¹⁶⁴

É parodiada aqui outra famosa declaração de Lenin, feita em 21 de outubro de 1917 e repetida à exaustão na literatura soviética para sublinhar a perfeição da escolha feita pelo líder em relação à data do início da revolução:

No dia 6 de novembro será cedo demais. Precisamos ter uma base em toda a Rússia para nos lançarmos à insurreição. No dia 6, os delegados ao congresso, na sua maioria, ainda não estarão aqui, ainda não terão chegado. Por outro lado, no dia 8, será tarde demais. Isso porque o Congresso já estará organizado e é muito difícil fazer uma grande assembléia popular se decidir, de uma hora para a outra, a entrar numa ação decisiva. Devemos, portanto,

¹⁶² Página 176.

¹⁶³ Transmissão de rádio, 3 de julho de 1941. (VLASOV, Eduard, *Бессмертная поэма Венедикта Ерофеева «Москва – Петушки»*: *Спутник писателя*. Hokkaido University, Slavic Research Center, 1998. Tradução nossa).

¹⁶⁴ Página 145.

dar o golpe no dia 7, dia em que o congresso se reúne, de modo a podermos dizer: "Eis o poder em nossas mãos! Que irão vocês fazer com ele?"¹⁶⁵

Ainda sobre a pequena revolução, Tíkhonov diz: “é impossível não cometer erros em nosso empreendimento, pois tudo nele é inédito, não há nenhum precedente... Bem, na realidade há precedentes, mas...”¹⁶⁶, em uma paródia de mais um famoso discurso de Lenin:

Não há dúvida de que na Alemanha houve também anteriormente casos isolados de motins nas tropas, mas estes casos eram tão pequenos, tão dispersos, tão fracos, que conseguiam abafá-los, silenciá-los, e isto foi o principal para impedir o contágio massivo das ações sediciosas. Finalmente amadureceu na armada também um movimento semelhante, quando não se conseguia já nem abafá-lo nem silenciá-lo, mesmo com todos os rigores do regime prisional militar alemão, inauditamente refinados e observados com incrível pedantismo.
(1917)¹⁶⁷

Obras escritas pelo líder soviético também são parodiadas. Em seu artigo *Melhor poucos mas bons* (1923), Lenin escreve que, para a realização do aperfeiçoamento do aparelho estatal soviético, é preciso “во-первых - учиться, во-вторых - учиться и в-третьих - учиться”¹⁶⁸. Viénitchka diz a Tíkhonov: “E aí mais um tragozinho, e daí é estudar, estudar e estudar”¹⁶⁹.

Em *O colapso da segunda Internacional*, lemos:

Para que ocorra uma revolução, geralmente não basta que ‘as classes inferiores não queiram’ viver como antes; também é necessário que ‘as classes superiores não sejam capazes’ de viver como antes.¹⁷⁰

Viénitchka cita essa passagem ao descrever a própria demissão:

A base não queria me ver, e a cúpula não podia mais dizer meu nome sem morrer de rir. “As classes superiores não eram capazes, as inferiores não queriam”¹⁷¹.

¹⁶⁵ REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro. 1986. Na passagem, as datas seguem o antigo calendário juliano.

¹⁶⁶ Página 150.

¹⁶⁷ LENIN, Vladimir. *A crise amadureceu*. Tradução de Edições “Avante!”. Lisboa: Edições Progresso, 1977.

¹⁶⁸ “em primeiro lugar, estudar; em segundo lugar, estudar; em terceiro lugar, estudar”. (LENIN, Vladimir. *Лучше меньше да лучше*. Moscou: Правда, nº 49 - 04/03/1923. Tradução nossa).

¹⁶⁹ Página 150.

¹⁷⁰ VLASOV, 1998, op. cit. Tradução nossa.

¹⁷¹ Página 87.

O título do livro *O imperialismo, fase superior do capitalismo* (1917) é transformado por Eroféiev em “O putanheirismo, fase superior e aguda da putaria”¹⁷².

Em *À memória de Herzen*, Lenin cita o escritor do século XIX:

(...) desenvolveram-se os homens do 14 de Dezembro, uma falange de heróis criados, como Rômulo e Remo, com o leite de uma fera selvagem... São como *bogatyrs*, forjados de puro aço da cabeça aos pés.¹⁷³

Viénitchka rebaixa o epíteto:

Para ser capaz de [escalar a escada social], é preciso ser um judeu porco, sem medo ou censura, é preciso ser um viado, forjado em puro aço da cabeça aos pés.¹⁷⁴

Em 1907, Lenin revelou a Górkí as suas impressões acerca do livro “A mãe”. O relato do encontro, escrito em 1924 pelo escritor, tornou-se extremamente popular:

Eu lhe disse que havia escrito o livro às pressas, mas sequer tive oportunidade de explicar o motivo da minha pressa. O próprio Lenin (...) explicou: eu tinha feito o certo em me apressar, pois se tratava de um livro necessário. Muitos trabalhadores haviam se unido ao movimento revolucionário de modo impulsivo e espontâneo, e agora a leitura de “A mãe” lhes seria de grande utilidade. “É um livro bastante contemporâneo”.¹⁷⁵

Por sua vez, Viénitchka recomenda um livro de Blok aos seus colegas de trabalho, dizendo: “é um livro bastante contemporâneo; leiam-no e ele lhes será de grande utilidade”¹⁷⁶.

Nas anotações de estudo acumuladas por Lenin entre setembro e dezembro de 1914 e publicadas em *Resumo do livro de Hegel, 'A ciência lógica'*, temos:

Da contemplação viva ao pensamento abstrato, e disto para a prática - este é o caminho dialético da cognição de verdade, da cognição da realidade objetiva.¹⁷⁷

A passagem é parafraseada por Viénitchka:

¹⁷² Página 137.

¹⁷³ VLASOV, 1998, op. cit. Tradução nossa.

¹⁷⁴ Página 87.

¹⁷⁵ GORKI, Maksim. *B. II. Ленин*. Москва: Политиздат, 1966.

¹⁷⁶ Página 84.

¹⁷⁷ VLASOV, 1998, op. cit. Tradução nossa.

E então passava da contemplação à abstração: em outras palavras, eu me concentrava em beber algo para aliviar a ressaca (...) ¹⁷⁸

Em outra cena, a relação soviética com a homossexualidade – exemplificada pelo caso real em que Krushchev declarou ao artista plástico modernista Ernst Neizvestni durante uma exposição: “Neizvestni! Se para você isso é uma mulher, você é um pederasta. E pederastas são punidos com dez anos” – é descrita por Viénitchka:

Cumpra observar que o homossexualismo foi erradicado em nosso país *definitivamente*, mas não *completamente*. Ou melhor, *completamente*, mas não *plenamente*. Ou melhor ainda: *completamente* e *plenamente*, mas não *definitivamente*

Eroféiev parodia aqui os maneirismos linguísticos característicos do discurso do Partido quanto às etapas de construção do comunismo na URSS. Estas marcas ficam evidentes no discurso feito por Khrushchev no XXI Congresso do PCUS:

Há não muito tempo, no movimento comunista, perguntava-se sobre a possibilidade da construção do socialismo em um único país, sobre a possibilidade da sua vitória *plena* e *definitiva*. (...) Com firmeza, o povo soviético, guiado pelas instruções de Lenin e inspirado pelo Partido Comunista (...) seguiu em frente por caminhos inexplorados e obteve a vitória *plena* do socialismo em nosso país. (...) Mas esta vitória ainda não era *definitiva*. Os marxistas entendem a vitória *definitiva* do socialismo como uma vitória em escala internacional. (...) Agora não existem forças no mundo capazes de restaurar o capitalismo no nosso país, de superar o campo socialista. O perigo da restauração do capitalismo na União Soviética está excluído. Isto significa que o socialismo venceu não apenas *plenamente*, mas também *definitivamente*. ¹⁷⁹

Outro alvo da paródia de Eroféiev são os decretos soviéticos. O protagonista do romance propõe decretos sobre a propriedade de terras, o horário padrão e a ortografia ¹⁸⁰. Estas são referências, respectivamente, ao *decreto das terras*, promulgado por Lenin em 1917, ao *decreto de horário*, introduzido em 1930, e aos diversos decretos soviéticos relativos à ortografia, como aqueles promulgados em dezembro de 1917 e outubro de 1918.

✱

¹⁷⁸ Página 102.

¹⁷⁹ VLASOV, 1998, op. cit. Tradução nossa.

¹⁸⁰ Página 149.

No limite, contudo, a estratégia de carnavalização empregada por Viénitchka não se mostra inteiramente bem sucedida e, ao fim do romance, o protagonista é definitivamente calado pelos representantes do regime. O fracasso de Viénitchka, no entanto, é uma construção deliberada do autor Eroféiev, cuja proposta de construção de mundo é significativamente mais sofisticada – ela se dá através da narrativa performativa contida no romance, por meio da qual o autor interage com o público leitor, convidando-o a participar da articulação de um campo cultural renovado.

De fato, o abandono do carnaval por parte de Eroféiev foi notado pelo próprio Bakhtin, que teve acesso, nos anos 1970, a uma edição clandestina do romance: “o poeta Oleg Tchukhontsev, que manteve contato com Mikhail Mikháilovitch durante os últimos anos de sua vida, relatou que o célebre pensador leu o poema de Eroféiev com deleite, chegando a compará-lo a *Almas Mortas*. O final de *Moskvá–Petuchki*, contudo, não agradou a Bakhtin, pois lá ele detectou ‘entropia’”¹⁸¹. Ou seja, como aponta Mikhail Epstein, Bakhtin “viu em Eroféiev algo familiar se transformando em algo desconhecido. Ele sentiu que ali o carnaval havia deixado de ser carnavalesco” e “não soube apreciar o valor disso”¹⁸².

Ann Komaromi¹⁸³ detecta um potencial performativo em *Moskvá–Petuchki*, citando a forma do romance como um longo monólogo constituído de uma sequência de pequenas performances dirigidas a públicos imaginários ou às outras personagens do livro. De fato, é notável a ausência de ação no romance: excetuando-se alguns poucos interlúdios, toda a trama se dá em cenas nas quais as personagens, estáticas, contam histórias relativas à história cultural soviética – geralmente enquanto consomem produtos etílicos – e reagem a elas. A performance realizada pelo protagonista do romance ilustra a performance de Venedíkt Eroféiev, que buscava uma reação do público leitor. O autor evidencia o caráter performativo do seu texto na cena em que Viénitchka chega à universidade de Sorbonne e se declara “um Logos¹⁸⁴ auto-crescente”.

¹⁸¹ FROLOVA, 1991, op. cit.

¹⁸² EPSTEIN, Mikhail. *Russian Postmodernism: New Perspectives on Post-Soviet Culture*. Traduzido e editado por Slobodanka Vladiv-Glover. Nova Iorque: Berghahn Books, 1999, p. 441.

¹⁸³ KOMAROMI, 2015, op. cit.

¹⁸⁴ O termo grego *logos*, derivado do verbo *legō* (“contar”, “relatar”, “dizer”) pode significar “palavra”, “apelo”, “opinião”, “discurso”, “relato”, etc. Na tradição filosófica, o termo adquiriu outras acepções. É possível descrever o *logos* como uma “premissa”: “*Logos* é um apelo lógico, e dele deriva-se o termo ‘lógica’. Ele é normalmente usado para descrever fatos e valores que apoiam o argumento do falante”. (FAHNESTOCK, Jeanne. *The Appeals: Ethos, Pathos, and Logos*. 2014). De acordo com essa leitura, o sucesso do falante na defesa do seu argumento dependeria de “certos objetos de concordância

O álcool é o principal mecanismo de carnavalização em *Moskvá–Petuchki*. Apesar disso, devemos ressaltar que estamos tratando de um romance tecido com virtuosismo através de um tantalizante processo intelectual por um escritor profundamente sóbrio. O consumo alcoólico do protagonista é, deste modo, um dispositivo utilizado por Eroféiev para transformá-lo em uma espécie de “idiota santo”¹⁸⁵ (юродивый), reduzindo o caráter indigesto do seu discurso de confrontação. Mesmo o exame mais superficial das respostas suscitadas pelo romance mostra a diversidade e a instabilidade destas: na gravação de uma leitura do romance feita pelo próprio autor na década de 1970, podemos ouvir ao fundo as reações dos ouvintes: de início, gargalhadas tornam a narrativa intermitente; no final, o silêncio lúgubre emoldura a poderosa voz de Eroféiev, que narra o trágico destino do protagonista. Ao longo das décadas decorridas desde a escrita do livro, ele já foi reduzido a um simples delírio alcoólico¹⁸⁶, e também chamado de obra inauguradora do pós-modernismo russo e de compêndio dos anos 1960 e 1970 soviéticos¹⁸⁷. Poucos, contudo, permaneceram indiferentes ao texto, que se fazia presente – temporária ou permanentemente – em praticamente toda residência intelectual moscovita¹⁸⁸.

As narrativas performativas em *Moskvá–Petuchki* prezam pela dinâmica entre o enunciador e seus interlocutores, buscando estabelecer uma conexão entre eles e preterindo a realidade histórica (que de todo modo estaria, como aponta Dobrenko, desarticulada). O relato do sujeito do bigode preto, por exemplo, no qual a história cultural mundial é reimaginada como um conto sobre o alcoolismo, é caracterizada pela tensão entre os interlocutores. O Dezembroista arruína o sistema filosófico do companheiro de viagem ao revelar que Goethe era abstinente. Viénitchka, por sua vez, sente-se impelido a resgatar o sujeito do bigode preto, que havia sido “invadido pelo desânimo e pela depressão”. Fazendo uso de um malabarismo argumentativo, Viénitchka restabelece o harmonioso sistema do sujeito do bigode preto e todos ficam satisfeitos.

De maneira semelhante, o protagonista manipula fragmentos do discurso oficial – as manchetes jornalísticas sobre o conflito árabe-israelense; o programa escolar

compartilhados entre ele e o público”. Devemos ter em mente também a teoria de Marmadashvili em relação à “logocracia” e ao seu caráter teatral.

¹⁸⁵ Eduard Vlasov aponta diversos paralelos entre a caracterização Viénitchka e a do príncipe Myshkin, de *O Idiota*, de Dostoiévski (VLASOV, 1998, op. cit.).

¹⁸⁶ BYKOV, 2015a, op. cit.

¹⁸⁷ KOMAROMI, 2015, op. cit.

¹⁸⁸ BYKOV, 2015a, op. cit.

soviético, personificado pela poesia de Aleksandr Blok – de modo a criar uma narrativa instigante aos seus companheiros de trabalho e estabelecer uma relação de intimidade com eles.

Em ambos os casos, Viénitchka busca construir um novo mundo, alternativo ao oficial, através do estabelecimento de relações humanas em uma sociedade atomizada. A narrativa oficial é satiricamente exposta como inautêntica – o uso de seus elementos em relatos obviamente ficcionais reforça o efeito –, e Eroféiev encoraja a cumplicidade entre interlocutores marginalizados por ela como uma forma de renovação cultural, fazendo uso da função performativa da literatura.

Viénitchka, assim como o Ulisses de Homero, começa a sua jornada após uma derrota: ele perdeu a batalha pela cultura, tornando-se um marginal absoluto na capital do próprio país, um intelectual em completa solidão¹⁸⁹.

O microcosmo de Viénitchka, a sua jornada em busca de algum tipo de apoio, representa a disposição de toda a sua geração. Desse modo, o fracasso violento dessa empreitada possui o potencial de provocar uma reação aguda de *reconhecimento* no público leitor. Eroféiev percebe o potencial criativo contido na membrana entre autor e público, e convida o leitor a se emancipar e participar de um projeto criativo capaz de, nos termos de Stálin, “influenciar a realidade material”. Assim sendo, o autor parece reconhecer que uma cultura construída com base no discurso e na estética só pode ser desarticulada por meio dos mesmos.

¹⁸⁹ BYKOV, 2015b, op. cit.

3. Conclusão

A relação paródica de Eroféiev com a cultura soviética não se articula de modo individualizado, mas integral. Isto significa que cada um dos elementos culturais carnavalizados pelo autor – escritores como Ivan Turguêniev, artistas como Fiódor Chaliápin ou Olga Erdéli, e heróis soviéticos como Mikhail Vodopiánov – não é, em si, o seu alvo. Os méritos individuais destas figuras são inteiramente suplantados pelo seu pertencimento à casta de personalidades eleitas pela cultura soviética – esta sim o centro de interesse paródico –, e Eroféiev os examina apenas enquanto projeções desta.

A carnavalização é utilizada para desvelar a falsidade da realidade produzida pela cultura oficial, mas o autor parece compreender os limites do carnaval como dispositivo de renovação. De modo a dar novo início ao discurso e, por conseguinte, ao campo cultural, a mera manipulação de elementos da cultura soviética reificada é insuficiente. Isso é ilustrado no momento do contato com o *outro mundo*: o inspetor de bilhetes Semiónitch cobra em álcool a tarifa dos passageiros, mas Viénitchka não tem mais uma gota a lhe oferecer. Ao invés disso, o protagonista lança mão da artimanha tornada famosa por Sherazade em *As Mil e Uma Noites*, e oferece histórias a Semiónitch. Ele relata a sua versão carnavalizada da história do mundo, até que, em Oriékhovo-Zúievo, a história chega ao fim. Viénitchka carnavaliza o passado, presente e futuro que lhe são conhecidos e, ainda assim, termina a cena sendo mal compreendido por Semiónitch e pelos passageiros do trem. Através do carnaval, Viénitchka não consegue restabelecer os laços de comunicação. Neste ponto do enredo ele faz uma baldeação accidental, seguindo viagem em direção a Moscou, e a narrativa se torna marcadamente mais sombria. A partir deste momento, Viénitchka torna-se incapaz de compreender o significado daqueles mesmos fragmentos discursivos que antes manipulava com grande destreza: “Vejam... A questão mais importante... Por algum motivo Anton Tchékhov não me sai da cabeça. E além dele, Friedrich Schiller. Friedrich Schiller e Anton Tchékhov. Mas não faço ideia por quê... (...) Percebe-se que estou desagregado?”.

Isolado em seu impulso por autonomia, Viénitchka é incapaz de acessar qualquer substância que possa existir por trás dos símbolos que o cercam e sucumbe. Ele tenta chegar a Petuchki, mas é violentamente atraído pelo Kremlin; busca a

independência ao se afastar do coração do poder soviético, mas acaba sendo morto aos seus pés. O vetor autônomo em *Moskvá–Petuchki*, contudo, vai além do carnaval.

A odisséia de Viénitchka inicia com a busca pelo lar – no romance representado pela paradisíaca Petuchki – analogia à procura de Eroféiev por um campo cultural vivo. Esse espaço, no entanto, mostra-se inatingível. Ulisses não pode voltar ao seu lar, pois em sua ausência, Ítaca foi transformada. Viénitchka se perde e não consegue chegar a Petuchki. Permanece evidente, contudo, o fato de que o fracasso de Viénitchka foi deliberado pelo autor de *Moskvá–Petuchki*.

O texto de Eroféiev é marcado por dispositivos de engajamento do público. De acordo com Komaromi, o romance “representa uma forma dissidente específica de autonomia cultural (...) curta e repleta de frases aforísticas, esta obra convida e modela o papel participativo de leitores-editores, que podiam repetir os ditados de Viénitchka e trazê-los à vida aos seus modos”¹⁹⁰. De modo semelhante, Bykov afirma que *Moskvá–Petuchki* é um livro “projetado para despertar apenas uma reação no leitor: o reconhecimento”¹⁹¹.

Viénitchka conversa com um leitor imaginário, chegando até mesmo a prever as suas reações (“Agora todos vocês, é claro, vão cair em cima, cheios de perguntas”) e a desafiar este leitor a compreender melhor as suas idiossincrasias (o leitor diz: “Isso é tudo de que você precisa para ser feliz? Só isso e nada mais?”, e Viénitchka responde “Como assim, nada mais? (...) Para mim já está claro que vocês não sabem falar de outra coisa a não ser além de vodca”) e, conseqüentemente, a sua proposta extratextual.

O discurso do protagonista é sempre construído em uma condição de tensão com os seus interlocutores. No enredo, ele é mal compreendido pelos companheiros de apartamento, pelas mulheres e pelos passageiros do trem, e suas interações com os anjos e com deus são ambíguas e repletas de silêncios. Essas relações ilustram a dificuldade de comunicação imposta por um sistema retórico ossificado, normalizado e repleto de detritos discursivos. A cacofonia do texto reflete a fragmentação do discurso e do campo cultural oficiais, que se propunham totalidades fechadas mas haviam perdido a capacidade de representação da realidade. Do mesmo modo, o tema do sufocamento, presente em todo o romance, ilustra a falência dos sistemas de comunicação e discurso e, em um nível mais amplo, da hipóstase partidária que havia tomado o lugar da

¹⁹⁰ KOMAROMI, 2015, op. cit.

¹⁹¹ BYKOV, 2015a, op. cit.

realidade russa. A completa desarticulação dessa realidade é representada, de modo mais definitivo, na morte do protagonista.

A resposta de Eroféiev a essa desarticulação parece estar no engajamento do leitor. Além de provocar um leitor imaginário a buscar posições além das óbvias, o escritor, através do protagonista Viénitchka, encoraja o público a reagir ativamente ao texto, ordenando que as receitas de coquetéis sejam anotadas ou introduzindo gráficos que, para a distribuição em *samizdat*, teriam que ser copiados manualmente, em um processo mais laborioso do que a datilografia. Isolado e com frio, Viénitchka dirige-se ao público, exigindo uma resposta: “Será possível que é tão difícil atender à porta, deixar uma pessoa entrar e se aquecer por três minutos? Não consigo entender”, “Não conheço vocês, pessoas, a fundo: conheço-os mal. Raramente prestei atenção a vocês. Mas interessa-me descobrir para onde estão voltadas agora as suas almas, pois quero saber com certeza se a Estrela de Belém irá resplandecer novamente ou se vai voltar a cintilar”.

A reação do leitor esperada por Eroféiev é indicada pela atitude de Viénitchka perante o colapso do sistema filosófico do sujeito do bigode preto: a cumplicidade. A renovação do discurso e do campo cultural – e a consequente rearticulação da realidade russa – se daria com o estabelecimento de um sistema fora dos limites da cultura oficial soviética e da cultura do carnaval, ambas caracterizadas pela totalidade e pela indiferença ao indivíduo. Apenas na resposta do público ao campo cultural não-oficial haveria possibilidade de rearticulação e de desenvolvimento de um impulso autônomo.

4. Tradução

Venedíkt Eroféiev

Moscou – Petuchki

Poema

Nota geral à tradução

No processo de transposição do texto, buscou-se manter a sua coloquialidade original. Com isso, foram feitas alterações em relação às pessoas verbais, com a preponderância do uso da terceira pessoa. Foi feita uma tentativa de evitar a domesticação excessiva do texto e por isso há a presença de anacronismos.

Nota do autor

A primeira edição de “Moscou – Petuchki”, dado que consistia de um único exemplar, rapidamente se esgotou. Desde então eu recebi inúmeras queixas a respeito do capítulo “Foice e Martelo – Karatchárovo”, de forma absolutamente injusta. Na introdução à primeira edição, eu tinha advertido todas as moças que o capítulo “Foice e Martelo – Karatchárovo” deveria ser deixado de lado, sem ser lido, dado que à frase “e bebi sem demora” segue-se uma página e meia da mais pura imundice, e que em todo esse capítulo não há sequer uma palavra decorosa, excetuando-se a frase “e bebi sem demora”. Como resultado dessa conscienciosa nota, todos os leitores, especialmente as moças, imediatamente pulavam para o capítulo “Foice e Martelo – Karatchárovo”, sem sequer ler os capítulos anteriores, sem ao menos ler a frase “e bebi sem demora”. Por este motivo, considerei necessário, na segunda edição, despir o capítulo “Foice e Martelo – Karatchárovo” do seu caráter obsceno. Assim será melhor, pois, em primeiro lugar, vão passar a ler o livro na ordem correta e, em segundo lugar, ninguém mais vai se ofender.

V. Er.

*A Vadím Tíkhonov,
meu querido primogênito,
o autor dedica
essas trágicas páginas.*

Moscou. A Caminho da Estação de Kursk.

Todos dizem: o Kremlin, o Kremlin. Vivem falando dele, mas eu mesmo nunca o vi. Quantas vezes (mil vezes), bêbado ou de ressaca, cruzei Moscou de norte a sul, de leste a oeste, de cabo a rabo, com rumo e sem rumo, e nem uma vez vi o Kremlin.

E ontem também foi assim. E isso porque rodei a noite toda por aquelas bandas e nem estava lá tão bêbado assim: logo que saí da Estação de Saviólovo eu virei, para começar, um copo de *Zubrovka*¹⁹², pois sei por experiência própria que, no que diz respeito a decocções matinais, nada melhor já foi inventado.

Pois bem. Um copo de *Zubrovka*. E depois – na rua Kaliáevskaia – outro copo, só que dessa vez não de *Zubrovka*, mas de vodca de coentro¹⁹³. Um conhecido meu falou que o efeito da vodca de coentro sobre a pessoa é anti-humano, ou seja, ao passo que fortalece todos os membros, enfraquece a alma. Comigo, por alguma razão, ocorreu o oposto, isto é, a minha alma se fortaleceu ao mais alto grau, enquanto os meus membros se enfraqueceram. Mas eu concordo que isso também é anti-humano. Portanto ali mesmo, na Kaliáevskaia, virei mais dois canecos de cerveja *Jigul*¹⁹⁴ e uma garrafa de *Alb-de-dessert*¹⁹⁵, direto do gargalo.

Vocês, é claro, vão perguntar: e depois, Viénitchka, e depois o que você bebeu? E nem eu mesmo sei bem o que bebi. Lembro – isso eu lembro perfeitamente – que na rua Tchékhov bebi dois copos de *Okhótnitchia*¹⁹⁶. Agora, vejamos: eu seria capaz de cruzar o Anel dos Jardins sem tomar um pileque? Não, claro que não. O que significa que bebi mais alguma coisa.

E depois eu fui ao centro, porque comigo é sempre assim: quando procuro o Kremlin, invariavelmente topo com a Estação de Kursk. E eu de fato precisava ir à

¹⁹² Bebida amarga e forte (40°), de origem polonesa. Produzida na Polônia, Rússia e República Tcheca.

¹⁹³ Bebida amarga e forte (40°), preparada a partir de diversas ervas aromáticas, incluindo sementes de coentro.

¹⁹⁴ A marca mais popular de cerveja soviética, nomeada em homenagem ao local de sua invenção.

¹⁹⁵ Vinho branco de sobremesa barato de origem moldava.

¹⁹⁶ Bebida amarga e forte (40°), preparada a partir de gengibre e outras raízes, com a adição de vários aromatizantes naturais, como cravo, anis e café.

Estação de Kursk, e não ao centro, e mesmo assim fui ao centro, para ver o Kremlin ao menos uma vez: afinal, pensei, de todo modo não verei Kremlin nenhum, e acabo caindo na Estação de Kursk.

Agora o pesar me leva quase às lágrimas. Não por não ter chegado ontem à Estação de Kursk, é claro. (isso é bobagem: não cheguei ontem, chegarei hoje). E, é claro, não por ter acordado esta manhã num saguão desconhecido (acontece que ontem me sentei num degrau do saguão – pelas minhas contas o quadragésimo de baixo para cima –, apertei minha maleta¹⁹⁷ junto ao peito e assim adormeci). Não, não é por isso o meu pesar. Eis o porquê: acabo de calcular que da rua Tchékhev até este saguão eu bebi mais seis rublos – mas o que e onde eu bebi? E em que sequência? Em paz ou em desgraça? Ninguém sabe, e agora ninguém jamais saberá. Afinal, não sabemos até hoje se foi o tsar Borís que matou o tsarevitch Dmitri ou o contrário.

Que raio de saguão é esse? Até agora não faço a menor ideia, mas é assim que deve ser. Está tudo certo. Tudo no mundo deve ocorrer lenta e incorretamente, para que o homem não se torne presunçoso, para que ele se torne infeliz e confuso.

Eu saí ao ar livre ao amanhecer. Todos sabem – todos aqueles que já acabaram sem consciência em um saguão qualquer, e o deixaram ao nascer do sol – todos sabem o peso que carreguei em meu coração por aqueles quarenta degraus de saguão desconhecido, e o peso que levei comigo para fora dali.

Não é nada, não é nada – disse eu a mim mesmo –, não é nada. Tem uma farmácia ali, está vendo? E ali aquele viado de casaco marrom está esfregando a calçada. Isso você também está vendo. Então vamos, acalme-se. Está tudo tranquilo. Se quiser ir à esquerda, Viénitchka, vá à esquerda, eu não estou te obrigando a nada. Se quiser ir à direita, vá à direita.

Eu fui para a direita, meio cambaleante por causa do frio e do desgosto – Sim! De frio e desgosto. Oh, o fardo matutino no meu peito! Oh a ilusória sensação de calamidade! Oh, o irremediável! O que há de maior nesse fardo, a quem ninguém ainda deu nome? O que há de mais nele: paralisia ou náusea? Esgotamento nervoso ou uma angústia mortal lá dentro do peito? E se de tudo isso um pouco, então, no fim das contas, o que há de mais: prostração ou febre?

“Não é nada, não é nada – disse a mim mesmo –, abrigue-se do vento e siga bem devagarinho. E respire devagar, devagar. Respire assim para não trançar as pernas. E

¹⁹⁷ Pequenas maletas de fibra ou compensado eram acessórios indispensáveis aos trabalhadores soviéticos. Já os burocratas e membros da *intelligentsia* possuíam pastas de couro.

siga alguma direção. Não importa qual. Se for à esquerda, chegará à Estação de Kursk; se for reto, de todo modo vai dar na Estação de Kursk; se for à direita, ainda assim vai dar na Estação de Kursk. Então tome a direita, para chegar lá com certeza”. Oh, a vaidade!

Oh, o efêmero! Oh, o momento mais infame e vergonhoso na vida do meu povo – o momento entre o amanhecer e o abrir das lojas¹⁹⁸! Quantos cabelos brancos ele fez nascer em todos nós, homens errantes e atormentados de cabelos castanhos. Vá, Viénitchka, vá.

Moscou. Praça da Estação de Kursk

Aí está, eu bem que tinha razão: vá à direita, e sem dúvidas chegará à Estação de Kursk. Estava entediado naqueles becos, hein, Viénitchka, e queria agitação, pois aí está...

– Ora, pare com isso – disse a mim mesmo, – quem disse que é dessa sua agitação de que preciso? Por acaso preciso dessa gente toda? Eu lá tenho tempo pra isso? Afinal até mesmo o Redentor, até mesmo ele, disse à própria Mãe: “Que queres de mim?”. O que dizer então de mim? Que quer de mim essa gente ocupada e repulsiva?

É melhor eu me apoiar nessa coluna e apertar os olhos, assim a náusea vai passar...

“É claro, Viénitchka, é claro, – alguém começou a cantar lá em cima, de modo tão suave, tão terno, – feche os olhos, e a náusea vai passar”.

Oh! Eu sei quem são! São eles de novo! “Anjos do Senhor! São vocês novamente?”

“Mas é claro que somos nós,” – ainda tão ternamente!..

”Sabem de uma coisa, anjos?” – perguntei, suavemente como eles.

“O quê?” – responderam os anjos.

“É difícil pra mim...”

“Oras, nós sabemos que é difícil, – os anjos continuaram a cantar – mas vá andando, vá andando, se sentirá melhor. Daqui a meia hora as lojas estarão abertas: vodka só depois das nove, é verdade, mas desde cedo vendem um vinhozinho tinto¹⁹⁹...”

“Um vinhozinho?”

¹⁹⁸ Nos anos 1960 e 70, as lojas que vendiam bebidas alcoólicas não abriam antes das sete da manhã.

¹⁹⁹ Na União Soviética dos anos 1960, bebidas alcoólicas com gradações de 40° e acima começavam a ser vendidas às nove da manhã.

“Um vinhozinho,” – repetiram em coro os anjos do Senhor.

“Fresquinho?”

“Fresquinho, é claro...”

Oh, como fiquei empolgado!..

“Vocês dizem: vá andando, vá andando, se sentirá melhor. Mas nem andar eu quero. Vocês bem sabem como é andar na condição em que me encontro!..”

Com isso os anjos se calaram. E depois se puseram novamente a cantar:

“Faz o seguinte, então: dê um pulinho no restaurante da estação. De repente eles têm alguma coisa pra vender. Ontem à noite tinham xerez²⁰⁰. E todo aquele xerez não acaba em uma só noite!..

“Sim, sim, sim. É pra lá que eu vou. Vou lá ver agora. Obrigado, anjos...”

Eles cantaram tão, tão suavemente:

“Pois não, Viénia...”

E então, ternamente:

“Não há de quê...”

Como eles são adoráveis!.. Bem... então vamos lá. Que bom que ontem comprei presentinhos – não se vai a Petuchki sem presentinhos. De forma alguma se pode ir a Petuchki sem presentinhos. Lembrei-me deles por causa dos anjos, pois aqueles para quem os comprei são assim como anjos. Que bom que eu os comprei... Foi ontem, mas quando foi que os comprei? Tente lembrar... vá andando e tente lembrar...

Cruzei a praça – ou melhor, não cruzei, mas me arrastei. Parei duas ou três vezes, petrificado no lugar, para amenizar a vertigem. Afinal, no ser humano não existe apenas o lado físico; nele há também o lado espiritual, e há ainda – mais que isso – o lado místico, supraespiritual. Pois bem, eu sentia que a qualquer instante todos os meus três lados iam ser assaltados pela náusea, ali no meio da praça. E aí eu parava, petrificado.

– E então, quando foi mesmo que ontem eu comprei os presentinhos? Depois da *Okhótnitchia*? Não. Depois da *Okhótnitchia* eu já não queria saber de presentinhos. Entre o primeiro e o segundo copo de *Okhótnitchia*? Também não. Entre eles houve uma pausa de trinta segundos, e eu não sou um super-homem, capaz de fazer qualquer coisa em trinta segundos. Já um super-homem teria desabado depois do primeiro copo de *Okhótnitchia*, sem sequer chegar ao segundo... Então quando foi? Deus

²⁰⁰ Vinho fortificado soviético (19º), imitação barata do *jerez* espanhol.

misericordioso, quantos mistérios há neste mundo! Um impenetrável véu de mistérios! Antes da vodca de coentro ou entre a cerveja e o *Alb-de-dessert*?

Moscú. Restaurante da Estação de Kursk

Não, certamente não foi entre a cerveja e o *Alb-de-dessert*, entre eles decididamente não houve pausa alguma. Mas antes da vodca de coentro, aí sim é bastante possível. Ou, mais provável: as nozes antes da vodca de coentro, e os bombons depois. Ou talvez ao contrário: depois de beber a vodca de coentro, eu...

– Não temos nada alcoólico, – disse o porteiro brutamontes. E me olhou como se eu fosse um passarinho moribundo ou uma florzinha pisoteada.

“Não tem nada alcoólico!”

Ainda que tenha me encolhido em desespero, fui capaz de murmurar que não era nada disso que eu estava procurando. Que diferença faz pra ele o motivo da minha vinda? Talvez o Expresso de Perm não queira ir a Perm por alguma razão, e por isso eu tenha vindo até aqui, para comer estrogonofe de carne²⁰¹ e escutar Ivan Kozlówski ou alguma parte do *Barbeiro de Sevilha*.

De todo modo, eu havia trazido minha maleta comigo e, como há pouco no saguão, a apertava junto ao peito enquanto esperava para fazer o meu pedido.

Não tem nada alcoólico! Santa mãe de Deus! A se acreditar nos anjos, aqui haveria um mar de xerez. Mas no momento havia apenas música, e música com modulações caninas. É realmente Ivan Kozlówski que está cantando, eu logo reconheci, não há voz mais repugnante do que esta. Todas as vozes de todos os cantores são igualmente repugnantes, mas o são cada uma à sua maneira. É por isso que sou capaz de facilmente identificá-las de ouvido... É claro que é Ivan Kozlówski... “Oh, cálice dos meus antepassados... Oh, deixa-me admirar-te sob a luz das estre-e-elas noturnas...”. Sim, é claro que é Ivan Kozlówski... “Oh, por que estou tão encanta-a-ado por ti... Não me reje-e-eite...”.

– Vai pedir algo?

– O que vocês têm, só música?

– Como assim “só música”? Temos estrogonofe de carne, doces, úbere de vaca...

A náusea retornou.

– E que tal xerez?

²⁰¹ O estrogonofe de carne servido nas cantinas soviéticas pouco lembrava o prato que lhe dava o nome. Tratava-se de um tira de carne bovina refogada em molho, com a possível adição de pepinos em conserva.

– Nada de xerez.

– Interessante. Tem úberes, mas não tem xerez!

– Muuuuito interessante. Sim, não temos xerez, mas úberes nós temos.

E me deixaram ali plantado. Para não ficar ainda mais enjoado, comecei a examinar o lustre sobre a minha cabeça.

Belo lustre. Mas certamente pesado demais. Caso ele se solte e caia sobre a cabeça de alguém, vai ser terrivelmente doloroso... Não, não, provavelmente sequer seria doloroso: enquanto ele se solta e cai, você não suspeita de nada e bebe, por exemplo, xerez. E assim que ele te atinge, estás morto. É uma ideia da pesada: você ali sentado e um lustre te cai sobre a cabeça. Realmente uma ideia da pesada...

Não, não. O que é que ela tem de tão pesada?.. Caso você esteja, suponhamos, bebendo xerez, caso já tenha curado a ressaca, essa não é uma ideia tão pesada... Mas se estiver ali, sem conseguir curar a ressaca, e não te querem dar xerez – e ainda por cima te cai um lustre na cabeça – isso sim é pesado... Uma ideia bastante opressiva. Uma ideia que nem todos são capazes de suportar, especialmente de ressaca.

E você concordaria caso propusessem o seguinte: nós te traremos agora, digamos, 800 gramas de xerez, mas em troca vamos soltar o lustre na sua cabeça e...

– E então, decidiu? Vai pedir algo?

– Xerez, por favor. 800 gramas.

– Dá pra ver que você já está bem tocado! Já lhe disse com todas as letras: não temos xerez!

– Bom... Eu espero... Até que tenha...

– Pois pode esperar... E espere sentado!.. Seu xerez vai chegar logo, logo!

E novamente me deixaram ali plantado. Olhei enjoado para essa mulher. Especialmente para as suas meias brancas sem costuras; uma costura teria me tranquilizado, e talvez até aliviado a minha alma e a minha consciência...

Por que é que todo mundo é tão grosseiro, hein? E tão deliberadamente grosseiro justo naqueles instantes quando não se deve ser grosseiro, quando todos os nervos da pessoa com ressaca estão expostos, quando ela está indisposta e vulnerável! Por que isso?! Oh, se o mundo todo, se cada pessoa no mundo fosse como eu sou agora, vulnerável e temerosa, e também não tivesse certeza alguma: nem em si mesmo, nem na seriedade de seu lugar sob o céu – como seria bom! Nada de entusiastas, nada de atos heroicos, nada de obsessões! – uma pusilanimidade universal. Eu concordaria em viver neste mundo por toda uma eternidade, caso antes me mostrassem um cantinho onde

nem sempre há lugar para atos heroicos. “Pusilanimidade universal” – essa é de fato a salvação de todas as calamidades, a panaceia, o predicado da perfeição absoluta! E no que diz respeito ao princípio ativo da natureza...

– Quem aqui pediu xerez?!

Sobre mim se debruçavam duas mulheres e um homem, todos os três de branco. Ergui meus olhos até eles – oh, quanta feiura e desordem deve existir em meus olhos neste momento – eu entendi isso só de olhar para eles, em seus olhos, pois em seus olhos estava refletida essa desordem e essa feiura... Eu arrefeci completamente e perdi o ânimo.

– Pois bem... Não vou insistir. Tudo bem, se não tem xerez, eu espero, eu estava falando por falar...

– Como “falando por falar”... Tá pensando que “vai esperar” o quê?!

– Oh, quase nada... Eu, vejam... Só estou indo a Petuchki, ver a minha bem amada (ha-ha! “bem amada”!), até presentinhos eu comprei...

Eles ficaram esperando, aqueles carrascos, pra ver o que mais eu ia dizer.

– Pois vejam... Eu sou da Sibéria, sou órfão... E só para não ficar enjoado... Queria um pouco de xerez.

Pra que é que eu fui falar de novo sobre o xerez, pra quê?! Isso deixou-os completamente furiosos. Os três me pegaram por debaixo dos braços e me arrastaram – oh, a dor de tamanha ignomínia! – me arrastaram por todo o saguão e me tacaram para fora. E, logo atrás de mim, veio voando a minha maleta com os presentinhos.

De novo ao ar livre. Oh, o vazio! Oh, a face brutal da existência!

Moscou. Rumo ao trem passando pela loja.

O que houve então – do restaurante até a loja, e da loja até o trem – a linguagem humana não seria capaz de expressar. Eu não vou nem tentar. E caso os anjos se arrisquem, simplesmente vão cair em prantos e, por causa disso, não vão conseguir falar.

Ao invés disso, vamos fazer o seguinte: vamos prestar um minuto de silêncio em homenagem a essas duas horas fatais. Lembre-se, Viénitchka, dessas duas horas. Nos dias mais arrebatadores e estimulantes da sua vida, lembre-se delas. Nos momentos de regozijo e beatitude, não se esqueça delas. Elas não devem se repetir. Eu me dirijo a todos os parentes e amigos, a todas as pessoas de boa vontade, eu me dirijo a todos aqueles cujo coração está aberto à poesia e à compaixão:

“Interrompam o que estiverem fazendo. Detenham-se junto a mim, e prestemos um minuto de silêncio em homenagem àquilo que é inexpressível. Caso tenham em mãos qualquer sirene vagabunda, é hora de fazer barulho”.

Pois bem. Eu também me detenho. Por um minuto exato, observando com olhos turvos o relógio da estação, fico plantado como um poste bem no meio da Praça da Estação de Kursk. Os meus cabelos ora dançam ao vento, ora ficam em pé, e de novo voltam a dançar. Taxis me circulam vindos de todos os cantos. As pessoas também, e lançam-me olhares tão selvagens. Provavelmente pensam: “devemos esculpi-lo nesta pose, para a edificação dos povos antigos, ou não?”.

E a quietude é violada apenas por uma voz feminina grave e rouca, vinda de lugar algum:

“Atenção! O trem para Petuchki sairá às 8 horas e 16 minutos, do quarto terminal. Paradas em: Foice e Martelo, Tchukhlínka, Reútovo, Jeleznodorójnaia. Além deste ponto em todas as estações, exceto Iéssino”.

E eu continuo plantado.

“Repetindo! O trem para Petuchki sairá às 8 horas e 16 minutos, quarto terminal. Paradas em: Foice e Martelo, Tchukhlínka, Reútovo, Jeleznodorójnaia. Além deste ponto em todas as estações, exceto Iéssino”

Bem, é isso. O minuto se esgotou. Agora todos vocês, é claro, vão cair em cima, cheios de perguntas: “Você está vindo da loja, não é, Viénitchka?”.

– Sim – respondo-lhes – venho da loja – e continuo meu caminho em direção à plataforma, inclinando a cabeça à esquerda.

– Sua maleta agora está pesada, não está? E uma melodia preenche o seu coração, não é verdade?

– Bem, pode ser que sim! – digo, inclinando a cabeça à direita – A maleta realmente está bem pesada. Mas quanto a melodias no coração, é cedo para dizê-lo...

– E então, Viénitchka, o que foi, afinal de contas, que você comprou? Estamos morrendo de curiosidade!

Sim, dá pra ver que estão curiosos. Em um minutinho eu conto tudo: em primeiro lugar, duas garrafas de *Kubánskaia*²⁰², por dois e sessenta e dois cada, para um total de cinco e vinte quatro. A seguir: duas garrafas de um quarto de litro de *Rossískaia*²⁰³, por um rublo e sessenta e quatro, para um total de cinco e vinte quatro

²⁰² Marca popular de vodca soviética.

²⁰³ Marca popular de vodca soviética.

mais três e vinte oito. Total: oito rublos e cinquenta e dois copeques. E também um pouco de tinto. Já, já me lembro... Sim, um *rosé* reforçado²⁰⁴ por um rublo e trinta e sete.

– Certo, certo, certo – dizem vocês – E qual é o total? Estamos realmente morrendo de curiosidade...

Em um minuto lhes digo qual foi o total...

– O total foi nove rublos e oitenta e nove copeques – digo, pondo o pé na plataforma – mas este não é o total completo. Afinal eu comprei ainda dois sanduíches, para não vomitar.

– Você quis dizer “para não ter náuseas”, Viénitchka?

– Não, eu disse o que disse. Eu não posso tomar a primeira dose sem lambiscar alguma coisa, pois do contrário posso acabar vomitando. Já a segunda e terceira doses posso tomar direto, pois posso até sentir náuseas, mas vontade de vomitar, não. E assim até a nona dose. E aí então preciso de mais um sanduíche.

– Por quê? De novo para não sentir náuseas?

– É claro que não, a essa altura não sinto náuseas de jeito nenhum. Mas vomitar, pode ser que eu vomite.

Vocês todos, é claro, sacodem a cabeça em resposta. Posso até ver daqui, da plataforma úmida, como vocês todos, dispersos por essa minha terra, sacodem a cabeça e partem para a ironia:

– Como isso é complicado, Viénitchka, quantas sutilezas!

– Pode crer!

– Mas que agudeza de pensamento! E isso é tudo? Isso é tudo de que você precisa para ser feliz? Só isso e nada mais?

– Como assim, nada mais? – digo, entrando no vagão – tivesse eu um pouco mais de dinheiro, teria comprado também alguma cerveja e umas garrafas de *Portwein*²⁰⁵, mas acontece que...

A essa altura vocês realmente começam a resmungar.

– O-o-o-o-oh, Viénitchka! O-o-o-oh, como você é primitivo!

Bem, e daí? E se eu for primitivo? – digo. E não lhes dirijo mais a palavra. “Pois que sou um primitivo!”. E não vou mais responder às suas perguntas. Ganho mais me

²⁰⁴ Tipo de vinho rosé de sobremesa (18°) barato e de baixa qualidade.

²⁰⁵ Literalmente, “vinho do porto”. Na realidade, tratava-se de um vermute barato.

sentando, com a maleta apertada junto ao peito, e olhando pela janela. É isso! “Pois que sou um primitivo!”.

Mas vocês insistem:

– Que há? Ofendeu-se?

– É claro que não – respondo.

– Não se ofenda, nós queremos o seu bem. Mas por que é que você, seu bobão, fica apertando sua maleta contra o peito? É porque tem vodca lá dentro, ou o quê?

A essa altura fiquei realmente ofendido: o que é que tem a vodca com isso? Para mim já está claro que vocês não sabem falar de outra coisa a não ser além de vodca.

“Cidadãos passageiros, nosso trem dirige-se à Estação Petuchki. Paradas em: Foice e Martelo, Tchukhlínka, Reútovo, Jeleznodorójnaia. Além deste ponto em todas as estações, exceto Iéssino”.

De fato, o que a vodca tem com isso? Vocês não param de implicar com essa vodca! No restaurante, para o governo de vocês, eu também a estava apertando contra o peito, e ainda não havia nenhuma vodca ali dentro. E no saguão, se estão lembrados, eu também a estava abraçando, e ali nem cheiro de vodca havia!.. Se querem tanto saber de tudo, eu lhes conto, esperem aí. Assim que der um trago em Foice e Martelo, aí...

Moscou – Foice e Martelo

Aí então eu conto tudo. Aguentem aí. Afinal eu estou aqui me aguentando!

Bem, é claro que todos eles me consideram uma pessoa terrível. Quando estou de ressaca pela manhã, sou da mesma opinião. Mas, vejam, não se pode confiar na opinião daquele que ainda não se curou da ressaca! Em compensação durante a noite, que abismos não se abrem dentro de mim! Se, é claro, eu tiver enchido bem a cara durante o dia, que abismos então não se abrem dentro de mim durante a noite!

Mas e daí? E se eu for uma pessoa terrível? Tenho me dado conta de que, em geral, caso a pessoa se sinta mal pela manhã, mas esteja repleta de projetos, sonhos e disposição durante a noite, ela é uma pessoa terrível. Mal pela manhã, bem à noite: um sinal certo de um sujeito ruim. Já se for o contrário, se de manhã a pessoa está cheia de vigor e de esperança, e de noite já foi vencida pela exaustão, trata-se certamente de uma pessoa vil, um trambiqueiro medíocre. Esse tipo de gente me dá nojo. Não sei quanto a vocês, mas a mim, me dá muito nojo.

É claro, há ainda aqueles para quem as coisas são igualmente agradáveis de manhã e à noite; estão felizes no nascer do sol e também ao pôr do sol: estes são

simplesmente canalhas, e até falar sobre eles é revoltante. Mas se o sujeito se sente igualmente mal durante a manhã e a noite, aí então eu já nem sei o que dizer sobre um cafajeste demagogo desgraçado desses. Pois as nossas lojas ficam abertas até às nove, e o *Elisséev* até às onze, e se você não for completamente imbecil, sempre será capaz de se elevar até algum abismozinho mixuruca.

Pois bem, o que é mesmo que eu tenho aqui?

Eu retirei da maleta o que lá havia e apalpei tudo: do sanduíche ao *rosé* reforçado de um rublo de trinta e sete. Apalpei e, de repente, fui invadido pela aflição. Tornei a apalpar e fiquei branco... Senhor, você vê o que eu possuo. Mas isso realmente me é necessário? É por *isso* que anseia a minha alma? É isso que me foi dado no lugar daquilo por que anseia a minha alma! Mas se me fosse dado *aquilo*, será que eu realmente precisaria *disso*? Vê, Senhor, aqui está o *rosé* reforçado de um rublo e trinta e sete...

E em seu esplendor de relâmpagos azuis, o Senhor me respondeu:

– E que necessidade tinha Santa Teresa dos estigmas? Ela não tinha necessidade nenhuma deles. Mas eles lhe eram desejáveis.

– É justamente isso! – exclamei extasiado – Pois comigo é o mesmo, é igualzinho – para mim tudo é desejável, mesmo que eu não tenha a menor necessidade.

“Bem, se isso lhe é desejável, Viénitchka, trate de beber”, – pensei comigo mesmo, mas hesitando. Será que o Senhor ainda teria algo a me dizer, ou não?

O Senhor calava.

Então está bem. Peguei uma garrafa de um quarto de litro e saí ao compartimento para fumantes²⁰⁶. Pois bem. O meu espírito esteve atormentado em cativeiro por quatro horas e meia, e agora eu vou lhe dar liberdade. Tenho um copo e tenho um sanduíche, para que não me dê náusea. E tenho minha alma, ainda entreaberta às impressões da existência. Partilha comigo esta ceia, Senhor!

Foice e Martelo – Karatchárovo

E bebi sem demora.

Karatchárovo – Tchukhlínka

²⁰⁶ Тамбуп: Espécie de plataforma entre o vagão e a porta de saída do trem, onde frequentemente as pessoas bebem e fumam.

E, depois de ter bebido, vocês mesmos puderam ver quanto tempo passei fazendo caretas e segurando o enjoo, por quanto tempo eu amaldiçoei e praguejei. Não foi por cinco nem sete minutos, nem mesmo por toda uma eternidade que me joguei contra as quatro paredes, agarrando-me à minha própria garganta, suplicando ao meu Deus que não me ofendesse.

Até eu chegar a Karatchárovo, de Foice e Martelo até Karatchárovo, meu Deus não pôde ouvir a minha oração – o copo bebido ora espiralava entre o ventre e o esôfago, ora se lançava acima, ora voltava a assentar. Era como o Vesúvio, Herculano e Pompéia, como os fogos de artifício do Primeiro de Maio na capital de meu país. E eu sofria e orava.

E foi somente chegando a Karatchárovo que o meu Deus me ouviu e atendeu à minha prece. Tudo se acalmou e aquietou. E quando algo se acalma e aquieta em mim, é irreversível. Estejam certos disso. Eu respeito a natureza, seria indelicado devolver a ela as suas oferendas... Sim.

Alisei os cabelos do jeito que deu e retornei ao vagão. Os passageiros me olharam quase que com indiferença, com seus olhos arregalados e apáticos...

Isso me agrada. Me agrada que o povo do meu país tenha olhos tão ausentes e esbugalhados. Isso insufla em mim um sentimento de legítimo orgulho. Vocês podem imaginar como são os olhos do lado de lá, onde tudo se vende e de tudo se compra: olhos profundamente obscuros, sempre à espreita, predadores e aterrorizados... A inflação, o desemprego, a miséria... As pessoas olham com desconfiança, com incessante preocupação e sofrimento – assim são os olhos no mundo do metal sonante...

Em compensação, que olhos tem o meu povo! Estão sempre esbugalhados, mas neles não há qualquer tensão. É a completa ausência de qualquer sentido mas, contudo, que força! (que força espiritual!). Esses olhos não vão te trair. Não venderão nem comprarão nada. Não importa o que aconteça com o meu país, nos dias de incerteza, nos dias de onerosa reflexão, nos tempos de provas e calamidades várias, esses olhos não vão piscar. Para eles, tudo é maná do céu...

Eu gosto do meu povo. Fico feliz por ter nascido e me tornado homem sendo contemplado por estes olhos. Só tem um problema: e se eles tiverem notado as minhas macaquices ali no compartimento?... As minhas cambalhotas, de um lado para o outro, como as do grande trágico Fiódor Chaliápin, com a mão agarrada à garganta, como se alguma coisa estivesse me estrangulando?

Mas por outro lado, quem se importa? Se alguém me viu ali, tudo bem. Eu poderia estar ensaiando algo... Sim, por que não? Talvez eu estivesse interpretando o drama imortal “Otelo, o Mouro de Veneza”. Interpretando sozinho, e a todos os papéis ao mesmo tempo²⁰⁷. Por exemplo, eu traía a mim mesmo e às minhas convicções: ou melhor, eu passei a suspeitar que eu mesmo traía a mim e às minhas convicções; e sussurrei a meu próprio respeito ao pé do meu ouvido – oh, as coisas que sussurrei! E ali estou, apaixonado por mim mesmo por conta dos meus tormentos, amando a mim como a mim mesmo, – e lá vou eu me estrangular. Me agarrei pela garganta e pela alma. Quem é que se importa com o que eu estava ali fazendo?..

Vejam – ali à direita, perto da janela – aquela dupla. Um é burro-bem-burro com seu capote acolchoado²⁰⁸. O outro é inteligente-super-inteligente com seu sobretudo²⁰⁹. E, sem hesitação, sem vergonha alguma, servem e tomam suas bebidas. Mandam ver um petisco e tornam a encher o copo. Não correm ao compartimento torcendo os braços de vergonha. O burro-bem-burro dá um gole, solta um grunhido, e diz: “Ah! Como desce bem, a puta!”. O inteligente-super-inteligente bebe um gole e diz: “Trans-cen-den-tal!”²¹⁰ – e com uma voz tão festiva! O burro-bem-burro engole um petisco e diz: “Nossos pe-etiscos hoje estão demais! De lamber os dedos!”. E o inteligente-super-inteligente mastiga e diz: “Si-i-im... Trans-cen-den-tal!..”.

Notável! Eu entrei no vagão e me sentei, imaginando aflito: teriam me tomado pelo mouro ou por outro? Haviam me visto com bons ou maus olhos? Enquanto isso aqueles dois bebem ávida e abertamente, como se fossem a nata da criação, bebem conscientes da própria superioridade natural sobre o mundo... “petiscos de lamber os dedos!”... Eu, bebendo de ressaca pela manhã, me oculto do céu e da terra, pois essa é a mais íntima das intimidades!.. Antes do trabalho, bebo e me escondo. Durante o trabalho, bebo e me escondo... E esses dois aí? “Trans-cen-den-tal!”.

A minha sensibilidade me é bastante prejudicial. Ela arruinou a minha juventude, minha infância e adolescência... Melhor dizendo: é provável que não se trate de sensibilidade; é que expandi desmesuradamente a esfera da intimidade. Quantas vezes isso me arruinou...

²⁰⁷ Peças de teatro em que um único ator interpretava todos os papéis surgiram na URSS em 1927, mas tornaram-se populares nos anos 1960.

²⁰⁸ Trata-se do estereótipo de um membro da classe dos lúmpens.

²⁰⁹ Trata-se do estereótipo de um membro da *intelligentsia*.

²¹⁰ Um dos conceitos chave do sistema filosófico de Immanuel Kant.

Pois agora eu vou lhes contar. Certa feita, uns dez anos atrás, fui morar em Oriékhovo-Zúievo. Antes da minha mudança já vivia um quarteto no meu novo quarto. Eu me tornei o quinto. Nós éramos como unha e carne, e não havia quaisquer desentendimentos entre nós. Caso alguém quisesse beber *Portvein*, o sujeito se levantava e dizia: “rapaziada, quero beber *Portvein*”. E todos respondiam: “Tudo bem. Vai lá beber *Portvein*. Nós vamos beber *Portvein* contigo”. Caso alguém estivesse a fim de cerveja, todos também estavam.

Perfeito. Mas, de uma hora para a outra, eu passei a notar que aqueles quatro estavam se *afastando* de mim, *cochichando* enquanto me olhavam de soslaio, *espreitando* os meus movimentos. Achei isso tudo estranho, e até meio inquietante. E em suas fisionomias eu podia ver aquela mesma preocupação, e até mesmo um certo medo... “O que é que há?” eu me afligia “Por que isso está acontecendo?”.

E eis que chegou a noite quando eu entendi o motivo e a razão de tudo aquilo. Se bem me lembro, naquele dia eu sequer me levantei da cama: Bebi cerveja e fiquei deprimido. Simplesmente fiquei deitado e deprimido.

Então vi que estava sendo cercado pelo quarteto. Dois sentaram-se nas cadeiras perto da cabeceira, e dois no pé da cama. E me olhavam nos olhos com reprovação, olhavam com a amargura dos que são incapazes de sondar o mistério encerrado em meu interior... Decerto alguma coisa havia acontecido...

– Escuta aqui – disseram eles – para com isso.

– Parar com o quê?... – eu disse espantado, me erguendo um pouco.

– Pare de achar que você é melhor do que os outros... Que nós somos gentalha enquanto você é Caim e Manfred...

– Mas do que é que vocês estão falando?!..

– É o seguinte: você bebeu cerveja hoje?

Tchukhlínka – Kúskovo

– Bebi.

– Bebeu bastante?

– Bastante.

– Então levanta-te e anda²¹¹.

²¹¹ Perífrase do *leitmotiv* do romance, a frase bíblica “Talítha kum”. Ela tem origem no Novo Testamento: “Qual é mais fácil, dizer ao paralítico: Perdoados são os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?” (Marcos 2:9)

– Como assim “anda”?

– Como se você não soubesse! Então é assim: nós somos insetos e patifes insignificantes, e você é Caim e Manfred...

– Perdão – disse eu – eu não tive a intenção de...

– Pelo contrário, é claro que teve. Desde que se mudou para cá, você insinua isso todos os dias. Não com palavras, mas com fatos. Sequer com fatos, mas com a ausência delas. Você o afirma por negação...

– Mas de que “fatos” estão falando? De que “negação”? – arregalei completamente os olhos, embasbacado...

– Você sabe muito bem do que estamos falando. Você nunca vai à privada, é isso. Nós sentimos logo de cara que algo não cheirava bem. Desde que você se mudou pra cá, ninguém aqui te viu ir ao toalete nem uma vez. Tá certo, se fosse só na hora de obrar, vá lá! Mas nem mesmo te vimos verter água, nem uma vez... Nem verter água!

E tudo isso foi dito sem o menor sorriso, em um tom mortalmente ofendido.

– Não, rapaziada, vocês me entenderam mal...

– Não, nós te entendemos muito bem...

– De forma alguma, não entenderam. Eu simplesmente não consigo fazer como vocês: levantar da cama e dizer em alto e bom som: “bom, rapaziada, vou lá dar uma cagada!” ou “bom, rapaziada, vou lá dar uma mijada!”. Eu simplesmente não consigo...

– E não consegue por quê?! Nós conseguimos, e você não?! Em outras palavras, está dizendo que é melhor que a gente! Nós somos animais imundos, e você é a flor-de-lis!..

– Não, de forma alguma... Como posso explicar a vocês?..

– Não há nada o que explicar... Já entendemos tudo.

– Só me escutem um minuto... Tentem entender... Neste mundo existem coisas...

– Nós sabemos tão bem quanto você que coisas existem e que coisas não existem...

Não havia modo de convencê-los. Seus olhares sombrios penetravam a minha alma... Eu comecei a ceder.

– Bem, é claro que eu também consigo... Eu também poderia...

– Aí está. Quer dizer que você consegue, assim como a gente consegue. Mas a gente não consegue, como você consegue. Você, é claro, é capaz de tudo, mas a gente não pode nada. Você é Manfred, é Caim, e a gente é a escarrada em que você pisa...

– Não, é claro que não – aqui eu me enrolei todo – neste mundo existem coisas... Existem esferas tais... Não se pode simplesmente levantar e ir. Por causa dos limites que as pessoas se impõem e coisas do tipo... Existem os imperativos do pudor, dos tempos de Ivan Turguêniev... E, além disso, os votos nas Colinas dos Pardais... E depois de tudo isso levantar e dizer: “bom, rapaziada...” é meio ofensivo... Pois se a pessoa tem coração delicado...

Todos os quatro me lançaram olhares fulminantes. Dei de ombros e calei-me, desconsolado.

– É melhor deixar Ivan Turguêniev para lá. Fale sem tantos rodeios. Nós também lemos Turguêniev. Antes, diga lá: você bebeu cerveja hoje?

– Bebi.

– Quantos canecos?

– Dois grandes e um pequeno.

– Pois então levanta-te e anda. Para que todos vejam que você já se foi. Não nos humilhe e nem nos provoque. Levanta-te e anda.

Bem, eu levantei e fui. Não para me aliviar, mas para aliviá-los. E quando eu voltei, um deles me disse: “Com esses pontos de vista, você será sempre solitário e infeliz”.

Sim. Ele estava absolutamente correto. Eu entendo muitos dos desígnios de Deus, mas para que ele investiu em mim tamanha pudicícia, eu até hoje não sei. E a minha pudicícia – essa é a parte mais engraçada! – a minha pudicícia era tão mal interpretada que acabavam por não ver em mim sequer a mais elementar das educações.

Por exemplo, em Pávlovo-Possad. Me levam às damas e me apresentam da seguinte maneira:

– E aqui está o famoso Viénitchka Eroféiev, em carne e osso. Ele é famoso por muitos motivos. Mas sobretudo, é claro, por jamais, em toda a sua vida, ter soltado um peido...

– Mas como?! Nunca?! – surpreendem-se as damas, olhos arregalados fixos em mim – jamais?!

Eu, é claro, começo a ficar encabulado. Sou incapaz de não me encabular na presença de damas. Digo:

– Bem, não é bem assim! De vez em quando... Vejam bem...

– Como assim, Eroféiev?! – as damas se surpreendem ainda mais – Olha as ideias!.. “às vezes, vejam bem!”

Nisso me perco de vez, e falo só por falar:

– Bem... O que de há de tão estranho... Eu só... Afinal, isso de peidar, isso é tão numenal... Não há nada de fenomenal²¹² ... nessa coisa de peidar...

– Ora, vejam só! – exclamam bestificadas as damas.

Mas depois saem espalhando para todo mundo, de Moscou a Petuchki: “Ele o faz sonoramente, e ainda diz que não o faz *mal*! Que o faz *muito bem*, obrigado!”.

Bem, estão vendo só? Esse pesadelo vive me assombrando a vida inteira. O pesadelo de que as pessoas estão te entendendo *mal*, ou ainda pior – *mal* seria um alívio – entendendo *exatamente o contrário* do que você está querendo dizer, ou seja, mal e porcamente, ou seja, *antinomicamente*²¹³.

Eu poderia passar horas falando sobre esse tema, mas caso lhes contasse tudo, me estenderia até Petuchki. É melhor que eu não conte tudo, mas apenas um único caso, pois ele é o mais recente: a história é sobre como, há uma semana, fui removido do meu posto de chefe de equipe pela “implementação de um sistema imoral de gráficos individuais”. Toda a nossa administração moscovita treme horrorizada só de lembrar-se desses gráficos. E, afinal, o que é que de tão horrível havia neles?!

Pois é! Onde é mesmo que estamos agora?

Kúskovo! Nós vamos cortando sem paradas por Kúskovo! Uma ocasião dessas mereceria mais uma bebidinha, mas antes é melhor eu contar pra vocês,

Kúskovo – Novoguiréievo

e depois vou lá dar um trago.

Pois bem. Há uma semana fui demitido da chefia da equipe, para a qual havia sido designado cinco semanas antes. Em quatro semanas, como vocês sabem, não é possível introduzir reformas radicais, e eu certamente não o fiz. E mesmo que alguém tenha achado que eu introduzi alguma mudança, não foi por isso que me enxotaram de lá.

O negócio começou do modo mais insignificante. Antes do meu mandato o nosso processo de produção seguia o seguinte modelo: pela manhã nós nos sentávamos e jogávamos *sika*²¹⁴, a dinheiro (vocês sabem jogar *sika*?). Certo. Então nos levantávamos, desenrolávamos os cabos das bobinas e os enterrávamos. E depois, vocês

²¹² “Noumeno” e “fenômeno” são dois termos chave para a filosofia, e são usados em particular por Kant.

²¹³ Conceito fundamental para a compreensão do sistema filosófico de Kant.

²¹⁴ *Sika* (a grafia correta é *sikka*, ou *seka*) é um jogo de azar de cartas, surgido na Rússia no início do século XIX, popular especialmente entre as classes sociais inferiores.

sabem como são essas coisas: tornávamos a sentar e cada um matava o tempo como bem entendesse, pois afinal cada indivíduo possui seus próprios sonhos e seu próprio temperamento. Um bebia vermute, outro – que era mais singelo – bebia água-de-colônia “Frescor”²¹⁵, um outro, mais sofisticado, bebia conhaque no aeroporto internacional Cheremétievo. Daí íamos dormir.

E na manhã seguinte era assim: para começar nos sentávamos e bebíamos vermute. Então nos levantávamos, recolhíamos os cabos enterrados no dia anterior e os descartávamos, dado que já estavam todos molhados, evidentemente. Mas e depois disso? Depois tornávamos a sentar para jogar *sika*, a dinheiro. Daí íamos dormir, sem terminar o jogo.

Logo cedo na manhã seguinte acordávamos uns aos outros: “Liókha! Levanta, bora jogar *sika*!” “Stássik, acorda e vamos terminar o jogo de ontem!”. Nos levantávamos e terminávamos o jogo. E então, antes do galo cantar, antes mesmo de bebericar “Frescor” ou vermute, apanhávamos uma bobina de cabo e começávamos a desenrolá-lo, para que até o dia seguinte ele estivesse encharcado e imprestável. Em seguida, cada um ia matar o tempo à sua maneira, pois cada pessoa possui seus próprios ideais. E assim tudo recomeçava.

Ao assumir a chefia da equipe, eu simplifiquei este processo até o limite do imaginável. Agora nós faríamos o seguinte: um dia nós jogávamos *sika*, no outro bebíamos vermute, no terceiro de novo *sika*, no quarto de novo vermute. E aquele nosso tal intelectual desapareceu para sempre no aeroporto Cheremétievo: simplesmente sentou-se lá e ficou bebendo o seu conhaque. Nós, é claro, não encostávamos sequer um dedo nas bobinas, e caso eu propusesse que o fizéssemos, eles gargalhariam como deuses, então encheriam a minha cara de sopapos, e em seguida cada um tomaria o seu rumo: um iria jogar *sika*, a dinheiro, outro iria beber vermute, e outro ainda iria beber “Frescor”.

Por um certo tempo, tudo ia às mil maravilhas. Uma vez ao mês nós enviávamos para eles lá os papéis necessários, e duas vezes ao mês eles nos enviavam o pagamento²¹⁶. Nós, por exemplo, escrevíamos: por ocasião do iminente centenário²¹⁷, nos comprometemos a erradicar os acidentes trabalhistas. Ou então: por ocasião do

²¹⁵ O uso de águas de colônia, loções e outros produtos cosméticos na confecção de bebidas alcoólicas era um fenômeno comum entre alcoólatras soviéticos, pois, até 1991, o seu preço era significativamente mais baixo do que o da vodca e outras bebidas alcoólicas. Todavia, mesmo após 1991, “Frescor” seguiu bastante popular entre alcoólatras.

²¹⁶ No sistema soviético, os pagamentos eram divididos em duas partes.

²¹⁷ Em 1970, comemorou-se o centenário do nascimento de Lenin.

glorioso centenário, nos comprometemos a fazer com que um em cada seis operários complete um curso por correspondência em um instituto de ensino superior. Mas a que acidentes trabalhistas e institutos estávamos nos referindo, se por causa da *sika* nós sequer víamos a luz do Sol, e éramos cinco ao todo?!

Oh, a liberdade e a igualdade! Oh, a fraternidade e o parasitismo social! Oh, a doce ausência de responsabilidades! Oh, o mais bem-aventurado momento na vida do meu povo – o momento entre a abertura e o fechamento das lojas!

Tendo descartado a vulgaridade e as preocupações distantes, nós vivíamos uma vida exclusivamente espiritual. Eu lhes expandia os horizontes na medida do possível, e isso lhes agradava um bocado: particularmente quando se tratava de Israel e dos árabes. Era algo que os deixava completamente extasiados: em êxtase por conta de Israel, em êxtase por conta dos árabes, e especialmente por conta das Colinas de Golã. Eles não paravam de falar em Abba Eban e Moshe Dayan. Ao voltar de manhã da putaria, por exemplo, um perguntava ao outro: “E aí? A Ninka do quarto 13 *moshe* bem aquele rabo?” e o outro respondia com um sorrisinho condescendente: “*Moshe e abbana*, a porcalhona!”.

E mais tarde (ouçam), mais tarde, após eles terem descoberto o motivo da morte de Púchkin, mostrei-lhes o poema “O Jardim dos Rouxinóis”, de Aleksandr Blok. Ali, no cerne do poema, se deixarmos de lado todos os ombros perfumados, as névoas à meia-luz e as róseas torres em vestes esfumaçadas, ali no cerne do poema está o herói lírico, dispensado do trabalho por ser dado à embriaguez, à putaria e à falta de compromisso. Eu lhes disse: “é um livro bastante contemporâneo; leiam-no e ele lhes será de grande utilidade”. E então? Eles o leram. Mas, ao contrário do esperado, o poema exerceu sobre eles um efeito deprimente: de uma só vez todo o “Frescor” desapareceu de todas as lojas. É impossível saber por que razão, mas a *sika* caiu no esquecimento, o vermute caiu no esquecimento, o aeroporto internacional Cheremétievo caiu no esquecimento, e o “Frescor” triunfou. Todos bebiam apenas “Frescor”.

Oh, o desmazelo! Oh, aves do céu, que não ajuntam em celeiros! Oh, os lírios do campo, mais belamente vestidos que Salomão! Eles beberam todo o “Frescor”, da estação Dolgoprúdni até o aeroporto internacional Cheremétievo!

Nessa altura algo me ocorreu: mas você é mesmo um tolo, Viénitchka, um completo idiota. Lembre-se, você leu que um sábio qualquer disse que o senhor Deus olha apenas pelo destino dos príncipes, delegando a eles a responsabilidade pelo destino do povo. Você é o chefe da brigada e, portanto, um “pequeno príncipe”. Onde está a sua

preocupação com o destino do seu povo? Você sequer sondou a alma desses parasitas, os cantos obscuros das almas desses parasitas? Você conhece a dialética do coração desses quatro imbecis? Caso conhecesse, você entenderia melhor o que há de comum entre “O Jardim dos Rouxinóis” e “Frescor”, e por que “O Jardim dos Rouxinóis” não poderia coexistir nem com a *sika* e nem com o vermute, ao passo que, com Moshe Dayan e Abba Eban, pode coexistir perfeitamente!..

E foi aí então que eu implementei os meus famigerados “gráficos individuais”, pelos quais, no fim das contas, fui mandado embora...

Novoguiréievo – Reútovo

Querem saber no que consistiam esses gráficos? Bem, é bastante simples: em uma folha de papel velino desenha-se dois eixos a nanquim – um eixo horizontal, outro vertical. No eixo horizontal são marcados cronologicamente todos os dias de trabalho do mês anterior, e no vertical aparece a quantidade em gramas de álcool puro de tudo que foi ingerido. É levado em conta, é claro, apenas aquilo que é bebido no horário de trabalho ou antes dele, pois a quantidade ingerida durante a noite é mais ou menos constante para todos, e seria desprezível para qualquer pesquisador sério.

Assim, ao fim do mês, o operário vinha até mim com seu relatório: em tal dia foi bebido tanto de tal bebida, no outro dia tal quantidade de qualquer coisa, *et cetera*. E eu reproduzia tudo isso em um belo diagrama, a nanquim no papel velino. Aqui está, contemplem, por exemplo, esse gráfico do *komsomóliets* Víktor Totóchkin:

E aqui está Aleksei Blindiáiev, membro do PCUS desde 1936, velho imbecil e esfarrapado:

Já este pertence ao seu fiel escudeiro, o ex-chefe da instalação de cabos da PTUS e autor do poema *Moscou – Petuchki*:

São gráficos interessantes, não são? Interessantes até mesmo ao olhar mais superficial. Em um deles, o Himalaia, o Tirol²¹⁸, os campos de petróleo de Baku, ou até mesmo o rendilhado das muralhas do Kremlin, que eu, contudo, nunca vi.

Em outro: a brisa matutina no rio Kama, a crisperação suave e os reflexos aperolados da luz do lampião. Em um terceiro, a batida de um coração altivo, uma canção da Procelária e a Nona Onda. E tudo isso olhando-se apenas a aparência superficial das linhas.

Mas a qualquer pessoa curiosa (a mim, por exemplo) essas linhas revelam tudo que poderia ser revelado sobre o homem e o coração humano: todas as suas características – das sexuais às práticas – e todas as suas falhas – das práticas às sexuais. Tanto o grau de seu equilíbrio, quanto da propensão à traição, além de todos os segredos de seu subconsciente, se é que ele existe.

Eu passei a examinar a alma de cada um daqueles escrotos com cuidado, atenção e minúcia. Mas não o fiz por muito tempo; em um fatídico dia, todos os meus diagramas desapareceram da minha escrivaninha. Acontece que, naquele dia, aquela múmia sonolenta, Andrei Blindiáiev, membro do PCUS desde 1936, tinha despachado para a Diretoria os nossos novos encargos socialistas, nos quais nos comprometíamos – por ocasião do iminente centenário – a nos portarmos em nosso cotidiano como nos

²¹⁸ Região montanhosa na Áustria.

comportávamos no trabalho. Mas, por conta da burrice ou da bebedeira, ele colocara os meus gráficos individuais no mesmo envelope.

Assim que dei pela falta deles, tomei um trago e levei as mãos à cabeça. E lá, na Diretoria, também: eles receberam o pacote, levaram as mãos à cabeça, tomaram um trago e, naquele mesmo dia, vieram em seu Moskvitch ao nosso setor. O que eles descobriram ao irromper em nosso escritório? Não descobriram nada além de Liókha e Stássik; Liókha dormitava no chão, encolhido como uma bola, e o Stássik estava vomitando. Em um quarto de hora estava tudo decidido: minha estrela, que tinha fulgurado por quatro semanas, esmorecera. A crucificação ocorreu exatamente trinta dias após a ascensão. Só um mês transcorreu entre o meu Toulon e a minha Santa Elena. Em suma, eles me despediram, e para o meu lugar nomearam Aleksei Blindiáiev, o idiota decrépito, membro do PCUS desde 1936. Este, imediatamente após a sua nomeação, acordou no chão e pediu-lhes um trocado – eles não lhe deram nada. Stássik parou de vomitar e também pediu um trocado – eles também não lhe deram nada. Beberam vinho tinto, entraram em seu Moskvich e se mandaram.

Sendo assim, declaro solenemente que até o fim dos meus dias, não realizarei nada que possa me levar a repetir a minha triste tentativa de ascensão. Permanecerei na base, e daqui cuspirei em toda a escala social. Pois sim. Vou dar uma cusparada em cada um de seus degraus. Para ser capaz de escalá-la, é preciso ser um judeu porco, sem medo ou censura²¹⁹, é preciso ser um viado, forjado em puro aço da cabeça aos pés. Nada a ver comigo.

Ainda assim, fui mandado embora. Eu, o contemplativo príncipe-analista, investigador metódico da alma de seu povo – eu, que sou visto pela base como um fura-greves e um colaboracionista, e pela cúpula como um vagabundo mentalmente desequilibrado. A base não queria me ver, e a cúpula não podia mais dizer meu nome sem morrer de rir. “As classes superiores não eram capazes, as inferiores não queriam”. O que isso prenuncia, conhecedores da verdadeira filosofia da história? É isso mesmo, no próximo adiamento vão me foder de acordo com as leis da bondade e da beleza. E o próximo adiamento chega depois de amanhã, o que significa que depois de amanhã vão dar um pé no meu rabo.

– Xiii!

²¹⁹ Essa era a alcunha do soldado francês Pierre Terrail (1476-1524), que passou a ser usada para caracterizar personalidades generosas e intrépidas. Em 1962 o estúdio Mosfilm lançou o popular filme infantil *Sem medo ou censura*.

– Quem disse “xiii”? Foram vocês, anjos, que disseram “xiii”?

– Sim, fomos nós. Xiii, Viénia, que boca suja que você tem!

– Mas oras, julguem vocês mesmos, como eu poderia não ter a boca suja?! Todo esse absurdo da vida me deixou tão mal que desde então não fiquei sóbrio. Não digo que antes eu passasse muito tempo sóbrio mas, de todo modo, eu ao menos era capaz de me lembrar do que havia bebido e em que sequência, e agora nem disso consigo me lembrar... É que eu funciono por fases, tudo na minha vida vem em fases: ora não bebo uma semana inteirinha, ora bebo por quarenta dias, então novamente não bebo por quatro dias, e aí de novo bebo por seis meses a fio... Eis que mesmo agora...

– Nós entendemos, nós entendemos tudo. Eles te insultaram, e o seu belo coração...

– Sim, sim, naquele dia o meu belo coração combateu a razão por toda uma meia hora. Como nas tragédias de Pierre Corneille, o poeta laureado: o dever combate os impulsos do coração. Mas no meu caso era o contrário: os impulsos do coração combatiam a razão e o dever. O coração me dizia: “Te insultaram, te trataram como um merda. Vai lá, Viénitchka, e enche a cara. Levanta-te e vai lá encher a cara, como um porco”. Era o que dizia o meu belo coração. Mas e a minha razão? Ela resmungou e insistiu: “É melhor nem levantar, Eroféiev, é melhor não ir a parte alguma e não beber nem uma gota”. E meu coração respondia: “Tudo bem, Viénitchka, tudo bem. Não precisa beber muito, não precisa encher a cara feito um porco. Bebe quatrocentos gramas e para por aí”. “Nem um grama! – decretou a razão. – se não dá para passar sem beber, vai lá e bebe três canecos de cerveja; mas é melhor esquecer esses seus *gramas*, Eroféiev”. E o coração lamentou: “Quem sabe só duzentos gramas. Quem sabe...”

Reútovo – Nikólskoe

... vamos, pelo menos cento e cinquenta...” e daí a razão: “Oras, está bem, Viénia” disse “está bem, bebe cento e cinquenta gramas, mas não vá a parte alguma, fique em casa”.

E o que vocês acham que aconteceu? Que eu bebi só cento e cinquenta gramas e fiquei em casa? Ha-ha. A partir daquele dia comecei a beber uns mil e quinhentos gramas por dia para conseguir ficar em casa, e nem assim conseguia. Pois no sexto dia eu já estava tão chumbado que a fronteira entre a razão e o coração desapareceu, e ambos repetiam em coro: “Vá, vá a Petuchki! Em Petuchki está a sua salvação e a sua felicidade, vá”.

Petuchki é um lugar onde os pássaros nunca param de cantar, nem de dia e nem de noite; onde nem no inverno e nem no verão deixa de florescer o jasmim. Talvez um pecado original tenha sido cometido, mas lá não pesa para ninguém. Lá até mesmo aqueles que entortam o caneco sem descanso semanas a fio têm o olhar profundo e claro.

Lá, toda sexta-feira, às onze em ponto, sou recebido na plataforma da estação por aquela moça, cujo branco dos olhos é esbranquiçado como o gesso, a mais adorável das putas, uma diaba loira aguada. E hoje é sexta-feira, e em menos de duas horas será exatamente onze horas, e lá estará ela, e lá estará a plataforma da estação, e aquele olhar esbranquiçado, no qual não há pudor nem vergonha. Venham comigo, oh!, hão de ver cada coisa!”.

“E o que foi que eu deixei lá, de onde vim e para onde vou? Um par de meias esfarrapadas e umas calças de uniforme, um alicate e uma lixa, o meu adiantamento e faturas de despesas gerais – é isso que deixei lá! E o que o futuro me reserva em Petuchki, na plataforma? Cílios ruivos e abaixados, formas sinuosas e uma trança que vai da nuca até a bunda. E depois da estação, vodca de hipericão²²⁰ e *Portvein*, beatitude e convulsões, êxtase e espasmos. Santa mãe de Deus, quanto falta até Petuchki?!”

“E lá, além de Petuchki, onde o céu e a terra se confundem, e a loba uiva para as estrelas – lá tudo é diferente, mas, ao mesmo tempo, tudo igual: Lá, em moradas enfumaçadas e piolhentas, ignorado por aquela de olhos esbranquiçados, desabrocha o meu petiz, o mais roliço e adorável dentre todos os petizes. Ele já até conhece a letra “x”²²¹, e por isso espera que eu lhe leve nozes. Quem de vocês conhecia a letra “x” aos três anos de idade? Ninguém. Vocês até agora não a conhecem realmente. Ao passo que ele a conhece, e não espera por isso nenhuma recompensa além de um saquinho de nozes”.

“Orem por mim, anjos. Para que seja iluminado o meu caminho, para que eu não tropece numa pedra, e veja a cidade pela qual tanto anseio. E enquanto isso – com sua licença – enquanto isso fiquem de olho na minha maleta, pois vou me ausentar por dez minutinhos. Preciso beber um pouco de Kubánskaia, para não perder o ímpeto”.

Então me levantei novamente e cruzei meio vagão em direção ao compartimento para fumantes.

²²⁰ Bebida amarga e forte (30°), preparada a partir do hipericão.

²²¹ Em russo, a letra ю (*iú*), uma possível referência ao nome da amada de Eroféiev, Iulia Runova.

E eu já não bebia como fazia até Karatchárovo. Não, agora eu bebia sem náusea e sem sanduíches, direto do gargalo, jogando a cabeça para trás como um pianista e consciente da grandeza daquilo que estava apenas começando e do que estava por vir.

Nikólskoe – Saltykóvskaia

“Esses treze goles não hão de te levar ao sétimo céu – pensei, dando o décimo terceiro gole”.

“Afinal você sabe muito bem que a segunda dose matutina, se bebida do gargalo, anuvia a alma, ainda que por pouco tempo – apenas até a terceira dose, que se bebe de um copo – mas, de todo modo, anuvia. Como você sabe perfeitamente”.

“Bem, assim seja. Que seja luminoso o seu dia de hoje. Que seja ainda mais luminoso o seu amanhã. Mas por que é que é só eu começar a falar sobre as alegrias da plataforma de Petuchki e além, e os anjos começam a se agitar?”.

“O que eles pensam, afinal? Que lá ninguém vai me receber? Ou que o trem vai descarrilar? Ou que os inspetores de bilhetes vão me expulsar em Kupávna? Ou que nos arredores do quilometro 105 eu vou cair no sono por causa do vinho e, como um menino, ser estrangulado durante o sono? Ou degolado como uma menina? Por que os anjos se agitam e calam? Meu amanhã é luminoso. Sim. Nosso amanhã é mais luminoso do que nosso ontem e do que nosso hoje. Mas quem pode garantir que o nosso depois de amanhã não vai ser pior que o nosso antes de ontem?”

“Exato! Falou bem, Viénitchka. Nosso amanhã e assim por diante. Muito articulado e inteligente, você raramente fala de modo tão inteligente e articulado”.

“A verdade é que você não é lá muito bem provido de miolos. Como você bem sabe. Admita ao menos, Viénitchka, que a sua alma é maior do que a sua razão. E afinal de que importa a razão quando você possui consciência e bom gosto em abundância? Quando há excesso de consciência e bom gosto, o cérebro se torna realmente inútil”.

“E quando foi, Viénitchka, que você notou pela primeira vez que era burro?”

“Vou dizer quando. Foi quando eu recebi, simultaneamente, duas reprovações diametralmente opostas: ser chato e frívolo. Pois se a pessoa é inteligente e enfadonha, ela não se dá a frivolidades. Ao passo que se ela é frívola e inteligente, não se permitiria jamais ser chata. E eu, palerma que sou, consegui ser os dois”.

“Querem que eu diga o por quê? Porque sou doente da alma, ainda que não deixe transparecer. Pois desde que me entendo por gente, não faço mais que simular sanidade – incessantemente – e consumo nisso todas as minhas forças (todas, sem

exceção): as mentais, as físicas e todas as outras. É isso que me torna chato. Tudo de que vocês falam, tudo de que se ocupam todos os dias me é infinitamente alheio. Pois é. Quanto àquilo de que me ocupo – sobre isso jamais direi uma palavra a ninguém. Talvez por temer ser tomado por biruta, talvez por alguma outra razão, mas, de todo modo, nem uma palavra”.

“Lembro-me que tempos atrás, quando se punham a discursar ou discutir sobre qualquer bobagem perto de mim, eu dizia: “Caramba! Vocês querem mesmo debater essas bobagens?!”. E as pessoas, surpresas, respondiam: “Como assim bobagens? Se isso é bobagem, então o que é que não é?”. E eu dizia: “Oh, não sei, não sei! Mas tem coisa que não é!”.

“Não estou dizendo que agora eu saiba o que é a verdade, ou que esteja realmente próximo dela. De jeito nenhum. Mas já me aproximei o bastante para poder observá-la com um pouco mais de conforto”.

“E eu observo e vejo, e daí o meu pesar. E não creio que algum de vocês já tenha carregado consigo uma mistura tão amarga como essa – é complicado explicar a composição dela, e de todo modo vocês não entenderiam – em que são preponderantes o ‘sofrimento’ e a ‘inquietação’. Vamos descrever assim: mais do que tudo, ‘sofrimento’ e ‘inquietação’, e ainda alguma mudez. E todos os dias, desde a manhã, o meu ‘belo coração’ destila essa infusão e se banha nela até a noite. Isso também acontece a outras pessoas, eu sei, quando alguém morre repentinamente, quando o ser que lhes é mais essencial nessa vida morre repentinamente. Mas a mim isso ocorre sem descanso! Tentem entender pelo menos isso!”.

“Como, afinal, eu poderia não ser enfadonho e como eu poderia não beber *Kubánskaia*? Eu conquistei esse direito. Sei melhor que vocês que o “pesar universal” não é uma ficção colocada em circulação por velhos literatos, pois eu o carrego comigo e sei do que se trata, e não quero esconder isso. É preciso acostumar-se a falar sobre suas próprias virtudes com ousadia, olhando nos olhos das pessoas. Quem melhor do que nós mesmos para saber o quanto somos bons?”.

“Um exemplo: vocês já viram o quadro *Sofrimento Inconsolável*, de Kramskói? Bem, é claro que já viram. Pois bem, caso um gato qualquer derrubasse naquele minuto algum – bem, algum frasco de porcelana de Sèvres – ou, suponhamos, rasgasse em pedaços um penhoar de valor incalculável, o que faria aquela princesa ou *boiárina*²²²

²²² Aristocrata russa.

petrificada de dor? Ela começaria a fazer um escândalo, e a agitar as mãos? Jamais faria isso, pois para ela tudo isso não passa de bobagem, pois fosse por um dia ou por três, naquele momento ela era ‘superior a quaisquer penhoares ou gatos ou qualquer peça de Sèvres’!”. ”.

“E então, como é que é? É enfadonha uma princesa tal como essa? Ela é imensamente enfadonha, a mais não poder! Ela é frívola? É frívola ao mais alto grau!

“Exatamente como eu. Agora vocês entenderam por que eu sou o mais triste dentre os vagabundos? Por que eu sou o mais insignificante dentre os idiotas e também o mais taciturno de todos os merdas? Por que sou, de uma só vez, um burro, um demônio e um tagarela?

Maravilha. Parece que vocês entenderam tudo. Bebamos, em nome da compreensão, todo esse restinho de Kubánskaia, direto do gargalo e sem demora”.

“É assim que se faz!”.

Saltykóvskaia – Kúтчino

O restinho de *Kubánskaia* ainda transbordava nos arredores da minha garganta e, portanto, quando me disseram do alto dos céus:

– *Por que você foi beber tudo, Viénia? É um excesso...*

Eu, engasgado, quase não pude responder:

– No mundo inteiro... No mundo inteiro, de Moscou a Petuchki, não existe nada que para mim seja *excessivo*... Que tanto vocês temem por mim, anjos celestiais?

– *Nós tememos que você novamente...*

– Que eu de novo comece a praguejar? Oh, não, não, eu simplesmente não sabia que vocês estão sempre comigo, do contrário não o teria feito antes... Quanto mais o tempo passa, mais feliz me sinto... E se eu me pusesse a praguejar, seria de felicidade... Como nos poemas dos líricos alemães: “Eu lhes mostro o arco-íris!” ou “Ide às pérolas!”, e nada além disso... Como vocês são bobinhos!..

– *Não, nós não somos bobos, nós apenas tememos que novamente você não chegue...*

– Não chegue aonde?!.. Que não chegue até eles? Até Petuchki? Ou que não chegue a ela? À minha rainha despudorada, com olhos como nuvens? Como vocês são engraçados...

– *Não, nós não somos engraçados. Nós tememos que você não chegue até ele, e que o deixe sem as nozes...*

– Mas o que é que estão falando aí?! Enquanto eu estiver vivo... Do que é que estão falando?! Na sexta-feira passada – é verdade, na sexta-feira passada ela não me permitiu vê-lo. Anjos, na sexta-feira passada eu esmoreci. Meu olhar se perdeu nela e em seu ventre branco, redondo como o céu e a terra... Mas hoje eu chego até ele, se eu não esticar as pernas, se o destino não acabar comigo... Para ser mais preciso, hoje não chego até ele, hoje fico com ela, até o amanhecer, hei de pastar entre os lírios, mas amanhã...

– *Pobre criança...* – suspiraram os anjos.

– “Pobre criança”? Por que “pobre”? Me digam, anjos, vocês me acompanharão até Petuchki? Sim? Vocês não me abandonarão?

– *Oh, não. Até Petuchki não podemos ir... Nós te deixaremos assim que você sorrir... Você ainda não sorriu nenhuma vez hoje... Assim que você sorrir pela primeira vez, nós sairemos voando... E ficaremos sossegados por ti...*

– E vão me esperar lá, na plataforma?

– *Sim, nós te esperamos lá mesmo...*

Que seres encantadores, estes anjos! Mas por que “pobre criança”? De pobre ele não tem nada. Meu petiz, que conhece a letra “x” como a palma da mão, meu petiz, que ama o pai como a si mesmo. Por acaso precisa de compaixão?

Bem, vamos admitir que duas sextas-feiras atrás ele estivesse doente, e que todos lá estivessem apreensivos por ele... Mas aí então ele melhorou assim que me viu!.. Sim, sim... Deus misericordioso, fazei com que nada de mal lhe tenha acontecido e que nunca venha a lhe acontecer!..

Senhor, fazei com que, mesmo que ele venha a cair dos degrauzinhos da entrada ou do fogão, que não quebre nem um braço e nem uma perna. Caso ele bata os olhos numa faca ou navalha, fazei com que não se meta a brincar com elas, encontrai outros brinquedinhos para ele, Senhor. Caso a mãe dele acenda o fogão – ele adora quando a mãe acende o fogão – afastai-o para um cantinho, se puder. Dói-me pensar que ele pode se queimar... E caso ele adoeça, fazei com que ele melhore assim que me ver...

Sim, sim, quando cheguei da última vez, me disseram: ele está dormindo. Disseram: ele está doente e tem febre alta. Tomei uma de limão²²³ junto à sua cabeceira e me deixaram a sós com ele. Ele realmente tinha febre alta, e até a covinha em sua

²²³ Vodca de limão (40°).

bochecha estava febril – era espantoso que uma coisinha de nada dessas pudesse ter tanta febre...

Bebi três copos da de limão antes de ele acordar e fixar o olhar em mim e no meu quarto copo da de limão, que eu tinha em mãos. Então conversei com ele longamente, e disse:

– Sabe de uma coisa? Não morra... Pensa bem (afinal você já consegue desenhar uma letra, o que significa que consegue pensar por si mesmo): seria muito estúpido morrer conhecendo apenas a letra “x” e nada mais... Você consegue entender que isso é uma estupidez, não?..

– *Entendo, pai...*

E o modo com que ele disse isso! Tudo o que dizem os anjos imortais e as crianças agonizantes é tão significativo que eu escrevo as suas palavras com longas letras cursivas, e tudo o que nós dizemos em letras pequeninas, pois é tudo mais ou menos bobagem. “Entendo, pai!”.

– Você vai voltar a se levantar, garoto, e de novo vai dançar a minha “farândola dos porquinhos”, lembra-se dela? Você a dançava quando tinha dois anos. Música e letra de seu pai. “Tã-tã-o adoráveis, engraçadinhos dia-bre-tinhos agarravam-arranhavam-mordiam a minha bar-ri-gui-nha...”. E você, apoiando uma mão na cintura e balançando um lenço com a outra, saltitava, feito um boboca em miniatura... “de fe-ve-rei-ro até agosto eu choraminguei e lamuriei, e lá pro fi-im de a-gos-to eu estiquei as per-ni-nhas...”. Você gosta do seu pai, garoto?

– *Gosto muito...*

– Pois bem, então não morra... Depois de não morrer e de melhorar você dançará de novo alguma coisa para mim... Mas não a farândola. Porque nela há um verso que não tem nada a ver conosco... “lá pro fi-im de a-gos-to eu estiquei as perninhas...”. Isso não seria certo. Isso aqui seria bem melhor: “um-dois-coloque-os-sapatinhos-como-não-tens-vergonha-de-dormir?”... Eu tenho bons motivos para gostar dessa porcaria.

Terminei o meu quarto copo e fui invadido por ondas de emoção:

– Quando você não está comigo, garoto, eu sou completamente solitário... Você entende?.. Você correu pelo bosque neste verão, não é?.. E provavelmente se lembra dos pinheiros de lá, não? Bem, eu sou como um pinheiro... Ele é muito, muito comprido e muito, muito solitário, assim como eu... Ele, como eu, olha apenas para o céu, e aquilo que está a seus pés ele não vê e nem quer ver... Ele é tão verde, e sempre vai ser verde, até cair. Eu também – até cair, vou estar sempre verde...

– *Verde* – repetiu o petiz.

– Ou peguemos, por exemplo, o dente-de-leão. Ele balança todo e se espalha com o vento, e é triste olhar para ele... Assim como eu: eu também não vivo a mercê do vento? Por acaso não dá nojo ver como eu vivo a mercê do vento por dias a fio?

– *Nojo* – secundou o petiz, sorrindo serenamente.

E eu também agora: lembro-me do seu “nojo” e sorrio, também serenamente. E vejo: de longe os anjos acenam para mim e saem voando, como prometeram.

Kútchino – Jeleznodorójnaia

Mas, antes de mais nada, vou ter com ela. Ir ter com ela! Vê-la na plataforma, com uma trança da bunda até a nuca. E corar e arder de empolgação, e encher a cara até cair, e pastar, pastar entre os lírios – tudo isso até morrer de exaustão!

Traga braceletes, colares, seda e veludo, pérolas e diamantes, eu quero me vestir como uma rainha, pois o meu rei retornou!

Esta não é uma garota como as outras! Esta meretriz não é uma qualquer, mas uma balada em lá bemol maior²²⁴! Esta mulher, esta megera ruiva não é uma mulher comum, mas um sortilégio! Vocês perguntam: e de onde foi que você, Viénitchka, desenterrou essa daí? De onde saiu essa cadela ruiva? Mas será que pode existir algo de bom em Petuchki?

“Pode!” – respondo-lhes, e digo isso tão alto, que em Moscou e Petuchki as pessoas estremecem. Em Moscou, não, em Moscou não é possível, mas em Petuchki, sim! E que importância tem, se é uma “cadela”? Em compensação, é uma cadela tão harmoniosa! E se querem mesmo saber onde fui desenterrar essa aí, tratem de escutar, bando de sem-vergonha, eu lhes conto tudo.

Em Petuchki, como eu já lhes disse, o jasmim não deixa de florescer e os pássaros nunca param de cantar. Naquele dia também, exatamente doze semanas atrás, os pássaros cantavam e o jasmim florescia. Além disso, era aniversário sei lá de quem, e havia uma infinidade de bebidas de todos os tipos: não saberia lhes dizer se dez, doze ou vinte e cinco garrafas. Havia tudo aquilo que um sujeito chumbado poderia desejar, ou seja, absolutamente de tudo: de cerveja em barril até cerveja engarrafada. “E que mais?” perguntam vocês “O que mais havia?”

²²⁴ Trocadilho com a palavra de baixo calão “блядь” (*bliád*), ou “prostituta”.

Havia dois pândegos, e três mulherzinhas já tortas. Uma mais bêbada do que a outra, e uma farra dos diabos. Fora isso, me parece que não havia nada.

Então eu comecei a misturar e beber. Misturava vodca Rossískaia com cerveja Jigulí, olhava para aquelas três e começava a enxergar mais nelas. O que eu estava enxergando exatamente é difícil dizer, e por isso continuava a misturar e beber. E quanto mais eu enxergava aquele “algo”, mais eu misturava e bebia, e assim era capaz de enxergar com mais clareza ainda.

Mas apenas em uma delas percebi um olhar recíproco, apenas em uma! Oh, cílios ruivos, mais longos que os cabelos sobre as suas cabeças! Oh, que olhos inocentes! A brancura tendendo ao esbranquiçado! Oh, a feitiçaria e as asas de pomba!

– É você que é o tal Eroféiev? – ela se inclinou um pouco sobre mim, piscando aqueles cílios.

– Mas é claro! Quem mais haveria de ser?

(Oh, que harmonia! Como ela adivinhou?)

– Eu li uma coisinha que você escreveu. E, sabe, eu nunca imaginei ser possível falar tanta gabolice em meia centena de páginas. É algo que está acima das forças humanas!

– Nem tão acima assim! – falei todo lisonjeado, e continuei a misturar vodca e beber – Se você quiser, posso dizer outras tantas! Ir ainda mais além!

E foi assim que tudo começou. Ou melhor, foi assim que se deu o esquecimento – uma lacuna de três horas. O que bebi? Do que falei? Em que proporção misturei a vodca? Talvez não tivesse havido lacuna alguma caso tivesse bebido sem misturar. Mas – de um modo ou de outro – recobrei os sentidos três horas mais tarde, e no seguinte estado: sentado à mesa, misturando e bebendo.

Além de nós dois já não havia ninguém. Ela estava ao meu lado, rindo de mim como uma criança abençoada. Eu pensei: “Inédito! Essa é uma mulher a quem só os pressentimentos, até o dia de hoje, apertaram o peito. Essa é uma mulher a quem ninguém além de mim tocou nem mesmo o pulso. Oh, o frêmito abençoado, tanto na minha alma quanto em todo o resto!”.

Ela pegou e bebeu mais cem gramas. Bebeu em pé, jogando a cabeça para trás, como uma pianista. E, tendo bebido, exalou tudo o que tinha dentro de si, tudo o que nela havia de sagrado – exalou tudo. E então se curvou, como uma vadia, e pôs-se a rebolar os quadris com tal plasticidade que eu não conseguia olhar para ela sem estremecer...

Vocês, é claro, vão perguntar, seus porcalhões. Vão perguntar:

“E então, Viénitchka? Ela.....?”²²⁵”

“Bem, como posso lhes responder? Bem, é claro que ela.....!”

Mas só faltava ela não! Ela me disse sem rodeios: “quero que você me abrace magistralmente com o braço direito!”. Ha-ha. “Magistralmente” e “com o braço direito”! Eu já tinha enchido tanto a cara que não queria só abraçá-la magistralmente – eu queria tocar-lhe o busto, mas não conseguia, me perdia e não conseguia encontrá-lo...

– Ah, é assim? Vai balançando essas cadeiras, pensei, misturando e bebendo, rebole, meretriz! Rebole, Cleópatra! Rebole, sua magnífica puta, que arrebatou o coração do poeta! Tudo o que tenho – tudo o que, por ventura, eu venha a ter – hoje lanço sobre o altar branco de Afrodite!

Era isso que eu estava pensando. E ela ria. Daí encostou-se à mesa e virou num só trago mais cento e cinquenta gramas, pois ela era perfeita e a perfeição não conhece limites...

Jeleznodorójnaia – Tchórnoe

Bebeu e tirou o que julgava excessivo. “Se ela tirar” pensei “se em seguida ela tirar também o que há por baixo, a terra tremerá, e as pedras clamarão”.

E ela disse: “E então, Viénitchka, gostou da minha.....? E eu, inebriado de desejo, fiquei todo ofegante à espera do pecado. Eu lhe disse: “Faz exatamente trinta anos que vivo nesse mundo... E nunca tinha visto, nem uma vez sequer, alguém que tivesse uma tão boa!”.

O que eu deveria fazer em seguida? Ser insinuantemente terno? Ser sedutoramente brutal? Só o diabo sabe! Eu nunca entendi muito bem como e em qual momento agir quando se trata de uma mulher bêbada... Até então – querem que eu diga? – até então eu pouco sabia sobre elas, bêbadas ou sóbrias. Eu as perseguia com o pensamento, mas tão logo as alcançava, meu coração parava, de tanto espanto. Os pensamentos existiam, mas as intenções não. Quando as intenções apareciam, desapareciam os pensamentos, e por mais que eu os buscasse com meu coração, meus pensamentos paravam, espantado.

Eu era contraditório. Por um lado, me agradava que elas tivessem cinturas, ao passo que nós não temos cintura alguma. Isso despertava em mim – como dizer? Certa

²²⁵ Reticências do autor, incluídas no primeiro exemplar em *samizdat*.

“languidez”, quem sabe? – pois bem, isso despertava languidez em mim. Mas, por outro lado, elas esfaquearam Marat com um canivete, e Marat era incorruptível, e não fazia sentido esfaqueá-lo. Isso aniquilava qualquer tipo de languidez. De um lado, a mim, como a Karl Marx, agradava-me nelas a fraqueza, isto é, pois bem, o fato de que são obrigadas a urinar agachadas. Eu gostava disso, isso me enchia de – bem, de que isso me enchia? Quem sabe de languidez, talvez? É, isso me enchia de languidez. Mas, por outro lado, elas tinham dado um tiro de revólver no Ilítch! E isso tornava a aniquilar a languidez: querem se agachar, agachem-se, mas por que dar um tiro de revólver no Ilítch? E depois disso seria ridículo falar em languidez... Mas eu estou perdendo o fio da meada.

“Pois bem, como eu devo agir, afinal? Ser terrível ou encantador?”

Foi ela, ela mesma a escolher por mim, dobrando-se para trás e acariciando a minha bochecha com o seu tornozelo. Havia nisso um quê de instigante e de jocosos, e um quê de leve bofetada. E também um quê de beijo lançado ao ar. E além disso havia aquela brancura turva de vadia em suas pupilas, mais brancas do que um delírio ou que o sétimo céu! E aquele ventre que era como o céu e a terra. Assim que o vi, faltou pouco para que não me pusesse a soluçar de emoção, e meu corpo todo começou a arder e a tremer. E tudo se confundiu: as rosas, os lírios, e – toda recoberta de minúsculos cachinhos – aquela úmida e fremente entrada do Éden. E o esquecimento, e os cílios ruivos. Oh, o gemido compulsivo dessas entranhas! Oh, que olhos impudicos! Oh, pecadora de olhos cor de nuvens! Oh, doce umbigo!

Tudo se confundiu, e era apenas o começo daquilo que toda sexta-feira viria a se repetir de novo e de novo, sem sair do meu coração ou da minha mente. E eu sei: hoje vai ser igual, a mesma embriaguez e o mesmo tormento...

Vocês me dirão: Pois bem, Viénitchka, você acha mesmo que é o único atormentador que ela tem?

E o que tenho eu a ver com isso?! E, vocês muito menos! Tanto faz, mesmo se não é fiel! A velhice e a fidelidade botam rugas na cara, e eu não quero que, por exemplo, a cara dela fique coberta de rugas. Tanto faz, se também não é fiel. É claro que não é exatamente que “tanto faça”, mas de qualquer modo “tanto faz”. Pois, por outro lado, ela é toda tecida em languidez e aromas. Ela não deve ser apalpada nem esbofetada, deve ser aspirada. Eu tentei, de alguma forma, contar todas as suas curvas mais íntimas, mas não fui capaz. Cheguei até a vigésima sétima e me perdi de tanta cansaça que tive de beber Zubrovka e deixar a conta pra lá, sem terminá-la.

Mas a coisa mais bonita que ela tem são os antebraços, é claro. Particularmente quando ela os move, e ri extasiada, dizendo: “Ê, Eroféiev, seu babaca pecaminoso!”. Oh, diaba! Afinal, seria possível não aspirar uma assim?

Acontecia, claro, acontecia de ela às vezes ser venenosa, mas isso também é bobagem, era tudo por autodefesa e por algo que elas tem, as mulheres, algo feminino – e disso eu não entendo quase nada. De todo modo, quando a saboreei até o fim, não havia nenhum veneno ali, mas framboesas com creme. E numa sexta-feira, convém dizer, quando eu já estava bem aquecido pela Zubrovka, eu lhe disse:

– Vamos! Vamos ficar juntos por toda a nossa vida! Eu te levarei a Lóbnia²²⁶, te cobrirei de púrpura e cânhamo. Eu ganharei algum como montador de centrais telefônicas, enquanto tu aspirarás algum perfume – dos lírios, por exemplo. Vamos!

Mas ela silenciosamente me fez uma figa²²⁷. E eu, languidamente, agarrei e aproximei o seu punho das minhas narinas, aspirei e disse chorando:

– Mas por quê?.. Por quê?..

E ela me fez outra figa. Dessa vez também, levei seu punho às narinas, apertei os olhos e de novo me pus a chorar:

– Mas por quê? Estou implorando, responde, por quê???

Daí ela também se desfez em lágrimas, e se pendurou no meu pescoço:

– Louco! Você sabe muito bem o por quê! Sabe muito bem o por quê, seu lunático!

E depois disso, quase toda sexta-feira a mesma coisa se repete: as mesmas lágrimas, as mesmas figas. Mas hoje, hoje algo vai ser resolvido, pois esta é a nossa décima terceira sexta-feira. E estou cada vez mais perto de Petuchki, ó, Rainha dos Céus!..

Tchórnoe – Kupávna

Eu andava de um lado para o outro do compartimento, terrivelmente preocupado e fumando um cigarro atrás do outro...

– E você ainda vem dizer que é solitário e incompreendido? Você, que possui tanto em sua alma e tanto além dela! Justo você, que tem *essa aí* em Petuchki e *aquele outro* além de Petuchki! Solitário?

²²⁶ Nome de uma vila e de uma estação ferroviária localizadas ao norte de Moscou. Em 1969, Veniedikt Eroféiev trabalhava lá.

²²⁷ Na cultura russa, o sinal da figa é obsceno, sendo usado frequentemente como resposta negativa a um pedido.

– Não, não. Já não sou solitário e já não sou incompreendido. Isso é coisa do passado. Já há doze semanas sou compreendido. Lembro-me de quando completei vinte anos. Então eu era impossivelmente solitário. E que tristeza de aniversário. Iuri Petrovitch²²⁸ e Nina Vasilievna²²⁹ vieram me visitar, trazendo-me uma garrafa de Stolichnaya²³⁰ e um vidro de repolho recheado de legumes. Eu me senti tão desesperadamente só com esse repolho e essa Stolichnaya que, sem querer, caí em lágrimas...

E quando completei trinta anos, no outono passado? Quando eu completei trinta, o dia foi triste, como no meu aniversário de vinte anos. O Bória²³¹ veio me visitar, com uma poetisa meio doida²³², o Vádia veio com a Lida²³³, e o Liódik²³⁴ com o Volódia²³⁵. E me trouxeram – o que foi que me trouxeram – duas garrafas de Stolichnaya e dois vidros de tomate recheado. E por causa daqueles tomates tanto desespero e tanto tormento tomaram conta de mim que eu quis chorar, mas já não era capaz...

Isso significa que nesses dez anos eu me tornei menos solitário? Não, absolutamente. Isso significa, então, que a minha alma embruteceu nesses dez anos? E que meu coração se tornou gelado? Não, isso também não. É mais provável que o contrário tenha ocorrido. Mas quanto a chorar, de qualquer modo, eu já não fui capaz...

Por quê? Talvez eu consiga explicar para vocês caso encontre alguma analogia para isso no mundo do *belo*. Suponhamos: caso uma pessoa tranquila beba setecentos e cinquenta gramas, ela se torna impetuosa e alegre. E o que acontece se ela adicionar mais setecentos gramas? Ela se tornará ainda mais impetuosa e alegre? Não, ela voltará a ficar tranquila. De fora, vai parecer até mesmo que ela ficou sóbria. Mas isso significa que ela ficou sóbria? De forma alguma: ela já está bêbada como um gambá, e por isso é que está tranquila.

Comigo acontece exatamente a mesma coisa: eu não me tornei menos solitário nestes trinta anos, e meu coração não endureceu. Muito pelo contrário. Mas olhando de fora...

²²⁸ Iuri Petrovitch Frolov, marido de Nina Vasilievna Frolova.

²²⁹ Nina Vasilievna Frolova, irmã mais velha de Veniedikt Erofeiév.

²³⁰ Uma das marcas mais populares de vodca soviética (40°). A pronúncia correta é “stolítchnaia”, mas a marca consagrou-se fora da Rússia com a grafia da transliteração estadunidense.

²³¹ Boris Sorókin, amigo do autor desde a época dos estudos no Instituto de Pedagogia de Vladímir, marido de Olga Sedakova.

²³² Olga Sedakova, amiga do autor e esposa de Boris Sorókin.

²³³ Lidia Liubtchikova, amiga do autor. Na época dos acontecimentos descritos no romance, esposa de Vadim Tikhonov.

²³⁴ Vladislav Tsedrinski, amigo do autor.

²³⁵ Vladimir Muravev, amigo e mentor do autor.

Não, agora é preciso viver e viver! Viver não tem nada de entediante! Só era entediante para Nikolai Gógol e para o Rei Salomão. Se já vivemos trinta anos, é preciso tentar viver mais trinta, sim, sim. “O homem é mortal” – essa é a minha opinião. Mas já que nascemos, não há nada a fazer, é preciso viver um tempo... “A vida é bela” – essa é a minha opinião.

E vocês sabem quantos mistérios ainda há neste mundo? Que abismo de segredos inexplorados e que imensidões se abrem para aqueles que são atraídos por tais mistérios? Pois aqui está o mais simples dos exemplos.

Por que é que se ontem você bebeu, digamos, setecentos e cinquenta gramas, mas hoje de manhã não foi possível curar a ressaca – trabalho e tudo mais – e só bem depois do meio dia, depois de sofrer por umas seis ou sete horas, você finalmente pôde beber para acalmar a alma (Quanto bebeu? Digamos, uns cento e cinquenta gramas) – Por que é afinal que a sua alma não se acalma? Por conta destes cento e cinquenta gramas a náusea que te acompanhava desde cedo dá lugar a uma náusea de outro tipo, uma náusea tímida. Suas faces se tornam carmesim, como as de uma vadia, e as olheiras tão roxas a ponto de fazer pensar que você não bebeu os habituais setecentos e cinquenta gramas e que, pelo contrário, naquela noite quebraram a sua cara. Por quê?

Eu lhes digo o porquê. Porque esta pessoa caiu vítima de suas seis ou sete horas de trabalho. É preciso saber escolher o próprio emprego, não existem empregos ruins. Não existem más profissões, é preciso respeitar todas as vocações. É preciso, logo ao acordar, beber qualquer coisa sem demora, ou melhor – minto – não “qualquer coisa”, mas precisamente daquilo que você bebeu no dia anterior, e beber com intervalos de quarenta a quarenta e cinco minutos, para que até o fim da tarde você tenha bebido duzentos e cinquenta gramas a mais do que na véspera. E assim não haverá qualquer náusea ou timidez, e a sua pele será tão alva, como se há meio ano você não tivesse levado uma surra.

Vejam então quantos mistérios – fatais e jubilosos – há na natureza! Quantas páginas em branco há por toda parte!

Mas essa juventude desmiolada que vem para nos substituir parece não notar os mistérios da existência. Ela carece de envergadura e iniciativa, e eu realmente me pergunto onde foram parar os seus miolos. O que pode ser mais nobre, por exemplo, do que experimentar em si mesmo? Na idade deles eu fazia assim: nas noites de quinta eu

mandava pra dentro, num único trago, três litros e meio de *iorch*²³⁶. Mandava ver e deitava para dormir, sem sequer tirar os sapatos, com um único pensamento na cabeça: acordarei na sexta-feira de manhã ou não acordarei?

E de todo modo eu não acordava na manhã de sexta-feira. Mas acordava na manhã de sábado, e já não em Moscou, mas sob o aterro da estrada de ferro, nos arredores de Naro-Fominsk²³⁷. E depois – depois eu me esforçava para recordar e juntar os fatos. E depois de juntá-los, eu os confrontava. E após confrontá-los, começava a decodificá-los, esforçando a memória e realizando a mais penetrante análise. E então passava da contemplação à abstração: em outras palavras, eu me concentrava em beber algo para aliviar a ressaca e terminava por saber para onde tinha ido a sexta-feira.

Desde a tenra infância, desde os meus primeiros anos, minha palavra favorita é “ousadia”, e – Deus seja testemunha – como eu ousei! Se vocês tivessem ousado tanto quanto eu, teriam tido um derrame ou acabado paráliticos. Ou pior: se vocês tivessem ousado tanto quanto eu ousei na sua idade, uma bela manhã vocês simplesmente não acordariam. Mas eu acordava – acordava quase todas as manhãs para poder novamente me pôr a ousar...

Por exemplo: quando estava prestes a completar dezoito anos ou coisa assim eu notei que, da primeira dose e até a quinta, a minha virilidade aumentava, ou seja, eu me tornava irrefreavelmente viril. Mas, começando na sexta dose

Kupávna – Quilometro 33

e até a nona eu amolecia. Amolecia tanto que, a partir da décima os meus olhos se fechavam, também irrefreavelmente. E o que é que, em minha inocência, eu pensava? Pensava: preciso de força de vontade para vencer a sonolência e beber a décima primeira dose. Assim, talvez, eu recobrasse a virilidade. Mas não, nada disso. Eu tentei, mas não recobrei nada.

Eu remoi este mistério durante três anos seguidos. Remoía diariamente, mas ainda assim caía no sono diariamente após a décima dose.

E no fim das contas tudo se mostrou tão simples! Acontece que, caso você já tenha bebido a quinta dose, você deve beber logo a sexta, e a sétima, e a oitava, e a nona, de um só trago – mas precisa beber de maneira *ideal*, ou seja, beber apenas na sua

²³⁶ Bebida preparada através da mistura de vodca e cerveja, em proporções entre 1:10 e 1:2.

²³⁷ Centro regional da região de Moscou, localizado a 70 km a oeste da capital.

imaginação. Em outras palavras, você deve – através da força de vontade, e num único trago – *evitar* de beber a sexta, a sétima, a oitava e a nona.

E, feito uma pausa, avance impetuosamente para a décima, exatamente como fazem com a nona sinfonia de Antonín Dvorjak – que de fato é a nona, mas é convencionalmente chamada de quinta. Faça exatamente assim: chame convencionalmente décima a sua sexta dose, e esteja certo de que dali em diante você irá manter a virilidade sem dificuldades, desde a sexta (décima) até a vigésima oitava (trigésima segunda). Ou seja, sua virilidade irá até os limites além dos quais se seguem a loucura e a sordidez.

Não, palavra de honra, eu desprezo a geração que se segue à minha. Ela desperta em mim nojo e horror. Maksim Górkí não tecerá loas em homenagem a ela, nem pensar. Não estou dizendo que na idade deles nós carregávamos todo um fardo de santidade. Deus me livre! No início a nossa santidade era pouca. Mas, por outro lado, havia tantas coisas sobre as quais nós *dávamos* a mínima. Já eles *não dão* a mínima pra nada.

Por que é que eles, por exemplo, não podem fazer aquilo que eu fazia? Na idade deles eu bebia com grandes interlúdios. Bebia-bebia e parava. Bebia-bebia, e de novo parava. Portanto não possuo autoridade para julgar se a depressão matutina é mais animada quando se torna hábito diário, ou seja, se a partir dos dezesseis anos em diante se bebe diariamente uns quatrocentos e cinquenta gramas por volta das sete da noite. Evidentemente, caso me devolvessem os meus anos e eu pudesse recomeçar a vida do princípio, eu certamente experimentaria. *Mas eles! Eles!*

E se ainda fosse apenas isso! Quanto mistério se oculta nas altas esferas da existência humana! Aí está, imagine, por exemplo, que um dia você bebesse desde a manhã até a noite exclusivamente vodca branca, e nada mais. Já no dia seguinte, vinhos tintos, exclusivamente. No primeiro dia, lá pela meia noite, você vai ficar como que possuído. Lá pela meia noite vai estar de tal modo de fogo que as moças poderiam saltar por cima de você como saltam sobre a fogueira na noite de Ivan Kupala²³⁸. E é evidente que, caso você tenha – desde a manhã até a noite – bebido exclusivamente vodca branca, elas vão estar é brincando com fogo.

²³⁸ De acordo com a tradição, garotas saltam sobre uma fogueira na noite de Ivan Kupala, um feriado ortodoxo celebrado no início de junho em homenagem ao João Batista bíblico. Nos países da Europa Ocidental há um feriado análogo, a Noite de Santa Valburga.

Mas e se da manhã até a noite você tiver bebido apenas vinho tinto fortificado²³⁹? Aí então as moças não vão saltar por sobre você como na noite de Ivan Kupala. Muito pelo contrário, mesmo que uma moça se sente na noite de Ivan Kupala, você não vai ser capaz de saltar-lhe por cima, quanto mais de fazer qualquer outra coisa. Isso, é claro, desde que da manhã até a noite você não tenha feito outra coisa além de beber vinhos tintos!..

Sim, sim! E que conclusões fascinantes prometem os experimentos nas áreas e especialidades mais restritas! Tomemos como exemplo o soluço. O meu tolo conterrâneo Soloukhin convida todos vocês para apanhar cogumelos no bosque. Pro inferno com ele e com os seus cogumelos! É melhor que nos dediquemos ao soluço, ou melhor, à pesquisa do soluço dos bêbados em seu aspecto matemático...

– Pelo amor de Deus! – Gritam-me de todas as direções – Será mesmo possível que não tem outra coisa na face da Terra, *além disso*, que você poderia...!

– Precisamente: não há! – grito eu em todas as direções! – Não há nada além disso! Não há nada além disso que eu possa! Não sou nenhum imbecil, entendo muito bem que na face da Terra existe também a psiquiatria e a astronomia extragaláctica. Sei de tudo isso!

Mas isso tudo, afinal, não é nosso. Isso tudo nos foi imposto por Pedro, o Grande e Nikolai Kibaltchich, e deu que a nossa vocação não está nisso, absolutamente. Nossa vocação está em outra parte! Para onde vou conduzi-los, caso vocês não deem para trás! Vocês vão dizer: “a vocação é torpe e falsa”. E eu lhes digo, eu novamente repito: “não há vocações falsas, é preciso respeitar todas as vocações”.

Enfim, para o diabo com vocês! Seria melhor se deixassem a astronomia extragaláctica para os ianques e a psiquiatria para os alemães. Que os espanhóis, aquela escória, assistam às suas corridas de touros! Que o africano salafrário construa a sua Represa de Assuã²⁴⁰ – deixem aquele salafrário construí-la, de todo modo o vento vai derrubá-la! Que a Itália se engasgue com o aquele *bel canto* ridículo, e assim seja!..

E nós, eu repito, nos dedicaremos ao soluço.

Quilometro 33 – Elektroúgli

²³⁹ Vinho forte de sobremesa (16° a 18°) feito com uvas vermelhas e amadurecido ao longo de 3 a 5 anos.

²⁴⁰ A Represa de Assuã é um complexo de usinas hidroelétricas construído no Egito, no rio Nilo, próximo à cidade de Assuã. Viénitchka se refere à nova represa de Assuã, construída a partir de 1960 com o apoio financeiro e técnico da URSS, e símbolo da amizade entre os países. Na segunda metade da década de 60, por conta da intensificação do conflito entre árabes e israelitas, a imprensa soviética deu grande atenção à sua construção.

A fim de iniciar as investigações acerca do soluço, será necessário, obviamente, induzi-lo: ou *an sich* (termo de Immanuel Kant) – ou seja induzi-lo em nós mesmos –, ou então em outrem, mas por interesses próprios, ou seja *für sich*²⁴¹. Termo de Immanuel Kant. Seria melhor, é claro, induzir tanto *an sich* quanto *für sich*, da seguinte maneira: durante duas horas seguidas, bebam algo forte – *Starka*²⁴², vodka de hipericão ou *Okhótnitchia*. Bebam às talagadas, com intervalos de meia hora entre um trago e outro, e evitando possivelmente qualquer petisco que seja. Caso isto se mostre demasiado difícil a alguém, pode se permitir ingerir uma pequenina porção de petiscos, mas algo bastante despretensioso: pão amanhecido, um arenque salgado com especiarias, um arenque salgado sem especiarias ou um arenque ao tomate.

Daí façam um intervalo de uma hora. Não comam nada, não bebam nada, relaxem os músculos e não faça qualquer esforço.

Vocês mesmo hão de perceber: ao cabo desta hora a coisa terá início. Quando vocês soluçarem pela primeira vez, ficarão espantados com o modo repentino do seu início; depois ficarão admirados com a irremediabilidade do segundo, depois do terceiro, et cetera. Mas caso vocês não sejam imbecis, logo vão parar de se surpreender e vão partir para o que importa: registrem em um papel os intervalos nos quais o seu soluço vos digna com a sua presença. Em segundos, naturalmente:

Oito – treze – sete – três – dezoito

Tentem, naturalmente, detectar nessa sequência algum tipo de periodicidade, ainda que seja mais aproximativa. Mesmo que vocês realmente seja imbecis, tentem extrair daí alguma fórmula destrambelhada qualquer, para que possam ao menos vagamente prever a duração do próximo intervalo. Mas faça-me o favor. De todo modo a vida vai arruinar todas as suas exageradas elucubrações:

Dezessete – três – quatro – dezessete – um – vinte – três – quatro – sete – sete – sete – dezoito

Dizem que os líderes do proletariado do mundo, Karl Marx e Friedrich Engels, estudaram minuciosamente o esquema das formações sociais e, com base nisso, foram capazes de prever muitas coisas. Mas aqui eles seriam incapazes de fazer a menor das previsões. Vocês adentraram, por capricho próprio, a esfera do fatal – acalmem-se e sejam pacientes. A vida vai desmascarar tanto a sua matemática elementar quanto a sua matemática elevada:

²⁴¹ Na filosofia de Kant, *Ding an sich* significa a "coisa em si", e *Ding für sich* significa a "coisa para si".

²⁴² *Staraya Vodka*, uma das mais apreciadas vodcas da década de 1960.

Treze – quinze – quatro – doze – quatro – cinco – vinte e oito

Não é assim também no que diz respeito aos altos e baixos, aos deleites e amargores de cada pessoa? Não há aí algum traço de regularidade? Não é verdade que as catástrofes se sucedem aleatoriamente na vida humana? A lei está acima de todos nós. O soluço está acima de qualquer lei. E assim como lhes surpreendeu há pouco o modo repentino de seu início, vai lhes surpreender o seu fim, que vocês – assim como a morte – não poderão prever e nem evitar:

Vinte e dois – quatorze e basta. Então silêncio.

E neste silêncio os seus corações lhes dirão: o soluço é inescrutável. Nós somos impotentes. Definitivamente estamos privados do livre arbítrio. Estamos sujeitos a uma arbitrariedade que não possui nome e da qual não há salvação.

Nós somos criaturas tremebundas, e *ela* é onipotente. *Ela*, ou seja, a mão direita de Deus, que paira sobre todos nós e perante a qual apenas cretinos e patifes não querem curvar suas cabeças. *Ele* é inescrutável pela razão e, por conseguinte, *Ele* existe.

Pois bem, sejam perfeitos como é perfeito o seu Pai Celestial.

Elektroúgli – Quilômetro 43

Sim. Bebam mais, petisquem menos. Este é o melhor remédio contra a prepotência e o ateísmo superficial. Olhem para um ateu quando soluça: ele fica distraído e tem o semblante obscuro, ele sofre e fica deformado. Desviem os olhos dele, cusпам e olhem para mim, quando começo a soluçar: um crente em predestinação e que não tem qualquer aspiração ao confronto, eu acredito que Ele é bom e portanto eu mesmo sou bom e iluminado.

Ele é bom. Ele me conduz dos sofrimentos à luz. De Moscou a Petuchki. Através dos tormentos da Estação de Kursk, através da purificação em Kútchino, através do devaneio em Kupávna, até a luz e Petuchki. *Durch leiden – licht*²⁴³!

Eu andava pelo compartimento, terrivelmente agitado. E fumava um cigarro atrás do outro. E então uma ideia brilhante, como um relâmpago, atingiu o meu cérebro:

– O que mais devo beber para que esse ímpeto também não se extinga? O que devo beber em Seu nome?..

²⁴³ Na tradução do alemão, “através do sofrimento à luz”.

Oh, infortúnio! Não possuo nada digno de Você! “Kubánskaia” é simplesmente uma merda! Dá vontade de rir só de nomear a “Rossískaia” em Sua presença. E quanto ao “rosé reforçado” de um rublo e trinta e sete... Pelo amor de Deus!

Não, se hoje eu chegar são e salvo até Petuchki, inventarei um coquetel²⁴⁴ que possa ser bebido sem que se sinta vergonha na presença de Deus e dos homens. Na presença dos homens e em nome de Deus. Vou batizá-lo “Águas do Jordão” ou “Estrela de Belém”. Se eu me esquecer disso em Petuchki, lembrem-me, por favor.

Não riam. Eu possuo vasta experiência na criação de coquetéis. No mundo todo, de Moscou a Petuchki, as pessoas bebem estes coquetéis até hoje, sem sequer saber o nome do seu inventor. Bebem o “Bálsamo de Canaã”, bebem a “Lágrima da Komsomolka”, e fazem bem em bebê-los. Não podemos esperar favores da natureza. Para obtê-los, é preciso, obviamente, conhecer as suas receitas exatas. Caso queiram, posso eu mesmo dar-lhes estas receitas. Pois então escutem.

Beber apenas vodca, mesmo que seja do gargalo, não demonstra nada além de prostração da alma e vaidade. Misturar vodca e água-de-colônia tem algo de caprichoso, mas nenhum *páthos*. Mas beber um copo de “Bálsamo de Canaã” traz capricho, ideias, *páthos* e, acima de tudo, um toque de metafísico.

Qual dos componentes do “Bálsamo de Canaã” nós estimamos mais que todos os outros? Oras, é o álcool desnaturado, é claro. Contudo, sendo o álcool desnaturado apenas um objeto de inspiração, ele mesmo, por si, é absolutamente desprovido dela. Neste caso, o que apreciamos acima de tudo no desnaturado? Oras, é evidente: a sensação gustativa pura e simples. E, mais que isso, aquele miasma que ele exala. Para acentuar este miasma, é preciso apenas uma gota de perfume. Por esse motivo adiciona-se ao desnaturado, em uma proporção de 1:2:1, a cerveja *Bárkhatnoe*²⁴⁵ – ou, melhor ainda, *Ostánskinoe*²⁴⁶ ou *Senátor*²⁴⁷ – e verniz refinado.

Não vou por aqui a explicar como se refina o verniz, pois qualquer criança sabe como fazer isso. Por alguma razão, na Rússia ninguém sabe por que motivo morreu Púchkin, mas como refinar verniz, todos sabem.

Enfim, anotem a receita do “Bálsamo de Canaã”. A vida é dada ao homem apenas uma vez, e é preciso vivê-la de modo a não cometer erros nas receitas:

²⁴⁴ Tenha-se em mente que todos os componentes dos seguintes coquetéis eram realmente bebidos pelos alcoólatras soviéticos.

²⁴⁵ Marca de cerveja escura soviética.

²⁴⁶ Marca de cerveja escura soviética.

²⁴⁷ Marca de cerveja escura tcheca.

Álcool desnaturado – 100 g.

Cerveja Brkhatnoe – 200 g.

Verniz refinado – 100 g.

Pois bem, vocs tm diante de si o “Blsamo de Cana” (ele coloquialmente conhecido como a “raposa prateada”). Na realidade o lquido tem cor marrom-escura, moderadamente forte e possui um aroma duradouro. Mais do que um aroma, trata-se de um hino! O hino da juventude democrtica. assim precisamente porque naqueles que bebem este coquetel elevam-se a vulgaridade e as foras obscuras. Quantas vezes eu mesmo no fui testemunha disso!

Para prevenir, de alguma forma, a elevao destas foras obscuras, h duas solues. A primeira no beber o “Blsamo de Cana”. A segunda beber, em seu lugar, o coquetel “O Esprito de Genebra”.

Nele no h sequer uma gota de nobreza, mas h buqu. Vocs me perguntaro: qual o enigma deste buqu? Eu lhes responderei: no sei qual o enigma deste buqu. Ento vocs pensaro um pouco a respeito e perguntaro: e qual a soluo desse enigma? E a soluo que o “Lils Branco”²⁴⁸, elemento constituinte do “Esprito de Genebra”, no deve ser substituído de forma alguma, nem por guas-de-colnia como “Jasmin”, “Chypre”, ou “Lrio do Vale”²⁴⁹. “No mundo dos componentes no h equivalentes”, como diziam os antigos alquimistas, e eles sabiam do que estavam falando. Isto , “Lrio do Vale Prateado” no o mesmo que “Lils Branco”, nem do ponto de vista aspecto moral, para no falar dos buqus.

O “Lrio do Vale”, por exemplo, excita a inteligncia, inquieta a conscincia e fortalece o senso de justia. J o “Lils Branco”, pelo contrrio, aquieta a conscincia e reconcilia o homem com as chagas da existncia...

Certa feita eu bebi um frasco inteiro de “Lrio do Vale Prateado”, sentei-me e comecei a chorar. Por que eu chorava? Porque me recordei de mame, ou seja, lembrei-me e j no conseguia esquecer de minha me. “Mame”, dizia. E chorava. E, de novo, “mame!” repetia, e novamente chorava. Outro, mais bobo que eu, teria ficado ali sentado, chorando. Eu? Peguei um frasco de “Lils” e o bebi todo. E o que vocs

²⁴⁸ Marca de perfume barato sovitico.

²⁴⁹ “Jasmin”, “Chypre” e “Lrio do Vale” eram marcas de guas-de-colnia baratas soviticas.

acham? As lágrimas secaram, um acesso de riso estúpido se apoderou de mim, e da minha mãe esqueci até o nome e patronímico.

É por isso que me é ridículo quando alguém, ao preparar o “Espírito de Genebra”, adiciona “Lírio do Vale Prateado” a uma loção desodorante para os pés! Escutem a receita exata:

“Lilás Branco” – 50 g.

Loção desodorante para os pés – 50 g.

Cerveja Jigulí – 200 g.

Verniz à base de álcool – 150 g.

Mas se a pessoa não quiser pisotear o universo em vão, que mande ao diabo tanto o “Bálsamo de Canaã” quanto o “Espírito de Genebra”. É melhor que sente à mesa e prepare para si uma “Lágrima da Komsomolka”. É um coquetel cheiroso e estranho. Mais tarde vocês descobrirão por que ele é tão cheiroso. Antes vou explicar por que ele é estranho.

Aquele que bebe apenas vodka conserva tanto o bom senso quanto a boa memória, ou, pelo contrário, perde um e outro de uma só vez. Mas o que acontece com a “Lágrima da Komsomolka” faz simplesmente cair na gargalhada: se você beber cem gramas desta “Lágrima”, sua memória continua boa, mas quanto ao bom senso, é como se nunca tivesse existido. Se beber mais cem gramas, vai surpreender a si mesmo: de onde surgiu todo esse bom senso? E onde foi parar toda aquela memória que antes era tão boa?

Da “Lágrima”, é cheirosa até mesmo a receita. O coquetel, uma vez pronto, por conta da sua fragrância, pode te fazer perder os sentidos e a consciência por um minuto. No que me diz respeito, eu os perdia.

Lavanda – 15 g.

Verbena²⁵⁰ – 15 g.

“Água silvestre” – 30 g.

Esmalte para unhas – 2 g.

Líquido dentifrício – 150 g.

Limonada – 150 g.

²⁵⁰ “Lavanda” e “Verbena” eram marcas de águas-de-colônia baratas soviéticas.

A mistura assim preparada deve ser agitada por vinte minutos com um ramo de madressilva. Outros, é verdade, afirmam que no caso de indisponibilidade de madressilva é possível substituí-la por um ramo de cuscuta. Isto é um erro e um crime! Podem fazer picadinho de mim, virar-me do avesso, mas não serão capazes de me forçar a agitar a “Lágrima da Komsomolka” com um ramo de cuscuta. Vou continuar a agitá-la com madressilva. Eu simplesmente explodo de rir quando alguém na minha presença agita uma “Lágrima da Komsomolka” com cuscuta, e não com madressilva...

Mas chega de falar na “Lágrima”. Agora eu lhes apresento o que há de mais novo e de melhor. “O apogeu de um trabalho bem feito é a maior das recompensas”, como disse o poeta. Enfim, eu lhes apresento o coquetel “Tripa de Cadela”, uma bebida sem igual. Ela é mais do que uma bebida, trata-se da música das esferas. O que há de mais belo no mundo? A luta pela libertação da humanidade. Mas isso aqui é ainda mais belo (anotem):

Cerveja Jigulí – 100 g.

Xampu “Sadko – hóspede de luxo” – 30 g.

Loção anticaspa – 70 g.

Cola BF – 15 g.

Fluido de freio – 30 g.

Inseticida contra insetos pequenos – 20 g.

Tudo isso fica em infusão durante uma semana com tabaco de charutos antes de ir à mesa!

A propósito, recebi cartas, em que leitores ociosos recomendavam o seguinte: passar a infusão resultante deste processo por um coador. Ou seja, colocar tudo no coador e ir dormir... Mas só o diabo sabe o que vai sair disso. Todos esses adendos e variações surgem da frouxidão de imaginação, da falta de envergadura mental; é de lá que surgem essas correções absurdas...

Pois bem, o “Tripas de Cadela” está servido. Deve ser tomado ao surgir da primeira estrela, em goles grandes. Depois de duas taças desse coquetel, a pessoa fica tão arrebatada que se a gente se aproxima e se põe a cuspir-lhe a cara a um metro de distância por toda uma meia hora ela não te diz nada.

Ao menos, conseguiram tomar nota de alguma coisa? Bem, por enquanto basta. Mas em Petuchki, se Deus for misericordioso e me fizer chegar lá vivo, eu prometo que dividirei com vocês o segredo do “Águas do Jordão”.

Mas por agora vamos pensar juntos: o que eu deveria beber a essa altura? Qual combinação eu poderia conceber a partir desta porcaria que sobrou na minha maleta? O “Beijo da Tia Klava”? Por que não. Da minha maleta não vai sair nenhum “beijo” além do “Primeiro Beijo” e do “Beijo da Tia Klava”. Preciso explicar-lhes o significado de “beijo”? Bem, “beijo” é a mistura, meio-a-meio, de um vinho tinto com uma vodca. Suponhamos: vinho seco de uva mais vodca de pimenta²⁵¹ ou *Kubánskaia* dá num “Primeiro Beijo”. A mistura de aguardente caseira com *Portvein 33* resulta no “Beijo Dado à Força”, ou simplesmente, “Beijo Sem Amor”, ou ainda mais simplesmente, “Inessa Armand”.

Existe um bocado de “beijos”! Para não ficar enjoado com tantos “beijos”, é preciso acostumar-se a eles desde a infância.

Tenho *Kubánskaia* em minha maleta. Mas não tenho vinho seco de uvas. Ou seja, o “Primeiro Beijo” me é negado, e com ele posso apenas sonhar. Mas na maleta eu tenho um quarto de litro e meio de *Rossískaia* e o rosé seco de um rublo e trinta e sete. E a união deles resulta no “Beijo da Tia Klava”. Concordo com vocês: ele possui qualidades gustativas singelas, é nauseante no mais alto grau. Ele é mais propício para regar uma figueira do que para ser bebido do gargalo. Estou de acordo. Mas fazer o que, dado que não há vinho seco, dado que não há sequer uma figueira? Vou ter que beber o “Beijo da Tia Klava”...

Assim, tornei a entrar no vagão, para criar com aquela minha merda que eu tinha à disposição um “beijo”. Oh, há quanto tempo não vinha para cá! Desde que saí em Nikólskoe...

Como da última vez, dezenas de olhos me fitavam, olhos enormes, preparados para tudo, saltando para fora de suas órbitas – era a minha Pátria me fitando nos olhos, saltando para fora das órbitas, pronta a tudo, enorme. Naquela oportunidade, depois de cento e cinquenta gramas de *Rossískaia*, aqueles olhos me agradavam. Agora, depois de quinhentos gramas de *Kubánskaia*, eu me apaixonei loucamente por aqueles olhos. Entrei no vagão cambaleando levemente, mas cheguei ao meu assento de maneira absolutamente independente e, por via das dúvidas, sorrindo discretamente...

²⁵¹ Tipo de vodca (35°) infundida em pimenta vermelha. Não confundir com “vodca com pimenta”.

Cheguei e fiquei estupefato. Onde está a minha garrafa de quarto de litro de *Rossískaia*? Onde está aquela garrafa da qual bebi apenas metade perto da estação Foice e Martelo? De Foice e Martelo em diante, ela havia ficado na minha maleta, e nela restavam quase cem gramas – onde ela poderia ter ido parar?

Olhei para todos ao redor, mas ninguém sequer piscava. Não, eu estou mesmo loucamente apaixonado. Quando os anjos alçaram vôo? Eles, afinal, estavam de olho na maleta durante a minha ausência. Quando foi que eles me deixaram? Quando chegávamos à região de Kútchino? Certo. Portanto fui roubado entre Kútchino e o Quilômetro 43. Enquanto eu compartilhava com vocês a exaltação do meu sentimento, enquanto eu vos iniciava nos mistérios da existência, eu estava sendo simultaneamente privado do “Beijo da Tia Klava”... Na minha simplicidade de alma eu, durante todo aquele tempo, não tinha dado nem sequer uma única olhada no vagão. Que piada... Mas agora “chega de simplicidade”, como disse o dramaturgo Ostróvski. E *finita la comedia*. Nem toda simplicidade é santa. E nem todas as comédias são divinas... Chega de pescar em águas turvas, é hora de ser um pescador de homens!..

Mas como pescá-los? E a quem?

Só o diabo sabe qual é o gênero literário com que chegarei a Petuchki... De Moscou em diante foi tudo um ensaio filosófico e memórias, foram poemas em prosa, como os de Ivan Turguêniev... Daqui em diante começa o romance policial... Dei uma olhada dentro da maleta: estaria tudo no lugar? Tudo estava no lugar. Mas onde tinham ido parar aqueles cem gramas? Quem devo pescar?..

Dei uma olhada à direita: lá estavam aqueles dois sentados até agora, o burro-bem-burro e o inteligente-super-inteligente. O burro, com seu capote acolchoado, já tinha enchido a cara fazia tempo e estava dormindo. Já o inteligente, com seu sobretudo, estava sentado diante do burro, tentando acordá-lo. E fazia isso como se o estivesse descascando: agarrava-o por um botão e o puxava em sua direção o máximo que podia, como se puxasse a corda de um arco – e daí soltava. O burro-bem-burro precipitava-se para trás em direção ao próprio assento, cravando-se no encosto, feito flecha sem ponta de Cupido em coração.

“Trans-cen-den-tal...” – pensei – há quanto tempo ele estará fazendo isso? Não, estes dois não seriam capazes de me roubar. Um deles, é verdade, está vestindo um capote acolchoado, e o outro não está dormindo. Portanto ambos, a princípio, poderiam ter me roubado. Mas, por outro lado, um deles está dormindo, e o outro está vestindo um sobretudo. Portanto nem um nem o outro poderiam ter me roubado.

Eu me virei para trás: não, lá também não havia o que pudesse ser tomado como indício: duas pessoas, é verdade, despertavam suspeitas, mas sem qualquer relação com o caso. Eram pessoas muito estranhas, aqueles dois: ele e ela. Eles estavam sentados em lados diferentes do vagão, junto a janelas opostas, e claramente não conheciam um ao outro. Mas apesar de tudo, eram morbidamente semelhantes: ele vestia jaqueta, ela vestia jaqueta; ele tinha um quepe marrom e bigodes, ela tinha bigodes e um quepe marrom.

Esfreguei os olhos e olhei novamente para trás... Que semelhança incrível! E ambos não faziam outra coisa a não ser olhar um para o outro com curiosidade e raiva... Estava claro que não poderiam ter sido eles a me roubar.

E na frente? Eu olhei para frente.

Na frente era a mesma coisa: dois sujeitos estranhos, um velho e seu neto. O neto era duas cabeças mais alto que o velho, e é retardado de nascença. O velho era duas cabeças mais baixo, e também retardado. Fitavam-me ambos diretamente nos olhos lambendo os beiços...

“Suspeito” – pensei. Por que motivo haveriam de lamber os beiços? Afinal todo mundo aqui está me encarando, mas ninguém está lambendo os beiços! Muito suspeito... Eu passei a examiná-los tão atentamente quanto eles me olhavam.

Não, o neto era um perfeito cretino. Seu pescoço não era como o das pessoas comuns: não se assentava em seu torso, mas despontava dali, erguendo-se em direção à nuca junto com as clavículas. E ele respirava como um idiota: primeiro expirava, e depois inspirava, quando as pessoas comuns fazem o oposto: primeiro inspiram, e só depois expiram. E ele me encarava, me encarava com os olhos escancarados e com a boca fechada.

Já o avô – este me encarava ainda mais intensamente, como se olhasse para o cano de uma arma. E com olhos tão azuis, olhos tão inchados que de ambos, como de um afogado, emanava uma humor que escorria direto até as suas botas. Parecia um condenado à morte sem tirar nem pôr, e até a sua cabeça careca parecia sem vida. E toda a sua cara era coberta de bexigas, como se tivesse sido fuzilada à queima roupa. E no meio daquela cara esburacada pendia e balançava, como um velho enforcado, um nariz intumescido e azulado...

“Muuuito suspeito” – tornei a pensar. E, erguendo-me de meu assento, acenei com o dedo para que eles se juntassem a mim.

Sem demora ergueram-se ambos de um salto em minha direção, sem parar de lambeir os beijos. “Isso também é suspeito – pensei – tenho a impressão de que eles se ergueram um pouco antes de eu ter acenado...”.

Convidei-os a sentar-se na minha frente.

Sentaram-se ambos, fuzilando a minha maleta com os olhos. O netinho tinha sentado de um jeito estranho. Todos nos sentamos sobre os nossos traseiros, mas ele estava sentado de um jeito estranho: ele se apoiava sobre o quadril esquerdo e parecia estar lançando uma de suas pernas em minha direção, e a outra na direção do avô.

– Como você se chama, vovô, e para onde vai?

Khrapunóvo – Iéssino

– Me chamo Mítrich. E este é o meu netinho, ele também se chama Mítrich. Vamos a Oriékhovo, ao parque... Vamos andar de carrossel...

E o netinho acrescentou:

– E-e-e-e-e...

Aquele som era tão inusitado, e só o diabo sabe quanto me dói não ser capaz de descrevê-lo apropriadamente. Ele não falava, guinchava. E não falava pela boca, pois essa estava sempre fechada, e era tão grande que parecia começar em algum lugar na parte de trás da cabeça. Ele falava pela narina esquerda e com enorme esforço, como se a sua narina esquerda fosse erguida pela direita: “e-e-e-e-e, como nós estamos indo rápido para Petuchki, para a gloriosa Petuchki...” – “e-e-e-e-e, que bêbado está o meu avôzinho, meu bom avôzinho...”.

– Ce-e-erto. Então vocês estão indo ao carrossel.

– Ao carrossel.

– Mas é possível, talvez, que não estejam indo ao carrossel?

– Ao carrossel – mais uma vez confirmou Mítrich, sempre com aquela voz de condenado, e o humor seguia escorrendo de seus olhos...

– E me diga, Mítrich, o que é que você estava aprontando por aqui enquanto eu estava no compartimento para fumantes? Enquanto eu estava no compartimento, perdido em pensamentos? Em pensamentos sobre sentimentos para com a mulher amada? Hein? Me diga!..

Mítrich, mesmo permanecendo imóvel, foi tomado pela agitação.

– Eu... N-n-nada. Só que me deu uma vontade de comer compota... Compota com pão branco...

– Compota com pão branco?

– Compota. Com pão branco.

– Perfeito. Então foi assim: eu estou no compartimento, imerso em meus pensamentos sobre sentimentos. E vocês, enquanto isso, procuram sob o meu assento: não haveria ali compota com pão branco?... E, ao não encontrar compota...

O velho foi o primeiro a ceder, e caiu em lágrimas. Em seguida, o netinho também: seu lábio superior desapareceu por completo, enquanto o inferior caiu até o umbigo, como os cabelos de um pianista... Ambos choravam...

– Eu compreendo vocês. Sim. Posso compreender tudo, caso queira perdoá-los... A minha alma é do tamanho da barriga do Cavalo de Tróia, cabe muita coisa lá dentro. Eu perdoo tudo, caso queira compreender. E compreendo: vocês apenas desejam compota e pão branco. Mas embaixo do meu assento vocês não encontraram nem um nem outro. E foram simplesmente impelidos a engolir fosse lá o que encontraram ali, ao invés daquilo que desejavam.

Esmaguei-os com as minhas evidências. Ambos cobriram faces e puseram-se a balançar ininterruptamente em seus assentos ao ritmo das minhas acusações.

– Vocês me lembram um velhote de Petuchki. Ele, assim como vocês, bebia às custas alheias, só bebia o produto do roubo: ele afanava, por exemplo, um frasco de água-de-colônia Troynoy²⁵² na farmácia, ia até o toalete da estação e entornava às escondidas. Chamava isso de “beber à *brüderschaft*”²⁵³. Ele acreditava piamente que “beber à *brüderschaft*” era isso, e morreu sem perder essa ilusão... E então? Quer dizer que vocês decidiram beber à *brüderschaft*?..

Eles se balançavam e choravam sem parar, e o netinho até mesmo começou a bater os sovacos, fazendo-os piscar como olhos, tamanha a aflição.

– Mas basta de lágrimas. Caso eu queira compreender, posso engolir tudo. Eu, no lugar da cabeça, possuo uma casa de tolerância²⁵⁴. Caso desejem, posso oferecer-lhes ainda mais. Vocês já beberam uns 50 gramas – posso lhes dar outros 50 gramas...

Neste momento alguém se aproximou de nós por trás e disse:

– Eu também quero beber com vocês.

Todos se voltaram para ele imediatamente. Era o tal do bigode preto, de jaqueta e quepe marrom.

²⁵² Marca de água de colônia barata soviética.

²⁵³ Em alemão, “irmandade”.

²⁵⁴ Trocadilho com a expressão popular soviética “no lugar da cabeça, tem uma Casa de Sovietes”, que indicava um alto nível de inteligência. Casa de tolerância é uma expressão que significa prostíbulo.

– E-e-e-e – pôs-se a guinchar o jovem Mítrich – que tiozinho, que tiozinho espertalhão!..

O do bigode preto fulminou-o com o olhar que saía por detrás dos bigodes.

– Não sou espertalhão coisa nenhuma. Não roubo, como fazem alguns. Não roubo de desconhecidos o que é artigo de primeira necessidade. Eu trouxe o meu, vejam...

Ele colocou no meu assento uma garrafa de Stolichnaya.

– Você não vai recusar um pouco da minha? – perguntou.

Me apertei, para dar-lhe espaço.

– Não, daqui a pouco, talvez, não vou recusar. Mas agora quero beber a minha bebida. O “Beijo da Tia Klava”.

– Tia Klava?

– Tia Klava.

Nós enchemos os copos, cada um com o que era seu. O velho e o neto estenderam-me seus copos: eles aparentemente tinham-nos à mão havia bastante tempo, antes mesmo de eu tê-los chamado. O velho sacou um quarto de litro vazio, que eu reconheci imediatamente. O netinho sacou logo uma caneca, tirando-a de algum lugar entre seu púbis e o diafragma...

Eu lhes servi o prometido, e eles sorriram.

– À *brüderschaft*, rapaziada?

– À *brüderschaft*.

Todos beberam, jogando a cabeça para trás, como pianistas...

“Nosso trem não para na estação Iéssino. Paradas em todas as estações, menos Iéssino”.

Iéssino – Friázevo

Começaram os murmúrios e os estalos de língua. Como se aquele pianista, que estava entornando de tudo, tivesse agora acabado com a bebida e, afogando-se em seus cabelos, começasse a tocar o estudo de Franz Liszt “Murmúrios da Floresta” em Dó sustenido menor.

O primeiro a falar foi o do bigode preto com jaqueta. E, por alguma razão, ele dirigia a palavra apenas a mim:

– Li em Ivan Búnin que as pessoas ruivas, quando bebem, inevitavelmente enrubescem...

– Bem, e daí?

– Como assim “e daí”? Se Kuprin e Maksim Górkí, bebiam até cair!

– Perfeito. E o que mais?

– Como assim “e o que mais”? Quais foram as últimas palavras de Anton Tchékhov antes de sua morte? Ele disse: “*ich sterbe*”, ou seja “eu estou morrendo”. E então adicionou: “sirvam-me champanhe”. E só então morreu.

– E que mais?

– E Friedrich Schiller, este não só não era capaz de morrer, como também não era capaz de viver sem champanhe. Você sabe como ele escrevia? Ele enfiava as pernas numa tina com água gelada, servia o champanhe e escrevia. Terminada uma taça, estava pronto todo o ato de uma tragédia. Terminadas cinco taças, estava pronta a tragédia inteira em cinco atos.

– Certo, certo... Bem, mas...

Ele me lançava ideias como o triunfante vencedor lança moedas de ouro, e eu mal era capaz de apanhá-las: “Bem, mas...”

– Mas e quanto a Nikolai Gógol...

– O que tem Nikolai Gógol?..

– Ele, sempre que estava na casa dos Aksánov, pedia que lhe colocassem à mesa uma taça rosada especial...

– E bebia dessa taça rosada?

– Sim. E bebia dessa taça rosada.

– E bebia o que?

– Vai saber! Bem, o que se pode beber de uma taça cor-de-rosa? Vodca, é claro...

Eu e os dois Mítrich o acompanhávamos com interesse. E ele, o do bigode preto, só dava risada, antecipando novos triunfos.

– E o Modest Mússorgski! Meu Deus amado, e o Modest Mússorgski! Vocês sabem como ele escreveu a sua ópera imortal, a “Khovánschina”? Faz rir e chorar ao mesmo tempo. Modest Mússorgski está deitado de ressaca na sarjeta, e por ele passa Nikolai Rímsky-Kórsakov, de smoking e bengala de bambu. Nikolai Rímsky-Kórsakov detém-se no lugar, faz cócegas em Modest com sua bengala e diz: “Levante-se! Vá se lavar e depois sente-se e termine de escrever a sua divina ópera ‘Khovánschina’”.

E ei-los sentados: Nikolai Rímsky-Kórsakov está sentado em uma poltrona, de pernas cruzadas e com a cartola ali ao lado. Diante dele, Modest Mússorgski,

completamente esgotado, com a barba por fazer e debruçado sobre um banco, está suando e escrevendo notas. Modest no banco quer curar a ressaca: não quer nem saber de notas! E Nikolai Rímsky-Kórsakov, segurando a cartola, não lhe dá de beber...

Mas assim que a porta se fecha por trás de Rímsky-Kórsakov, Modest larga a sua imortal “Khovánschina” e – pimba! – pula para a sarjeta. E então se levanta e novamente vai curar a sua ressaca, e novamente pimba! E, aliás, os social-democratas...

– Que erudição dos d-d-diabos! – interrompeu-o, extasiado, o velho Mítrich. Já o jovem, por excesso de atenção prestada, sugou para dentro de si todos os cabelos e ficou coberto de geada...

– Sim, sim! Realmente adoro ler! Há tantos livros maravilhosos no mundo! – continuou o homem de jaqueta – Por exemplo, eu bebo por um mês, bebo por dois, e então pego e começo a ler um livro qualquer, e este livro me parece tão bom, e eu mesmo me pareço tão ruim que fico tão frustrado a ponto de não poder mais ler – largo o livro e começo a beber, bebo por um mês, bebo por dois, e daí...

– Espere aí – agora foi minha vez de interrompê-lo – espere aí. Mas e os social-democratas?

– Que social-democratas? Fossem apenas os social-democratas! Todas as pessoas de valor na Rússia, todas as pessoas que poderiam ser-lhes de alguma utilidade – todas se embebedavam como porcos. Já os supérfluos²⁵⁵, os inadequados – estes não bebiam. Evgueni Onêguin, ao visitar os Lárin, não bebeu nada além de suco de mirtilo, e mesmo assim teve diarreia. Já os contemporâneos honestos de Onêguin, “entre um *Lafitte* e um *Cliquot*” (notem: “entre um *Lafitte* e um *Cliquot*”!) enquanto isso davam luz à ciência da sedição e ao dezembrismo... E quando eles, por fim, despertaram Herzen...

– Mas que ideia! Pode ir lá acordar o seu Herzen! – rosnou subitamente alguém à nossa direita. Todos levamos um susto, nos viramos e olhamos para a direita. Quem tinha rosnado era o Cupido de sobretudo.

– Esse Herzen tinha que ter descido em Khapunóvo, mas ainda está seguindo viagem, o cão!

Todos aqueles que estavam em condições de rir caíram na gargalhada. “Deixa ele em paz, diabo! Dezembrista do caralho!” – “Esfregue as orelhas dele” – “Que

²⁵⁵ “Homem supérfluo” (лишний человек) é um termo usado para descrever heróis talentosos (e frequentemente abastados) mas alienados. Foi usado pela primeira vez por Ivan Turguêniev em sua obra *Diário de um homem supérfluo* (1850).

diferença faz? Ir até Khrapunovo ou até Petuchki?! Talvez tenha dado na telha do homem ir a Petuchki, e você está aí querendo mandá-lo para Khrapunovo!”. Todos ao redor foram se embebedando, embebedando-se de modo imperceptível e alegre, de modo imperceptível e horrível... E eu junto com eles.

Virei-me para o da jaqueta e de bigode preto:

– Bem, vamos supor que eles tenham conseguido despertar Aleksandr Herzen, mas o que isso tem a ver com os democratas e a “Khovánschina”?

– Tem tudo a ver: É daí que começaram as coisas importantes! Começou a vodca pura ao invés de Cliquot! Começaram os *raznotchinsy*²⁵⁶, o deboche e a *khovánschina*²⁵⁷! Todos aqueles Uspiénskis, todos aqueles Pomialóvskis – sem um copo eles não eram capazes de escrever uma só linha! Eu li, eu sei! Bebiam desesperadamente! Todas as pessoas honestas da Rússia! E por que elas bebiam? De desespero! Bebiam por serem honestas! Por não serem capazes de aliviar o fardo do povo! O povo se esvaía em miséria e ignorância, leiam Dmitri Píssarev! Ele escreve o seguinte: “o povo não pode se permitir carne, e a vodca é mais barata do que a carne. É por conta disso que bebe todo mujique russo, ele bebe por conta de sua miséria! Ele não pode se permitir um livrinho, pois no mercado não se encontra nem Gógol nem Belínski, mas só vodca! A do monopólio e de todo tipo, para beber na hora ou para levar! É por isso que ele bebe, por conta de sua ignorância!”.

E então como seria possível, a essa altura, não cair em desespero, como não escrever sobre o mujique, como não querer salvá-lo, como não começar a beber por conta do desespero? O social-democrata escreve e entorna, e entorna como escreve. Já o mujique não lê e entorna, entorna sem ler. Então Uspiénski se levanta e se enforca, e Pomialovski deita-se embaixo de um banco em uma taberna e estica as pernas, e Gárchin levanta-se e, por causa da ressaca, lança-se escada abaixo...

O do bigode preto já havia se levantado e tirado o quepe, e gesticulava como um demente. Tudo o que havia bebido agora o agitava e subia à cabeça. Subia e subia... Quanto ao dezembrista de sobretudo, este também deixou o seu Herzen de lado, sentou-se mais perto de nós e ergueu os olhos turvos e molhados ao orador.

– E vejam vocês qual é o resultado! As trevas da ignorância cada vez mais se condensam, e o empobrecimento cresce absolutamente! Vocês leram Marx?

²⁵⁶ *Raznochintsy* (разночинцы) era um termo usado para definir indivíduos instruídos de origens sociais variadas no século XVII.

²⁵⁷ Também conhecida como a revolta de Moscou de 1682, ocorreu após a morte do tsar Teodoro III, e foi liderada pelo príncipe russo Ivan Andréievitch Khovánski, que acabou por ascender ao poder.

Absolutamente! Em outras palavras, todos bebem mais e mais! O desespero do social-democrata cresce proporcionalmente, não se trata mais de Lafite ou de Cliquot. Aqueles ao menos tiveram algum êxito em despertar Herzen! Mas agora, toda a Rússia pensante, de luto pelo mujique, bebe sem despertar! Soem todos os sinos de Londres, e ninguém na Rússia vai erguer a cabeça, todos estão caídos sobre o vômito e as coisas estão difíceis para todos!

E assim é até os nossos dias! Exatamente até esse dia! Este círculo, este círculo vicioso da existência, ele me sufoca pela garganta! Basta ler um bom livro – eu não sou capaz, de forma alguma, de compreender quem bebe por quê: as classes inferiores, olhando para cima, ou as classes superiores, olhando para baixo. E já não me aguento, e largo o livro. Bebo por um mês, bebo por dois meses, e daí...

– Alto lá! – interrompeu-o o dezembrista – Seria mesmo impossível não beber? Tomar as rédeas de si e não beber? Vejam o conselheiro secreto Goethe, por exemplo, que não bebia nada.

– Não bebia? Nada? – o do bigode preto deu um salto e enfiou o quepe – Isso não pode ser!

– Ah, e como pode. O homem era capaz de se controlar, e não bebia um grama sequer...

– Você está falando de Johann von Goethe?

– Sim, estou falando de Johann von Goethe, que não bebia um grama sequer.

– Estranho... Mas e se Friedrich Schiller lhe oferecesse uma bebida? Uma taça de champanhe?

– Mesmo assim não aceitaria. Esse sabia se controlar, e não beberia. Diria: “não bebo um grama sequer”.

O do bigode preto foi invadido pelo desânimo e pela depressão. Aos olhos do público, todo o seu sistema estava ruindo, um sistema tão harmonioso, tecido de ardentes e brilhantes asserções. “Ajude-o, Eroféiev – sussurrei a mim mesmo – ajude o homem. Dispare uma alegoria qualquer ou...”.

– Então você está dizendo que o conselheiro secreto Goethe não bebia um grama sequer? – disse, dirigindo-me ao dezembrista – E por que razão ele não bebia, você sabe? Sabe o que o obrigava a não beber? Todas as mentes honestas bebiam, e ele não. Por quê? Veja só, nós agora estamos indo a Petuchki, e por alguma razão há paradas em toda parte, exceto em Iéssino. Por que não parariam em Iéssino? Simplesmente não pararam. Avançamos adiante sem parar. E tudo isso porque em Iéssino não há

passageiros, eles todos embarcam em Khrapunovo ou em Friázevo. Sim. Vão a pé desde Iéssino até Khrapunovo ou até Friázevo, e lá embarcam. Pois, afinal, de todo modo o trem passa por Iéssino sem parar. E é deste modo que agia Johann von Goethe, aquele velho cretino. Você acha que ele não queria beber? É claro que queria. Daí que ele, para não esmorecer, forçava todas as suas personagens a beber em seu lugar. Peguem “Fausto”, por exemplo: quem ali não bebe? Todo mundo bebe. Fausto bebe e rejuvenesce, Siebel bebe e parte para cima do Fausto, Mefistófeles não faz nada além de beber, oferecer álcool a estudantes e cantar-lhes a “canção da pulga”. Vocês vão perguntar: que necessidade tinha de tudo isso o conselheiro secreto Goethe? E eu lhes respondo: para que ele forçou Werther a enfeitar a própria testa com uma bala? Porque – há testemunhas – ele mesmo estava à beira do suicídio, e para livrar-se da tentação, forçou Werther a cometer o ato em seu lugar. Vocês compreendem? Ele permaneceu vivo, mas é como se tivesse dado cabo de si mesmo. E ficou completamente satisfeito. O que ele fez é até pior do que o simples suicídio. Nisso há mais covardia, egoísmo e mesquinhez de criação.

Portanto o seu conselheiro secreto bebia do mesmo modo com que se matava. Mefistófeles bebia, e quem gozava era ele, o cão sarnento. Fausto dava um trago e ele, o velho caquético, já não falava coisa com coisa. O tio Kólia trabalhava comigo nos trilhos, e era a mesma coisa: ele mesmo não bebia, tinha medo de beber um pouquinho e perder as estribeiras, sem conseguir parar por uma semana, por um mês... Mas quanto a nós, ele quase que nos forçava a beber. Enchia nossos copos, grunhia de prazer por nós, entrava em êxtase, o canalha, e andava por aí todo apalermado...

Também era assim o seu celebrado Johann von Goethe! Mesmo que Schiller o servisse, ele recusaria, evidentemente! Era um alcoólatra, era um *bebum*, aquele seu conselheiro secreto Johann von Goethe! E as suas mãos, por assim dizer, tremiam!

– Aí si-i-im... – me miravam admirados o dezembrista e o do bigode preto, entusiasmados. O harmonioso sistema havia sido reestabelecido, e junto com ele recuperou-se a alegria. O dezembrista – num gesto largo – tirou do sobretudo uma garrafa de vodca com pimenta²⁵⁸ e depositou-a aos pés do homem de bigode preto. O do bigode preto puxou a sua Stolichnaya. Todos esfregavam as mãos, incrivelmente empolgados.

²⁵⁸ Bebida amarga forte (30°) à base de pimenta vermelha. Não confundir com “vodca de pimenta”.

Serviram-me mais do que a todos os outros. Também serviram o velho Mítrich. Ao jovem Mítrich serviram um copo, que ele alegremente apertou contra o mamilo esquerdo usando a coxa direita, e de ambas as suas narinas verteram lágrimas...

– Pois bem, à saúde do conselheiro secreto Johann von Goethe?

Friázevo – Quilômetro 61

– Sim. À saúde do conselheiro secreto Johann von Goethe.

Assim que terminei de beber, comecei a sentir que estava me embriagando além da medida, e que o mesmo também ocorria com os outros...

– Ah... Permitam-me fazer uma pergunta trivial – disse o do bigode preto por entre os bigodes dos quais despontava um sanduíche. Novamente, ele se dirigiu apenas a mim – Permita me perguntar por que você possui tanta tristeza em seus olhos? É possível ser tão triste possuindo tanto conhecimento? Seria possível imaginar que você não bebeu nada desde manhã!

Senti-me um tanto ofendido:

– Como assim, nada? E por acaso isso é tristeza? Meus olhos estão apenas um pouco turvos... É simplesmente porque exagerei um pouco na bebida...

– Não, não, eles estão turvos de tristeza! Você é como Goethe! Você, com toda essa sua aparência, desmente um de meus lemas. Um lema ligeiramente especulativo, mas fruto da experiência! Você, como Goethe, desmente tudo!

– E como que é que eu desminto? Com a minha turvação?

– Precisamente! Com a sua turvação! Primeiro escute no que consiste o meu precioso lema: quando bebemos à noite, e de manhã não bebemos, como estamos à noite e como ficamos na manhã seguinte? Eu, por exemplo, quando bebo, fico endiabrado, fico animado e frenético, não consigo nem ficar parado. E na manhã seguinte? Pela manhã eu não estou mais endiabrado, e não fico apenas desanimado, não. Eu fico na mesma medida mais sombrio do que sou quando estou sóbrio, quanto havia ficado mais alegre do que o normal na noite anterior. Se na noite anterior eu estive possuído por Eros, minha sensação matinal de repugnância por isso é precisamente equivalente ao devaneio noturno. O que eu quero dizer? Veja aqui.

... e o do bigode preto desenhou em um pedaço de papel esta besteirada. E explicou: a linha horizontal é a linha da condição normal de sobriedade, a linha cotidiana. O ponto mais alto da curva corresponde ao instante do adormecimento, o ponto mais baixo corresponde ao do despertar com ressaca...

– Está vendo? É uma especularidade perfeita! Estúpida, como é estúpida a natureza! Ela não cuida de nada com tanto zelo quanto do equilíbrio! Não sei se este cuidado é ético, mas é extremamente geométrico! Veja: essa curva não descreve para nós apenas a atividade vital, não! Ela descreve tudo. À noite, a audácia – mesmo que haja motivo para temer –, a audácia e a subestimação de todos os valores. De manhã, a superestimação de todos os valores, uma superestimação que se transforma em medo absolutamente desmotivado.

– Se à noite, por causa da bebedeira, a natureza nos “dá em excesso”, então na manhã seguinte ela “subtrai” de forma equivalente, com precisão matemática. Se à noite em você havia a ânsia pelo ideal, então a ressaca, é claro, a transforma na ânsia pelo anti-ideal. E caso o ideal permaneça, surge a anti-ânsia. Aí está, em duas palavras, o meu precioso lema... Ele é universal e aplicável a todos. Mas o seu caso não é igual ao comum dos mortais, é como o de Goethe!

Eu caí na gargalhada: “Mas por que é que é um lema, se é universal?”.

E o dezembrista também caiu na gargalhada: “Se é universal, então por que é que é um lema?..”.

– Vou dizer por que é um lema! Porque as mulheres não são levadas em conta. O homem como tal é levado em conta, mas as mulheres não são. Com a presença das mulheres é destruída qualquer especularidade. Se as mulheres não fossem mulheres, o lema não seria um lema. O lema é universal enquanto não há mulheres. Se há mulheres, o lema deixa de existir... Principalmente quando a mulher é ruim e o lema é bom...

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. “E o que é afinal um lema?” – “E o que é uma mulher ruim?” – “Não há mulheres ruins, apenas os lemas é que podem ser ruins...”.

– Eu, por exemplo, – disse o dezanove – apesar de não ter bigodes, tenho trinta mulheres, e é uma pior que a outra. Já você, vamos admitir, tem bigodes e uma mulher das boas. De todo modo, considero que ter trinta mulheres, mesmo que das piores, é melhor do que ter só uma, ainda que seja a melhor delas...

– E o que têm a ver os bigodes? Estamos falando de mulheres, e não de bigodes!

– De bigodes também! Não fossem os bigodes, não haveria discussão.

– Só o diabo entende a asneira que você está dizendo! De todo modo, penso que uma boa mulher vale por todas as suas. O que você acha disso? – o do bigode preto voltou-se novamente a mim – Do ponto de vista científico, o que você acha disso?

Eu disse:

– Do ponto de vista científico, é claro, ela vale. Em Petuchki, por exemplo, trocam trinta garrafas vazias por uma garrafa cheia de vodca de hipericão, e se você levar, digamos...

“Como?! Trinta por uma?! Por que tantas?!” – recomeçou a algazarra.

– E quem é que vai te fazer oferta melhor?! Trinta garrafas vazias a doze copeques cada são 3,60. A garrafa de vodca de hipericão custa 2,62. Até as crianças sabem disso. O que levou Púchkin à morte, elas ainda não sabem, mas isso já sabem. E nada de troco. É claro que 3,60 é uma boa, é melhor do que 2,62, mas de todo modo você não recebe o troco, pois no balcão está uma mulher boa, e é preciso saber tratar bem uma dessas...

– E o que é que ela tem de bom, essa mulher do balcão?

– O que ela tem de bom é que uma mulher ruim nem iria aceitar as suas garrafas. Já uma mulher boa recebe as suas garrafas ruins e te devolve uma garrafa boa. Portanto é preciso tratá-la bem... Pra que é que as mulheres foram postas no mundo, afinal?

Todos caíram em um significativo silêncio. Cada um absorveu em uma ideia diferente. Ou todos na mesma ideia, vai saber.

– Para serem bem tratadas. O que disse Maksim Górkí na ilha de Capri? “A medida de toda civilização consiste no modo como as mulheres são tratadas”. Estou de acordo: chego à venda em Petuchki, levando comigo trinta garrafas vazias. “Ei, dona, – digo eu, com a voz cheia de tristeza e álcool – uma garrafa de vodca de hipericão, fazendo o favor...”. E eu sei muito bem que estou perdendo quase um rublo: 3,60 menos

2,62. É uma pena. Mas ela me olha e se pergunta: devo dar ou não o troco a este imbecil? E eu olho para ela: esta idiota vai me dar o troco ou não? Ou melhor, não, naquele instante não olho para ela. Eu olho através dela e para além. E o que se ergue ante o meu olhar insensato? Ergue-se a ilha de Capri. Crescem os agaves e os tamarindos, e à sombra deles está sentado Maksim Górkí, os pés peludos saindo das calças brancas. E com o dedo ele me ameaça: “Não pegue o troco! Não pegue o troco!”. Dou-lhe uma piscada: é que sem ele, não vou poder comer. “Tudo bem, vou ter o que beber, mas o que vou ter pra comer?”.

E ele diz: “Não tem importância, Viénia, você aguenta mais essa. Caso queira mesmo comer, não beba”. E assim vou-me embora, sem troco algum. Fico louco da vida, claro, e penso: “Medida! Civilização! Arre, Maksim Górkí, você é mesmo intragável²⁵⁹! Foi por bobeira ou bebedeira que você pôs para fora essa bobageira toda lá em Capri? Você passa bem lá onde está, você se empanturra com os seus agaves, mas e quanto a mim?”.

Todo mundo caiu na risada. E o netinho guinchou: “i-i-i-i, que agaves, que capri bem talhada...”.

– E uma mulher ruim – disse o dezanista – Afinal uma mulher ruim também não é necessária de vez em quando?

– É claro, é claro que é necessária – eu lhe respondo – ao homem bom uma mulher ruim por vezes se faz absolutamente indispensável. Peguem o meu exemplo: doze semanas atrás eu estava metido numa cova, já fazia quatro anos que eu estava nessa cova, e já tinha até parado de feder. E diziam a ela: “Olha lá, esse aí já está comendo capim pela raíz. Ressuscite-o, se puder”. E ela aproximou-se da cova – vocês tinham que ter visto como ela se aproximou!

– Nós sabemos! – disse o dezanista – “Ela anda como escreve. E escreve como o Leão. E o Leão escreve que nem um bundão”.

– Precisamente! Aproximou-se da cova e disse: “Talítha kum”. Isso significa, na tradução do hebraico antigo: “eu te digo: levanta-te e anda”. E o que vocês acham que aconteceu? Levantei-me e andei. E faz já três meses que ando por aí, todo conturbado...

– Conturbado por causa da tristeza – repetiu o do bigode preto e quepe – e triste por causa de mulher.

– Conturbado por ter enchido a cara – interrompeu-o o dezanista.

²⁵⁹ Em russo, o nome do escritor significa “amargo”.

– O que “encher a cara” tem a ver com o assunto?! E por que razão ele teria “enchido a cara”? Porque, digamos, o homem se entristece e vai atrás de mulher. Não se pode ir atrás de mulher e não beber! Significa, portanto, que essa mulher é ruim! E mesmo que seja ruim, ainda assim é preciso beber. De fato, quanto pior a mulher, tanto mais é preciso encher a cara!

– Sinceramente! – exclamou o dezanista – como é bom saber que aqui somos todos cultos! Estamos aqui como em um livro de Turguêniev: todos sentados discutindo sobre o amor. Se me permitem, também eu vou lhes contar algo sobre um amor excepcional e sobre como mulheres ruins podem ser necessárias! Vamos fazer como em Turguêniev, vamos todos contar algo...

“Vamos!” “Vamos, como em Turguêniev!”, e até mesmo o velho Mítrich disse: “Vamos!”.

Quilômetro 61 – Quilômetro 65

O dezanista foi o primeiro a contar.

– Eu tinha um amigo do qual nunca me esquecerei. Ele sempre foi meio obsessivo, mas dessa vez era quase como se tivesse o diabo no corpo. Ele endoidou – e sabem por quem? Por Olga Erdéli, a renomada harpista soviética. Talvez Vera Dúlova também seja uma renomada harpista. Mas foi justamente por Olga Erdéli que ele ficou doido. E isso sem tê-la jamais visto nem uma vezinha na vida, tinha apenas escutado ela dedilhar sua harpa no rádio e – vejam só! – tinha endoidado por ela...

Ficou doido e caiu no ócio. Não trabalhava, não estudava, não fumava, não bebia, não saía da cama, não fazia amor com as garotas e não botava sequer a cabeça para fora da janela. Tudo o que ele queria era que lhe trouxessem Olga Erdéli. “Deixem-me desfrutar”, ele dizia, “da harpista Olga Erdéli, e só então ressuscitarei: levantarei da cama, irei trabalhar e estudar, beber e fumar, e botarei a cabeça para fora da janela”. Nós lhe dizíamos:

– Ora, e por que você precisa justamente da Erdéli? Pega, de repente, a Vera Dúlova no lugar da Erdéli. A Vera Dúlova toca que é uma maravilha!

E ele respondia: “Pro inferno com a sua Vera Dúlova! Estou me lixando para a sua Vera Dúlova! Eu não me sentaria ao lado de Vera Dúlova nem para soltar o barro!”.

Em suma, dava pena ver que o rapazinho estava a ponto de explodir. Dali a três dias fomos ter com ele novamente.

– E então, ainda delirando pela Olga Erdéli? Nós encontramos um antídoto: caso queira, amanhã nós arrastamos a Vera Dúlova até aqui.

– É claro – ele respondeu – caso queiram ver essa sua Vera Dúlova estrangulada com as cordas da própria harpa, por favor, podem trazê-la. Eu a estrangulo.

Que fazer? O rapazinho ia se desmilinguindo, era preciso salvá-lo. Fui então atrás de Olga Erdéli, queria explicar o negócio todo para ela, mas me faltava coragem. Quis até mesmo ir atrás de Vera Dúlova. “Melhor não,” pensei, “ele a estrangularia, como a um não-me-esqueças”. E eu andava tristonho por Moscou, ao anoitecer: elas ficavam lá, sentadas com suas harpas, tocando, engordando e inflando enquanto o rapazinho se reduzia a ruínas e cinzas.

Foi então que topei com uma baixinha, que não era lá tão velha, mas já estava despencando de bêbada. “Me dá um r-r-rublo – ela dizia – dá pra mim um r-r-rublo!”. E nisso tive uma ideia. Dei-lhe um rublo e expliquei-lhe tudinho: ela, aquele piolho de púbis, demonstrou ser mais perspicaz do que Erdéli. E para tornar tudo ainda mais convincente, fiz com que ela levasse consigo uma balalaica...

E assim eu a arrastei até o meu amigo. Entramos: ele continua deitado em desespero. Vou logo arremessando a balalaica em sua direção, ali mesmo da soleira da porta. E daí esfrego-lhe na cara dele a tal Olga, arremessando-a ao seu encontro: “Aí está ela, a Erdéli! Se não acredita, pergunte a ela!”.

E na manhã seguinte, fui dar uma olhada: a janela estava aberta, ele botou a cabeça para fora e acendeu um cigarro calmamente. Daí então aos poucos começou a trabalhar, a estudar, a beber... E virou uma pessoa de verdade. Vejam só!

– Mas cadê o amor e cadê Turguêniev nessa história? – cortamos, quase sem lhe dar chance de terminar. “Não, pode começar a contar uma história de amor! Você leu Ivan Turguêniev? Bem, se leu, pode ir contando! Conte sobre o *Primeiro Amor*, sobre Zínotchka, sobre o véu, sobre como te deram uma chicotada no focinho – conte alguma coisa semelhante...”.

– É claro – acrescentei – em Ivan Turguêniev a coisa não é bem assim. Lá todos se reúnem ao redor da lareira, com suas cartolas, e alisando seus jabôs... Ora, tudo bem, mesmo sem lareira nós temos com o que nos aquecer. E quanto às rendas – para que nós precisamos de rendas?! Mesmo sem jabôs nós já estamos caindo de bêbados...

– É claro, é claro!

– Amar à Turguêniev significa ser capaz de sacrificar a tudo em nome da criatura escolhida! Ser capaz de fazer tudo aquilo que não é possível ser feito quando

não se ama à Turguêniev! Olha só você, por exemplo (sem perceber, nós havíamos abandonado toda formalidade). Você, dezembrista. Este amigo seu, de quem você estava falando – você seria capaz de arrancar-lhe o dedo com uma mordida? Em nome da mulher amada?

– Ora, mas por que o dedo? O que tem a ver o dedo? – começou a gemer o dezembrista.

– Não, não, escute aí. Você por acaso seria capaz de infiltrar-se numa noite dessas, sorrateiramente, no Gabinete do Partido, tirar as calças e beber um frasco inteiro de tinta, e então colocar o frasco no respectivo lugar, vestir as calças e escapular sorrateiramente de volta para casa? Em nome da mulher amada? Seria?

– Meu Deus! Não, não seria.

– É, tá vendo.

– Já eu seria! – declarou repentinamente o velho Mítrich. E assim de improviso, inesperadamente, todos tornaram a se agitar e começaram a esfregar as mãos – Eu poderia contar uma coisinha para vocês...

– Você? Contar? Você provavelmente nem chegou a ler Ivan Turguêniev!

– Bem, pode ser que não tenha mesmo lido... O meu netinho, em compensação, leu tudo...

– Ora, mas é claro, se é assim então está bem! Depois o netinho conta tudo! Depois a gente dá a palavra ao netinho. Vamos lá, vovô, desembucha, conte-nos uma história de amor!

“Já posso imaginar,” pensei, “a besteirada que vai sair disso! Vai ser besteira em cima de besteira!”. E de repente lembrei-me de novo de como tinha me gabado no dia em que conheci a minha tsarina: “Posso contar mais gabolices! Ir ainda mais além!”. Pois então que fale esse Mítrich de olhos lacrimejantes. É preciso respeitar, repito, os cantos obscuros da alma alheia. É preciso sondá-los, mesmo que não haja nada lá, mesmo que só haja pura imundície. Dá no mesmo: deve-se sondar e respeitar, sondar sem desprezar.

O velho pôs-se a contar:

Quilômetro 65 – Pávlovo-Posad

– Nós tínhamos um presidente... Chamava-se Lohengrin, um tipo severo... Todo coberto de furúnculos. E todas as noites ele saía em um barco a motor. Pegava o barco e navegava pelo rio... Navegava e espremia os seus furúnculos...

Os olhos do narrador, emocionado, lacrimejavam:

– E depois de sair de barco... Ele voltava ao escritório da administração e deitava-se no chão. E aí já se tornava inacessível e calado. E caso alguém lhe soltasse uma palavra de atravessado, ele se virava para um canto e caía no choro... Levantava-se e chorava, e fazia xixi no chão, como um guri...

Subitamente o velho caiu em silêncio. Os seus lábios se retorciam, o seu nariz azulado iluminou-se e depois se apagou. Ele chorava! Chorava feito mulherzinha, agarrando a cabeça com as mãos, sacudindo e estremecendo os ombros, como ondas...

– Então... esse é o fim da história, Mítrich?

O vagão estremeceu com a gargalhada. Todos riam de modo alegre e indecente. E, de tanto rir, o netinho chegou até mesmo a se contorcer todo, dos pés à cabeça, para não molhar as canelas, da esquerda pra direita, de tanto rir. O do bigode preto irritou-se:

– E onde afinal está Turguêniev? Nós tínhamos um acordo claro: “como em Turguêniev”! E só o diabo sabe do que você está falando! De um tal coberto de furúnculos! E que, ainda por cima, é mijão!

– Arre, ele deve estar contando o que viu numa fita! – soltou alguém em algum canto – A fita “O Presidente”²⁶⁰!

– Que fita que nada, vão pro inferno!

E eu, ali sentado, compreendia o velho Mítrich, compreendia suas lágrimas: ele simplesmente se compadecia de tudo e de todos. Tinha compaixão pelo presidente, por terem lhe dado um apelido tão vergonhoso, e da parede em que ele mijara, e do barco, e dos furúnculos – se compadecia de tudo. O primeiro amor ou a última compaixão – qual é a diferença? Deus, morrendo na cruz, exortou-nos a compaixão, e não a derrisão. A compaixão e o amor pelo mundo são uma coisa só. Amor por toda carne e por todo ventre. E pelo fruto de todo ventre, a compaixão.

– Vamos lá, vovô – disse-lhe – Vamos lá, eu vou te dar um presentinho. Vou te servir, você merece! Você falou muito bem sobre o amor! Chega, vamos todos dar um trago! Um brinde ao nobre de Oriól, Ivan Turguêniev, cidadão da encantadora França!

– Pois bem! À saúde do nobre de Oriól!..

²⁶⁰ “O Presidente” (Mosfilm, 1964) é um filme do diretor Aleksei Saltikov com roteiro de Iuri Nagibin. Foi um dos maiores marcos do cinema soviético por retratar, pela primeira vez, o colapso da agricultura e do campo no período stalinista.

Teve início novamente o glu-glu e o mesmo tilintar de antes, os muxoxos de lábios e os estalos de língua. O *Estudo em dó sustenido menor*, composição de Franz Liszt, estava de volta para o *bis*...

Na hora, ninguém notou, mas à porta do nosso *coupé* (vamos chamá-lo “*coupé*”) estava plantada uma figura feminina, de quepe marrom, jaqueta e bigodinhos pretos. Mal se aguentava em pé de tão mamada que estava, e o quepe dançava-lhe no alto da cabeça.

– Também quero beber a Turguêniev – declarou ela, declarou ela com uma voz sepulcral.

O desconcerto não durou nem dois segundos.

– Aí juntou a fome com a vontade de comer – zombou o dezanista, e todos caíram na risada.

– Estão rindo do quê? – perguntou o velho – é uma mulher como outra qualquer: boa e tenrinha...

– Mulheres boas desse tipo – retrucou sombrio o do bigode preto, tirando o quepe – deveriam ser enviadas à Criméia, para serem devoradas por lobos e ursos...

– Mas por quê? Por quê? – protestei, começando a me agitar – Que se sente! Que nos conte alguma coisa! Dizem que leram Turguêniev, leram Maksim Gorki, mas não aproveitaram nada! Dei-lhe espaço, fiz com que se sentasse e servi-lhe meio copo de “Tia Klava”.

Ela bebeu e, ao invés de mostrar-se agradecida, levantou o quepe: “estão vendo isso aqui?”. E mostrou a todos uma cicatriz acima da orelha. Daí calou-se com toda solenidade e estendeu-me novamente o copo: “Um chorinho, moço, senão eu desmaio”.

Servi mais meio copo.

Pávlovo-Possad – Nazárievo

Ela o esvaziou de um trago, sempre maquinalmente. Depois escancarou bem a boca e mostrou a todos: “Estão vendo que tem quatro dentes faltando?” – “Onde eles foram parar?” – “Vou lá saber? Sou uma mulher instruída, mas ando por aí desdentada. Ele estourou a minha boca por culpa do Púchkin! E então quando ouvi essa prosa tão literária de vocês, pensei: vou lá ter com eles, vou beber e aproveitar para contar sobre a vez em que me partiram a cabeça e me arrancaram os quatro dentes da frente por culpa do Púchkin...”.

Ela começou a contar, e o estilo da sua narrativa era monstruoso...

– Tudo começou com Púchkin. Enviaram-nos um organizador da *Komsomol* chamado Evtiúchkin²⁶¹, que não fazia outra coisa na vida senão beliscar mulheres e ler versos. Uma vez ele me agarrou pela barriga das pernas e perguntou: “O meu maravilhoso olhar te faz languescer?” – respondi: “Digamos que sim...”. E ele, de novo me agarrando pela barriga das pernas: “Na tua alma a minha voz ressoa?”. Dei um gritinho de surpresa e disse: “É claro que sim”. Daí ele me agarrou e me arrastou para algum canto. Quando me arrastou de volta, vaguei por dias, fora de mim, repetindo sem parar: “Púchkin – Evtiúchkin – enlanguesce – ressoa”. “Ressoa – enlanguesce – Evtiúchkin – Púchkin”. E de novo: “Púchkin – Evtiúchkin...”.

– Vai direto ao ponto, fala logo dos seus dentes da frente – cortou o do bigode preto.

– Em um minuto chego aos dentes! Já vai saber tudo sobre os dentes! O que foi mesmo que aconteceu depois?... Ah sim, a partir daquele dia tudo correu bem: passamos meio ano provocando a ira de Deus no palheiro, e tudo ia bem! Daí aquele Púchkin foi estragar tudo de novo!.. Pois vejam, eu sou como a Joana d’Arc. Ela também não foi feita para arrebanhar vacas e colher trigo: sentou o traseiro sobre um cavalo e galopou até Orléans, em busca de aventuras. Comigo era igual: era só beber um pouquinho a mais e já partia para cima dele: “Quem vai cuidar dos nossos filhinhos no seu lugar? Púchkin, por acaso?”²⁶². Ele retrucava: “Mas de que filhinhos você tá falando? Eu não tenho filho nenhum! E o que o Púchkin tem a ver com a história?”. Eu respondia: “Quando tivermos filhinhos, vai ser tarde para pensar em Púchkin!”.

Era assim toda vez que eu exagerava um pouquinho na bebida.

“Quem é que vai cuidar das crianças no seu lugar? Púchkin, por acaso?”, eu dizia. E ele, enfurecido, gritava: “Some daqui, Dária! Some daqui! Para de torturar a minha alma!”. Eu o odiava nesses momentos, odiava tanto que a minha cabeça dava voltas por trás dos olhos. Mas depois tudo passava e, apesar de tudo, eu voltava a amá-lo. Amava tanto que nem conseguia dormir à noite...

Mas aí um dia eu entornei completamente o caneco. Parti pra cima dele urrando: “Por acaso o Púchkin vai cuidar das crianças no seu lugar? Hein? O Púchkin?”. Assim

²⁶¹ Alusão ao poeta Evgueni Aleksándrovitch Evtuchénko (1932-) que o autor, conforme entrevistas dadas, não estimava.

²⁶² No russo informal, é comum que Púchkin seja responsabilizado por fenômenos com os quais não tem qualquer relação. Essa figura de linguagem teve origem na época soviética, quando os retratos do escritor tonaram-se onipresentes. Desse modo, era sempre possível apontar o dedo para Púchkin.

que ouviu falar em Púchkin, ele ficou todo sombrio e começou a tremer: “Vai, bebe! Pode encher a cara! Mas deixe o Púchkin em paz! Deixe as crianças em paz! Beba tudo, até o meu sangue, mas não tenta o senhor teu Deus!”. Eu estava em licença médica, por comoção cerebral e bloqueio dos intestinos. Era outono no sul, e me pus a berrar: “Saia de perto de mim, desalmado! Vá pra longe! Eu me arranjo sozinha! Viro a bolsinha por um mês e depois me jogo embaixo do trem! Daí entro num convento e viro freira! Você virá implorando meu perdão, e eu aparecerei toda de preto, bem sedutora. E arranharei o teu focinho com a unha do dedo com que lhe faço figa! Saia de perto!”. Gritei ainda: “Você ao menos ama a minha alma? Ao menos ela?”. Tremendo inteiro e cada vez mais sombrio, ele gritou: “Com o coração! Com o coração amo sim a sua alma! Mas com a alma não amo!”.

E como um selvagem, como se estivesse numa ópera, pôs-se a gargalhar e me agarrou, quebrou a minha cabeça e partiu para Vladímir-sobre-o-Kliázma. Por que partiu? Com quem foi ter? Toda a Europa partilhou do meu desconcerto. Lá do fogão, a minha avó, que é surda-muda, disse: “Está vendo, Dáchenka? Você foi longe demais na busca do seu ‘eu’!”.

– Sim! Mas depois de um mês ele voltou. Na hora, estava num pileque daqueles. Assim que o vi, desabei em cima da mesa e caí na gargalhada, esperneando: “Vejam só! – gritei – Foi dar uma volta em Vladímir-sobre-o-Kliázma! E quem é que ficou cuidando das criancinhas?..”. Sem dizer uma palavra, ele se aproximou, arrebitou-me os quatro dentes da frente e partiu para Rostóv-sobre-o-Don, em missão da *Komsomol*...

– Estou a ponto de desmaiar, querido, serve mais uma dosezinha...

Estavam todos morrendo de rir. Principalmente por causa da passagem da avó surda-muda.

– E onde foi parar esse seu Evtiúchkin?

– Vou lá saber? Na Sibéria ou na Ásia Central. Se chegou a Rostov e continua vivo, está em algum canto da Ásia Central. Mas se não chegou a Rostov e morreu, então está na Sibéria...

– Certamente – apoiei – na Ásia Central não se morre, lá se pode viver. Nunca estive lá pessoalmente, mas meu amigo Tíkhonov, esteve. Ele contou que você fica andando e andando até topar com um *kichlak*²⁶³, e que lá dentro eles queimam esterco

²⁶³ Pequenas vilas do sul asiático. Na região, tijolos de esterco seco comprimido são usados como combustível para os fornos. Ficavam localizadas em regiões quentes e secas que, apesar do domínio soviético, clandestinamente praticavam o islamismo.

seco nos fornos, e não têm nada para beber. Por outro lado a boia abunda: *akines* e *saksaul*²⁶⁴... Foi disso que ele se alimentou naquelas bandas por quase meio ano: de *akines* e *saksaul*. E como se nada fosse: voltou frouxo e com os olhos esbugalhados...

– E na Sibéria?..

– Na Sibéria, não, lá não se pode viver. Lá não vive absolutamente ninguém, fora os negros. Não lhes levam produtos, então não têm nada o que beber e menos ainda o que “comer”. Apenas lhes enviam, uma vez ao ano, toalhas bordadas de Jitómir, e os negros se enforcam com elas...

– Mas de que negros você está falando? – o dezembrista, que já ia quase pegando no sono, agitou-se – Que negros pode haver na Sibéria? Os negros vivem nos Estados Unidos, não na Sibéria! Imagino que você já tenha estado na Sibéria. Mas e quanto aos Estados Unidos?

– Estive nos Estados Unidos! E não vi nem sombra de negro!

– Nem sombra? Nos Estados Unidos?

– Sim! Nos Estados Unidos! Nem sombra sequer!

Já estavam todos tão estupefatos, e havia tanta névoa na mente de todos, que não restava lugar para qualquer incredulidade. De uma vez e sem demora, todos se esqueceram da mulher de triste destino, com cicatriz e sem dentes. Ela, assim como todos os outros, esqueceu-se de si e foi caindo no sono. Apenas o jovem Mítrich, tentando parecer arrojado na presença da dama, de vez em quando cuspiu algo parecido à urina por cima do ombro...

– Quer dizer que você esteve nos Estados Unidos – murmurou o do bigode preto – é realmente incrível! Lá não há negros e nunca houve, isso eu posso aceitar... Confio em você como em um irmão. Mas diga-me: lá também nunca houve e nem há liberdade? A liberdade continua sendo um fantasma naquele continente de sofrimento? Diga-me...

– Sim – respondi – a liberdade continua sendo um fantasma naquele continente de sofrimento, e eles estão tão habituados a isso que praticamente não notam. Imaginem só: naquele lugar – andei bastante por lá e pude observar – naquele lugar não há nenhuma careta, nenhum gesto, nenhuma réplica que denotem sinal do embaraço ao qual estamos tão acostumados. A dignidade manifesta por minuto na fuga de cada um deles seria suficiente para nós durante o Grande Plano Septenal²⁶⁵ inteiro. Por que será

²⁶⁴ *Akines* são cantores e compositores tradicionais da Ásia Central. *Saksaul* é um tipo de arbusto.

²⁶⁵ Plano de sete anos (1959-65) para o desenvolvimento dos campos coletivos da URSS.

isso? – pensei, ao virar de Manhattan para a 5ª Avenida, e eu mesmo respondi: “Por causa da presunção nojenta lá deles, é por isso”. Mas de onde lhes vem essa presunção? Estaquei no meio da avenida para encontrar uma resposta: “No mundo das ficções propagandísticas e dos truques publicitários, de onde surge tanta presunção?”. Fui andando em direção ao Harlem, dando de ombros: “De onde? De onde sai o apetite desses fantoches dos ideólogos do monopólio, dessas marionetes do complexo militar-industrial? Empanturram-se umas cinco vezes ao dia, e sempre com aquela mesma dignidade infinita. Por acaso um homem bom pode mesmo ter apetite, especialmente nos Estados Unidos?!?”.

– Sim, sim, sim – o velho Mítrich acenou com a cabeça – lá eles comem bem, ao passo que nós quase já não temos o que comer... Enviamos todo o arroz à China, mandamos todo o açúcar para Cuba²⁶⁶... E nós, o que vamos comer?

– Fica tranquilo, vovô, relaxa! Você já comeu o seu pedaço do bolo, é pecado falar essas coisas. Se for aos Estados Unidos, lembre-se do mais importante: não se esqueça da sua velha pátria e da bondade que a caracteriza. Maksim Górkí não escrevia apenas sobre mulheres, mas também sobre a pátria. Você se lembra do que ele escreveu?

– Ora, mas é claro... Lembro sim... – e tudo o que havia bebido lacrimejava pelos olhos azuis – lembro: “eu e a avozinha adentramos cada vez mais no bosque...”²⁶⁷.

– E isso lá é sobre a pátria, Mítrich? – retrucou o do bigode preto, arrastando as palavras – Isso é sobre a avó, e não tem nada a ver com a pátria!

Mítrich recomeçou a chorar.

Nazárievo – Drezna

O do bigode preto falou:

– Está claro que você viajou muito e viu muitas coisas. Diga-me: onde se dá mais valor ao homem russo, do lado de cá ou do lado de lá dos Pirineus?

– Não sei quanto ao lado de lá. Mas do lado de cá não dão absolutamente nenhum valor. Estive na Itália, por exemplo, e lá não dão a mínima para o homem russo. Só cantam e pintam. Um sujeito, vamos supor, fica lá de pé cantando. Outro se senta ao seu lado e pinta aquele que canta. E um terceiro, um pouco mais distante, canta

²⁶⁶ Na realidade, China e Cuba eram grandes exportadores de arroz e açúcar, respectivamente, à URSS.

²⁶⁷ Cena da obra autobiográfica de Górkí, *Ganhando meu pão*.

sobre aquele que pinta... E isso dá uma tristeza! Mas eles não entendem a nossa tristeza...

– Mas é claro, são italianos! Eles por acaso entendem alguma coisa?! – o do bigode preto me apoiou.

– Precisamente. Quando estive em Veneza, no dia de São Marcos, me deu vontade de assistir à regata de remo. E como fiquei triste! Meu coração vertia lágrimas, ainda que os lábios tenham permanecido em silêncio. Mas os italianos não compreendiam, riam, apontando para mim: “Olhem lá, é o Eroféiev andando de novo por aí como um ferrado!”. Mas será que eu parecia estar assim tão ferrado?! Eu apenas mantinha os lábios em silêncio...

De fato, não me era nem um pouco necessário estar na Itália. Só havia três coisas que eu queria ver ali: O Vesúvio, Herculano e Pompéia. Mas me disseram que o Vesúvio tinha deixado de existir fazia tempo, e me mandaram para Herculano. No Herculano disseram: “O que é que você está querendo em Herculano, imbecil? É melhor ir a Pompéia”. Chego a Pompéia, e me dizem: “Que diabos você veio fazer em Pompéia? Vai direto para Herculano!”.

Deixei para lá e fui para a França. Andei, andei, e já estava chegando à linha Maginot²⁶⁸ quando de repente me dei conta: talvez eu possa voltar e passar um tempinho na casa de Luigi Longo. Alugo lá um cantinho e me ponho a ler uns livros. Assim não fico zanzando por aí sem fazer nada. Seria melhor, é claro, alugar um canto na casa do Palmiro Togliatti, mas ele morreu recentemente... E em que sentido Luigi Longo é pior?

Acabei não voltando, no final. Ao invés disso, cruzei o Tirol a caminho de Sorbonne. Cheguei a Sorbonne e disse: quero estudar para bacharel. Responderam-me: “Caso queira estudar no bacharelado você deve, enquanto fenômeno, ter algo inerente. O que você, quanto a fenômeno, tem de inerente?”. Como responder a essa pergunta? Eu disse: “O que pode ser inerente a mim enquanto fenômeno? Sou apenas um órfão”. “Da Sibéria?”, perguntaram. “Da Sibéria”, respondi. “Ora, neste caso, já que é da Sibéria, ao menos a sua psicologia deve trazer algo de inerente. O que há de inerente na sua psicologia?”. Pensei: “isso aqui não é Khrapunovo, é a Sorbonne. É preciso dizer algo inteligente”. Pensei mais e disse: “A mim, como fenômeno, é inerente um Logos auto-crescente”. Mas enquanto eu maquinava algo inteligente para dizer, o reitor da

²⁶⁸ Linha de fortificações de defesa construída pela França ao longo de suas fronteiras com a Alemanha e a Itália, após a Primeira Guerra Mundial.

Sorbonne esgueirou-se sorrateiramente por trás de mim e desferiu um pescoção: “Você é um idiota” disse “e não é Logos coisa nenhuma!”. “Fora” gritou “fora, Eroféiev, da nossa Sorbonne!”. Ali pela primeira vez lamentei não ter ido morar no apartamento do companheiro Luigi Longo...

O que então me restava a fazer se não ir a Paris? Pois fui. Fui caminhando em direção a Notre Dame, caminhando e me surpreendendo: ao meu redor era bordel que não acabava mais. Apenas a Torre Eiffel estava em pé, e em cima dela o General de Gaulle, comendo castanhas assadas e observando os quatro cantos do mundo através dos seus binóculos. Mas qual era o sentido disso, se nos quatro cantos só havia bordéis?!

Para ser mais claro, é completamente impossível caminhar pelos bulevares. Ficam todos correndo de um lado para o outro, do bordel para a clínica, e da clínica de volta ao bordel. A gonorreia é tanta por toda parte que fica até difícil respirar. Um dia, bebi umas e fui passear na Champs-Élysées: ao meu redor havia tanta gonorreia que eu mal era capaz de botar um pé adiante do outro. Vi dois conhecidos, um casal, ambos mastigando castanhas assadas e ambos idosos. De onde eu os conhecia? Dos jornais? Não sei, mas acabei por reconhecê-los: eram Louis Aragon e Elsa Triolet. “Interessante” ocorreu-me “para onde estarão indo? Da clinica ao bordel ou do bordel para a clinica?”. Mas contive-me de imediato: “Você deveria se envergonhar. Você está em Paris, e não em Khrapunovo. É melhor perguntar-lhes sobre questões sociais, as questões sociais mais agudas...”.

Alcansei Louis Aragon e disse-lhe, abrindo o coração, que havia me desiludido de tudo, mas que não tinha qualquer dúvida a respeito de nada, e que estava morrendo por conta de contradições internas, e disse ainda muitas outras coisas. Mas ele apenas me encarou, bateu continência, como um velho veterano, deu o braço à sua Elsa e seguiu em frente. Novamente corri atrás deles, e dessa vez não falei com Louis, mas com Triolet: disse que estava morrendo por causa da insuficiência de impressões, e que era dominado pelas dúvidas precisamente quando deixava de estar desesperado, enquanto em momentos de desilusão eu desconhecia quaisquer dúvidas... E ela, feito uma bruaca velha, beliscou minha bochecha, deu a mão a seu Aragon e seguiu em frente...

Mais tarde, é claro, fiquei sabendo através da imprensa que aquelas pessoas não eram, absolutamente, quem eu havia pensado, mas sim Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Mas que diferença isso faz agora? Fui até Notre-Dame e lá aluguei uma

mansarda. Mansarda, mezanino, anexo, água-furtada, sótão – confundo todas essas coisas e não vejo diferença alguma entre elas. Em suma, aluguei aquilo em que se pode deitar, escrever e fumar cachimbo. Fumei doze cachimbadas e enviei à *Revue de Paris*²⁶⁹ o meu ensaio, com o título francês “Chic e brilho *immer* elegante”. Um ensaio sobre as questões do amor.

Vocês bem sabem como é difícil escrever sobre o amor estando na França. Isso porque, na França, tudo o que diz respeito ao amor já foi escrito há muito tempo. Lá todos sabem tudo do amor, enquanto nós nada sabemos. Mostre a um dos nossos – um com instrução média – um cancro duro e pergunte: “este é um cancro duro ou mole?”. Ele certamente vai soltar: “é claro que é mole”. Agora mostre-lhe um cancro mole, e ele vai ficar todo desnortado. Mas lá, não. Lá podem não saber quanto custa uma garrafa de vodka de hipericão, mas se o cancro for mole, todos saberão, e ninguém o tomará por duro.

Para resumir, a *Revue de Paris* devolveu o meu ensaio, sob o pretexto de que ele estava escrito em russo, e que apenas o título estava em francês. O que vocês pensam que fiz? Que me desesperei? Fumei mais treze cachimbadas em minha água-frutada e escrevi outro ensaio, também dedicado ao amor. Desta vez ele todo, do início ao fim, estava escrito em francês. Apenas o título estava em russo: “O putanheirismo, fase superior e aguda da putaria”. Enviei-o à *Revue de Paris*.

– E eles o devolveram outra vez? – perguntou o do bigode preto, em sinal de apoio ao narrador e como que através de um sonho.

– Naturalmente devolveram. Eles reconheceram que a minha linguagem era brilhante, mas consideraram a ideia central errônea. “Pode ser que isso se aplique às condições russas,” disseram “mas às francesas, não”. E continuaram: “Em nosso país, o putanheirismo ainda não é a fase superior e está longe de ser a mais aguda. No caso dos russos, a putaria, ao atingir o limite do putanheirismo, será violentamente abolida e substituída por um programa de onanismo compulsório. No caso dos franceses, ainda que não se possa excluir a possibilidade de uma futura integração orgânica de alguns elementos do onanismo russo – em um programa mais voluntário – à nossa sodomia patriótica, na qual, mediante o incesto, está se transformando o nosso putanheirismo, essa integração vai seguir o curso da nossa putaria tradicional, e de forma absolutamente permanente!”

²⁶⁹ Popular revista parisiense lançada em 1849.

Em suma, eles foderam completamente com a minha cabeça. Portanto mandei-os à merda, tasquei fogo nos meus manuscritos, assim como na mansarda e na água-furtada, e, passando por Verdun, fui dar no Canal da Mancha. Fui cantarolando, pensando e caminhando o caminho todo até Albion²⁷⁰. Eu caminhava e pensava: “Por que é que não fui morar no apartamento de Luigi Longo?”. Caminhava e cantava: “a rainha da Inglaterra tá pra lá de doente, os seus dias e noites estão contados...”²⁷¹. Mas, na periferia de Londres...

– Permita-me – cortou o do bigode preto – mas as suas capacidades me surpreendem. Veja bem, eu confio em você como em um irmão... só me surpreende a facilidade com que você atravessou todas as fronteiras nacionais...

Drezna – Quilômetro 85

– E o que há de surpreendente nisso?! O que têm as fronteiras?! As fronteiras são necessárias para que as nações não se confundam. No nosso caso, por exemplo, os guardas de fronteira sabem perfeitamente bem que a fronteira não é uma ficção e nem um emblema, pois de um lado fala-se russo e bebe-se mais, e de outro bebe-se menos e não se fala russo.

Mas lá? Que fronteiras podem existir se todos bebem a mesma quantidade e não se fala russo?! Pode até ser que queiram botar um guarda de fronteira em algum canto, mas simplesmente não há onde botar. É por isso que lá os guardas de fronteira ficam só vadiando, sem nada para fazer, entediados e pedindo fogo... Portanto nesse sentido lá a liberdade é absoluta... Se você quiser, digamos, ficar em Eboli, não tem problema, pode ficar em Eboli. Se quiser ir a Canossa²⁷², ninguém vai te impedir, vá a Canossa. Quer atravessar o Rubicão²⁷³? Pode atravessar.

Então não há nada de surpreendente aqui... Às doze em ponto, horário de Greenwich, eu já tinha sido apresentado ao diretor do Museu Britânico, cujo sobrenome é sonoro e babaca, algo como *sir* Kombi Korm²⁷⁴: “O que você quer de nós?”,

²⁷⁰ Antigo nome das ilhas britânicas. É um termo antiquado e poético, mas muito usado na publicística soviética dos anos 1960.

²⁷¹ Referência à antiga balada inglesa “Queen Eleanor”: “A rainha da Inglaterra está pra lá de doente / Os seus dias e noites estão contados / E ela pede que chamem os confessores / Da sua pátria-mãe, da França”. No enredo, o desconfiado rei da Inglaterra disfarça-se de padre francês e ouve sua esposa confessar, no leito de morte, tê-lo traído e envenenado.

²⁷² Canossa é uma igreja no norte da Itália. A expressão popular “ir à Canossa” significa tomar parte em um ato de penitência.

²⁷³ O Rubicão é um rio no norte da Itália. A expressão popular “cruzar o Rubicão” significa chegar a um ponto sem volta.

²⁷⁴ Em russo, “forragem”.

perguntou o diretor do Museu Britânico²⁷⁵. “Quero ser contratado. Ou melhor, quero que vocês me contratem, é isso que quero...”.

“Quer que o contrate vestindo *essas* calças?”, perguntou o diretor do Museu Britânico. “Como assim ‘*essas* calças’?”, devolvi-lhe a pergunta, escondendo a minha irritação. Mas ele fez que não escutou, pôs-se de quatro na minha frente e começou a farejar as minhas meias. Em seguida pôs-se de pé, franziu a testa, deu uma cuspidinha e então perguntou: “Então você quer que eu te contrate com *essas* meias?”.

“Como assim ‘*essas* meias’?”, comecei, já sem esconder minha irritação “Qual o problema das minhas meias? As meias que eu arrastava pela minha pátria eram realmente fedidas, é verdade. Mas eu as troquei antes de partir, pois no homem tudo deve ser belo: a alma, as ideias, a...”

Mas ele não quis me dar ouvidos. Foi à Câmara dos Lordes e disse: “Lordes! Tenho um refugio aqui à porta. Ele vem da enevoadada Rússia, mas até que não está muito bêbado. O que devo fazer com ele, esse pobre coitado? Devo contratar esse espantalho? Ou não dar nada ao paspalho?”. Os lordes puseram-se a me examinar por trás de seus monóculos e disseram: “Dê-lhe uma chance, William! Coloque-o em exposição! Este cabeça de titica poeirento cairia bem em qualquer ambiente!”.

A essa altura a Rainha da Inglaterra tomou a palavra. Ela ergueu a mão e berrou:

– Os inspetores! Os inspetores! – seu grito ressoou por todo o vagão, como uma explosão: “Os inspetores!”.

Minha narrativa foi interrompida no ponto mais interessante. Mas não foi apenas a narrativa: a sonolência embriagada do sujeito do bigode preto, o sono do dezembrista – tudo ficou pela metade. O velho Mítrich despertou em prantos, e o jovem deslumbrou a todos com o seu bocejo sibilante, que se transformou em riso e defecação. Só a mulher de difícil destino, cobrindo a boca com o quepe, continuou a dormir, como uma Fada Morgana...

Ninguém na verdade teme os inspetores de bilhetes na linha de Petuchki, pois estão todos sem bilhete. Caso algum vira-casacas encha a cara e resolva comprar um bilhete, vai ficar constrangido, evidentemente, quando os inspetores passarem: chega a sua vez de mostrar o bilhete e ele não olha para ninguém, nem para o inspetor, nem para os passageiros, como se quisesse desaparecer debaixo da terra. O inspetor examina o

²⁷⁵ Um dos maiores museus do mundo, localizado em Londres. Em sua biblioteca trabalharam todos os três fundadores do marxismo-leninismo. Durante as preparações para o centenário do nascimento de Lenin, o jornal *Pravda* publicou matérias a este respeito.

seu bilhete com repugnância, e fulmina-o com os olhos, como se ele fosse um animal. Quanto aos passageiros, olham para o “penetra” com olhos grandes e belos, que dizem: “Baixe os olhos, bunda-mole! Bateu o remorso, judeu duma figa?”. E fitam os olhos do inspetor com mais confiança ainda: “é assim que nós somos, você pode nos julgar? Aproxime-se, Semiólnitch, não te ofenderemos...”.

Antes de Semiólnitch tornar-se inspetor chefe, tudo era diferente: naquele tempo, os passageiros sem bilhete eram expulsos para reservas, como indianos, e apanhavam na cabeça com a enciclopédia *Efron e Brockhaus*. Depois eram multados e atirados para fora do vagão. Naquela época, para escapulir do inspetor, as pessoas corriam pelos vagões como uma manada em pânico, arrastando consigo até mesmo aqueles que tinham bilhetes. Certa vez, diante dos meus olhos, dois garotos, tomados pelo pânico generalizado, começaram a correr junto à manada e acabaram morrendo esmagados. Ficaram ali caídos no corredor, as mãozinhas azuladas ainda segurando os bilhetes...

O inspetor chefe Semiólnitch mudou tudo isso, abolindo todas as multas e reservas. Ele tornou tudo mais simples: cobrava de cada um dos sem-bilhetes um grama de vodka por quilômetro. Por toda Rússia os caminhoneiros cobram um copeque por quilômetro dos “caronas”, mas Semiólnitch cobrava uma vez e meia mais barato: um grama por quilômetro. Caso você estiver indo, digamos, de Tchukhlínka a Ussad – uma distância de noventa quilômetros –, vai servir a Semiólnitch noventa gramas e seguir viagem em perfeita tranquilidade, esparramado sobre o assento como um negociante...

Sendo assim, a inovação de Semiólnitch fortaleceu a relação entre o fiscal e as massas populares, barateando-a, simplificando-a e humanizando-a. Agora, no tremor geral provocado pelo grito de “os inspetores!” não há qualquer apreensão. Neste tremor há apenas antecipação.

Semiólnitch adentrou o vagão, com um sorriso famélico, mal conseguindo manter-se em pé. Normalmente, ele só viaja até Oriékhovo-Zúievo, e lá salta do trem e vai ao seu escritório, bêbado a ponto de vomitar...

– É você de novo, Mítrich? De novo indo a Oriékhovo? Andar de carrossel? Cento e oitenta gramas por vocês dois. E é você, do bigode preto? Indo de Saltykóvskaia para Oriékhovo-Zúievo? Setenta e dois gramas. Acordem essa vadia e perguntem-lhe quanto ela me deve. E você, de sobretudo, para onde e de onde? De Foice e Martelo até Pokrov? Cento e cinco, tenha a bondade. Há cada vez menos “penetras”. Antigamente isso suscitava “ira e indignação”, mas agora suscita “legítimo orgulho”... E você, Viénia?

Semióńitch, sedento de sangue, envolveu-me no seu bafo de bebida:

– E você, Viénia? De Moscou a Petuchki, como sempre?..

Quilômetro 85 – Oriékhovo-Zúievo

– Sim. Como sempre. E dessa vez por todos os séculos dos séculos: de Moscou a Petuchki...

– E você acha, She-ra-za-de, que vai se safar de mim mais uma vez?..

A essa altura, cabe uma pequena digressão – enquanto Semióńitch entorna a dose de multas que lhe couberam – para explicar rapidamente o motivo do “Sherazade” e o significado do “se safar”.

Lá se vão três anos desde que trombei com Semióńitch pela primeira vez. Na época, ele havia acabado de assumir o cargo. Aproximou-se de mim e perguntou: “De Moscou a Petuchki? Cento e vinte e cinco”. Vendo que eu não entendia do que se tratava, ele explicou. Mal eu disse que não portava comigo sequer um grama, ele respondeu: “Então é assim? Vou ser obrigado a partir a tua cara, já que não vai me oferecer nem mesmo um grama?”. Respondi que não seria necessário, murmurando algo relativo ao Direito Romano. Ele ficou tremendamente interessado, e pediu que lhe contasse em detalhes tudo sobre a antiguidade e Roma. Comecei a contar, e cheguei até à escandalosa história de Lucrécia e Tarquínio, mas daí ele precisou saltar em Oriékhovo-Zúievo e ficou sem saber o que, afinal de contas, aconteceu à Lucrécia: teria aquele vadio do Tarquínio conseguido o que queria ou não?

Cá entre nós, o Semióńitch é um mulherengo incorrigível e um utopista. A história mundial interessava-lhe apenas no que diz respeito à alcova. De modo que, na semana seguinte, quando os cobradores novamente deram as caras nos arredores de Friázevo, Semióńitch não chegou dizendo: “De Moscou a Petuchki? Cento e vinte e cinco”. Não, ele se apressou até mim, doido para ouvir a continuação da história: “Como é que é? No fim das contas ele conseguiu foder essa tal Lucrécia?”.

Contei-lhe o que aconteceu em seguida. Da história romana passei à cristã, chegando por fim ao episódio de Hipátia. Eu ia contando: “Daí então, os monges de Alexandria, incitados pelo patriarca Cirilo e levados pelo fanatismo, arrancaram as vestes da bela Hipátia e...”. Mas então o nosso trem parou em Oriékhovo-Zúievo, e Semióńitch saltou para a plataforma, profundamente frustrado em sua curiosidade...

Isso aconteceu por três anos a fio, semanalmente. Na linha “Moscou – Petuchki” eu era o único dos sem-bilhetes que jamais presenteava Semiólnitch com um grama sequer e, ainda assim, saía vivo e ileso. Mas toda história tem um fim, até mesmo a história do mundo.

Na sexta feira anterior, eu tinha chegado a Indira Ghandi, Moshe Dayan e Dubček. Depois disso não havia mais para onde ir.

Semiólnitch bebeu as multas que cobrara, soltou um grunhido e cravou os olhos em mim, como uma jiboia ou o sultão Sahriyar:

– De Moscou a Petuchki? Cento e vinte e cinco.

– Semiólnitch! – exclamei, quase implorando – Semiólnitch! Já bebeu bastante hoje?

– Pode-se dizer que sim – respondeu Semiólnitch, com certa presunção. Ele estava completamente mamado.

– Quer dizer que ainda existe em você um pouco de imaginação? Que tem forças para se lançar de encontro ao futuro? Que pode viajar comigo do mundo do passado obscuro ao Século de Ouro, que “sim, sim, vem muito em breve!”?

– Posso, Viénia, posso! Hoje posso tudo!

– Do Terceiro Reich, da Quarta Vértebra²⁷⁶, da Quinta República e do Décimo Sétimo Congresso²⁷⁷, você pode passar comigo ao mundo do Quinto Reino, tão desejado por todos os judeus, ao Sétimo Céu e ao Segundo Advento?

– Posso! – bradou Semiólnitch – Fala, fala, Sherazade!

– Pois escute só! Chegará o dia “eleito entre todos os dias”. Nesse dia, o combalido Simeão dirá, afinal: “Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo...”. O Arcanjo Gabriel dirá: “Santa Virgem, alegrai-vos, bendita sois vós entre as mulheres”. O doutor Fausto exclamará: “Eis o instante! Prolonga-te e espera”. Todos aqueles cujos nomes estão inscritos no livro da vida cantarão: “Exulta, Isaías!”. Diógenes apagará sua lanterna. Reinarão o Bem e a Beleza, e tudo será bom, e todos serão bons, e não existirá nada além do Bem e da Beleza, que se fundirão num beijo...

– Se fundirão num beijo? – inquietou-se Semiólnitch, já impaciente.

– Sim! O carrasco e a vítima também se fundirão num beijo; e a maldade, o cálculo e a especulação abandonarão os corações, e a mulher...

²⁷⁶ Romance de Martti Larni (1909-1993) no qual é satirizado o estilo de vida norte-americano.

²⁷⁷ O XVII Congresso do PCUS (1934), também conhecido como *Congresso dos vencedores* ou *Congresso dos condenados*, foi a última tentativa de revolta interna do Partido contra Stalin. Dos 1996 partidários presentes, 1108 foram presos – e centenas destes foram executados – dentro de três anos.

– A mulher!! – empolgou-se Semiónitch – Diga, a mulher o quê?!!

– A mulher do Oriente despirá o véu! A mulher oprimida do Oriente despirá o véu definitivamente²⁷⁸! E se deitará...

– Se deitará?!! – agitou-se – Se deitará?!!

– Sim, e se deitará o lobo junto do cordeiro, e nem uma lágrima será derramada, e os cavaleiros escolherão as damas que mais lhes agradarem e...

– Oooh! – pôs-se a gemer Semiónitch – Isso vai acontecer logo? Muito em breve? – e, do nada, começou a contorcer os braços, feito uma cigana. Daí, todo agitado e atrapalhando-se com a própria roupa, foi despiando o uniforme, as calças e tudo mais, até chegar às peças mais íntimas...

Mesmo bêbado do jeito que eu estava, olhei para ele estupefato. O público, o público sóbrio, quase pulou de seus assentos: em dezenas de olhos estava escrito um enorme “i r r a”! Eles tinham entendido mal, não tinham entendido nada do que estava acontecendo...

Cumpra observar que o homossexualismo²⁷⁹ foi erradicado em nosso país definitivamente, mas não completamente. Ou melhor, completamente, mas não plenamente. Ou melhor ainda: completamente e plenamente, mas não definitivamente. Porque o público, hoje em dia, o que ele tem na cabeça? Só homossexualismo. É bem verdade, há também os árabes, Israel, as Colinas de Golã e Moshe Dayan. Mas e se Moshe Dayan for expulso das Colinas de Golã, e os árabes fizerem as pazes com os judeus? O que vai restar na cabeça das pessoas? O puro e simples homossexualismo.

Suponhamos que estivessem assistindo à televisão: o General de Gaulle e Georges Pompidou encontram-se em uma recepção diplomática. Eles naturalmente sorririam e trocariam apertos de mão. Isso para o público já seria o suficiente: “Irra! Até o General de Gaulle!”, ou “Irra! Até o Georges Pompidou!”.

É desse jeito que eles nos olhavam. Em cada um daqueles olhos esbugalhados estava escrito esse “irra!”.

– Semiónitch! Semiónitch! – eu o agarrei e arrastei até o compartimento para fumantes do vagão – Estão olhando pra gente! Endireite-se! Vamos sair daqui, Semiónitch, vamos!

²⁷⁸ A ampliação dos direitos das mulheres era uma pauta cara aos governos soviéticos.

²⁷⁹ Arcaísmo. Até o início dos anos 1990, a homossexualidade não era oficialmente discutida na URSS, sendo considerada um crime grave.

Ele era monstruosamente pesado. Estava todo mole e relaxado. A duras penas arrastei-o até o compartimento e o apoiei contra a porta de entrada.

– Diga-me, Viénia!.. A mulher do Oriente... se ela despir o véu... vai sobrar alguma coisa?... Ela veste alguma coisa por baixo do véu?..

Eu não tive tempo de responder. O trem parou na estação Oriékhovo-Zúievo, e as portas se abriram automaticamente...

Oriékhovo-Zúievo

Intrigado pela milésima primeira vez, mais morto que vivo e pelado, o inspetor chefe Semiónitch foi arremessado para a plataforma, dando com a cabeça num corrimão. Ainda permaneceu em pé por uns dois ou três segundos, oscilando feito uma cana pensante, e daí desabou aos pés do público que desembarcava, e todas as multas coletadas junto aos sem-bilhetess jorraram de suas entranhas, espalhando-se pela plataforma...

Vi tudo com perfeita clareza e dou testemunho disso ao mundo. Mas quanto ao resto, nada vi e posso testemunhar. Num cantinho da consciência, no mais recôndito, guardo a lembrança da avalanche de gente que desembarcava em Oriékhovo enroscando-se em mim e absorvendo-me, engolindo-me como se eu fosse saliva imunda a ser cuspidada em seguida na plataforma da estação. Mas nem cheguei a ser cuspidado, pois aqueles que embarcavam no vagão tapavam a boca dos que desembarcavam. Eu boiava, como merda na água.

E se *lá em cima* o Senhor me perguntar: “Será possível, Viénia, que você não se lembra de mais nada? Será possível que você mergulhou de imediato naquele sono que deu início a todas as suas desgraças?”. Eu Lhe direi: “Não, Senhor, não foi de imediato...”. Num cantinho da consciência, naquele mesmo cantinho da consciência, guardo na lembrança ter sido capaz de controlar as forças da natureza e me lançar aos espaços livres do vagão, deixando-me cair num assento qualquer, o mais próximo da porta...

Nem bem caí no assento, oh Senhor, entreguei-me imediatamente a um poderoso turbilhão de visões e a uma sonolência preguiçosa. Oh, não! Minto de novo! Minto novamente, Senhor, em Vossa presença! Não sou eu que minto, é a minha memória enfraquecida! Não foi imediatamente que me entreguei ao turbilhão, pois descobri em meu bolso uma garrafa intacta de *Kubánskaia*, e mandei pra dentro cinco ou seis goles.

Foi só então que caiu o pano e me entreguei ao poderoso turbilhão de visões e à sonolência preguiçosa...

“Todas as suas lorotas sobre o Século de Ouro – repetia eu – não passam de mentira e prostração. Quanto a mim, há doze semanas vejo a sua prefiguração, e dentro de meia hora o seu reflexo lampejará em meus olhos pela décima terceira vez. Lá os pássaros nunca param de cantar, nem de dia e nem de noite; lá o jasmim não deixa de florescer nem no inverno e nem no verão. Mas *o que* há no jasmim? *Quem* está lá, coberta em púrpura e cânhamo, com os cílios cerrados, aspirando o perfume dos lírios?”.

Sorrio, como um idiota, afastando os raminhos de jasmim...

Oriékhovo-Zúievo – Krutoie

... e dos raminhos de jasmim emerge um sonolento Tíkhonov, apertando os olhos por minha causa e por causa do sol.

– Está fazendo o que aqui, Tíkhonov?

– Terminando as Teses. Já faz tempo que está tudo pronto para entrar em ação, exceto as Teses. E agora as Teses também estão prontas²⁸⁰.

– Então você acha que a situação está madura?

– Vai saber! É só beber um pouquinho e me parece que sim; mas daí o porre começa a diminuir e acho que não, que ainda não está madura e que ainda é cedo para pegar em armas...

– Pois beba vodca de zimbro²⁸¹, Vádia...

Tíkhonov deu um trago da de zimbro, pigarreou e mergulhou na tristeza.

– E então? A situação está madura?

– Espere aí, logo estará...

– Quando entramos em ação? Amanhã?

– Vai saber! É só beber um pouquinho e tenho impressão de que poderíamos agir ainda hoje, que ontem também não teria sido precipitado entrar em ação. Mas daí começa a passar o porre e penso que não, penso que ontem teria sido cedo e que depois de amanhã ainda não será tarde.

– Pois beba mais, Vadímtchik, beba mais da de zimbro.

²⁸⁰ Após um exílio de nove anos motivado pela perseguição política, Lenin retornou a Petrogrado e publicou as suas *teses de abril*, encorajando os soviéticos a tomarem o poder.

²⁸¹ Bebida de origem húngara.

Vadímtchik deu um trago e tornou a mergulhar na tristeza.

– E então? Acha que é chegada a hora?

– É chegada... – Não se esqueça da senha. E diga a todos para que não esqueçam: amanhã de manhã, entre a aldeia de Tartinó e a de Elisséikovo, perto do estábulo, às nove em ponto, horário de Greenwich...

– Sim. Às nove em ponto, horário de Greenwich.

– Até lá, camarada. Tente repousar essa noite.

– Vou tentar. Até logo, camarada...

A essa altura devo dizer algo, perante a consciência de toda a humanidade, devo frisar que desde o início fui contra essa aventura, que era estéril como uma figueira (muito bem dito: “estéril como uma figueira”). Desde o começo, falei que a revolução só resultaria em algo útil se fosse realizada nos corações, e não nas ruas. Mas já que tinham começado sem mim, eu não podia ficar alheio àqueles que começaram. Eu poderia, de todo modo, evitar o endurecimento desnecessário dos corações e reduzir o derramamento de sangue...

Na nona hora, horário de Greenwich, estávamos esperando sentados na relva perto do estábulo. Quando passava alguém, dizíamos: “Sente-se conosco, camarada, não há verdade nos pés”. E todos continuavam em pé, brandiam suas armas e repetiam a frase condicional de Antonio Salieri: “Mas não há verdade também mais acima”. Era uma senha maliciosa e ambígua, mas não dávamos a mínima: aproximavam-se as nove horas, horário de Greenwich.

Como foi que tudo isso começou? Foi quando Tíkhonov pregou as suas quatorze Teses nas portas do soviete rural de Elisséikovo²⁸². Ou melhor, não as pregou nas portas, mas escreveu-as no muro com giz. E eram mais palavras do que Teses, palavras precisas e lapidárias, mas não Teses. E na verdade eram duas, e não quatorze. Mas, de todo modo, foi assim que começou tudo isso.

Partimos em duas colunas, empunhando nossos estandartes. Uma coluna em direção a Elisséikovo, e a outra em direção a Tartinó. Avançamos sem resistência até o pôr-do-sol: não houve baixas ou feridos em nenhum dos lados, e foi feito apenas um prisioneiro: o ex-presidente do soviete rural de Lariónovo, destituído no ocaso da vida por conta da bebedeira e da burrice congênita. Elisséikovo foi conquistada, Tcherkássovo caiu aos nossos pés. Neugódovo e Piekcha suplicaram misericórdia.

²⁸² Referência ao líder da Reforma Protestante na Alemanha, Martinho Lutero (1483-1546).

Todos os centros vitais do distrito de Petuchki – da loja de Polómy ao entreposto de Andréievskoe – todos foram tomados pelas forças da rebelião...

Após o pôr do sol, a aldeia Tcherkássovo foi declarada capital. O prisioneiro foi enviado para lá, e improvisou-se o Congresso dos Vencedores. Todos os oradores tinham bebido até não poder mais, e balbuciavam a mesma coisa: “Maximilien de Robespierre, Oliver Cromwell, Sonia Peróvskaia, Vera Zassúlitch, os Esquadrões Punitivos²⁸³ de Petuchki, a guerra contra a Noruega” e novamente “Sonia Peróvskaia e Vera Zassúlitch...”.

Alguém entre os presentes gritava: “E onde é que fica essa tal Noruega?”. “Vai saber onde é!”, responderam outros, “Onde Judas perdeu as botas! Na casa do diabo!”. “Seja onde for” – disse, tentando acalmar os ânimos, – “não chegaremos a lugar algum sem uma intervenção militar²⁸⁴. Para restabelecer a economia arruinada pela guerra, é preciso primeiro destruí-la, e para isso é necessária uma guerra civil ou algo assim. São necessários no mínimo doze *fronts*”. “Precisamos de Polacos Brancos!²⁸⁵” – gritava Tíkhonov, cada vez mais torto de bêbado. “Ô, idiota! – cortei-o – como você fala disparates! Você é um teórico brilhante, Vadim. Pregamos as suas Teses nos nossos corações! Mas na hora do vamos ver, você não passa de um merda rematado! Para que é que você precisa de Polacos Brancos, imbecil?”. “E por acaso estou discordando?! – cedeu Tíkhonov – Não preciso mais deles do que você! Quanto à Noruega, estou de acordo...”

No calor do momento era como se tivéssemos esquecido que fazia vinte anos que a Noruega era membro da OTAN, e Vládik Ts...ski²⁸⁶ já ia em disparada até o correio de Lariónovo com uma pilha de cartões postais e cartas. Uma delas era dirigida ao rei Olavo da Noruega, com a declaração de guerra e o devido reembolso postal. Outra carta – para ser preciso não era bem uma carta, mas um papel em branco num envelope lacrado – foi enviada ao General Franco: que entenda isso como um dedo ameaçador, a múmia velha! Que fique branco como aquela folha de papel, caudilho decrépito e carcomido! Do primeiro ministro do Império Britânico Harold Wilson, não exigimos quase nada: retire, senhor primeiro ministro, sua canhoneira ridícula do Golfo

²⁸³ Divisões militares de elite do Exército Branco durante a revolução de 1917 e a Guerra Civil.

²⁸⁴ Referência à intervenção militar realizada por tropas americanas, inglesas, francesas e japonesas, que auxiliaram o Exército Branco durante a Guerra Civil Russa, em 1918.

²⁸⁵ Nome associado aos soldados do Exército Branco Polonês, que enfrentou a Rússia Soviética durante a Guerra Civil.

²⁸⁶ Vladislav Tsedrinski, amigo de Eroféiev.

de Aqaba²⁸⁷, e depois pode fazer o que bem entender. Por fim, a quarta carta era endereçada a Wladislaw Gomulka. Nós lhe escrevemos: você possui direito total e inalienável ao Corredor Polonês, Wladislaw Gomulka, enquanto Józef Cyrankiewicz não possui direito algum a ele...

Enviamos ainda quatro postais: a Abba Eban, Moshe Dayan, ao General Suharto e a Alexander Dubček. Os quatro postais eram muito bonitos, com vinhetas e bolotas desenhadas. Que se alegrem os rapazes! Talvez assim eles nos reconheçam, nós, os bocós, como sujeitos do Direito Internacional!

Ninguém dormiu naquela noite. Todos estavam tomados pelo entusiasmo e observavam os céus, esperando as bombas norueguesas, a abertura das lojas e a intervenção. E todos imaginavam como Wladislaw Gomulka iria ficar contente, e como Józef Cyrankiewicz iria arrancar todos os cabelos da cabeça...

O prisioneiro Anatóli Ivánitch, ex-presidente do soviete rural, também não dormia, e uivava no celeiro como um cão sem dono:

– Rapazes! Quer dizer que amanhã de manhã ninguém vai me dar de beber?

– Não quer mais nada, não?! Devia nos agradecer por estarmos te alimentando em conformidade com a Convenção de Genebra!

– E o que é isso?

– Já vai descobrir o que é! Ou seja, ainda vai se aguentar sobre as pernas, Ivánitch, mas já não vai ser capaz de fazer nada com a perseguida!

Krutoie – Vóinovo

De manhã cedo, antes mesmo da abertura das lojas, realizou-se o Plenum²⁸⁸ de Outubro, que foi ampliado. Mas como todos os nossos quatro Plenum tinham sido de Outubro e ampliados, decidimos numerá-los, para não confundi-los: 1º Plenum, 2º Plenum, 3º Plenum, 4º Plenum...

²⁸⁷ Referência à participação inglesa na Guerra dos Seis Dias.

²⁸⁸ Assim eram chamadas as seções do Comitê Central do PCUS, realizadas algumas vezes por ano. Os Plenum não eram numerados, mas eram chamados de acordo com o mês em que eram realizados. Se dele participavam delegados que não eram membros do comitê central, tinha-se então o Plenum “ampliado”. O Plenum de Outubro do Comitê Central do PCUS, realizado em 1964, foi aquele em que Nikita Khrushchev foi destituído. Cumpre notar ainda que o Plenum na URSS tinha função legislativa nos intervalos entre os congressos do partido, mesmo se na prática as decisões tomadas pelos Plenum fossem pré-estabelecidas pelo Politburo.

O Primeiro Plenum foi todo dedicado à escolha do presidente, ou seja, à minha própria eleição para o cargo²⁸⁹. Isso nos tomou um minuto e meio ou dois, não mais que isso. Todo o tempo restante foi consumido pelos debates de um tema puramente especulativo. Quem vai abrir a loja primeiro? A tia Macha em Andréievskoe ou a tia Chura em Polómy?

Ao ouvir tais debates, instalado no Presidium, pensei: o debate é absolutamente indispensável, porém mais indispensáveis são os decretos. Por que estamos deixando de lado aquilo que deveria ser a coroação de qualquer revolução, isto é, a *emissão de decretos*? Aqui vai um, por exemplo: Obrigar a tia Chura de Polómy a abrir a loja às seis da manhã. O que poderia ser mais simples? Nós, os detentores do poder, poderíamos pegar e forçar a tia Chura a abrir sua loja às seis da manhã, e não às nove e meia. Como é que isso nunca me ocorreu antes?!

Ou então um decreto sobre as terras: entregar ao povo todas as terras do distrito, com todos os bens móveis e imóveis, com todas as bebidas alcoólicas e sem nenhum tipo de indenização. Ou ainda: empurrar os ponteiros dos relógios duas horas para diante ou uma e meia para trás, tanto faz, contanto que eles saiam do lugar. E mais: obrigar que voltem a escrever a palavra “capeta” com acento circunflexo, e a suprimir alguma letra: só é preciso decidir qual. E, por fim, forçar a tia Macha de Andréievskoe a abrir a loja às cinco e meia, e não às nove.

As ideias foram se embaralhando cada vez mais, e caí na tristeza. Chamei Tíkhonov de lado e fomos ao saguão. Bebi vodca de cominho²⁹⁰ com ele e disse:

– Escute aqui, chanceler²⁹¹!

– Que é?

– Nada não. Você é um chanceler de merda, só isso.

– Vá procurar outro então – ofendeu-se Tíkhonov.

– Não é o caso, Vádia. O negócio é o seguinte: se você é um bom chanceler, trate de se sentar e redigir decretos. Dê mais um trago, sente-se e escreva. Fiquei sabendo que você não conseguiu se segurar e acabou beliscando a coxa do Anatóli Ivánitch. Para que foi fazer isso? Está querendo instaurar o terror?

– Não, é que... Só um pouquinho...

²⁸⁹ Na URSS, até 1990, não existia o cargo de presidente. Considerava-se oficiosamente como “presidente coletivo” o Presidium do Soviete Supremo da URSS. Salienta-se ainda que até as eleições de 1989 para o Congresso dos Deputados do Povo da URSS, quando se desenvolviam as eleições, elegia-se um único candidato por posto, por isso no texto “eleição” é sinônimo de “minha própria eleição”.

²⁹⁰ Bebida forte (40°) produzida a partir do cominho.

²⁹¹ Esse cargo não existia na administração soviética.

– Que tipo de terror quer instaurar? Um Terror Branco²⁹²?

– Sim, um Branco.

– Que besteira, Vádia. Mas agora não é hora de tratar disso. É preciso primeiro redigir um decreto, um pelo menos, ainda que lastimável... Você tem papel e caneta? Então sente-se e escreva. Daí a gente toma mais uma e redige a Declaração dos Direitos. Só depois passaremos ao terror. E aí mais um tragozinho, e daí é estudar, estudar e estudar...

Tíkhonov escreveu duas palavras, deu uma talagada e suspirou.

– Si-i-im... Perdi a linha com aquela história de terror... Mas também é verdade que é impossível não cometer erros em nosso empreendimento, pois tudo nele é inédito, não há nenhum precedente... Bem, na realidade há precedentes, mas...

– Mas por acaso eles podem ser chamados de precedentes?! De forma alguma! Foi tudo bobagem! Foram voos de besouro²⁹³, brincadeiras de adultos traquinas, e não precedentes!.. E o que acha do calendário? Devemos mudá-lo ou deixamos como está?

– Melhor deixar como está. Como dizem, não mexa na merda ou ela começa a feder...

– Bem lembrado. Tenho em você um teórico brilhante, Vádia, e isso é bom. Podemos encerrar o Plenum, então? A tia Chura, em Polómy, já abriu a loja. Estão dizendo que ela tem *Rossískaia*.

– Podemos encerrar, é claro. De todo modo, amanhã cedo teremos o Segundo Plenum. Vamos a Polómy.

Acabou que a tia Chura de Polómy tinha mesmo *Rossískaia*. Por esse motivo, e diante da possibilidade de expedições punitivas por parte do Centro Administrativo Regional, decidiu-se pela transferência temporária da capital, de Tcherkássovo para Polómy, ou seja, doze verstas em direção ao interior da República²⁹⁴.

Na manhã seguinte, abriu-se ali mesmo o Segundo Plenum, dedicado inteiramente à minha demissão do posto de presidente.

– Deixo a cadeira presidencial – declarei em meu discurso – com uma cusparada na dita cuja. Considero que o cargo de presidente deva ser ocupado por alguém cuja

²⁹² O termo “terror branco” é usado para denominar atos de violência executados por grupos reacionários como parte de uma contrarrevolução.

²⁹³ Famoso fragmento musical da ópera de Rismky-Korsakov, "O conto do czar Saltan" (1900).

²⁹⁴ Referência ao fato de que, em 1918, o governo da Rússia Soviética decidiu, por motivos de segurança, transferir a capital de Petrogrado para Moscou.

cara fique tão torta depois de uma bebedeira, que nem mesmo uma surra de três dias é capaz de lhe mudar as feições. Por acaso temos alguém assim entre nós?

– Não temos ninguém assim – responderam em coro os delegados.

– Não seria possível mudar as minhas feições, por exemplo, em três dias depois de uma bebedeira?

Todos fixaram os olhos em mim, avaliaram o meu rosto durante uns dois segundos, e daí responderam em coro: “Seria”.

– Aí está, – continuei – vamos nos virar sem presidente. Melhor ainda: vamos todos para os prados preparar um ponche e deixemos o Bória aqui trancado. Dado que é um homem de grandes qualidades, que fique aqui e vá formando um gabinete...

Uma ovação interrompeu o meu discurso, e o Plenum foi encerrado. Os prados vizinhos iluminaram-se com uma chama azul. Apenas eu não compartilhava da animação generalizada e da fé no sucesso, e caminhava entre as fogueiras preso a uma única e alarmante ideia: Por que o mundo se mostra tão alheio em relação a nós? Qual o motivo de todo esse silêncio do mundo? O distrito inteiro estava tomado pelas chamas, e o mundo se calava, quem sabe prendendo a respiração. Mas por que ninguém, nem do Oriente e nem do Ocidente, nos estendia a mão? Para onde estará olhando o rei Olavo? Por que as tropas regulares não vêm do sul nos esmagar?

Chamei discretamente o chanceler para um canto. Ele fedia a ponche.

– Vádia, você gosta da nossa revolução?

– Sim – respondeu Vádia – ela é febril, mas é bela.

– Certo... E quanto à Noruega, Vádia, alguma novidade?

– Por enquanto nada... Mas o que te importa a Noruega?

– Como assim “o que me importa”?! Estamos ou não estamos em guerra com ela? Isso já está ficando ridículo. Estamos em guerra com ela, e ela nem dá bola pra gente... Caso não comecem a nos bombardear amanhã, volto ao cargo de presidente, e aí você vai ver o que acontece!

– Pois volte – respondeu Vádia – quem está impedindo, Eroféitchik?? Se quer voltar, então volte...

Vóinovo – Ussad

Na manhã seguinte, nenhuma bomba caiu sobre nós. Em vista disso, abri o Terceiro Plenum dizendo:

– Senadores²⁹⁵! Vejo que ninguém no mundo quer ser nosso amigo ou inimigo. Todos nos deram as costas, prendendo a respiração. Tendo em vista que os Destacamentos Punitivos de Petuchki chegarão aqui amanhã à noite, e que a *Rossískaia* da tia Chura acabará amanhã pela manhã, tomo todo o poder em minhas mãos. Ou seja, (pra quem é burro e não entendeu, explico melhor) decreto um toque de recolher obrigatório. E mais: atribuo poderes extraordinários ao presidente e, simultaneamente, declaro-me presidente. Isto é, torno-me “a personalidade que está acima *da lei e dos profetas*”...

Não houve objeções. Só o primeiro-ministro Bória S., ao ouvir a palavra “profetas”, sobressaltou-se lançando em minha direção um olhar feroz. Toda a parte superior de seu corpo tremia freneticamente pelo desejo de vingança...

Ao cabo de duas horas ele faleceu nos braços do Ministro da Defesa. A morte tinha sido causada pela tristeza e excessiva propensão a generalizações. Não pareceu ter havido outras causas, mas não chegamos a abri-lo, pois isso teria sido nojento. Na tarde daquele mesmo dia todos os teletipos do mundo receberam a mensagem: “A morte ocorreu em consequência de causas naturais”. Não se dizia quem havia morrido, mas o mundo desconfiava.

O Quarto Plenum foi fúnebre.

Tomei a palavra e disse: “Delegados! Caso um dia vier a ter filhos, hei de pendurar na parede do quarto deles o retrato do procurador da Judéia, Pôncio Pilatos, para que eles cresçam asseados. Nesse retrato, o procurador Pôncio Pilatos estará em pé, lavando as mãos. Faço o mesmo: levanto-me e lavo as mãos. Juntei-me a vocês apenas por causa da ressaca, e fiz isso a despeito das evidências. Eu lhes disse que era preciso realizar uma revolução nos corações, que era preciso elevar as almas até a assimilação das categorias morais eternas; e que tudo mais que vocês propuseram aqui não passava de vaidade e tormento espiritual, de perda de tempo e asneira...

Com o que podemos contar agora? Pensem vocês mesmos! Ninguém nos deixará ingressar no Mercado Comum. Os barcos da Sétima Frota dos Estados Unidos²⁹⁶ nunca chegarão até aqui, e nem ao menos vão querer fazer isso...”

Puseram-se então a berrar das suas cadeiras:

²⁹⁵ Na administração soviética não existia o cargo de senador e nem o de primeiro-ministro.

²⁹⁶ No fim dos anos 1960, a Sétima Frota dos Estados Unidos figurava constantemente na imprensa soviética por conta da sua participação do conflito contra as forças vietnamitas.

– Não se desespere, Viénia! Não vá borrar as calças! Ainda vão nos dar bombardeiros! Vão nos dar os *B-52*²⁹⁷!

– Como assim “vão nos dar os *B-52*”?! É melhor esperarem sentados! É mesmo ridículo escutá-los, senadores!

– Vão nos dar *Phantoms*²⁹⁸!

– Ha-ha! Quem foi que disse “*Phantoms*”? Nem mais uma palavra sobre *Phantoms*, se não eu morro de rir...

A essa altura, Tíkhonov disse, de seu lugar:

– Pode ser que não nos deem *Phantoms*, mas com certeza nos darão a desvalorização do franco²⁹⁹...

– Mas você é mesmo um tonto, Tíkhonov! Não posso negar, você é um teórico de valor, mas quando dá de falar besteira!.. Além do mais, a questão não é essa. Eu lhes pergunto, senadores: Por que todo o distrito de Petuchki está envolto em chamas, mas *absolutamente ninguém* se dá conta disso, nem mesmo na região de Petuchki? Em suma: dou de ombros e deixo o cargo de presidente. Faço como Pôncio Pilatos: lavo as mãos e bebo diante de vocês todo o nosso restinho de *Rossískaia*. Isso mesmo. Eu piso em cima dos meus plenos poderes e vou-me embora. Vou a Petuchki.

Vocês podem imaginar a barafunda que se formou entre os delegados, principalmente quando pus-me a beber o restinho de *Rossískaia*!

E quando me levantei para sair, quando ia pondo o pé para fora – que palavras não me foram lançadas às costas! Vocês tratem de imaginá-las, porque não serei eu a repeti-las...

Não havia arrependimento no meu coração. Caminhei por pequenos prados e pastos, através de moitas de rosas caninas e rebanhos de gado. No campo, o trigo dobrava-se à minha passagem e a escovinha sorria para mim. Mas, repito, não havia arrependimento no meu coração. O sol se pôs, e continuei a caminhar.

“Santa mãe de Deus, como Petuchki fica longe!” – disse com os meus botões. “Eu caminho e caminho, mas nada de chegar a Petuchki. Já está tudo escuro por aqui, onde estará Petuchki?”.

²⁹⁷ Famoso tipo de bombardeiro norte-americano, usado na Guerra do Vietnã e, por conseguinte, associado à figura do “inimigo” no imaginário popular soviético.

²⁹⁸ Caça norte-americano introduzido na década de 1960 e usado na Guerra do Vietnã. Além disso, o tema da entrega de aeronaves do tipo a Israel era regularmente noticiado pela imprensa soviética.

²⁹⁹ No fim de 1968, perante uma profunda crise econômica na França, o governo de Gaulle foi obrigado a desvalorizar o franco.

“Onde estará Petuchki?” – perguntei, aproximando-me de uma varanda iluminada. De onde saiu essa varanda? E se não for varanda nenhuma, e sim um terraço, mezanino ou anexo? Afinal eu não entendo nada dessas coisas, e vivo confundindo todas elas.

Bati à porta e perguntei: “Onde fica Petuchki? Ainda falta muito até Petuchki?”. Em resposta, todos os que estavam na varanda caíram na gargalhada e não disseram nada. Ofendido, bati novamente à porta. As gargalhadas recomeçaram na varanda. Que estranho! E, como se isso não bastasse, alguém pôs-se a gargalhar às minhas costas.

Virei-me para trás: os passageiros do trem “Moscou – Petuchki” estavam sentados em seus lugares, os sorrisos sórdidos estampados no rosto. Como é? Quer dizer que ainda estou viajando?

“Não é nada, Eroféiev, não é nada. Deixe que riam, não faça caso. Como disse Saadi, *seja direto e simples, como o cipreste, e generoso como a palmeira*. Não sei o que a palmeira tem a ver aqui, mas não importa: de todo modo, seja como a palmeira. Ainda sobrou alguma *Kubánskaia* no seu bolso? Sobrou. Muito bem, vá para o compartimento para fumantes e beba. Beba, assim a náusea vai passar”.

Saí ao compartimento, rodeado de risadinhas estúpidas por toda parte. A apreensão subia das profundezas da minha alma, e eu não era capaz de compreender que apreensão era aquela, de onde ela surgia e por que era tão confusa...

– Estamos chegando a Ussad, não estamos? – A multidão se aglomerava junto à porta, esperando a hora de sair, e dirigi-lhes a minha pergunta – Nós estamos chegando a Ussad?

– Se é pra ficar bêbado por aí fazendo perguntas estúpidas, teria sido melhor ficar em casa – respondeu um velhote – era melhor ter ficado em casa fazendo o dever de casa. Com certeza ainda não fez o dever de amanhã e vai levar bronca da mamãe.

E adicionou:

– Mal saiu das fraldas e já aprendeu a discutir!..

Será que esse velho está caduco? De que mamãe ele está falando? De que dever?.. De que fraldas?.. Não, é mais provável que não tenha sido ele a caducar, e sim eu. Pois outro velho, com o rosto todinho pálido, que estava plantado ao meu lado, me mediu dos pés a cabeça e disse, fitando de cima para baixo os meus olhos:

– Afinal, para onde você está indo? Já está tarde para casar, mas ainda é cedo para ir à cova. Para onde está indo, adorável andarilha?

“Adorável andarilha!!?”.

Engoli em seco e afastei-me para a outra extremidade do compartimento. Há algo de errado com o mundo. Há algo podre em todo o reino, e todo mundo está com o miolo mole. Por via das dúvidas, fui me apalpando todo bem discretamente: o que foi aquilo de “adorável andarilha”? De onde ele foi tirar isso? E com que fim? É claro que se pode brincar, mas não a esse ponto absurdo!

Estou em pleno gozo das minhas faculdades mentais, eles é que não estão. Ou será o contrário: eles estão sãos, e apenas eu não estou? A apreensão continuava a subir mais e mais do fundo da minha alma. E quando chegamos à parada e as portas se abriram, não me contive e perguntei novamente a um dos que saíam:

– Aqui é Ussad, certo?

Mas ele (de forma completamente inesperada) plantou-se de pé à minha frente em posição de sentido e berrou: “Não, senhor!”. E em seguida apertou-me a mão, inclinou-se e disse ao pé do meu ouvido: “Jamais me esquecerei da sua bondade, camarada primeiro-tenente!”.

E saiu do trem, enxugando uma lágrima com a manga.

Ussad – Quilômetro 105

Permaneci no compartimento, em completa solidão e absolutamente perplexo. Não, aquilo nem era perplexidade, mas aquela mesma apreensão que tendia à amargura. Mas que seja, que vão para o inferno! Que se dane a “adorável peregrina” e o “primeiro tenente”! Mas por que está escuro do outro lado da janela? Digam-me, por favor. Por que essa escuridão do lado de fora se o trem partiu pela manhã e percorreu exatamente cem quilômetros? Por quê?..

Apoiei minha cabeça contra o vidro da janela: Oh, que escuridão! E o que há nessa escuridão, chuva ou neve? Ou simplesmente estou enxergando esse breu através das lágrimas? Meu Deus!..

– Ah! É você! – disse alguém às minhas costas, com uma voz tão agradável e com tanto sarcasmo que nem ao menos precisei me virar. Logo me dei conta de quem estava às minhas costas. “Vai começar a me tentar agora, esse cara-de-pau! Escolheu a hora certa para me tentar!”.

– É você mesmo, Eroféiev? – perguntou Satanás.

– Claro que sim. Quem mais seria?

– As coisas estão difíceis para você, Eroféiev?

– Claro que estão. Mas isso não é da sua conta. Segue o seu caminho, você veio ter com a pessoa errada.

Disse tudo isso do mesmo modo: com a testa grudada na janela do compartimento para fumantes e sem me virar.

– Já que as coisas estão difíceis, controle os seus ímpetos – continuou Satanás – Controle os ímpetos do seu espírito, e as coisas vão ficar mais fáceis.

– Não faço isso por nada nesse mundo.

– Mas que idiota.

– Idiota é quem me chama.

– Tudo bem, tudo bem... Não se pode falar nada hoje em dia! O melhor a fazer é você pular do trem em movimento. De repente, vai que você nem espatifa...

Pensei por um instante, e daí respondi:

– Nã-na-ni-na-não! Não vou pular, tenho medo. Com certeza vou me espatifar.

E Satanás partiu, humilhado.

Quanto a mim, o que me restou fazer? Dei seis talagadas direto do gargalo e voltei a grudar a testa contra a janela. A escuridão continuava a flutuar do lado de fora, e seguia despertando a minha apreensão. E ela fez brotar em mim uma ideia sombria. Apertei minha cabeça com as mãos para não deixar fugir essa ideia, mas ela me escapou e derramou-se como cerveja sobre a mesa. “Não gosto dessa escuridão do outro lado da janela, não gosto nem um pouco”.

Mas as seis talagadas de Kubánskaia já iam se aproximando do meu coração. Um por vez e devagarinho iam se aproximando do meu coração. Daí então o coração entrou em conflito com a razão...

“Por que é que você não gosta dessa escuridão? Escuridão é escuridão, não há nada o que se possa fazer. A escuridão se transforma em luz, e a luz se transforma em escuridão, é a minha opinião. E mesmo que ela não lhe agrade, nem por isso vai deixar de ser escuridão. Ou seja, resta-lhe apenas uma saída: aceitar a tal escuridão. Nós, os imbecis, não vamos subjugar as leis eternas da existência. Ao taparmos a narina esquerda só somos capazes de assoar a narina direita, não é mesmo? Pois bem, não há razão portanto para exigir luz do lado de fora se o que existe lá é escuridão...”

“Isso lá é verdade, mas... Mas eu parti de manhã... Às oito e dezesseis, da Estação de Kursk...”

“Que importa se você partiu de manhã?! Graças a Deus, agora é outono, e os dias são curtos: você mal tem tempo de despertar e, pimba! Está escuro de novo. E você

bem sabe que a viagem até Petuchki, oooh, é muito longa! De Moscou até Petuchki, oooh, que viagem longa!..”

“Mas que ‘oooh’ é esse?! Por que todo esse ‘oooh’ e mais ‘oooh’?! Para se viajar de Moscou a Petuchki leva-se exatamente duas horas e quinze minutos. Na sexta-feira passada, por exemplo...”

“O que tem a ver a sexta-feira passada?! Que importa o que houve na sexta-feira passada?! Na sexta-feira passada o trem avançou quase sem paradas. E, de todo modo, antes os trens corriam mais... Mas agora param o tempo todo, só o diabo sabe por quê... Às vezes chega até a dar enjoo: por que é que eles só fazem parar e parar? E param em todas as estações. Menos em Iéssino...”

Olhei de relance pela janela e tornei a franzir a testa.

“Si-im... Mas mesmo assim é estranho... Partimos às oito da manhã... E ainda estamos viajando...”

A essa altura o meu coração explodiu: “E quanto aos outros? Por acaso valem menos do que você? Os outros simplesmente viajam e não ficam perguntando o porquê da demora e da escuridão. Vão quietinhos, olhando pela janela... Por que você merece ir mais rápido do que eles? É ridículo ouvir o que você fala, Viénia. Ridículo e asqueroso... Quanta ansiedade! Se você bebeu, Viénia, seja mais modesto: não pense que é mais inteligente ou melhor do que os outros!”

Isso me acalmou completamente. Fui novamente do compartimento ao vagão e voltei ao meu assento, tentando não olhar pela janela. Todos os passageiros do vagão, umas cinco ou seis pessoas, pescavam com a cabeça, cochilando como bebês de colo... Eu também estava quase cochilando...

De repente, dei um salto: “Deus misericordioso! Mas ela vai estar à minha espera às 11 da manhã! Às 11 da manhã ela já vai estar me esperando, mas lá fora ainda está escuro... Isso significa que vou ter que esperar por ela até o nascer do sol. Afinal eu não sei onde ela mora. Fui lá doze vezes, mas sempre cortando caminho por uns quintais, e sempre torto de bêbado... Que tristeza na décima terceira vez ir ter com ela completamente sóbrio. É por isso que vou ter que esperar até que, afinal, nasça o sol! Até que alvoreça a aurora da minha décima terceira sexta-feira!

Mas espere aí! Quando eu saí de Moscou a aurora da minha sexta-feira já havia alvorecido. O que significa que hoje já é sexta-feira! Por que está tão escuro lá fora?..”

“De novo! De novo você com essa sua escuridão! Pro inferno você e essa escuridão!”

“Mas na sexta-feira passada...”

“De novo com essa sua sexta-feira passada! Posso ver, Viénia, que você vive no passado. Posso ver que você não deseja pensar no futuro, de jeito nenhum!”

“Não, não, escute... Na sexta-feira passada, exatamente às 11 da manhã, ela estava na plataforma, com sua trança que desce da nuca à bunda... E estava muito claro, lembro-me bem, e também me lembro bem da trança...”

“Mas que ‘trança’, o quê?! Vê se entende, idiota, vou repetir: o dia está chegando ao fim porque é outono. Às 11 da manhã da sexta-feira passada, não vou discordar, estava claro. Mas às 11 da manhã dessa sexta-feira, pode ser que esteja completamente escuro, um breu total. Você sabe que os dias estão ficando mais curtos agora, não sabe? Dá para ver que você não sabe de nada, apenas anda por aí se gabando de saber tudo! E ainda vem me falar em ‘tranças’! As tranças, sim, podem ter ficado mais longas: desde a sexta-feira passada elas podem ter passado da altura da bunda... Já com o dia é o contrário: é como um pintinho encolhido! Como você é estúpido, Viénia!”

Eu estapeei a minha própria cara sem muita força, mandei mais três goles para dentro e comecei a lacrimejar. Do fundo da alma, no lugar da apreensão, elevava-se o amor. Então caí no choro de vez: “você prometeu a ela púrpura e lírios, mas ao invés disso está levando trezentos gramas de bombons *Vassiliók*³⁰⁰”. Em vinte minutos você estará em Petuchki, e na plataforma inundada de sol vai dar a ela esses *Vassiliók*, todo envergonhado. E as pessoas ao redor vão dizer: “É a décima terceira vez seguida que aparece só com *Vassiliók*. Nem uma vez o vimos trazer lírios ou púrpura”. E ela vai começar a rir e dizer: “...”.

A essa altura eu realmente quase caí no sono. Deixei cair minha cabeça sobre o ombro e não quis erguê-la até Petuchki. E abandonei-me novamente ao turbilhão...

Quilômetro 105 – Pokrov

Mas fui impedido de me abandonar ao turbilhão. Assim que comecei a adormecer alguém deu uma rabada nas minhas costas. Virei-me sobressaltado: diante de mim havia *alguém*, sem patas, sem rabo e sem cabeça.

– Quem é você? – perguntei-lhe, estupefato.

– Adivinhe só! – e caiu numa gargalhada canibalesca.

³⁰⁰ Marca de bombons de chocolate baratos. Em russo, *vassiliók* significa “escovinha”, que aqui é comparada com uma planta mais apreciada, o lírio.

– Só me faltava essa! Agora tenho que adivinhar!

Ofendido, dei-lhe as costas para pegar no sono outra vez. Mas aí alguém deu uma cabeçada com força nas minhas costas. Virei-me de novo: diante de mim estava aquele mesmo *alguém*, sem patas, sem rabo e sem cabeça.

– Por que você está me batendo? – perguntei-lhe.

– Adivinhe por quê! – respondeu-me a criatura, com a mesma gargalhada canibalesca.

Dessa vez decidi entrar no jogo e adivinhar. “Do contrário, é bem capaz de me dar um pontapé nas costas assim que eu me virar...”

Baixei os olhos e pus-me a pensar. Enquanto esperava alguma ideia me ocorrer, a criatura levantou silenciosamente o enorme punho até as minhas narinas, como se estivesse limpando o nariz ranhento de um imbecil...

Por fim, foi ela que começou a falar primeiro:

– Você está indo a Petuchki? À cidade onde nem no inverno e nem no verão deixa de florescer, etc.?.. Onde...

– Sim. Onde nem no inverno e nem no verão deixa de florescer, etc.

– Onde a sua megera se esparrama sobre o jasmim e o cânhamo? Onde os passarinhos pairam sobre ela e a osculam onde bem entendem?

– Sim, onde bem entendem.

A criatura caiu na gargalhada novamente e me acertou bem na boca do estômago.

– Escute bem. Você tem diante de si a esfinge. E ela vai impedi-lo de ir àquela cidade.

– E por que ela vai me impedir? Por que é que você vai me impedir? O que aconteceu em Petuchki? Chegou a peste? Alguém andou se casando com a própria filha? E você...

– Sei muito bem o que houve lá, e é muito pior do que qualquer filha ou peste. Mas eu já disse que não permito que passe, e não vou voltar atrás. Ou melhor, deixo passar apenas sob uma condição: que você decifre cinco enigmas.

“Mas o que essa facínora quer com seus enigmas?” – pensei comigo mesmo. Mas, em voz alta, eu disse:

– Vamos, chega de suspense, ande logo com esses enigmas. Tire esse punho enorme de perto de mim, pare de bater no meu estômago e mande logo os seus enigmas.

“Mas o que essa tratante inútil quer com seus enigmas?” – pensei outra vez. Mas ela já ia soltando o primeiro:

“O famoso *udárník* modelo Aleksei Stakhánov vertia água duas vezes ao dia e obrava uma vez a cada dois dias. Quando enchia a cara por dias a fio, ele vertia água quatro vezes ao dia e não obrava nenhuma vez. Calcule quantas vezes ao ano o *udárník* modelo Aleksei Stakhánov vertia água e quantas vezes obrava, considerando que ele passava trezentos e doze dias por ano enchendo a cara”.

Pensei comigo mesmo: “A quem essa besta está aludindo? Nunca vai ao toalete? Bebe sem parar? A quem essa cretina está aludindo?..”

Ofendido, respondi:

– Esse enigma é maldoso. Esse enigma está repleto de sórdidas insinuações, Esfinge! Recuso-me a decifrar um enigma tão maldoso.

– Ah, recusa-se?! Vejam só! A coisa só vai ficar mais feia para o seu lado! Escute o segundo:

“Quando os navios da Sétima Frota dos Estados Unidos atracaram na Estação Petuchki, não havia lá nenhuma moça do Partido Comunista. Mas se considerarmos as moças da *Komsomol* como membros do partido, uma em cada três delas era loira. Após a partida da Sétima Frota dos Estados Unidos, descobriu-se o seguinte: uma em cada três moças da *Komsomol* tinha sido violentada; uma em cada quatro violentadas era membro da *Komsomol*, uma em cada cinco moças da *Komsomol* violentadas era loira, e uma em cada nove violentadas loiras era membro da *Komsomol*. Se em Petuchki há um total de 428 moças, determine quantas morenas sem partido permaneceram virgens”³⁰¹.

“A quem *dessa vez* essa cadela está aludindo? A quem? Por que as morenas permaneceram virgens e as loiras foram todas violentadas? O que essa parasita está querendo dizer?”

– Também não vou resolver esse enigma, Esfinge. Você me desculpe, mas não vou. Esse enigma é deplorável. É melhor passarmos ao terceiro.

– Ha-ha! Então vamos ao terceiro:

“Como se sabe, em Petuchki não há pontos A. Pontos C, muito menos. Há apenas pontos B. Sendo assim: Papánin, querendo salvar Vodopiánov, saiu do ponto B1 em direção ao ponto B2. No mesmo instante Vodopiánov, querendo salvar Papánin, saiu do ponto B2 em direção ao ponto B1. Não se sabe por que motivo, ambos chegaram ao

³⁰¹ Referência ao famoso caso, ocorrido em 1918, no qual tropas inglesas e norte-americanas desembarcaram em Murmansk, atacando violentamente a população local simpatizante dos bolcheviques.

ponto B3, localizado a 12 cuspidelas dadas por Vodopiánov do ponto B1, e a 16 cuspidelas dadas por Papánin do ponto B2. Considerando que Papánin era capaz de cuspir a três metros e setenta e dois centímetros de distância, e Vodopiánov era absolutamente incapaz de cuspir, terá Papánin realmente saído para salvar Vodopiánov?”.

“Deus do céu! Essa esfinge fajuta ficou completamente biruta? Mas que papo furado é esse? Por que em Petuchki não há pontos A ou C, mas apenas B? A quem ela está aludindo, diabos?”.

– Ha-ha! – exclamou a Esfinge, esfregando as mãos – também se recusa a decifrar essa?! Mais essa?! Perdeu a prosa, seu grande bobalhão? Perdeu? Pois então lá vai o quarto:

“Quando saía do restaurante da Estação Petuchki, Lorde Chamberlain, primeiro ministro do Império Britânico, escorregou no vômito de alguém e, ao cair, derrubou a mesinha ao lado. Na mesinha havia, antes da queda, dois bolos a 35 copeques, duas porções de estrogonofe de carne a 78 copeques cada, duas porções de úbere de vaca a 39 copeques, e dois garrafões com 800 gramas de xerez cada. Toda a louça ficou intacta. Toda a comida foi arruinada. E com o xerez aconteceu o seguinte: um garrafão não se quebrou, mas seu conteúdo derramou até a última gota; o outro garrafão despedaçou-se, mas dele não caiu uma só gota. Levando em conta o preço de um garrafão vazio, que é seis vezes superior ao custo da porção de úberes, e o preço do xerez, que qualquer criança sabe de cor, descubra o valor da conta entregue a Lorde Chamberlain, primeiro ministro do Império Britânico, no restaurante da Estação de Kursk”.

– Como assim “Estação de Kursk”?

– Assim: “Estação de Kursk”!

– Mas onde foi que ele escorregou, afinal? Escorregou em Petuchki! Lorde Chamberlain escorregou em um restaurante de Petuchki!..

– Mas pagou a conta na Estação de Kursk. De quanto foi a conta?

“Meu Deus do céu! De onde saem essas Esfinges? Sem patas, sem cabeça, sem rabo, e ainda por cima com essa conversa mole! Isso sem falar na cara de delinquente! A que essa porca está aludindo?”.

– Isso não é um enigma, Esfinge. Você deve estar de brincadeira!

– Não, não é brincadeira nenhuma, Viénia. É um enigma. Mas caso também não tenha gostado desse...

– Vamos lá! Vamos ao último!

– Vamos ao último. Apenas escute com atenção:

“Mínin está andando e topa com Pojárski. ‘Você está meio estranho hoje, Mínin’ – diz Pojárski – ‘como se tivesse bebido demais’. ‘Você também está estranho, Pojárski, está quase dormindo em pé’. ‘Diga-me a verdade, Mínin: quanto você bebeu hoje?’. ‘Pois não: para começar, 150 gramas de Rossískaia, depois mais 150 de vodca com pimenta, 200 de Stolichnaya, 500 de Kubánskaia e 700 gramas de *iorch*. E você?’. ‘Exatamente o mesmo, Mínin’.

“E para onde você está indo agora, Pojárski?”. “Como assim para onde? Para Petuchki, é claro. E quanto a você, Mínin”. “Ora, também estou indo a Petuchki. Mas você, príncipe, está indo na direção errada!”. “Não, é você que está indo para o lado errado, Mínin”. Em suma, eles convenceram um ao outro de que era preciso dar meia volta. Pojárski foi para onde antes ia Mínin, e Mínin para onde ia Pojárski. E ambos foram dar na Estação de Kursk.

Muito bem. Agora diga-me: se nenhum deles tivesse mudado o seu curso, e ambos tivessem mantido suas rotas originais, onde teriam ido parar? Aonde Pojárski teria chegado? Diga-me.”

– A Petuchki? – sugeri, esperançoso.

– De forma alguma! Ha-ha! Pojárski teria ido parar na Estação de Kursk! Lá mesmo!

A Esfinge caiu na gargalhada e ergueu-se sobre duas patas:

– E Mínin? Aonde Mínin teria ido parar caso tivesse seguido o seu caminho, sem escutar os conselhos de Pojárski? Aonde Mínin teria chegado?

– Talvez... a Petuchki? – já me restavam poucas esperanças, e eu estava a ponto de chorar – A Petuchki, não é?

– E que tal à Estação de Kursk? Ha-ha! – a Esfinge, como se estivesse com calor, como se já estivesse transpirando devido ao próprio triunfo e à malignidade, abanou-se com o rabo – Mínin também chegaria à Estação de Kursk! Então qual deles chegaria a Petuchki, ha-ha? Ninguém mesmo chega a Petuchki, ha-ha!

Que raios de risada era essa que tinha a facínora? Nunca na vida eu havia escutado uma risada tão cortante! E quem dera ter sido apenas a risada! Mas, sem interromper o riso, ela me agarrou pelo nariz com duas falanges e me arrastou para um canto...

– Para onde? Para onde está me levando, Esfinge? Para onde você está me levando?

– Já vai ver! Ha-ha! Vai ver!

Pokrov – Quilômetro 113

Ela me arrastou até o compartimento, virou a minha cara para a janela e desmanchou-se no ar... Por que ela foi fazer aquilo?

Olhei através da janela. A escuridão que eu vira antes do lado de fora realmente havia se dissipado. No vidro embaçado, alguém havia escrito com o dedo: “...”³⁰². E através desses vãos pude ver as luzes da cidade, muitas luzes, e o letreiro da estação “Pokrov”, ficando para trás.

“Pokrov! Uma cidade do distrito de Petuchki! Mais três paradas e chegamos a Petuchki! Você está no caminho certo, Venedíkt Eroféiev”. E com isso a apreensão que até então subia do fundo da alma, mergulhou de vez nas suas profundezas, e lá arrefeceu...

Durante três ou quatro segundos ela ficou quietinha, como se tivesse adormecido. Mas daí ela não apenas recomeçou a subir do fundo da minha alma – não, ela deu logo um *salto*. Um pensamento, um pensamento monstruoso tomou conta de mim, de modo que até os meus joelhos fraquejaram:

Estávamos nos afastando da Estação Pokrov. Eu havia visto a placa “Pokrov” e as luzes brilhantes: ambos bons sinais, “Pokrov” e as luzes brilhantes. Mas por que eles haviam aparecido do lado direito do trem? Admito que a minha razão estava um pouco anuviada, mas não sou nenhum bebê de colo, e sei bem que se a Estação Pokrov apareceu ao lado direito é porque eu estava indo de Petuchki a Moscou, e não de Moscou a Petuchki! Eta esfinge chata!

Atordado, saí em disparada pelo vagão, onde já não havia viva alma. “Espere, Viénitchka, não seja precipitado. Acalme-se, coração estúpido. Talvez você só tenha embaralhado um pouco as coisas: é possível que Pokrov tenha aparecido à esquerda, e não à direita? Saia de novo ao compartimento e veja com certeza de que lado do trem aquele ‘...’ está escrito”.

Lancei-me em direção ao compartimento e olhei à direita: no vidro embaçado, de forma bonita e nítida, estava escrito: “...”. Olhei à esquerda: lá, de forma igualmente

³⁰² Reticências do autor. Referência óbvia à palavra “xyř” (caralho).

bonita, estava escrito: "...". Deus do céu! Levei as mãos à cabeça e retornei ao vagão, novamente atordoadado e em disparada...

“Espere, espere... Lembre-se, Viénitchka: durante toda a viagem, desde Moscou, você ficou sentado no lado esquerdo do trem, e todos os de bigodes pretos, todos os Mítrich, todos os dezembristas – todos eles também ficaram sentados no lado esquerdo do trem. Isso quer dizer que se você estiver indo na direção certa a sua mala deve estar no lado esquerdo do trem. Está vendo como é simples?!”

Saí correndo pelo vagão à procura da minha mala. Ela não estava em parte alguma, nem à esquerda, nem à direita.

Aonde foi parar a minha mala?!

“Tudo bem, tudo bem, Viénia, acalme-se. Não é nada de mais. A mala não tem importância, depois você a encontra. Primeiro esclareça para onde está indo. Aí então você procura a mala. Primeiro esclareça, depois à mala. Prefere esclarecer uma questão ou faturar um milhão? É claro que antes é preciso esclarecer, e só então partir para o milhão”.

“Você tem caráter nobre, Viénia. Beba todo o restinho de Kubánskaia, em homenagem à sua nobreza de caráter”.

Joguei a cabeça para trás e mandei aquele restinho para dentro. De imediato, a escuridão na qual eu estava submerso dissipou-se, e o nascer do sol irrompeu das profundezas mais recônditas da alma e da mente; lampejos começaram a cintilar, um lampejo a cada gole, e em cada gole um lampejo.

“O homem não deve ser solitário, essa é a minha opinião. O homem deve entregar-se às pessoas, mesmo que elas não queiram nada com ele. E se de todo modo calhar de ser solitário, ele deve perambular pelos vagões. Deve aproximar-se das pessoas e dizer: ‘Pois bem. Sou um solitário. Entrego-me a vocês até a última gota (pois da reserva já bebi o último gole, ha-ha!). Entreguem-se vocês a mim também, e depois respondam: para onde estamos indo? De Moscou a Petuchki ou de Petuchki a Moscou?’”

“Na sua opinião, é exatamente assim que deve se comportar um ser humano?” – perguntei a mim mesmo, inclinando a cabeça à esquerda.

“Sim, exatamente assim” – respondi a mim mesmo, inclinando a cabeça à direita. – “Não tem cabimento passar a vida inteira a contemplar o ‘...’ no vidro embaçado ou atormentado por culpa desse enigma!”

Pus-me a cruzar os vagões. No primeiro não havia ninguém, só a chuva respingava pelas janelas abertas. No segundo também não havia ninguém, e nem mesmo a chuva respingava...

No terceiro, havia alguém...

Quilômetro 113 – Omutichtche

... uma mulher, toda de preto da cabeça aos pés, estava junto à janelinha, e observava com indiferença a escuridão através do vidro, apertando um lencinho rendado contra os lábios. “É, sem tirar nem pôr, uma cópia de *Sofrimento Inconsolável*; a cópia de você mesmo, Eroféiev” – pensei de imediato, e logo desatei a rir sozinho.

Devagar, andando na ponta dos pés para não quebrar o encanto, aproximei-me dela por trás e me escondi. A mulher estava chorando...

Vejam só! O ser humano se isola para chorar. Mas não por ser solitário, a princípio. Quando uma pessoa chora, simplesmente não quer que ninguém compartilhe as suas lágrimas. E faz bem, afinal existe algo no mundo mais elevado do que o desconsolo? Oh, se eu pudesse dizer alguma coisa agora, alguma coisa que fizesse vir lágrimas aos olhos de todas as mães, que fizesse com que se enlutassem todos os palácios e choupanas, *kichlaques* e *auls*³⁰³!

Mas o que eu poderia dizer?

– Princesa – chamei baixinho.

– O que foi? – retorquiu a princesa, sem tirar os olhos da janela.

– Nada. É que posso ver a sua gaita mesmo com você de costas, só isso...

– Não fale bobagem, meu rapaz. Isso não é uma gaita, mas a ponte do meu nariz... Seria melhor ficar sentado e quietinho, assim passaria por inteligente.

“Na condição em que me encontro, ficar em silêncio?! Eu, que atravessei todos os vagões em busca da solução de um enigma?! É uma pena ter esquecido do que se tratava esse enigma, mas lembro-me que era muito importante... Mas não tem problema, mais tarde me lembro... Há uma mulher chorando, e isso é bem mais importante... Oh, infames! Transformaram a minha terra no mais sórdido dos infernos: obrigam-nos a ocultar dos outros as nossas lágrimas e a expor risadas no lugar delas!.. Oh, porcos vis! Tiraram das pessoas tudo que não fosse ‘sofrimento’ e ‘medo’, e depois disso decidiram que as risadas seria públicas e proibidas as lágrimas!

³⁰³ *Aul* (do turcomano *awıl*) é um tipo de vila fortificada encontrada nas regiões montanhosas do Cáucaso.

Oh, se eu pudesse dizer alguma coisa agora que fizesse todos aqueles crápulas arderem na incandescência do meu verbo! Alguma coisa que botasse em pânico todos os povos da antiguidade!..”

Pensei por um momento e disse:

– Princesa... Ei, Princesa!

– O que foi agora?

– Já não posso ver a sua gaita.

– O que pode ver, então?

– Só tufos. (Ela continuava a responder olhando pela janelinha, sem se virar para mim).

– Pelo visto, você é que é um tufo.

“Ora, que seja um tufo”. Senti que ia perdendo todas as minhas forças e sentei-me num dos assentos, amolecido. Por mais que me esforçasse, não conseguia de jeito nenhum me lembrar por que eu estava cruzando os vagões até topar com essa mulher... O que afinal era tão ‘importante’?”

– Escute, princesa!.. Onde está o seu camareiro Piotr? Não o vejo desde agosto passado.

– Que bobagens está dizendo?

– Palavra de honra, não o vejo desde então... Onde foi parar o seu camareiro?

– Ele é tão seu quanto meu! – rebateu a princesa. E partiu bruscamente em direção às portas do vagão, varrendo o piso com o seu vestido. Chegando às portas, ela se deteve, encarou-me com o rosto áspero e trincado, banhado em lágrimas, e gritou:

– Eu o odeio, Andrei Mikháilovitch! O-de-i-o!!

E se mandou.

“Aí si-i-im – exclamei longa e entusiasticamente, como há pouco fizera o dezembrista – isso sim é que é resposta!”. Mas foi embora sem responder o mais importante! Santa Mãe de Deus, o que é tão importante? Em nome de Suas graças, permita-me lembrar!.. Camareiro!

Toquei o sininho... Passada uma hora, toquei-o novamente.

– Ca-ma-rei-ro!!

Vestindo amarelo da cabeça aos pés, um criado apresentou-se: era o meu camareiro, chamado Piotr. Uma vez, de porre, recomendei que ele se vestisse todo de amarelo até o dia da sua morte. O imbecil me deu ouvidos, e até hoje anda por aí vestido desse jeito.

– Me diz uma coisa, Piotr: eu estava dormindo agora há pouco ou não? O que acha? Estava?

– Naquele vagão? Estava sim.

– Neste, não?

– Neste não.

– Que estranho, Piotr... Acenda os candelabros. Gosto dos candelabros acesos, apesar de não saber muito bem o que são candelabros... Faça isso, do contrário serei dominado pela apreensão novamente, entende?.. Pois bem, a se acreditar em sua versão, Piotr, eu dormi naquele vagão e acordei nesse. É isso?

– Não sei. Eu mesmo estava dormindo nesse vagão.

– Hm, está certo. Mas por que você não se levantou e foi me acordar? Por quê?

– E por que é que eu iria acordá-lo?! Não havia motivo para acordá-lo nesse vagão, pois você estava dormindo naquele outro. E por que eu o acordaria naquele vagão, se você acordou sozinho nesse?

– Não venha me confundir, Piotr, não venha me confundir... Deixe-me pensar... Entenda, Piotr, não estou conseguindo esclarecer uma questão de jeito nenhum. É uma questão extraordinária.

– Que questão é essa?

– É o seguinte: sobrou alguma coisa para beber?

Omutichtche – Leónovo

Não, não. Não vá pensar que essa é a questão em si: é apenas um meio para esclarecê-la. Você bem sabe que quando o pileque abandona o coração, surgem os temores e a precariedade de consciência. Se eu tivesse dado um trago há pouco, não estaria tão desagregado e confuso... Percebe-se que estou desagregado?

– Não se percebe coisa alguma. Mas a sua cara está inchada.

– Não tem problema. A cara não tem importância...

– E não sobrou nada para beber – revelou Piotr. Daí levantou-se para acender os candelabros.

Fiquei todo empolgado: “Que bom que os acendeu, muito bom. Por outro lado, sabe de uma coisa? Sinto-me um pouco apreensivo. Continuamos nossa viagem, estivemos viajando a noite toda, e aqui não há ninguém além de nós”.

– Onde foi parar a sua princesa, Piotr?

– Desembarcou faz tempo.

– Onde?

– Em Khrapunovo. Estava indo de Petuchki a Khrapunovo. Embarcou em Oriékhovo-Zúievo e saltou em Khrapunovo.

– Mas que Khrapunovo o quê! Que besteirada é essa, Piotr? Não venha me confundir, não venha me confundir... Vejamos... A questão mais importante... Por algum motivo Anton Tchékhov não me sai da cabeça. E além dele, Friedrich Schiller. Friedrich Schiller e Anton Tchékhov. Mas não faço ideia por quê... Ah, sim... É isso, agora está mais claro: quando sentava para escrever uma tragédia, Friedrich Schiller sempre metia os pés em champanhe. Ou melhor, não, não é isso. Era o conselheiro secreto Goethe quem andava em casa de chinelos e roupão... Já eu não, mesmo em casa estou sempre sem roupão, e à rua vou sempre de chinelos... E o que tem o Schiller a ver com a história? Ah, sim, é isso: quando dava de beber vodca, ele metia os pés de molho em champanhe. Metia os pés e bebia. Nada mal! E antes de morrer Anton Tchékhov disse: “quero beber”. E morreu...

Parado à minha frente, Piotr continuava a me olhar, sem entender nada.

– Tire os olhos de cima de mim, seu porcalhão! Não me olhe desse jeito. Eu aqui organizando as ideias, e você fica aí me encarando. Tinha ainda o Hegel. Isso eu lembro muito bem: tinha o Hegel. Ele disse: “não existem diferenças, exceto as diferenças de nível entre os diferentes níveis e a ausência de diferença”. Ou seja, traduzindo para uma linguagem clara: “quem é que hoje em dia não bebe?”. Temos algo para beber, Piotr?

– Não sobrou nada. Tudo já foi bebido.

– E não há mais ninguém em todo o trem?

– Ninguém.

– Certo...

Pus-me a pensar novamente, e uma ideia estranha me surgiu. Ela se enrolava em torno de alguma coisa, que por sua vez também estava enrolada em outra. E essa “coisa” também era estranha. E essa ideia... era uma ideia da pesada...

O que eu estava fazendo naquele instante? Adormecendo ou acordando? Não sei, e como poderia saber? “Há uma condição do ser que não se sabe como denominar? Não é sono, tampouco vigília”³⁰⁴. Cochilei assim por uns 12 ou 35 minutos.

Quando acordei, não havia vivalma no vagão, até o Piotr tinha sumido. O trem continuava a avançar através da chuva e da escuridão. Como era estranho ouvir as

³⁰⁴ Citação de poema *A última morte* (1827), de Evgueni Baratinski.

portas batendo em todos os vagões: era estranho porque em nenhum dos vagões havia vivalma...

Eu jazia ali como um cadáver, encharcado de um suor gélido, e o medo ia se acumulando em meu coração...

– Ca-ma-rei-ro!

Piotr surgiu à porta, com o rosto azulado e um ar perverso: “Venha cá, Piotr, venha cá. Você também está todo molhado. Por quê? Era você quem estava batendo as portas há pouco, não era?”.

– Eu não estava batendo porta nenhuma. Estava dormindo.

– E quem era que estava batendo?

Piotr me fitava, sem piscar.

– Bom, deixe isso para lá. Quando a apreensão cresce no coração, é preciso sufocá-la. E para fazê-lo, deve-se beber. Temos algo para beber?

– Não temos nada. Tudo já foi bebido.

– E no trem inteirinho não há ninguém, ninguém mesmo?

– Ninguém.

– É mentira, Piotr, você vive mentindo para mim!!! Se não há mais ninguém, então quem está fazendo essa barulheira com portas e janelas? Hein? Pode me dizer?.. Está me ouvindo?.. Você provavelmente ainda tem algo para beber, e ficou mentindo esse tempo todo...

Piotr continuava a me fitar como antes, sem piscar e com um ar perverso. Pela careta que fez, entendi que o tinha desmascarado, que tinha visto corretamente e que agora ele tinha medo de mim. Sim, sim, ele desabou sobre um candelabro, apagando-o com o próprio corpo – e seguiu vagão adentro, apagando as outras luzes. “Ele está morto de vergonha! Morto de vergonha!” – pensei. Mas ele já havia pulado pela janela.

– Volte aqui, Piotr! – comecei a berrar, de tal modo que nem conseguia reconhecer minha própria voz. – Volte!

– Tratante! – respondeu ele do outro lado da janela.

E de repente voltou voando para dentro do vagão, esvoaçou ao meu redor e pôs-se a puxar os meus cabelos: primeiro para frente, depois para trás, e então novamente para frente, e tudo isso com uma raiva desmedida.

– O que deu em você, Piotr? O que deu em você?!

– Nada! Fique aqui! Fique aqui, avozinha! Fique, velha bruaca! Vá para Moscou! Vá vender as suas sementes de girassol! Eu já não aguento mais, não aguento-o-o-o!..

E saiu esvoaçando outra vez, agora para todo o sempre.

“Só o diabo sabe o que está acontecendo! O que há com todo mundo?”. Apertei as minhas têmporas e comecei a tremer e a trepidar. Acompanhando-me, os vagões tremeram e trepidaram. Acontece que há tempos eles já estavam trepidando e dando solavancos há tempos...

Leónovo- Petuchki

... as portas dos vagões começaram a estalar, e daí começaram a zumbir cada vez mais alto e mais nitidamente. Em seguida, o tratorista Evtiúchkin, com o rosto lívido de tanto medo, entrou voando no meu vagão, atravessando toda a sua extensão. Ao fim de uns dez segundos, por aquela mesma entrada irrompeu uma horda de erínias no seu encalço. Tamborins e címbalos retumbavam...

Fiquei de cabelos em pé. Fora de mim, levantei-me de um salto e pus-me a bater os pés: “Parem, meninas! Deusas da vingança, parem! No mundo não há culpados!”. Mas elas continuaram a avançar.

Quando a última delas passou por mim, não me aguentei e agarrei-a por trás. Ela estava sem fôlego por causa da correria.

– Para onde vão? Para onde vocês todas estão correndo?

– O que você quer? Cai fora-a-a! Me larga-a-a!..

– Para onde? E para onde estamos todos indo???

– O que te importa? Seu louco-o-o!

E de repente voltou-se para mim, agarrou a minha cabeça e deu-me um beijo na testa. Isso foi tão inesperado que fiquei encabulado, sentei-me e pus-me a mastigar sementes de girassol.

Enquanto eu mastigava as sementes de girassol ela voltou a correr, afastando-se um pouco. Então deu uma olhada para trás, aproximou-se novamente e deu-me um tabefe na bochecha esquerda. Deu o tabefe, empinou em direção ao teto e saiu em disparada atrás das companheiras. De cabeça baixa, lancei-me atrás dela, com ideias assassinas...

O pôr do sol fulgurava e os cavalos refugavam. Onde estaria aquela felicidade de que tanto falam os jornais? Eu corria e corria através do turbilhão e das trevas,

arrancando as portas dos batentes, e sabia que o trem “Moscou–Petuchki” estava descarrilando. Os vagões se erguiam e voltavam a cair, como se tivessem sido possuídos pelo estupor... Então comecei a me agitar e berrei:

– O-o-o-o-oh! Parem!.. A-a-a-ah!..

Mas então fiquei embasbacado: o coro de erínias vinha em disparada, de volta do vagão da frente e direto para cima de mim, como um rebanho descontrolado. Atrás delas corria um enfurecido Evtiúchkin. Toda essa avalanche me atropelou, e fui soterrado sob os seus pés.

Os címbalos continuavam a tinir e os tamborins a retumbar. As estrelas caíam sobre o terraço de ingresso do soviete rural. E Sulamita gargalhava.

Petuchki. Plataforma da estação

Depois disso, é claro, tudo começou a girar. Se me dissessem que se tratava de um nevoeiro, eu provavelmente concordaria: sim, era como um nevoeiro. Já se me dissessem que não, não era nevoeiro nenhum, era fogo e gelo – ora fogo, ora gelo – eu lhes responderia: pode ser que sim, pode ser que fosse gelo e fogo. Ou seja, primeiro o sangue esfria, mas assim que fica gelado, começa a ferver e, assim que ferve, começa a esfriar novamente.

“Isso é febre” pensei “Esse nevoeiro quente por toda parte é causado pela febre, pois estou com calafrios e esse nevoeiro quente está por todo lado”. Do nevoeiro saiu alguém muito familiar. Não era lá um Aquiles, mas mesmo assim muito familiar. Oh, sim! Agora o reconheci: Mitrídates, o rei do Ponto. Todo coberto de ranho, e com um canivete na mão...

– Mitrídates, é você mesmo? – a coisa estava tão difícil para o meu lado que minha voz era quase inaudível – é você mesmo, Mitrídates?

– Sou eu – respondeu Mitrídates, o rei do Ponto.

– Mas por que está todo lambuzado?

– Comigo é sempre assim. É só chegar a lua cheia e o ranho começa a escorrer...

– E nos outros dias, não escorre?

– Às vezes também escorre. Mas não tanto quanto na lua cheia.

– Você nunca assoa o nariz, não? – eu já estava quase sussurrando – não assoa?

– Como posso explicar? Às vezes assoo. Mas como fazer isso na lua cheia?

Você acaba espalhando mais do que limpando. É tudo uma questão de gosto: alguns

gostam de deixar escorrer o ranho, outros de limpá-lo, outros ainda de se lambuzarem nele. Mas na lua cheia...

Cortei-o:

– Você fala bonito, Mitrídates, mas o que está fazendo com esse canivete na mão?

– Como “o que estou fazendo”? É para te matar, ora! Mas que pergunta! “O que estou fazendo”? É para te matar, é claro...

E de súbito transformou-se por completo: antes falava tão pacificamente, mas agora arreganhou os dentes, ficou todo sombrio – e onde foi parar todo aquele ranho? Como se não bastasse, ainda caiu na gargalhada! Depois arreganhou os dentes de novo, e aí voltou a gargalhar!

Fiquei novamente todo arrepiado: “Mas o que é isso, Mitrídates, o que é isso?” sussurrei ou gritei, não sei bem “Guarde a faca, guarde isso, pra que isso?” Mas a essa altura ele já não me dava ouvidos, e veio para cima de mim como se tivesse sido tomado por mil demônios nefastos... “Monstro!”. O meu flanco esquerdo foi perfurado, e comecei a gemer baixinho, pois sequer me restavam forças suficientes para erguer as mãos e me defender... “Pare com isso, Mitrídates, pare com isso...”

Mas então o meu lado direito foi perfurado, e depois novamente o esquerdo, e novamente o direito – não fui capaz de fazer nada além de ganir, impotente – e desfiz-me de dor na plataforma. Despertei tremendo. Ao meu redor não havia nada além de vento, escuridão e um frio do cão: “O que houve comigo? Onde estou? Por que está garoando? Deus de céu...”

Voltei a cair no sono, e tudo recomeçou: os calafrios, o calor e a febre. Ao longe, emergiram do nevoeiro aqueles dois gigantes da escultura de Múkhina: o operário com o martelo na mão e a *kolkhoziana* com a foice. Eles vieram até mim, ambos com sorrisinhos estampados na cara. O operário deu com o martelo na minha cabeça, e a camponesa ceifou os meus ovos. Dei um berro – possivelmente em voz alta – e acordei novamente, dessa vez em meio a convulsões, pois tudo em mim tremia: a cara, as roupas, a alma e as ideias.

Oh, que dor! Oh, que frio do cão! Oh, a inexorabilidade! Se de hoje em diante toda sexta-feira for como essa, enforco-me numa quinta-feira!.. Eram convulsões como essa que eu esperava de você, Petuchki? Enquanto viajava em sua direção, quem foi que degolou os seus passarinhos e pisoteou os seus jasmims? Santa mãe de Deus, estou em Petuchki!

“Não é nada, não é nada, Eroféiev... *Talítha kum*, como disse o Salvador. Ou seja, levanta-te e anda. Eu sei, eu sei, todos os seus membros estão esmagados, assim como a sua alma, e a plataforma está úmida e deserta, e ninguém veio e nunca virá recebê-lo. Mas, mesmo assim, levanta-te e anda. Tente... Mas e a minha maleta, meu Deus, onde foi parar a maleta com os presentinhos? Dois saquinhos de nozes para a criança, bombons *Vassiliok* e garrafas vazias... Onde ela foi parar? Quem a roubou e por quê? Afinal, lá não havia nada além de presentinhos! Mas dá uma olhada, não te sobrou um dinheirinho? Mesmo que só uns trocados?

Sim, sim, tenho uns trocados, quase nada. Mas de que serve o dinheiro agora?.. Oh, o efêmero! Oh, a vaidade! Oh, o mais infame e vergonhoso momento na vida do meu povo – o momento entre o fechamento das lojas e o amanhecer!”

“Não é nada, não é nada, Eroféiev... *Talítha kum*, como disse a sua tsarina quando você jazia em sua tumba. Ou seja, levanta-te, estica o seu casaco, dá uma limpada nas calças, sacode a poeira do corpo, e anda. Tente pelo menos dar dois passos, depois disso vai ficar mais fácil. Quanto mais você andar, mais fácil vai ficar. Afinal, você mesmo disse ao seu menino doente: “um-dois-coloque-os-sapatinhos-como-não-tens-vergonha-de-dormir?”. A primeira coisa a fazer é sair dos trilhos, os trens passam por aqui o tempo todo, de Moscou a Petuchki e de Petuchki a Moscou. Saia dos trilhos. Você logo descobre por que não há ninguém em parte alguma, e descobre por que ela não veio recebê-lo, e descobre ainda tantas coisas mais... Anda, Viénitchka, anda.”

Petuchki. Praça da Estação

“Se quiser ir à esquerda, Viénitchka, vá à esquerda. Se quiser ir à direita, vá à direita. De todo modo você não tem para onde ir. Então é seguir adiante sem rumo certo...”

Alguém me disse uma vez que morrer é muito fácil: basta inspirar quarenta vezes seguidas, o mais profundamente possível, e então expirar da mesma forma, do fundo do coração. Assim você bota a alma para fora. Será caso de tentar?

Oh, espere, espere!.. Talvez seja melhor primeiro descobrir que horas são. Descobrir as horas... Mas a quem devo perguntar, se não há vivalma na praça, se aqui não há absolutamente ninguém? E mesmo que eu encontre alguém, serei capaz de abrir a boca, apesar do frio e do desgosto? Sim, do desgosto e do frio... Oh, o mutismo!

Caso eu morra uma hora desses – e morrerei muito em breve, sei disso –, morro sem ter aceitado esse mundo. Morro tendo compreendido o mundo de perto e de longe,

por fora e por dentro, mas sem tê-lo aceitado. Morrerei e Ele perguntará: “Lá foi bom para você? Foi ruim?”. E vou calar, vou baixar os olhos e calar. Essa mudez é conhecida de todos os que sabem como termina uma ressaca pesada que dura dias. Pois o que é a vida humana senão uma embriaguez momentânea da alma? E também um eclipse da alma? Somos todos como bêbados, mas cada um à sua maneira: uns beberam mais, outros beberam menos. Logo cada um sente um efeito diferente: uns dão risada na cara do mundo, outros choram recostados no seu seio. Um já vomitou e sente-se melhor, outro está apenas começando a sentir náuseas. E quanto a mim? Já dei vários tragos, mas não sinto efeito algum. Sequer dei uma boa gargalhada, e nem mesmo cheguei a vomitar. Já tomei tantas nessa vida que estou perdendo a conta e me esquecendo da sequência dos tragos. Sou mais sóbrio do que qualquer outro nesse mundo, em mim essas coisas não surtem efeito com facilidade... “Por que se cala?” – Deus me perguntará, em seu esplendor de relâmpagos azuis. E o que eu poderei responder? Continuarei assim: calado e calado...

Mas talvez seja hora de abrir a boca? Encontrar vivalma e perguntar-lhe as horas?

Ora, mas de que vão te servir as horas, Viénitchka? É melhor continuar caminhando, abriga-te do vento e siga bem devagarinho... Você poderia ter descoberto as horas na sexta-feira passada, quando estava no paraíso celeste. Agora já não há paraíso celeste nenhum, então de que te serviriam as horas? A tsarina, com seus cílios abaixados, não veio ao seu encontro na plataforma. A divindade virou-lhe as costas, então para que descobrir as horas? Aquela que “não é uma moça como as outras, mas um *manjar branco*” – como você a chamou, brincando – não veio ao seu encontro na plataforma. O deleite do gênero humano, o lírio do vale, não veio ao seu encontro. De que vão te servir as horas depois dessa, Viénitchka?

O que lhe restou? Pela manhã, os gemidos. À tarde, o pranto. À noite, o ranger de dentes... Quem no mundo se importa com o seu coração? Quem? Vá a qualquer casa de Petuchki, bata à porta e pergunte: “Vocês se importam com o meu coração?” Meu Deus...

Dobrei a esquina e bati à primeira porta que apareceu.

Petuchki. Anel dos Jardins

Bati e fiquei ali, tremendo de frio, esperando alguém atender... “Que estranho! Que casas altas foram construir em Petuchki! Mas é sempre assim com ressacas pesadas

que duram dias: as pessoas parecem terrivelmente enraivecidas, as ruas parecem extraordinariamente largas, e as casas parecem estranhamente altas... Na ressaca, as coisas crescem na mesma medida em que parecem insignificantemente banais durante a bebedeira... Lembram-se do lema do sujeito do bigode preto?”

Bati mais uma vez, com um pouco mais de força:

“Será possível que é tão difícil atender à porta, deixar uma pessoa entrar e se aquecer por três minutos? Não consigo entender... Elas, que são pessoas sérias, conseguem, mas eu, que sou insignificante, jamais vou conseguir... *Menê, Teqel, Parsin*. Ou seja, “você foi pesado na balança e foi considerado insignificante”, ou seja, “*teqel*”... Que seja, que seja...

Mas se *lá* há balanças ou não, tanto faz. *Naquelas* balanças os suspiros e as lágrimas pesam mais do que a especulação e o cálculo. Tenho mais convicção disso do que vocês têm de qualquer outra coisa. Passei por muita coisa, bebi e ponderei bastante, e sei do que estou falando. Todas as suas estrelas-guia estão definhando, e as que não estão já brilham com dificuldade. Não conheço vocês, pessoas, a fundo: conheço-os mal. Raramente prestei atenção a vocês. Mas interessa-me descobrir para onde estão voltadas agora as suas almas, pois quero saber com certeza se a Estrela de Belém irá resplandecer novamente ou se vai voltar a cintilar. Isto é o mais importante. Pois todas as outras estão definhando, e as que não estão já brilham com dificuldade. E quanto às que ainda brilham, essas aí não valem um tostão furado.

Havendo ou não balanças *lá*, nós, os insignificantes, faremos valer o nosso peso e prevaleceremos. Creio nisso com mais firmeza do que vocês creem em qualquer outra coisa. Creio nisso, sei disso e testemunho isso perante o mundo. Mas por que é que deram de alargar as ruas de Petuchki desse jeito estranho?”

Afastei-me da porta e passei os olhos cansados de casa em casa, de porta em porta. Uma ideia pesada, de dar medo, aliada a um pressentimento pesado, que também me encheu de medo, foi tomando conta de mim. Eu caminhava sem parar, fixando os olhos em todas as casas, mas não era capaz de distinguí-las: por culpa do frio ou de alguma outra coisa, os meus olhos se encheram de lágrimas...

“Não chore, Eroféiev, não chore... Para que isso? E por que está tremendo desse jeito? Por culpa do frio ou de alguma outra coisa? Não fique assim...”

Se ao menos me restassem vinte golinhos de Kubánskaia! Eles chegariam ao meu coração, e o coração seria capaz de convencer a razão de que estou em Petuchki!

Mas não restou Kubánskaia nenhuma: virei em uma viela e de novo pus-me a tremer e a chorar...

A essa altura teve início a história mais aterrorizante entre todas as histórias já sonhadas: naquela mesma viela um quarteto vinha ao meu encontro... Reconheci-os de imediato. Não vou lhes explicar quem eram aqueles quatro... Comecei a tremer com ainda mais força do que antes, transformando-me em uma convulsão contínua...

Eles se aproximaram, cercando-me. Como eu poderia descrever as suas carrancas? Não, não, eles não tinham cara de bandido, muito pelo contrário: tinham um toque clássico. Mas em seus olhos... Vocês sabem? Já se sentaram alguma vez no banheiro da Estação Petuchki? Lembram-se da gosma amarronzada que esguicha e brilha naquela vasta profundidade, sob os orifícios circulares? Os olhos dos quatro assemelhavam-se a ela. E o quarto se parecia... Bem, mais tarde eu digo com quem ele se parecia.

– Agora o pegamos de jeito! – disse um deles.

– Como assim... “me pegaram”? – minha voz tremia terrivelmente, por culpa da ressaca e dos calafrios. Eles imaginaram que era por culpa do medo.

– Dessa vez você não escapa! Nunca mais vai a lugar algum.

– Mas por quê?

– Porque não.

– Escutem... – a minha voz ia sumindo, pois assim como ela, todos os nervos do meu corpo tremiam. À noite não se pode confiar em si mesmo. Isto é, em uma noite fria. O apóstolo traiu Cristo antes que o terceiro galo cantasse. Ou melhor, o apóstolo traiu Cristo três vezes antes que o galo cantasse. E sei por que ele o fez: por estar tremendo de frio. E isso porque estava se aquecendo junto à fogueira, com *aqueles lá*. Já eu não tenho fogueira nenhuma, só uma ressaca de uma semana. Se me tentassem agora, eu O trairia setenta e sete vezes, ou até mais...”

– Escutem – disse-lhes, como pude – Deixem-me ir... O que querem comigo? Eu simplesmente não consegui chegar à casa da minha garota... Fui, mas não cheguei... Adormeci e tive a minha maleta roubada enquanto dormia... Só tinha bobagem lá dentro, mas ainda assim é uma pena... *Vassiliok*...

– Mas que *Vassiliok* o quê? – riu-se maldosamente um deles.

– Os bombons, os bombons *Vassiliok*. E duzentos gramas de nozes. Eu havia prometido levá-las ao meu petiz porque ele já conhece uma letra muito bem... Mas não tem importância... Vou só esperar amanhecer e parto para lá outra vez... Não tenho

dinheiro e nem presentinhos, é verdade, mas eles vão me receber mesmo assim, e não vão reclamar... Muito pelo contrário.

O quarteto ficou me encarando, e todos os quatro provavelmente pensavam: “Como esse miserável é covarde e elementar!”. Oh, que pensem o que quiserem, apenas deixem-me ir! Onde, em quais jornais, eu havia visto aquelas carrancas?

- Quero voltar a Petuchki...
- Não vai a Petuchki coisa nenhuma!
- Certo... Mas então quero ir à Estação de Kursk!
- Não vai à estação nenhuma!
- Mas por quê?..
- Porque não!

Um deles ergueu a mão e me esbofeteou; outro deu um murro na minha cara; os dois restantes também vieram para cima. Eu não estava entendendo nada. Ainda assim consegui me manter de pé e fui me afastando, lentamente, lentamente, lentamente, e os quatro continuaram vindo para cima, também lentamente...

“Corra, Viénitchka, para qualquer lado, tanto faz para onde! Corra para a Estação de Kursk! Para a esquerda, para direita ou para trás, de todo modo vai dar na Estação de Kursk! Corra, Viénitchka, corra!”

Levei as mãos à cabeça e saí em disparada. Eles vieram em meu encalço...

Petuchki. Kremlin. Monumento a Mínin e Pojárski.³⁰⁵

“Será que estou em Petuchki, afinal?.. Talvez alguém me acuda se eu gritar “socorro”? Onde estão todos? Terão morrido?.. As luzes da rua estão reverberando de modo fantástico, sem pestanejar. Será que estou mesmo em Petuchki? Aquela casa à minha frente é o Departamento Regional de Assistência Social, e depois dele não há nada além de escuridão... O Departamento Regional de Assistência Social de Petuchki, e depois apenas escuridão por todos os séculos dos séculos, a moradia eterna das almas dos mortos... Oh não, não!”

Arremeti para uma praça coberta de paralelepípedos úmidos, recobrei o fôlego e olhei ao redor:

“Não, isso aqui não é Petuchki! Se Ele deixou a Terra para sempre, mas olha por todos nós, estou certo de que Ele nunca olhou nessa direção... E se Ele nunca deixou a

³⁰⁵ A estátua, projetada por Ivan Martos, retrata o momento em que Mínin entrega a espada a Pojárski, como símbolo da luta pela libertação do território russo dos invasores poloneses.

minha Terra, se a percorreu descalço e vestido como escravo, Ele evitou esse lugar e deixou-o para trás...”

“Não, aqui não é Petuchki! Ele não deixou Petuchki para trás. Ele sempre dormia lá sob a luz de uma fogueira. Lá pude notar em muitas almas as cinzas e a fumaça do seu local de repouso. O fogo não é necessário, contanto que haja cinzas...”

Isso aqui não é Petuchki! O Kremlin resplandecia à minha frente em todo seu esplendor. Mesmo ouvindo os passos dos meus perseguidores, tive tempo de pensar: “ainda que tenha cruzado Moscou de cima a baixo, bêbado ou de ressaca, nem uma vez havia visto o Kremlin. Sempre que saí à sua procura, dei de cara com a Estação de Kursk. Agora finalmente o encontro, quando tudo de que mais preciso é a Estação de Kursk!”

“São misteriosos os Seus caminhos...”

Os passos iam se aproximando cada vez mais, e eu já não tinha forças para continuar. Tropeçando, consegui alcançar os muros do Kremlin e desabei. “Quem são essas pessoas e o que lhes fiz?”. Essas perguntas não ocupavam a minha mente. Congelado e exasperado de medo, já não me importava com isso. “Tanto faz. Se vão me ver ou não, também não importa. Desses tremores eu não preciso, preciso de paz. É tudo o que desejo. Salve-me, Senhor...”

Eles me alcançaram, um vindo de cada lado. Aproximaram-se e me cercaram, respirando pesadamente. Por sorte consegui me botar de pé, ou eles teriam me matado ali mesmo...

– Você queria fugir de nós? De *nós*? – grunhiu um deles, agarrando-me pelos cabelos e batendo a minha cabeça contra o muro do Kremlin com toda a força. Minha cabeça parecia ter rachado, tamanha era a dor. O sangue escorria pelo meu rosto e pescoço... Quase caí, mas aguentei-me em pé... Daí a pancadaria teve início!

– Dê um chute de bota no estômago dele! Faça com que se contorça!

Deus! Consegui escapar e saí correndo, descendo a praça. “Corra, Viénitchka, corra tanto quanto puder, você vai escapar! Eles são ruins de corrida!”. Me detive por dois segundos aos pés do monumento e enxuguei o sangue das sobrancelhas para enxergar melhor. Primeiro dirigi os olhos a Mínin, depois a Pojárski, e então novamente a Mínin. Para onde devo ir? Para que lado devo correr? Onde está a Estação de Kursk e para onde devo correr? Não havia tempo para hesitações, e saí em disparada na direção apontada pelo olhar do príncipe Dmitri Pojárski...

Moscou – Petuchki. Saguão desconhecido

Mesmo assim, até o último instante, ainda esperava me salvar deles. Ao entrar correndo no saguão desconhecido, ao me arrastar até o andar superior e ao desabar novamente, ainda tinha esperanças... “Oh, não é nada, não é nada. Dentro de uma hora o seu coração vai ter se acalmado. Limpa esse sangue e deita, Viénitchka, deita até o nascer do sol, e então vá à Estação de Kursk... Não tem por que ficar tremendo desse jeito, já te disse, não tem por que tremer...”

Meu coração batia com tanta força que era difícil escutar qualquer coisa. Mas ainda assim escutei: a porta da entrada no andar de baixo entreabriu-se lentamente, e não voltou a fechar por uns cinco segundos...

Sem conseguir parar de tremer, disse a mim mesmo: “*Talítha kum*”, isto é, levanta-te e te prepara para o fim... Isso já não é *Talítha kum*, posso sentir, isso é “*lama sabachtháni*”, ou seja, “Senhor, por que me abandonaste?” Realmente, Senhor, por que me abandonaste?

O Senhor calou.

“Anjos do céu, eles estão subindo! O que devo fazer? O que devo fazer agora para não morrer? Anjos, o que devo fazer?”

Os anjos caíram na gargalhada. Vocês sabem como é a risada dos anjos? São umas criaturas desgraçadas, agora sei disso. Querem saber como eles gargalham? Um dia, há muito tempo, ao lado da estação de trem de Lóbnia, um homem foi cortado em dois por um trem, e foi cortado de uma forma inacreditável: toda a sua metade inferior foi triturada em pedacinhos minúsculos que se espalharam pela estrada de ferro. Já a metade superior, da cintura para cima, permaneceu como se estivesse viva, em pé sobre os trilhos, posando como fazem os bustos de todo tipo de patife sobre os seus pedestais. O trem foi embora, mas essa metade continuou ali em pé. No seu rosto notava-se alguma perplexidade, e a sua boca permanecera entreaberta. Muitos eram simplesmente incapazes de olhar para essa cena, e desviavam os olhos, pálidos, com o coração mortalmente abalado. Mas umas crianças correram até ele, três ou quatro delas, arranjaram uma bituca de cigarro acesa e enfiaram na boca entreaberta do morto. A bituca continuou a arder, e as crianças saltavam ao redor do homem, rindo a não mais poder...

Era desse jeito que os anjos do céu riam de mim. Eles riam, e Deus calava... Eu já até podia ver aqueles quatro: eles estavam subindo do último andar... Quando pude vê-los com clareza, a surpresa foi muito maior do que qualquer tipo de medo (palavra de

honra, muito maior): todos os quatro subiam descalços e carregavam seus sapatos nas mãos. Por que isso? Para não fazer barulho nas escadas? Ou para poderem se esgueirar até mim mais discretamente? Não sei, mas essa foi a última coisa que guardei na lembrança. Isto é, esse estupor.

Eles sequer se permitiram recobrar o fôlego: arremeteram contra mim direto do último degrau, para me estrangular com cinco ou seis mãos de uma vez. Tentei afastar as suas mãos e defender a minha garganta como pude. Mas então ocorreu o mais terrível: um deles, aquele que tinha a fisionomia mais feroz e clássica, tirou do bolso uma enorme soveia com um cabo de madeira – talvez não fosse uma soveia, mas uma chave de fenda ou algo assim, não sei. Ele ordenou aos outros que segurassem os meus braços e, por mais que eu tenha me defendido, fui pregado ao chão, mesmo me debatendo como um louco...

– Por quê – por quê?.. Por quê – por quê – por quê?.. – sussurrei.

Eles enterraram a soveia na minha garganta...

Eu não sabia que nesse mundo existe uma dor como aquela, e me contorci de dor. Uma grossa e vermelha letra “x” espalhou-se pelos meus olhos e começou a tremer. Desde então não recobrei a consciência, e nunca hei de recobrar.

Trabalhando nas linhas de cabos de Cheremétievo - Lóbnia, outono de 1969.

5. Glossário

Aksánov, Serguei (1791-1859) – Escritor russo.

Anel dos Jardins – Uma das ruas centrais de Moscou, atravessa a região central da capital.

Aragon, Louis (1897-1982) – Escritor e político francês, membro do Partido Comunista Francês. Membro Movimento de Resistência francês. Era apreciado pelos ideólogos soviéticos.

Armand, Inessa Fiodorvna (1874-1920) – Política bolchevique e feminista franco-russa, figura importante do movimento comunista do período revolucionário.

Barbeiro de Sevilha – Ópera do compositor italiano Gioachino Rossini, composta em 1816. Entre os anos 1950 e 1970 era regularmente transmitida pelas rádios soviéticas.

Beauvoir, Simone de (1908-1986) – Escritora francesa, feminista, intelectual ativista e filósofa existencialista.

Blok, Aleksandr Aleksándrovitch (1880-1921) – Poeta russo. O seu poema "O Jardim dos Rouxinóis" descreve um herói lírico dividido entre o trabalho pesado e os prazeres do amor e do álcool.

Bória – Hipocorístico do nome Borís.

Búnin, Ivan Alekséievitch (1870-1953) – O primeiro escritor russo a receber o prêmio Nobel. O sujeito do bigode preto diz ter lido “em Ivan Búnin que as pessoas ruivas, quando bebem, inevitavelmente enrubescem”, fazendo referência ao conto *Estalagem à beira do rio*: “Ele já havia enrubescido por conta da vodka, do vinho e do conhaque, como as pessoas ruivas sempre enrubescem depois de beber vinho, mas verteu mais uma taça”.

Caim e Manfred – Protagonistas dos poemas de Byron, “Manfred” (1817) e “Caim” (1821), figuras românticas e rebeldes.

Chaliápin, Fiódor Ivánovitch (1873-1938) – Mais conhecido como “o grande trágico”, foi um cantor de ópera russo. Dono de uma carreira internacional de sucesso, é creditado pelo estabelecimento da atuação naturalista na ópera. Na cena em que Viénitchka se compara a Chaliápin, ele faz referência ao momento em que Boris Godunov (interpretado por Chaliápin) assassina Dmitri, na peça de Mússorgski.

Colinas de Golã – Território ocupado por Israel durante a chamada "Guerra dos seis dias", travada entre 5 e 10 de junho de 1967.

Corneille, Pierre (1606-1684) – Escritor francês, considerado um dos grande dramaturgos da França do século XVII ao lado de Molière e Jean Racine. A sua peça mais famosa, *Le Cid*, sobre um guerreiro espanhol medieval, foi denunciada pela Academia Francesa por desrespeitar as regras clássicas da dramaturgia e acusada de imoralidade.

Cromwell, Oliver (1599-1658) – Líder político e militar inglês. Era considerado um revolucionário por Leon Trótski.

Cyrankiewicz, Józef (1911-1989) – Socialista e político comunista polonês. Foi primeiro ministro da Polônia entre 1947-1952 e 1954-1970.

Dayan, Moshe (1915-1981) – Político e líder militar israelense. Como ministro da defesa durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967, tornou-se um dos símbolos da política de relações exteriores de Israel.

Diógenes (404 ou 412 a.C.– 323 a.C.) – Filósofo da Grécia Antiga, discípulo de Antístenes, antigo pupilo de Sócrates. Diz-se que viviam em um grande barril e perambulava pelas ruas carregando uma lamparina, alegando estar à procura de um homem honesto.

Drezna – Estação ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Dubček, Alexander (1921-1992) – Chefe de estado da antiga Tchecoslováquia. Tornou-se líder do Partido Comunista da Tchecoslováquia em 1968 e iniciou as reformas da chamada “Primavera de Praga”.

Dúlova, Vera (1909-200) – Harpista russa. Na época soviética, era uma figura quase mítica para o cidadão comum, pois antes da era da TV era quase impossível vê-la tocar.

Dvorjak, Antonín Leopold (1841-1904) – Compositor tcheco. A sua “Sinfonia do novo mundo” (1893), a nona composta por ele, é chamada de quinta nas suas obras publicadas, pois Dvorjác começou a numerar as suas composições apenas a partir da sua 5ª sinfonia.

Eban, Abba (1915-2002) – Diplomata e político israelense. Entre 1966-74 ocupou o posto de ministro de relações exteriores de Israel.

Elektroúgli – Estação ferroviária localizada na cidade de Elektroúgli, a 35 km de Moscou.

Elisséev – Antes da revolução uma das lojas mais famosas de Moscou. Após a revolução foi transformado em uma cantina, recebendo o nome de Гастроном 1. Os

cidadãos soviéticos, contudo, continuaram a se referir ao local usando o nome antigo. Nos anos 1960-70, era o único estabelecimento moscovita que funcionava até às onze horas da noite.

Erdéli, Olga (1927-2015) – Uma das mais respeitadas harpistas russas. Na época soviética, era uma figura quase mítica para o cidadão comum, pois antes da era da TV era quase impossível vê-la tocar.

Eroféitchik – Hipocorístico do sobrenome Eroféiev.

Estação Dolgoprúdni – A estação de trem e a cidade de Dolgoprúdni ficam localizadas na região de Moscou, 18 km ao norte da capital.

Estação de Kursk – Uma das maiores estações de trem moscovitas, situada na parte leste do Anel dos Jardins. O prédio atual da estação foi inaugurado dois anos depois da escrita do romance, em 1972. Viénitchka vai ao prédio antigo da estação, inicialmente construído em 1896 e reconstruído em 1938.

Estação de Saviólovo – Estação situada na região norte de Moscou.

Foice e Martelo – Plataforma ferroviária localizada no limite leste de Moscou, próxima à grande fábrica de maquinário pesado de mesmo nome.

Friázevo – Estação ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Gárchin, Vseólod Mikháilovitch (1855-1888) – Escritor russo, uma das figuras mais brilhantes da literatura russa da segunda metade do século XIX. Nos últimos anos de vida, sofreu de sérias desordens mentais. De acordo com a versão oficial, em 19 de março de 1888, em São Petersburgo, lançou-se escada abaixo do 4º andar durante um ataque, e morreu em 24 de março.

General Franco (1892-1975) – General e ditador espanhol, caudilho da Espanha entre 1939 e a sua morte, em 1975.

General de Gaulle (1890-1970) – Famosa figura política e militar francesa. Líder do movimento anti-fascista francês na época da 2ª Guerra Mundial.

General Suharto (1921-2008) – O segundo presidente da Indonésia, mantendo-se no cargo durante 31 anos, entre 1967 e 1998.

Ghandi, Indira (1917-1988) – Líder política indiana. Era aliada da URSS e, no fim dos anos 60, se posicionou contra a agressão de Israel aos países árabes.

Goethe, Johann Wolfgang von (1749-1832) – Escritor e filósofo alemão. Autor da tragédia “Fausto”. De fato possuía o título oficial de “conselheiro secreto” (Geheimrat). Viénitchka afirma que ele esteve “à beira do suicídio”, em referência ao período de depressão do escritor na época da escrita de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*.

Gógol, Nikolai Vasílievitch (1809-1952) – Escritor russo. Viénitchka afirma que a vida lhe era entendiante em referência a um trecho de seu “Conto de como Ivan Ivanovich brigou com Ivan Nikiforovich”: “É entendiante viver nessa terra, Senhor!”.

Gomulka, Wladislaw (1905-1982) – Líder comunista polonês. Inicialmente tornou-se bastante popular por promover uma série de reformas, conhecidas como o degelo de Gomulka, mas eventualmente cedeu às pressões soviéticas.

Górki, Maksim – Pseudônimo de Aleksei Maksimovitch Pechkov (1868-1936), escritor russo. Em sua obra inicial, Górki compôs "canções" sobre o movimento revolucionário. De fato viveu na ilha de Capri entre 1906 e 1913, época em que foi acusado por Maiakóvski de ter perdido o contato com a realidade soviética. Credita-se a ele a frase “A alta cultura é definida pelo tratamento dado às mulheres”.

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831) – Filósofo alemão. No prefácio de *Fenomenologia do Espírito*, Hegel escreve: “a diversidade é, antes, o limite da Coisa: está ali onde a Coisa deixa de ser; ou é o que a mesma não é”. Viénitchka atribui a ele uma frase semelhante: “não há diferenças além das diferenças de nível entre os diferentes níveis e a ausência de diferenças”.

Herculano – Antiga cidade romana, conhecida por ter sido conservada, junto com a cidade de Pompéia, após ser soterrada pelas cinzas da erupção do vulcão Vesúvio, no ano 79.

Herzen, Aleksandr Ivanovitch (1812-1870) – Filósofo, literato e revolucionário russo. Na adolescência, ao lado do poeta e ativista Nikolai Ogareiev, Herzen fez um juramento nas Colinas dos Pardais, comprometendo-se a passar toda a vida lutando pela libertação do povo russo. Herzen deixou a Rússia por motivos políticos, estabelecendo-se em Londres em 1852, onde abriu uma editora. Uma das suas principais publicações era o jornal revolucionário *Kokol* (sino) (1857-1867), que circulava ilegalmente na Rússia. O sujeito do bigode preto faz referência a isto com a frase “Soem todos os sinos de Londres”.

Hipátia (-415) – Neoplatonista grega e filósofa do Egito Romano. Foi assassinada por uma multidão de cristãos depois de ser acusada de exacerbar um conflito entre duas figuras proeminentes na Alexandria: o governador Orestes e o bispo Cirilo de Alexandria.

Iéssino – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Ilítch (1870-1924) – Vladimir Ilítch Ulianov, também conhecido como Lenin, foi um revolucionário comunista e político. Em 30 de agosto de 1918, Lenin foi atingido por

duas balas de revólver disparadas por Fannya Kaplan. A última peça inacabada de Veniédikt Erofeiév tratava justamente de Kaplan.

Jelesnodorójnaia – Estação ferroviária localizada na cidade de Jelesnodorójni (a 21 km de Moscou).

Kant, Immanuel (1724-1804) – Filósofo-idealista alemão.

Karatchárovo – Plataforma ferroviária localizada a leste de Moscou, e nomeada em homenagem a um antigo assentamento que ocupava a região.

Khrapunovo – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Kibaltchich, Nikolai Ivanovitch (1853-1881) – Cientista e revolucionário russo que desenvolveu teorias relativas ao vóo espacial e participou do assassinato do tsar Aleksandr II.

Komsomol – Sigla em russo (Комсомол – Коммунистический союз молодёжи) que significa União da Juventude Comunista, a organização juvenil do PCUS.

Komsomóliets – Membro masculino da Komsomol.

Komsomolka – Membro feminino da Komsomol.

Kozlówski, Ivan Semionovich (1900-1993) – Famoso tenor soviético. Entre 1926 e 1954 foi solista do Teatro Bolchoi. Entre os anos 1960 e 1970 era comum ouvir a sua voz no rádio.

Krutóie – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Kupávna – Estação ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Kuprin, Aleksandr Ivanovitch (1870-1938) – Escritor russo.

Kúskovo – Plataforma ferroviária localizada a leste de Moscou, e nomeada em homenagem à antiga vila de Kúskovo.

Kútchino – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Liókha – Hipocorístico do nome Aleksei.

Liszt, Franz (1811-1886) – Compositor clássico e pianista húngaro.

Longo, Luigi (1900-1980) – Um dos líderes do movimento comunista italiano. Em agosto de 1964, após a morte de Palmiro Togliatti, foi escolhido secretário geral do Partido Comunista Italiano. Longo possuía boas relações com a URSS e frequentemente visitava o país.

Lorde Chamberlain (1869–1940) – Arthur Neville Chamberlain foi o primeiro ministro do Reino Unido entre 1937 e 1940. No imaginário popular soviético o nome de Chamberlain possuía uma conotação negativa, pois ele havia se posicionado de forma

neutra em relação ao fascismo e assinado o Acordo de Munique, em 1938, permitindo a anexação de territórios da Checoslováquia pela Alemanha.

Lucrecia (-509 a.C.) – Dama romana, filha do prefeito de Roma. De acordo com os historiadores Tito Lívio e Dionísio de Halicarnasso, Lucrecia foi violentada por Sexto, filho de Tarquínio, o Soberbo, e se suicidou.

Marat, Jean Paul (1743-1793) – Um dos líderes políticos da Revolução Francesa. Ele foi esfaqueado em 13 de julho de 1793, em Paris, pela girondista Charlotte Corday. Viénitchka descreve Marat como "incorrupível", mas na realidade ele era conhecido na França revolucionária como o "amigo do povo". O apelido "incorrupível" era associado a outro líder da Revolução Francesa, Robespierre.

Marx, Karl (1818-1883) - Filósofo, economista, sociólogo, jornalista e socialista revolucionário. Viénitchka afirma que Marx apreciava a fraqueza nas mulheres, fazendo referência ao popular questionário "Confissões", que Marx preencheu em 1865, dizendo que a sua qualidade favorita nas mulheres era a "fraqueza".

Mikháilovitch, Andrei – O mais famoso príncipe russo com esse nome foi Andrei Mikháilovitch Kurbski (1528-1583), inicialmente um amigo próximo e mais tarde um oponente político de Ivan, o Terrível. A esposa de Kurbski foi abandonada pelo marido, que fugiu para a Lituânia.

Mínin, Kuzmá (-1616) – Mercador russo que, ao lado do príncipe Dmitri Pojárski tornou-se um herói nacional ao defender o país de invasores poloneses.

Mitrídates (111-66 a.C.) – Eupátor Dionísio, rei Mitríades VI, foi o mais famoso representante da dinastia de reis no Ponto.

Mítrich – Filhos homens de pais chamados Dmitri recebem o patronímico Dmítrievitch ou Mítrich. Pode-se inferir, portanto, que quatro gerações seguidas de homens da família dos Mítrich do romance são chamados Dmitri.

Moskvitch – Marca de automóvel produzido na URSS e na Rússia entre 1946 e 2001. Os carros de marca *Volga* ou *Tcháika* eram usados para transportar os oficiais mais prestigiosos do Partido, enquanto os *Moskvitch* eram usados pelos oficiais de menor patente.

Múkhina, Vera (1889-1953) – Escultora-monumentalista do realismo socialista clássico. Sua escultura mais famosa é “O Operário e a Camponesa” (1935-1937), símbolo da união entre a classe operária e o campesinato.

Mússorgski, Modest Petrovitch (1839-1881) – Compositor russo do período romântico, membro do grupo de compositores conhecidos como "Os cinco".

Nazárievo – Estação ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Nikólskoe – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Ninka – Hipocorístico do nome Nina.

Novoguiréievo – Plataforma ferroviária localizada a leste de Moscou.

Olavo da Noruega (1903-1991) – Olavo V, rei da Noruega a partir de 21 de setembro de 1957.

Omutísche – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Oriékhovo-Zúievo – Nome de uma grande estação ferroviária e de uma cidade da região de Moscou, localizada a 89 km da capital.

Ostróvski, Aleksandr Nikoláievitch (1823-1886) – Dramaturgo russo. Viénitchka o associa à frase “chega de simplicidade” em referência ao nome da sua comédia “Em cada sábio há simplicidade até dizer chega” (1868).

Papánin, Ivan (1894-1991) – Explorador soviético do ártico.

Pávlovo-Posad – Estação ferroviária localizada a 68 km de Moscou.

Pedro, o Grande (1672-1725) – Piotr Alekséievitch foi tsar da Rússia, famoso por ter implantado uma série de reformas radicais de cunho ocidentalizante em todas as esferas da sociedade russa.

Peróvskaja, Sonia (1853-1881) – Revolucionária russa. Auxiliou na organização do assassinato de Alexandre II, sendo condenada à forca.

Petuchki – Pequena cidade localizada a 115 km a leste de Moscou. O seu nome significa, literalmente, “galletos”. O *status* de cidade lhe foi concedido apenas quatro anos antes dos eventos descritos no poema, em 1965. No ano de 1969, a sua população era de cerca de 16.000.

Píssarev, Dmitri – Publicista, crítico literário, filósofo-materialista e revolucionário democrata russo.

Pojárski, Dmitri Mikháilovitch (1577-1642) – Príncipe russo que liderou as forças de defesa contra a invasão polonesa.

Pokróv – Estação ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Pomialóvski, Nikolai (1835-1864) – Escritor russo. Morreu repentinamente em uma das tabernas de São Petersburgo em 5 de outubro de 1863.

Pompéia – Antiga cidade romana, conhecida por ter sido conservada, junto com a cidade de Herculano, após ser soterrada pelas cinzas da erupção do vulcão Vesúvio, no ano 79.

Pompidou, Georges (1911-1974) – Primeiro ministro da França entre 1962 e 1968 e depois presidente da França entre 1969 e 1974. Durante muito tempo foi companheiro de Charles de Gaulle.

PTUS – Sigla em russo (ПТУС - производственно-техническое управление связи) que significa Agência de Comunicação Técnico-Industrial.

Púchkin, Aleksandr Serguéievitch (1799-1837) – Escritor romântico, considerado o maior poeta russo e fundador da literatura russa moderna. Púchkin morreu após ser alvejado em um duelo com um oficial francês que havia tentado seduzir a sua esposa. Contudo, na propaganda soviética, a morte de Púchkin era retratada como resultado de sua rebeldia contra o regime tsarista.

Quilometro 33 – Pequena estação ferroviária na linha Moscou-Vladimir.

Quilômetro 43 – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladimir.

Quilômetro 61 – Pequena plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladimir.

Quilômetro 65 – Pequena plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladimir.

Quilômetro 85 – Pequena plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladimir.

Quilômetro 105 – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladimir. A última parada no território da região de Moscou.

Quilômetro 113 – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladimir.

Reútovo – Estação ferroviária, localizada na cidade de Reútov, 14 km a leste de Moscou.

Rímsky-Kórsakov, Nikolai Andréievitch (1884-1908) – Compositor russo, membro do grupo de compositores conhecidos como "Os cinco".

Robespierre, Maximilien de (1758-1794) – Um dos líderes da Revolução Francesa.

Rua Kaliáevskaia – Atualmente chamada Dolgorukovskaia, situada no norte de Moscou, foi nomeada em homenagem a Ivan Kaliáev, poeta e terrorista socialista revolucionário, executado pelo assassinato, em fevereiro de 1905, do governador geral de Moscou e filho do czar Alexandre II, Serguei Aleksandrovich.

Saadi (entre 1203 e 1210-1293) – Pseudônimo de Abū-Muhammad Muslih al-Dīn bin Abdallāh Shīrāzī, foi um poeta, prosador e pensador persa.

Saltykóvskaia – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladimir.

Santa Elena – Após liderar uma campanha fracassada em Waterloo, na Bélgica, em 1815, Napoleão foi exilado na ilha de Santa Elena.

Santa Teresa – Teresa de Ávila (1515-1582) foi uma figura religiosa espanhola, uma das reformadoras da Ordem Carmelita. Ela era acometida por estigmas “invisíveis” ou

“interiores” (ao contrário do caso de Francisco de Assis), que lhe traziam dores terríveis.

Sartre, Jean-Paul (1905-1980) – Escritor, dramaturgo, publicista e filósofo existencialista francês. Durante a 2ª Guerra Mundial trabalhou nas editoras da Resistência. Era desprezado pelos ideólogos soviéticos.

Schiller, Friedrich (1759-1805) – Poeta e dramaturgo alemão, autor de muitas peças com cinco atos.

Sofrimento Inconsolável (1884) – Quadro do pintor e crítico artístico russo Ivan Kramskói (1837-1887), um dos líderes intelectuais da *Sociedade de Exposições Itinerantes de Obras de Artistas Russos*, um grupo de pintores que fundaram um movimento dissidente da Academia Imperial de São Petersburgo em 1870.

Soloukhin, Vladímir Alekséievitch (1924-1997) – Escritor soviético, amante das tradições nacionais, autor da novela “a terceira caça” (*tretya okhota*, 1967), que trata da caça, da pesca, e da colheita de cogumelos.

Stakhánov, Aleksei (1906-1977) – Mineiro soviético. Tornou-se uma celebridade em 1935, como parte do *stakhanovismo*, uma campanha dedicada a aumentar a produtividade e demonstrar a superioridade do sistema socialista. Em 31 de agosto de 1935, Stakhanov supostamente minerou 102 toneladas de carvão em pouco menos de seis horas.

Stássik – Hipocorístico do nome Stanislav.

Sulamita – Personagem bíblica do Antigo Testamento, onde é a amada do Rei Salomão.

Tarquínio (535 a.C. — 496 a.C.) – Lúcio Tarquínio Soberbo foi o último rei de Roma e o terceiro dos reis Tarquínios.

Tchékhov, Anton Pavlovitch (1860-1904) – Escritor russo. De acordo com sua esposa, ele realmente pronunciou a frase “*ich sterbe*” (eu estou morrendo) quando estava bastante doente, acometido pela tuberculose, e passando os seus últimos dias na Alemanha: “Anton sentou-se e disse de forma alta e clara (apesar de saber pouco alemão): *Ich sterbe*. O médico acalmou-o, deu-lhe uma injeção de cânfora e pediu champanhe. Anton pegou a taça, examinou-a, sorriu para mim e disse: ‘há muito tempo não tomo champanhe’. Ele bebeu, deitou-se de lado e eu tive tempo apenas de correr até ele e chamar o seu nome, mas ele já havia parado de respirar e dormia tranquilamente, como uma criança”.

Tchórnoe – Estação ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Tchukhlínka – Plataforma ferroviária localizada a leste de Moscou, e nomeada em homenagem a uma antiga vila que ocupava a região.

Tíkhonov, Vadím – O amigo mais próximo e espécie de discípulo do autor desde a época dos estudos no Instituto de Pedagogia de Vladimir. A alcunha "primogênito", associada ao seu nome na dedicatória, é meramente metafórica.

Togliatti, Palmiro (1893-1964) – Um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, e, entre 1926 e 1964, foi o seu secretário geral. Morreu na Criméia, em um tradicional período de férias de verão que passava na URSS a convite do PCUS.

Toulon – A ascensão militar e política de Napoleão Bonaparte (1769-1821) começou quando ele propôs ao comando do exército republicano o plano de tomada do forte de Toulon, em 1793.

Triolet, Elsa (1896-1970) – Escritora francesa. Nasceu e estudou arquitetura em Moscou. Viveu na França desde os anos 1920 e participou do Movimento de Resistência.

Tsar Boris (1551-1605) – Boris Godunov é uma das figuras mais importantes da história russa. Ele foi o tsar da Rússia entre 1585 e 1598, assumindo o trono após a morte de Teodoro I - filho de Ivan, o Terrível e marido de Irina Godunova, irmã de Boris. Já o tsarevitch mencionado é Dimitri de Uglitch (1582-1591), filho do sétimo e último casamento de Ivan, o Terrível. A morte prematura do tsarevitch Dimitri é um dos grandes mistérios da história russa. Dimitri era o meio irmão do tsar Teodoro I, que não possuía filhos. Contudo, Dimitri era fruto do casamento entre Ivan, o Terrível e Maria Nagaia, o sétimo do ex-regente. Como a Igreja Ortodoxa reconhecia apenas os três primeiros casamentos de Ivan como legítimos, Dimitri de Uglitch não era de fato candidato ao trono. Ainda assim, Godunov, regente *de facto* durante o reinado do frágil Teodoro, enviou, em 1584, Dimitri e sua mãe ao exílio na cidade de Uglitch, onde o tsarevitch veio a morrer sete anos mais tarde. Cronistas e historiadores russos apontaram duas teorias quanto ao fim de Dimitri: a primeira é de que ele foi morto por ordem de Boris Godunov (importantes historiadores do século XIX, como Nikolai Karamzin, Sergei Soloviov e Vassili Kliutchesvski apoiavam esta versão); a segunda é de que Dimitri esfaqueou a própria garganta ao ter uma crise de epilepsia enquanto brincava com uma faca (historiadores como Mikhail Pogodin, Sergei Platonov, V. K. Klein e Ruslan Skrinnikov apoiavam esta versão). A terceira hipótese sugerida por Eroféiev, de que o tsarevitch Boris matou Godunov pode ser referência ao fato de que Godunov foi sucedido brevemente por Dimitri I, o falso, um impostor que se passava por Dimitri de

Uglitch e se tornou tsar entre 1605 e 1606. Inspirado pela versão de Karamzin, Púchkin escreveu uma peça intitulada Boris Godunov, transformada em ópera por Modest Mussorgsky. Em 1845, o importante crítico Vissariôn Bielínski escreveu um artigo criticando a peça de Púchkin, apontando que não havia evidências definitivas da culpa de Godunov.

Tsarevitch Dmitri – Ver “Tsar Boris”.

Turguêniev, Ivan Sergueevich (1818-1883) – Escritor russo. Ele nasceu em Oriól e morreu na França, onde vivia por conta do seu longo romance com a cantora francesa Pauline Viardot. Na obra de Turguêniev as experiências amorosas dos heróis são manifestações marcadamente espirituais, despidas de caráter erótico e sexual. Obras de Turguêniev faziam parte do programa escolar, e por isso eram conhecidas de todos os cidadãos soviéticos.

Uspiénskis – Nikolai Uspiénski (1837-1889) e Gleb Uspiénski (1843-1902) foram escritores russos. O primeiro suicidou-se em 21 de outubro de 1889, em Moscou, cortando a própria garganta.

Ussad – Estação ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Vádia – Hipocorístico do nome Vadim.

Viénitchka – Hipocorístico do nome Venedíkt.

Vesúvio – Vulcão localizado no golfo de Nápolis, Itália. Famoso por sua eupção no ano 79, que resultou na destruição das cidade romanas de Pompéia e Herculano.

Viénia – Hipocorístico do nome Venedíkt.

Vodopiánov, Mikhail (1899-1980) – Aviador soviético, um dos primeiros Heróis da União Soviética (1934).

Vóinovo – Plataforma ferroviária da linha Moscou - Vladímir.

Wilson, Harold (1916-1995) – Líder do partido trabalhista do Reino Unido a partir de 1963. Foi o primeiro ministro do governo britânico entre 1964-1970 e 1974-1976, período em que visitou a URSS diversas vezes.

Zassúlitch, Vera (1849-1919) – Escritora e revolucionária menchevique. Realizou um atentado contra o coronel Fiódor Trepov, governador de São Petersburgo.

Bibliografia – Obras de Venedíkt Eroféiev

- EROFÉIEV, Venedíkt. *Москва-Петушки*. Moscou: Вагриус, 2004.
 — *Краткая автобиография*³⁰⁶. Moscou: Вагриус, 2004.
 — *Записки психопата*³⁰⁷. Moscou: Вагриус, 2004.
 — *Вальпургиева ночь*³⁰⁸. Moscou: Вагриус, 2004.

Bibliografia – Obras sobre Venedíkt Eroféiev

- BLAGOVESHENSKI, Nikita. *Случай Вени Е. Психоаналитическое исследование поэмы Москва-Петушки*³⁰⁹. São Petersburgo: Гуманитарная Академия, 2006.
 BOGOMOLOV, Nikolai. «Москва-Петушки»: *Историко-Литературный и Актуальный Контекст*³¹⁰. Moscou. Новое Литературное Обозрение, 1999.
 BURRY, Alexander. *The Poet's Fatal Flaw: Venedikt Erofeev's Don Juan Subtext in Walpurgis Night, or the Stepsof the Commander*. Russian Review, Vol. 64, No. 1. Hoboken: Wiley, 2005.
 DOMINA, Natalya. *Burying Dystopia: The Cases of Venedíkt Eroféiev, Kurt Vonnegut, and Victor Pelevin*. Ontario: dissertação de mestrado, 2012.
 FROLOVA, Nina, et al., *Несколько монологов о Венедикте Ерофееве*³¹¹. Театр 9. Leningrado: Akademii Nauk, 1991.
 GEISSER-SCHNITTMANN, Svetlana, *Венедикт Ерофеев «Москва-Петушки» или: “The Rest is Silence”*³¹², Bern: Peter Lang AG, Internationaler Verlag der Wissenschaften, 1989.
 MARYNIAK, Irena, *A hero of our time: Filming Venedikt Erofeev, Index on Censorship* nº 20, 1991.

³⁰⁶ *Curta autobriografia.*

³⁰⁷ *Memórias de um psicopata.*

³⁰⁸ *Noite de Santa Valburga.*

³⁰⁹ *O caso de Veni E. – Análise psicoanalítica do poema Moscou-Petuchki.*

³¹⁰ *“Moscou-Petuchki”: Contexto histórico-literário e atual.*

³¹¹ *Alguns monólogos sobre Venedikt Eroféiev.*

³¹² *Venedikt Erofeiev “Moscou-Petuchki” ou: “O resto é silêncio”.*

MARUTINA, Irina Nikolaievna, “Москва — Петушки” Венедикта Ерофеева и “Школа для дураков” Саши Соколова в контексте русской литературы³¹³. Moscou: tese de doutorado, 2002.

VLASOV, Eduard, *Бессмертная поэма Венедикта Ерофеева «Москва — Петушки»: Спутник писателя*³¹⁴. Hokkaido University, Slavic Research Center, 1998.

SHNEYDER, Vadim, *The Problem of Postmodernism in Russian Literary History: A Comparative Reading of Summer in Baden-Baden and Moscow to the End of the Line*. Studies in Slavic Cultures 9, 2012.

Bibliografia – Obras de consulta e caráter geral

ALEXEYEVA, Ludmilla. *Soviet Dissent: Contemporary Movements for National, Religious, and Human Rights*. Middletown: Wesleyan University Press, 1985.

ALEXEYEVA, Ludmilla e Chalidze, Valery. *Mass Unrest in the USSR*. Washington, DC: Department of Defense Office of Net Assessments, 1985.

ALEXEYEVA, Ludmilla e Goldberg, Paul. *The Thaw Generation: Coming of Age in the Post-Stalin Era*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1990.

ARENDT, Hannah. *A Vida do Espírito*. Tradução de Antônio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

— *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

— *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

³¹³ “Moscou-Petuchki” de Venedikt Erofeiev e “Escola para idiotas” de Sasha Sokolov no contexto da literatura russa.

³¹⁴ O poema imortal de Venedikt Erofeiev “Moscou-Petuchki”: guia ao escritor.

- *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991
- BLOK, Aleksandr. *Собрание сочинений в 6 томах*³¹⁵. Moscou: Правда, 1971.
- BROOKS, Jeffrey. *Thank you, Comrade Stalin!: Soviet Public Culture from Revolution to Cold War*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- BYKOV, Dmitri. *Москва - Петушки: новая русская одиссея*³¹⁶, 22 de outubro de 2015.
- «Москва-Петушки»: новая русская одиссея? Дилетанты - Эхо Москвы³¹⁷. 10 de dezembro de 2015.
- *Один - Эхо Москвы*³¹⁸, 3 de julho de 2015.
- CLARK, Katerina. *The Soviet novel: history as ritual*. Bloomington: Indiana University Press, 1981.
- CLOWES, Edith W. *Russian Experimental Fiction: Resisting Ideology after Utopia*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- DOBRENKO, Evgeny. *Political Economy of Socialist Realism*. New Haven: Yale University Press, 2007.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor *Crime e castigo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.
- *Os Irmãos Karamázov*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.
- EPSTEIN, Mikhail, *Russian Postmodernism: New Perspectives on Post-Soviet Culture*. Nova Iorque: Berghan Books, 1999.
- ESSIENIN, SERGUEI. *Стихотворения и поэмы*³¹⁹. Moscou: Советский писатель, 1960.
- FAHNESTOCK, Jeanne. *The Appeals: Ethos, Pathos, and Logos*, 2014.
- FIGES, Orlando. *Revolutionary Russia, 1891–1991: A History*. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2014.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.

³¹⁵ *Obras completas em 6 volumes*.

³¹⁶ *Moskvá-Petuchki: a nova odisséia russa* – palestra.

³¹⁷ “Moskvá-Petuchki”: a nova odisséia russa? Programa Dilettantes – Rádio Eco de Moscou.

³¹⁸ Programa *Odin* – Rádio Eco de Moscou.

³¹⁹ *Poesia e poemas*.

- GILLESPIE, David. *Apocalypse Now: Village Prose and the Death of Russia*. The Modern Language Review, Vol. 87, No. 2, 1992.
- GÓGOL, Nikolai. *Almas Mortas*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- GORKI, Maksim. *В. И. Ленин*³²⁰. Moscou: Политиздат, 1966.
- GROYS, Boris. *Introduction to Antiphilosophy*. Nova Iorque: Verso, 2012.
- *The Total Art of Stalinism: Avant-Garde, Aesthetic Dictatorship, and Beyond*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- HELLER, Leonid. *Perestrojka and Literature: Texts and Context*. Studies in Soviet Thought, Vol. 40, No. 1/3, Ideology and Perestrojka. Nova Iorque: Springer, 1990.
- HORNSBY, Robert. *Protest, reform and repression in Khrushchev's Soviet Union*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future. The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. Nova Iorque: Verso, 2005.
- *Reification and Utopia in Mass Culture*. Durham: Duke University Press, 1979.
- *The Politics of Utopia*. Londres: New Left Review, 2004.
- KOMAROMI, Ann. *The Material Existence of Soviet Samizdat*. Slavic Review, Vol. 63, No. 3. Pittsburgh: Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies, 2004.
- *Uncensored. Samizdat Novels and the Quest for Autonomy in Soviet Dissidence*. Evanston: Northwestern University Press, 2015.
- LENIN, Vladimir. *A crise amadureceu*. Tradução de Edições “Avante!”. Lisboa: Edições Progresso, 1977.
- *Лучшие меньше да лучше*³²¹. Moscou: Правда, nº 49 (04/03/1923).
- LIFTON, Robert J. *Thought Reform and the Psychology of Totalism: A Study of Brainwashing in China*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1989.
- LIPOVETSKY, Mark. *Russian Postmodernist Fiction: Dialogue with Chaos*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 1999.
- MAKSIMENKOV, Leonid. *Сумбур вместо музыки: сталинская культурная революция 1936-1938*³²². Moscou: Юридическая книга, 1997.
- MAMARDASHVILI, Merab. *Как я понимаю философию*³²³. Moscou: Культура, 1992.

³²⁰ V. I. Lenin.

³²¹ Melhor poucos mas bons.

³²² Confusão ao invés de música: a revolução cultural de Stalin 1936-1938.

- MORRIS, Pam. *The Bakhtin Reader: Selected Writings of Bakhtin, Medvedev and Volishinov*. Londres: Bloomsbury Academic, 2009.
- NEKRÁSSOV, Nikolai. *Собрание сочинений в 8 томах*³²⁴. Moscou: Художественная литература, 1965.
- NEKRÁSSOV, Viktor. *Взгляд и нечто*. Moscou: Вагриус, 2003.
- OSTROVSKI, Nikolai. *Assim foi temperado o aço*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- PEACOCK, Margaret. *Innocent Weapons: The Soviet and American Politics of Childhood in the Cold War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.
- PHILIPSON, Gabriel Salvi. *O cômico do Fausto de Goethe em O Mestre e Margarida de Bulgákov*. São Carlos: Revista Ipseitas, 2015.
- PORTER, Robert. *The City in Russian Literature: Images Past and Present*. The Modern Language Review, Vol. 94, No. 2. Cambridge: Modern Humanities Research Association, 1999.
- PÚCHKIN, A. S. *Eugênio Oneguin*. Tradução de Dário Moreira de Castro Alves. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- *Pequenas tragédias*. Tradução de Irineu Franco Perpétuo. São Paulo: Globo, 2006.
- REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro. 1986.
- RYAN-HAYES, Karen. *Contemporary Russian Satire : a Genre Study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- RYAZANOVA-CLARKE, Lara. *The Russian Language Outside the Nation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- SHAKESPEARE, William. *The Oxford Shakespeare: The Complete Works*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- SINIAVSKI, Andrei. *Фантастический мир Абрама Терца*³²⁵. Paris, 1967.
- STÁLIN, Iósif. *Марксизм и вопросы языкознания*³²⁶. Moscou: Правда, 1952.
- TCHÉKHOV, Anton. *Пьесы*³²⁷. Moscou: Правда, 1978.
- TCHUKOVSKAIA, Lidia Korneievna. *Записки об Анне Ахматовой*³²⁸, Moscou: Время, 2013.

³²³ *Como eu entendo filosofia*.

³²⁴ *Obra completa em 8 volumes*.

³²⁵ *O Fantástico Mundo de Abram Tertz*.

³²⁶ *O Marxismo e os Problemas de Linguística*.

³²⁷ *Peças*.

³²⁸ *Notas sobre Anna Akhmátova*.

TIÚTCHEV, Fiódor. *Стихотворения*³²⁹. Moscou: Художественная литература, 1970.

TOLSTÓI, Liev. *Anna Kariênina*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

YURCHAK, Alexei. *Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2005.

ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. Londres: Verso, 1989.

³²⁹ *Poemas*.